

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA E RECURSOS NATURAIS

*Percepção Ambiental e Imaginário dos
moradores do município de Jardim/MS*

Andreia Aparecida Marin

São Carlos/SP
2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA E RECURSOS NATURAIS

*Percepção Ambiental e Imaginário dos
moradores do município de Jardim/MS*

Andreia Aparecida Marin

Tese apresentada como requisito para
a obtenção do título de doutora do
Programa de Pós-Graduação em
Ecologia e Recursos Naturais da
Universidade Federal de São Carlos.

Orientadora:
Profa. Dra. Haydée Torres de Oliveira

São Carlos/SP
2003

Santuário do Prata

*Rio da Prata de águas claras
de belezas naturais
tantos peixes no teu leito
em tuas margens animais*

*Capivaras, pacas e tatus,
surubins, dourados e pacus
lontras, antas e queixadas,
lindas aves a cantar*

*Vamos preservar
Prá que outros possam vê-los
Sei que vão admirar
Este santuário de belezas*

*Águas claras que correndo vão
desaguar no Rio Miranda
e o Miranda tão piscoso
sai cortando o Pantanal*

*E essas águas que correndo estão
testemunhas desta luta
de criar-se um Santuário
também vão chegar ao mar*

*E então o mar
também vai ficar sabendo
que em Jardim tem responsáveis
com a natureza que é tão bela*

*Quem não sabe hoje vai saber
que agora é o momento
de mostrar ao mundo inteiro
este nobre sentimento*

*É do Prata o Santuário
São de ouro os corações
desta gente que preserva
fauna, flora e emoções*

*Vamos preservar
prá que outros possam vê-lo
sei que vão admirar
este Santuário de belezas.*

(De Moisés Denis, morador local)

Existem momentos em que sentimos a fé palpitar em nosso coração e ela parece irradiar dele e tomar cada canto do nosso ser. Dedico meu singelo trabalho a duas pessoas cuja presença provoca, de forma especial, essa sensação em mim... Para que saibam que jamais deixarei de acreditar na transformação do mundo e que, em todo esse tempo de convívio, foram seus gestos de humildade que me renovaram essa certeza.

**À profa. Haydée e à amiga Rosa,
que já começaram a construir um
mundo melhor.**

AGRADECIMENTOS

Ao meus pais, por continuarem a me apoiar em todas as decisões e por me fazerem acreditar cada vez mais no poder de transformação do mundo. E à minha irmã e sobrinhos, por me fazerem ter fé no futuro e motivo para avançar.

Ao Hélio, pela paciência durante todas as atribulações do caminho, por saber esperar os momentos de alegria, por investir nos meus sonhos, por mais ousados que fossem, e pelas constantes palavras de conforto e estímulo.

À profa. Haydée que, sem me conhecer, acreditou no meu trabalho e me recebeu como ninguém mais receberia... Que me inspirou em cada momento de dificuldade a alegria de transpor desafios... Que contaminou com sua serenidade cada momento de incerteza. E pela imagem que permanecerá no decorrer de toda a minha vida, de que a paz, o carinho e o diálogo podem educar mais que qualquer imposição de idéias.

Ao professor Vito, por ser uma pessoa maravilhosa que me fez sentir segurança e me transmitiu tanta energia ao longo do caminho... Por ser um desses mestres que ensinam pela conduta serena e pelas palavras cheias de esperança.

A todos os atores desse trabalho, que me ensinaram muito mais do que eu inicialmente me propunha a aprender. Jorge, D. Virgilina, Sr. Assis, D. Manoelinha, Sr. Assir, Antonio, Sr. José Inácio, D. Fidelina, Anicézio, pela lição de determinação e exemplo de uma vida livre de preconceitos e aberta às relações com a pessoa humana, por me receberem com tanto entusiasmo e simplicidade.

De uma forma muito especial, agradeço ao Sr. Modesto, meu professor. Pelos momentos de ensinamentos nas rodas de tereré, junto das araras e seriemas, em longas conversas impulsionadas por sua límpida emoção. Por se oferecer de forma tão espontânea às minhas curiosidades e por ter me dado a certeza de caminhar em rumo certo. Por ter me ensinado a sentir o que as palavras nunca poderão dizer.

A cada uma das pessoas da comunidade São Francisco de Jardim, que me acolheu em sua casa, me permitiu a honra de ser mais um componente dessa maravilhosa família que representam. Geralda, Cândida, Jacinta, Gervásio, Marta, Sandra, Teresa, Waldomiro, e todos os demais, que me ensinaram a humildade e a alegria de viver transpondo as amarras capitalistas, partilhando sempre, doando sempre...

Às minhas queridas alunas Alessandra, Danielly e Walkíria, por me acompanharem nas longas viagens... Por me fazerem lembrar sempre que o sorriso colore o cotidiano e pela compreensão e apoio nas situações difíceis. Também, aos meus aluninhos da 1ª Turma de Turismo, por terem me estimulado a aprender cada vez mais e terem valorizado meu trabalho.

Aos meus companheiros de trabalho na UEMS, especialmente Adilson, Cristina, Luciana, Margareth, Conceição e César, por terem tornado as dificuldades do cotidiano mais leves, pelos momentos de descontração. De forma especial ao prof. Miguel, pelos intensos diálogos e reflexões e ao professor e amigo José Carlos, pela presença decisiva no início do meu trabalho e por me fazer perceber a necessidade da busca incessante de conhecimento, me estimulando com sua linda sabedoria e me permitido a partilha da paz de sua casa nos momentos de tristeza.

A todos os educadores que já passaram pela minha histórica e que souberam estimular minha busca pessoal de conhecimento, especialmente a profa. Aurora, profa. Elisabeth, profa. Marisa, prof. Marcelino, prof. Nivaldo, prof. Evaldo e prof. Dalton.

A todos os meus amigos verdadeiros, especialmente Andréa, Leandro, Rosa, Fabiano, Érika, Sérgio, Paulinha, Sandro, Silvia, Ieda, D. Luzia e Sr.Piste, e tantos outros, por vencerem a distância e continuarem a me mandar toda a força que impulsiona minha vida.

Ao corpo docente e ao pessoal da UFSCar, por me possibilitarem viver a experiência maravilhosa de convívio num ambiente profundamente fecundo.

Aos companheiros da CAPES, que apesar do pouco tempo de convivência, puderam me demonstrar amizade e respeito, pelas palavras de estímulo e, especialmente à Juliana, pela ajuda na revisão da redação.

Às amigas, D.Jerúsia, Renata, Cláudia, Susie, Maria, Geba e Antonia, pela compreensão durante a passagem desses difíceis tempos.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Localização de Jardim	89
FIGURA 2. Vista aérea do Rio da Prata	Anexo I
FIGURA 3. Vista aérea da região de Jardim - destaque mata ciliar..	Anexo I
FIGURA 4. Vista aérea do entorno do Rio da Prata	Anexo I
FIGURA 5. Imagem de satélite da região de Jardim	Anexo I
FIGURA 6. Imagem de satélite dos rios da Prata e Miranda	Anexo I
FIGURA 7. Rio da Prata (região de nascente e de concentração de atrativos)	Anexo I
FIGURA 8. Organograma representativo dos instrumentos metodológicos	107
FIGURA 9. Escola Cel.Juvêncio - primeira escola de Jardim	142
FIGURA 10. Uma das primeiras casas erguidas em Jardim, fora da Vila Militar	143

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. Categorias da análise da série de imagens	106
QUADRO 2. Indicadores de qualidade ambiental nos depoimentos e mapas mentais	212
QUADRO 3. Determinações associadas a espécies da fauna regional.....	223
QUADRO 4. Determinações associadas a espécies da flora regional.....	224
QUADRO 5. Características do paraíso etéreo e paraíso terrestre citadas em descrições e em representações gráficas	249

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1. Tipos de paisagem na preferência paisagística	Anexo II
GRÁFICO 2. Opções de moradia na preferência paisagística	Anexo II
GRÁFICO 3. Opções de lazer na preferência paisagística	Anexo II
GRÁFICO 4. Interação com o componente água na preferência paisagística	Anexo II
GRÁFICO 5. Tipos de relevo na preferência paisagística	Anexo II
GRÁFICO 6. Tipos de ambiente indicados como ideal para se viver...	Anexo II
GRÁFICO 7. Elementos do ambiente ideal para se viver	Anexo II
GRÁFICO 8. Caracterização da biodiversidade do ambiente ideal para se viver	Anexo II
GRÁFICO 9. Representação de identificações de espécies pelos diferentes grupos de atores	Anexo II

SUMÁRIO

Introdução	1
Objetivos	5
PARTE I. Construção Teórica	6
Capítulo 1. Percepção	9
A interação do ser humano com o mundo.....	13
Percepção do espaço.....	15
Percepção na análise bergsoniana.....	17
O materialismo biológico e a crítica ao pensamento bergsoniano	20
Bases fenomenológicas - Merleau-Ponty e Castoriadis	22
O caminho entre encontros e desencontros conceituais - espiritualismo bergsoniano ou racionalismo de Merleau-Ponty	27
Percepção ambiental e memória	30
Percepção ambiental como estratégia de educação	34
Instrumento da percepção - o corpo	36
Amplitude de campo perceptivo	38
A contemplação e a meditação	40
Conceitos e dimensões de espaço	41
Percepção ambiental e <i>topofilia</i>	43
Apropriação do espaço	47
Busca da moradia ecológica	50
Biofilia	52
O refúgio nos campos - o relato de Thoreau	54
A percepção ambiental no monólogo de Thoreau	57
O ecologismo de Thoreau	63

O imaginário da casa de Thoreau	64
Capítulo 2. A construção do imaginário	67
O real e o imaginário	67
O mito	69
O imaginário como teia de configurações do real	71
Diálogos entre a experiência de Thoreau e as idéias de Bachelard	73
Outras imagens da água no ensaio de Bachelard	80
Outras descrições da experiência de Thoreau	81
Simbolismos da água em Eliade (1991)	83
A ausência da água - o simbolismo do deserto	85
Síntese e encerramento da primeira parte	85
PARTE II. Contexto	89
Capítulo 1. O espaço geográfico da pesquisa	89
Estudos na região	92
Capítulo 2. Procedimentos Metodológicos.....	94
Local e sujeitos.....	94
Nível de pesquisa e de envolvimento do pesquisador.....	95
Inserção para coleta de dados.....	95
Perfil dos atores.....	98
Procedimentos de coleta	102
Análise do material coletado	105
Apresentação sintética dos dados analisados	106
Métodos e técnicas utilizados	108
Relatos orais - depoimentos pessoais e histórias de vida no estudo da percepção	108

Pesquisa participante	111
Observação em pesquisa participante - diários de campo	114
A entrevista e a análise documental	115
Mapas mentais e série de imagens	117
.....	
Capítulo 3. Histórico	120
Histórico da região	120
A história, segundo os atores	121
Reconstituição histórica do desenvolvimento local - mudança de paisagem	130
Capítulo 4. Desenvolvimento temático e apresentação dos dados	144
Introdução ao terceiro capítulo	146
Tema 1. Ligação com o ambiente	147
Nativos e migrantes	147
Relação nostálgica, contemplação, isolamento	153
Tema 2. Topofilia	158
Aversão a grandes centros	160
A memória nas relações topofílicas	163
Características paisagísticas nas relações topofílicas	167
Na ausência das palavras, as imagens	169
Hidrofilia nas relações topofílicas	172
O mar	176
Tema 3. Biofilia	181
Tema 4. Qualidade de vida	188
Indicadores de qualidade ambiental, segundo a percepção da	

população	188
Elementos associados à características do ambiente natural/rural ..	190
Elementos associados à características de ambientes urbanos	202
Indicadores de qualidade ambiental nas representações gráficas	211
A título de síntese	213
A valoração do ambiente	214
Em destaque, a importância do espírito comunitário revelado	215
Tema 5. Conhecimento da fauna e flora	219
Tema 6. Consciência preservacionista	226
Citações de problemas sócio-ambientais	227
Problemas sócio-culturais	231
Mudanças comportamentais	232
Coletividade	233
Críticas de modelos de uso dos bens e ações de preservação	234
Capítulo 5. Considerações sobre a análise	240
Refletindo o arcaísmo nos rumos de nossas análises	240
O imaginário sobre o paraíso	245
A imagem do paraíso	246
Paraíso etéreo e paraíso terrestre	247
Apropriação do espaço e topofilia associados à imagem do paraíso ...	256
Biofilia ou a atração da imagem paradisíaca	258
A água	261
Importância da imagem do paraíso	262
PARTE III. Educação.....	265
Capítulo 1. Educar no mundo percebido.....	267

Intelectualismo e cientificismo dominantes	267
A dimensão social da educação ambiental e a educação para a autonomia e a cidadania	272
O engessamento do imaginário na cultura ocidental	274
O saber latente e a intuição do perceber na prática educativa de comunidades tradicionais	274
Valorização de identidades culturais e busca de espaços cotidianos	276
Reduccionismos nos processos de sensibilização	277
Imaginação, contemplação e reflexão na educação ambiental	279
Capítulo 2. Práxis	283
Percepção ambiental e relações topofílicas das comunidades como Instrumentos de planejamento e de educação ambiental	283
Escola sem fronteira: a comunidade aprendendo e ensinando o novo mundo - A escola vai à comunidade, a comunidade à escola.....	287
Conhecimento sobre fauna e flora: mestres e discípulos do cotidiano...	290
Crescimento urbano e qualidade de vida: anseios das comunidades periféricas	291
Considerações finais	295
Bibliografia	297
Anexos	307

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo o estudo da percepção ambiental dos moradores das zonas rural e urbana do município de Jardim, MS. Inicia-se com a construção de um caminho reflexivo sobre o fenômeno da percepção e as conexões dele com aspectos como o imaginário, a topofilia e o instinto biofílico. O estudo foi desenvolvido na forma de pesquisa participante e envolveu proprietários, administradores e moradores de fazendas, ao longo do Rio da Prata, e membros de diferentes segmentos da comunidade urbana, como representantes de bairros, líderes religiosos, professores e alunos. Os procedimentos metodológicos incluem: depoimentos pessoais, dos quais se destacam indícios topofílicos, informações sobre o histórico do desenvolvimento local, com ênfase na mudança de paisagem, interatividade com o ambiente, qualidade ambiental e consciência preservacionista; série de imagens para coleta da preferência paisagística; mapas mentais para identificação de indicadores de qualidade ambiental e série de identificação de espécies, para conhecimento da biota. A análise dos dados, revelam uma profunda ligação da comunidade com seu ambiente e aponta para um potencial de planejamento participativo do desenvolvimento local.

ABSTRACT

The objective of the work it was the study of the environmental perception of the inhabitants of the agricultural and urban zones of Jardim, MS. Initiates with the construction of a reflective way on the phenomenon of the perception and the its connections with aspects as the imaginary, the topofilia and the biofilia. The study it is developed in the form of participant research and involves proprietors, administrators and inhabitants of farms, to the long one of the Rio da Prata, and members of different segments of the urban community, as representative of quarters, religious leaders, professors and pupils. The methodology include: verbal history, of which it was detached indications of topofilia, information on the description of the local development, with emphasis in the landscape changes, environmental interactive, environmental quality and conscience for preservation; series of images for collection of the preference of landscape; mental maps for identification of pointers of ambient quality and series of identification of species, for knowledge of biota. The analysis of the data, discloses a deep linking of the community with its environment and points to a potential of participative planning of the local development.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu da busca de fundamentos para elaboração de estratégias de educação ambiental.

A ecologia tornou-se, ao longo de seu processo de desenvolvimento, a ciência geradora da transição de paradigmas: da visão cartesiana do mundo aos processos emergéticos¹ complexos; da sujeição aos sistemas dominantes à autonomia; do individualismo ao espírito altruísta, de participação e cidadania; do ecologismo ancorado no senso de conservação dos aspectos físicos do meio para a sustentabilidade dependente da inclusão social.

A identificação de estratégias sustentáveis de manejo de bens naturais deve sempre envolver a participação da população. O conhecimento das pessoas a respeito da dinâmica do ambiente que as cerca é fundamental para estimular comportamentos adequados ao seu potencial de uso, de modo a prevenir ou reverter processos de degradação.

É nesse contexto que se insere a necessidade de efetivação de programas de educação ambiental em áreas de preservação e onde a própria condição de vida e desenvolvimento das comunidades depende do uso sustentado dos bens naturais.

No entanto, para que essas mudanças de paradigmas se reflitam no comportamento da sociedade, é preciso que se provoque, mais que conscientizações sobre riscos iminentes, um resgate dos laços que unem o ser humano à natureza.

Entendemos que esse laço é construído não só dos conceitos que o ser humano tem sobre o meio ambiente, mas de outros inúmeros aspectos

¹ O conceito de energia faz parte da metodologia de valoração ambiental desenvolvida por H.Odum (ODUM, 1993), que leva em consideração os fluxos de energia intra e intersistemas.

inerentes à sua natureza, desde os mais rudimentares (instintivos) até os associados à sua complexa evolução biológica e cultural (linguagem, afetividade, imaginação, intuição, arranjo social, etc).

O entendimento dessa interação do ser humano com o ambiente, solidificada em bases tão complexas, tem representado um estímulo para pesquisas de percepção ambiental. Essa percepção tem sido estudada, na maioria dos casos, mediante o levantamento de conceitos de meio ambiente e dos referentes a fenômenos e problemas ambientais.

Entendemos que esses aspectos conceituais são de extrema importância no referido estudo, mas vislumbramos uma situação em que eles representam apenas um ponto na complexidade que direciona a percepção ambiental. Essa visão nos leva à preocupação de que os referidos estudos acabem por provocar ações de educação ambiental puramente embasadas no tratamento dos conceitos, ou sejam, de caráter informacional, baseadas na transmissão de informações científicas sobre os fenômenos e os componentes do meio natural.

Essa reflexão nos levou a buscar em Bachelard a idéia de observação dos fenômenos de forma relacional e não substancial. Na filosofia bachelardiana não existem idéias simples, apenas complexidades, e cada fenômeno é uma trama de relações somente apreendida pela síntese surracionalista (BACHELARD, 1936 apud LECHTE, 2002), na qual o realismo é revitalizado pelo sonho. Nesse sentido, o pensamento é a via de apreensão do mundo por conceitos, que se resume na finitude e na simplicidade, enquanto que a imaginação é a via que revela a complexidade.

Acreditamos, portanto, que apreendemos o mundo, o ambiente, por intermédio de um fenômeno perceptivo tão complexo quanto a natureza humana, não sendo possível seu entendimento pelos caminhos puramente

conceituais. Dessa maneira, procuramos entender a importância das imagens construídas pelo ser humano a partir da sua relação com o meio, e de outros aspectos que julgamos profundamente ligados a esse fenômeno: a biofilia e a topofilia, significando a ligação do ser humano com as outras formas de vida e a atração por componentes físicos do ambiente, respectivamente. A primeira caracteriza-se por ter uma base mais biológica, instintiva, enquanto que a segunda é visivelmente marcada por aspectos culturais como afetividade, memória e experiência interativa.

O trabalho está ancorado no estudo da percepção ambiental de moradores, nativos e migrantes, da cidade de Jardim, Mato Grosso do Sul. O local foi escolhido pelas características de preservação apresentadas e por estar numa região de alta suscetibilidade a ações impactantes, pelas suas características físicas, que abriga o Rio da Prata, rio de grande importância para o desenvolvimento turístico regional. A região está em incipiente transição de atividades agrícolas e agropecuárias para atividades turísticas. Impactos ambientais negativos, derivados tanto de técnicas inapropriadas adotadas no campo quanto do crescimento não planejado do turismo, já são registrados na área. Esses processos devem, portanto, ser acompanhados de investigação científica e participação da população para evitar a descaracterização ecológica e sócio-cultural da área.

A construção do texto inicia-se com um estudo teórico sobre a percepção, que inclui análise comparativa das visões materialista e espiritualista, ancorada em obras filosóficas como a bergsoniana e de Merleau-Ponty. O caminho reflexivo segue com o desenvolvimento do tema "imaginário", ilustrado pelas idéias de Bachelard sobre a imagem da água. Seguimos com a discussão de uma experiência de relação íntima do ser humano com a natureza,

exemplificada pelo relato de Thoreau. Os dados referentes à pesquisa realizada são discutidos na seqüência, resgatando as citações teóricas apresentadas. Por fim, são feitas considerações sobre o contexto refletido e sua possível conexão com estratégias educativas.

Objetivos

O objetivo geral que norteou o início da presente pesquisa foi a investigação da percepção ambiental da população do município de Jardim/MS (áreas rural e urbana), e aspectos de seu imaginário, a fim de reunir subsídios para a elaboração de atividades de intervenção em educação ambiental. A partir dele, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Construir um caminho reflexivo sobre o conceito de percepção, procurando o estabelecimento de sua relação com o imaginário e as relações bio/topofílicas;
- 2) Traçar perfis das metas que motivaram a ocupação local, a partir da reconstituição histórica, e relacioná-las com os comportamentos no uso dos bens, buscando nos depoimentos, aspectos da mudança de paisagem local;
- 3) Conhecer a percepção que os envolvidos têm sobre a relação entre ser humano e meio ambiente;
- 4) Levantar indícios topofílicos, revelados em aspectos de suas histórias de vida, que permitam entender sua relação com o ambiente local;
- 5) Registrar aspectos da vida cotidiana dos envolvidos, de suas falas e ações, que revelem valores e posturas relacionados ao uso dos bens e o que os fundamenta, principalmente no que tange à relação com o componente água;
- 6) Detectar indicadores de qualidade ambiental, resgatados das preferências paisagísticas e depoimentos, que servirão para nortear os diálogos posteriores sobre o planejamento de ações educativas;
- 7) Reunir os conhecimentos que a população tem do seu entorno, levantando suas referências sobre a fauna e a flora local, considerando-as indícios também de biofilia.

PARTE I

Construção teórica

Capítulo 1. Percepção

Capítulo 2. Imaginário

Capítulo 1 - PERCEPÇÃO

Queremos iniciar o desenvolvimento de nosso trabalho traçando um caminho reflexivo que nos permita sedimentar o conceito de percepção em que nos embasaremos.

Já mencionamos na introdução do tema que acreditamos que a percepção não possa ser expressa simplesmente por vias racionais embasadas em aspectos conceituais. Quando fazemos essa assertiva, estamos previamente assumindo uma posição que não se ancora no conceito materialista de percepção, se agregando mais naturalmente a visão espiritualista. A apreensão do mundo pelos sentidos não poderia resumir o ato perceptivo, uma vez que, ao se voltarem para o mundo, nossos sentidos já estão direcionados por muitos outros fatores intrínsecos do desenvolvimento complexo da natureza humana. Resumir, aliás, não é um termo adequado em nosso discurso, pois declaramos explicitamente nossa tendência em evitar a apreensão simplista do mundo, que culmina sempre na finitude reducionista dos fenômenos.

Ao tratarmos de algo complexo, necessariamente temos que adotar as vias reflexivas relacionais. Isso explica o fato de irmos buscar no imaginário, nas relações bio/topofílicas e na memória, conexões com o fenômeno perceptivo. Não que esses fatores bastem para elucidar o fenômeno, mas acreditamos que estão intrinsecamente relacionados com ele, sendo que sua análise representa um avanço necessário no tratamento do conceito, principalmente nos estudos referentes a meio ambiente e percepção ambiental, caso da nossa proposta.

Iniciaremos nossa discussão teórica tecendo considerações sobre as bases materialista e espiritualista da percepção, instrumentalizados principalmente pelos pensamentos de Bergson e Merleau-Ponty. Um segundo

resgate reflexivo que se faz necessário é o que se refere ao papel da memória na percepção, o que em nosso contexto, que se ancora na relação do ser humano com o ambiente, invoca inevitavelmente a topofilia. Como esse conceito, outros surgirão no desenvolvimento de nossas idéias, o que nos fez perceber a necessidade de apresentar inicialmente as definições que seguem.

Topofilia

O termo topofilia foi citado pela primeira vez por BACHELARD (1957) na primeira edição de sua obra *A poética do espaço*, significando o "espaço de nossa felicidade". O termo foi bastante utilizado posteriormente por TUAN, principalmente em sua obra homônima de 1980, onde é empregado como atração do ser humano aos aspectos físicos, especialmente paisagísticos, de um determinado ambiente.

No presente trabalho, empregamos o termo como ligação intrínseca de um indivíduo com um determinado tipo de ambiente, enfatizando principalmente os aspectos físicos, mas também considerando os sociais.

Biofilia

O termo foi criado pelo biólogo Edward Wilson, em livro homônimo de 1984. Sua criação está relacionada com a hipótese biofílica, que afirma que durante sua evolução, o ser humano interagiu intimamente com a natureza, o que lhe incutiu a necessidade de contato com as outras formas de vida. Essa necessidade de se relacionar com outras espécies, animais e vegetais, define o conceito utilizado em nosso trabalho.

Representação social

As representações sociais, segundo JODELET (1984), ocupam o lugar de alguma coisa, re-apresentam alguma coisa. É a reconstrução de uma realidade pelo sujeito autônomo. De acordo com JOVCHELOVITCH (2000), as

representações possuem um caráter produtor de imagens e significante, que expressa o trabalho do psiquismo humano sobre o mundo. MOSCOVICI (1978) define representações sociais como teorias destinadas à interpretação e elaboração do real, sendo que imagens, opiniões e atitudes somente traduzem a posição e a escala de valor de uma informação, enquanto que as representações produzem comportamento e definem a relação do ser humano com o meio.

Nesse trabalho, o conceito é citado como a *reconstrução* que o humano faz a partir da análise interpretativa do mundo percebido, solidificada em imagens e símbolos compartilhados por todo o grupo social. É importante salientar que o termo aparece associado a algumas reflexões ao longo do texto, não pretendendo tomar o lugar da percepção como objeto do estudo.

Pós-modernidade

A pós-modernidade representa um questionamento da epistemologia baseada na distinção sujeito-objeto, um resgate de dimensões profundamente rechaçadas no racionalismo cartesiano, principalmente as evocadas pelos signos e pela linguagem. Para LECHTE (2002), uma contraposição ao paradigma modernista de produção. As mudanças de paradigmas despertadas pelos movimentos ecológicos e sociais têm no espaço da pós-modernidade um substrato adequado, motivo pelo qual o termo se insere em alguns momentos no corpo do texto.

Ecologia profunda

Expressão criada por NAESS (1973), atribuindo-lhe o significado de questionamentos profundos na forma de pensar das sociedades humanas ocidentais, de seus modelos de educação e, até mesmo, de religião, que interferem na vida do planeta como um todo. Alguns dos seus pressupostos, segundo DEVALL & SESSIONS (1985): ver na natureza e na diversidade um

valor intrínseco; vislumbrar uma estrutura social descentralizada, não-hierárquica e auto-reguladora; tecnologias e economias de pequena escala baseadas na comunidade e simplicidade de desejos e valorização das dimensões espirituais.

Ecofilosofia

Filosofia direcionada para a vida. Caracterizada por SKOLIMOWSKI (1981), como holística e global, preocupada com a sabedoria, reconhecendo na sociedade uma das expressões da espiritualidade da humanidade, gerando compromisso, solidariedade e responsabilidade participativa.

Arcaísmo

Movimento de retorno à simplicidade da vida no campo, em contato com a natureza. Esse movimento de retorno deu-se, muitas vezes, acompanhado do isolamento, da renúncia de convívio social. Segundo GRÜN (1996), o principal representante da visão arcaica é o naturalista inglês White, que pregou uma vida simples, modesta e humilde como forma de restaurar a coexistência pacífica do ser humano com os outros organismos vivos. O autor relaciona essa idéia a uma vertente contemporânea, a que chama versão arcaico-naturalista do holismo.

Desenvolvimento sustentável

A idéia foi primeiramente exposta em 1972 na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, por Maurice Strong, como ecodesenvolvimento, dentro dos princípios de equidade social, prudência ecológica e eficiência econômica (TAYRA, 2002). O termo desenvolvimento sustentável foi citado em publicação de ALLEN (1980), com os mesmos elementos, enfatizando a necessidade de preservação dos sistemas ecológico, econômico e social, para as gerações futuras. Nos momentos em que citamos o

termo em nosso trabalho, estamos adotando um conceito também baseado nesse tripé, especialmente na preocupação com o elemento social, desconsiderando qualquer esvaziamento, fruto do reducionismo de discursos político-econômicos, que ele possa ter tido de sua proposta original.

A interação do ser humano com o mundo

O ato contemplativo geralmente proporciona ao ser humano uma sensação de integração com a natureza. Na concepção de Spinoza, a natureza é a unidade de tudo que existe e o ser humano, como algo que existe, está vinculado a essa unidade. Segundo a análise que Von USLAR (1977) faz do pensamento de Spinoza, na contemplação dessa pertença ao todo, o ser humano redescobre a possibilidade de sintonia com ele. O autor prossegue na comparação das idéias de Spinoza com pensadores como Schelling e Leibniz, que exploramos a seguir.

Enquanto Spinoza une na natureza todas as coisas, Schelling vê na unidade infinita do ser a fusão de tudo, de maneira que a descoberta do mundo passa necessariamente pela autoconsciência. "Só podemos saber o que é propriamente a identidade absoluta (totalidade), se antes a tivermos compreendido no próprio eu, através de um processo de contemplação intelectual" (Schelling apud Von USLAR, op cit).

Para Leibniz, em tudo o que fazemos e pensamos, em nossas representações e percepções, estamos relacionados com o mundo, que se revela a cada um de nós em uma perspectiva diferente. Quando muitas pessoas estão reunidas em um espaço, este se apresenta a cada uma delas a partir de uma perspectiva inteiramente pessoal. O mundo se mostra a um indivíduo em perspectivas inteiramente diversas de outras pessoas. "A individualidade de

cada um é caracterizada pelo ângulo específico de visão da totalidade, ângulo este que é o próprio da sua existência" (Leibniz *apud* Von USLAR, 1977).

Se aceitamos a individualidade perceptiva da visão de Leibniz, devemos assumir o diálogo como fundamento das representações sociais. A palavra proferida entre diferentes é capaz de gerar a configuração de novas representações e essas, por sua vez, podem impulsionar os indivíduos a novas posturas diante do mundo.

Podemos identificar no desenvolvimento comparativo, uma tensão entre uma relação ser humano-mundo mediada pela intensa experiência de externalidade, de pertença ao mundo e uma relação gerada num processo de interiorização. Na primeira visão, o homem está no todo que percebe, na segunda, o todo percebido só toma forma no espaço da consciência humana.

HEIDEGGER (1989) não centra sua análise na identificação do sujeito da unidade, mas na relação do ser humano com a sua própria existência temporal no mundo. O mundo é para o que existe, parte da própria existência.

Todas essas análises têm em comum a unidade corpo-alma-mundo expressa na filosofia aristotélica. Enquanto parte da unidade, é incoerente tomar o corpo em uma perspectiva puramente funcional. Ele não estabelece, nesse sentido, contato com o mundo, mas com os outros elementos que são mundo como ele. Os órgãos dos sentidos não seriam tão somente instrumentos de percepção, mas o próprio corpo e, portanto, também a unidade. Dessa maneira, qualquer parte do corpo experimenta a intuição de contato com os outros elementos, de redescoberta do mundo, exemplificando-se nessa perspectiva os órgãos motores que fazem a apropriação do espaço. O prazer que o ser humano experimenta ao mover-se no espaço natural ilustra a sensação de integração total com o todo do qual faz parte.

Nesse contexto, é viável analisar os mecanismos de redescoberta dessa interação, objetivo das mais atuais vertentes da ecologia. Esses mecanismos devem necessariamente envolver a experiência direta de contato com os elementos do espaço e o desenvolvimento de análises reflexivas. Dessa maneira, identificam-se tanto com o idealismo platônico quanto com o realismo aristotélico. Platão mesmo reconhece que permanecer no nível das sensações é tornar impossível a construção de um conhecimento seguro e estável.

O mundo das idéias incorpóreas e atemporais pode ser penetrado pelo ser humano já que este possui também, segundo Platão, natureza incorpórea. Seus sentidos captam o que está dotado de alguma concretude, mas seu intelecto capta o não concreto. Para Platão, o amor estabelece ligações entre o sensível e o inteligível (REZENDE, 2001).

É contemplando essa perspectiva de inter-relação e penetração mútua entre as dimensões da matéria e das idéias, que iniciamos nossas reflexões sobre a apreensão do espaço.

Percepção do espaço

Ao iniciarmos a análise conceitual de percepção, é importante tornar claras as duas possíveis linhas adotadas para enquadramento da presente proposta, que estão naturalmente embasadas em vertentes do pensamento filosófico ocidental: o realismo aristotélico e o idealismo platônico. Com o primeiro parece se identificar o conceito de Merleau-Ponty e, com o segundo, o pensamento bergsoniano, ambos sustentáculos das discussões que subsidiam as reflexões presentes. Bergson parece beber tanto na fonte do idealismo platônico, na medida em que concebe um ser desgarrado das concretudes, quanto da concepção aristotélica de identidade do ser que é em potencialidade, idéia que relativiza o confronto entre a identidade estática ou mobilidade do

ser de Parmênides e Heráclito. Na possibilidade de transformação parece se estabelecer o *devir*, o *vir-a-ser* bergsoniano.

A maneira como são encontrados os conceitos de interação do ser humano com o mundo em diferentes análises, durante toda a evolução histórica do pensamento humano, parece sempre reforçar essas duas linhas norteadoras que, embora distintas, não raro são perfeitamente interconexas. É dessa maneira que a dialética é incorporada no discurso tanto de idealistas quanto de materialistas e que o cartesianismo perpassa tranqüilamente pelas diferentes perspectivas. Essa possibilidade de sintetizar diversidade é o desafio com que se depara a maioria dos pensadores da pós-modernidade.

Fazendo um retrospecto na evolução do conceito de percepção, encontramos no cartesianismo a busca analítico-científica das verdades do mundo que se oferecem ao homem e, no empirismo inglês, a origem do conhecimento na percepção do mundo externo e no auto-exame da mente.

Para Bacon, nada há no intelecto que não tenha estado antes nos sentidos. A associação de idéias simples em idéias complexas se origina da abstração da sensação. Locke tem na observação a fonte de todo conhecimento, na percepção e reflexão o material das idéias (MARCONDES, 2001).

Kant vê nos conceitos construídos pelas civilizações humanas, representações globais de entidades pensadas logicamente a partir de experiências sensíveis. A consumação do conhecimento dá-se no momento em que percepções e conceitos são reunidos sob a forma de afirmações ou negações de um determinado conceito, dependendo se ele tem identificação ou não com o universo de significação do indivíduo (ROHDEN, 2001).

Na dialética hegeliana, propõe-se uma superação da razão pura da crítica kantiana e a realidade passa a ter múltiplas determinações, "sem que ela deva submeter-se a prejuízos ou limitações provenientes do intelecto" (TREIN, 2001). Toda a reflexão filosófica está fundamentada na fenomenologia, em que o saber sensível é apenas o ponto de partida para o saber absoluto. A percepção é, portanto, uma forma de relação com o mundo que supera os sentidos e caminha para a formulação de pensamentos universais.

NIETZSCHE (1977) introduz uma crítica ao conhecimento racional, atribuindo às atividades instintivas parte da constituição da consciência. Retoma o saber dionísico, fundamentado na intuição e na emoção, esquecido por Sócrates na supervalorização do saber apolíneo, apoiado na razão. Nesse sentido, estende seu campo de reflexão aos espiritualistas, incluindo Bergson.

Percepção na análise bergsoniana

Só a intuição, segundo Bergson, permite ao ser humano atingir a duração ou movimento, a substância, a essência e a existência das coisas (TREVISAN, 1995). Entende-se como duração, na filosofia bergsoniana, o vir-a-ser, o movimento para a mudança, a produção de novas realidades. A inteligência, de nenhuma forma, é capaz de atingí-la, pois capta somente o que é material.

Essa dinamicidade da construção de novas realidades identifica tal pensamento com a vertente idealista inspirada em Heráclito. A intuição, por sua vez, único meio de captar essa dinamicidade, tem um fundamento místico referenciado por Bergson como o impulso vital, no que concorda com a filosofia de Santo Agostinho.

Por apoiar-se na fundamentação mística, Bergson foi atacado pelos filósofos impregnados pelo racionalismo e cientificismo do mundo moderno e continua sendo duramente criticado, como por exemplo, na obra de MEYER (2002) que evidencia fortes argumentos baseados no materialismo biológico de processos como a percepção e a memória. De acordo com TREVISAN (1995), a Bergson se opõem Sartre, Marcel e Merleau-Ponty, por ser o absoluto inobjetivável, negado pela razão da modernidade que não reconhece a legitimidade do processo supra-intelectual.

Não obstante, o pensamento bergsoniano continua a corroborar a metafísica e a subsidiar o pensamento contemporâneo que rompe com a era cartesiana da ciência e busca novas reflexões livres do materialismo estrito e do intelectualismo. Nessa vertente, enquadram-se os postulados da ecologia profunda e o pensamento de Capra. De acordo com CAPRA (1982), a ênfase dada ao pensamento racional na cultura ocidental reduz a identidade a uma mente racional e não a um organismo como um todo.

Todo o bergsonismo gira em torno da distinção, e mesmo da oposição - sem mútua exclusão, entre a inteligência e a intuição (TREVISAN, *op cit*). A intuição não possibilitaria o contato apenas com o irreal subjetivo inspirado na realidade, como para a maioria dos idealistas, senão com a própria realidade. Essa oposição, bem como a oposição ao materialismo, estão claramente discutidas em sua obra *Matéria e Memória* (BERGSON, 1999).

Bergson diferencia o "eu superficial" intelectualista do "eu profundo" intuitivo. Para o primeiro, as percepções parecem imutáveis como as coisas enquanto que, para o segundo, elas envelhecem e mudam assim como as coisas dinâmicas, de maneira que o pensamento não se resume a associações, mas a fusão de idéias, mesmo que contraditórias. Dessa maneira, inteligência está

exclusivamente ligada à matéria e intuição à mobilidade, à própria vida. Apesar da diferenciação enquanto fenômenos, Bergson enfatiza a simultaneidade dos processos:

"Intuição e inteligência representam duas direções opostas do trabalho consciente... Uma humanidade completa e perfeita seria aquela em que estas duas formas da atividade consciente alcançassem o seu pleno desenvolvimento".
(BERGSON, 1964)

A idéia bergsoniana de apreensão do mundo por intermédio do instinto remete à construção conceitual de percepção baseada numa memória que representa um conjunto fundido de novas leituras das coisas. Dessa maneira, a percepção é, a todo o momento, construída do momento presente em adição ao passado que não está absolutamente separado do primeiro. O tempo bergsoniano é, no entanto, a expressão da duração verdadeira e não da duração sistemática imposta pelo intelecto.

A construção derivada da fusão dinâmica das percepções é o material que alimenta a memória, cuja dimensão é a do próprio espírito em evolução. Segundo BOSI (1994), para Bergson o sistema nervoso central perde toda função produtora das percepções (tal qual a teria em um esquema biológico determinista) para assumir apenas o papel de um condutor, no esquema da ação, ou de um bloqueador, no esquema da consciência onde se estruturam as representações.

Passemos, então, a argumentos críticos que questionam a fundamentação espiritual do devir bergsoniano.

O materialismo biológico e a crítica ao pensamento bergsoniano

As várias pesquisas desenvolvidas com o mapeamento do cérebro humano reforçam com nitidez o pensamento materialista e levantam várias contraposições ao fundamento espiritualista da memória e da percepção. Revelam primariamente a complexidade de interconexões das localizações cerebrais, permitindo a distinção entre uma área principal, que recebe o essencial de uma sensação e áreas secundárias, onde se organiza uma sensação completa e, por intermédio de neurônios associativos, constrói-se a percepção.

De acordo com MEYER (2002), um pensamento é um processo dinâmico e estruturado da mente humana, que nasce geralmente de sensações, de percepções sensoriais, de afetos, de lembranças e de emoções complexas, de conceitos ou deduções anteriores. Nesse processo, estão envolvidos o registro de várias percepções e a transferência de informações para as várias áreas cerebrais competentes.

MEYER (*op cit*) defende a materialidade do pensamento e da memória baseado em exames e mapeamentos das atividades cerebrais. As imagens de memórias podem reaparecer como um quadro de atividade semelhante à obtida na presença do estímulo, graças à ativação integrada do córtex frontal cognitivo, da face mediana do córtex límbico e da área da linguagem (de Wernick). A mneme está, no entanto, topograficamente difusa, sendo indevido situá-la em uma única região cerebral.

O pensamento de Bergson é contestado claramente por Meyer, que vê em suas conclusões uma predominância dos postulados prévios ao exame dos fatos e uma concepção filosófica indevidamente construída sem os dados da ciência. Critica sobretudo a redução do cérebro a um simples condutor de ação sem nenhum poder de representação, sendo a memória de natureza puramente

espiritual, visão incompatível com os conhecimentos neuro e psicofisiológico. De acordo com esse conhecimento, o cérebro pode ser um lugar de representação e a memória cerebral não está reduzida a uma memória proprioceptiva, o que é inferido a partir da observação de atividades físico-químicas intensas acompanhando as funções cognitivas.

Para MEYER (2002), o dado visual captado pelo órgão sensitivo e transmitido pelo nervo óptico é enriquecido, nas diversas interconexões neuronais, pelas evocações, comparações e classificações, culminando na percepção que pode variar de um indivíduo para outro, apesar da base comum do circuito neuronal da espécie, dada a complexidade de interferências adquiridas e das variações discretas do genoma individual.

"As principais etapas da atividade cerebral compreendem, portanto, uma sensação, uma simbolização, uma comparação, uma percepção e novas simbolizações em escalas cada vez mais completas". (MEYER, op cit)

A qualidade do percebido, se pode ser objetiva para a ciência, é profundamente subjetiva fora de seus domínios, uma vez que há uma matriz perceptual própria de cada indivíduo. Na inexistência de sentido da percepção pura, porém, Meyer concorda com Bergson, uma vez que não há percepção sem intervenção subjetiva da memória e do uso dos sentidos. Nesse contexto, as sensações imediatas são efêmeras e indescritíveis, já que são modificadas imediatamente por intervenções cerebrais, tornando-se assim percepção.

"A sensação pede necessariamente a sua pureza com a evolução complexificante que deu ao homem um cérebro de neurônios ricamente anastomosados e mnêmicos, o que faz que

quase não haja uma parte que funcione sem repercutir sobre outra e sem deixar uma lembrança consciente ou inconsciente".
(MEYER, 2002)

MERLEAU-PONTY (1999) também concorda com a influência de relações centrais na impressão fisiológica periférica, e conseqüentemente da experiência da sensação pura, diferenciando-se, no entanto, por localizar a percepção num momento de recepção do ser das coisas independente da interpretação a ele dada posteriormente. O seu pensamento fenomenológico diverge fundamentalmente do espiritualismo de Bergson e adequa-se com certa facilidade, portanto, à biofilosofia da percepção discutida por Meyer.

Bases fenomenológicas - Merleau-Ponty e Castoriadis

"Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei o partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada... A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele... Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala". (MERLEAU-PONTY, *op cit*)

A percepção em Merleau-Ponty é esse movimento de retornar ao mundo que existe independente de análises que se possa fazer dele. Distingue-se portando do retorno idealista à consciência, excluindo a necessidade de análise reflexiva. Os órgãos dos sentidos estão a todo instante recebendo

informações e a percepção se incorpora antes de qualquer resgate de referenciais simbólicos. A reflexão, de certo modo, promove a distinção do ser e do mundo, das coisas, afastando até o próprio corpo que é também coisa entre as demais.

"A cada momento, meu campo perceptivo é preenchido de reflexos, de estalidos, de impressões táteis fugazes que não posso ligar de maneira precisa ao contexto percebido e que, todavia, eu situo imediatamente no mundo, sem confundí-los com minhas divagações". (MERLEAU-PONTY, 1999)

O imaginário é povoado por imagens já percebidas, mas mantém-se claramente distinto do real perceptível:

"A cada instante também eu fantasio acerca das coisas, imagino objetos ou pessoas cuja presença aqui não é incompatível com o contexto, e todavia eles não se misturam ao mundo, eles estão adiante do mundo, no teatro do imaginário."
(MERLEAU-PONTY, op cit)

A busca da essência do mundo não significa a busca do que ele é em idéia, mas o que de fato ele é antes de qualquer tematização. Dessa maneira há sempre um horizonte pré-pessoal onde se dá a captura do objeto pelos sentidos, que acabará por ser reconfigurado no processo de significação subjetiva. "Toda percepção acontece em uma atmosfera de generalidade e se dá a nós como anônima" (MERLEAU-PONTY, *op cit*). No entanto, "... quando vejo um objeto, sinto sempre que ainda existe ser para além daquilo que atualmente vejo..." Induz-se, portanto e talvez instantaneamente, a construção reflexiva do significado do percebido. A intencionalidade na busca de significação apóia-

se não no pensamento, mas num saber latente que o corpo tem de si mesmo, uma unidade pré-lógica, não intelectualizada.

A relação reflexiva é uma relação de sujeito com objeto, enquanto que a relação perceptiva constrói-se no contato objeto com objeto. Dessa maneira, para Merleau-Ponty, a percepção ocorre mesmo que o indivíduo não se perceba percebendo algo, sendo que a reflexão só nasce no momento em que este se retira da relação como sujeito. A síntese com o objeto é, portanto, a contrapartida da análise da relação pessoal com ele. A percepção do estar no mundo depende da interação do eu-mundo, interação possível por um saber latente que sugere a possibilidade de um desenvolvimento racional aquém da percepção espontânea.

Nesse sentido, vemos concordância entre os pensamentos de Merleau-Ponty e Bergson, que vê na atividade do artista a intenção de "... recolocar-se no interior do objeto por uma espécie de simpatia, eliminando, por um esforço de intuição, a barreira que o espaço interpõe entre ele e o modelo" (BERGSON, 1964). Essa simpatia representa o poder que tem o espírito de apreender imediatamente a vida.

Alguns pontos de comunicação entre os dois pensadores parecem possíveis. Dessa maneira, a inteligência e o instinto em Bergson parecem ter a mesma existência conceitual que a síntese reflexiva e o saber latente em Merleau-Ponty. O ponto de desconexão entre as duas linhas filosóficas parece residir, além da base espiritualista bergsoniana, numa certa uniformidade temporal da sensação e significação para o primeiro, enquanto que, para o segundo, a percepção independe da construção reflexiva de significados concomitante às sensações. Inteligência e intuição em Bergson constroem juntas, numa relação de interferências mútuas contínuas, o tecido das

percepções e representações, enquanto que, em Merleau-Ponty, a reflexão simplesmente organiza o previamente percebido, através das sensações e do saber latente.

A síntese reflexiva, apesar de apartada do momento de leitura do mundo, não está excluída do mundo fenomenológico de Merleau-Ponty. A reflexão não se retira do mundo em direção à unidade da consciência enquanto fundamento do mundo, mas toma distância para ver brotar as transcendências, recoloca o mundo fragmentado em coisas e processos percebidos em uma unidade, que é horizonte onde o ser pode se situar.

Abrimos um parêntese, com o objetivo de questionar a necessidade do ser voltar-se a si para perceber-se no mundo. Para o ser, o maior objeto de percepção é o próprio ser. Na amplitude perceptiva do mundo, quem percebe é o centro e, quanto mais distante dele, menor é a definição do que o cerca. Quando descreve, defini o mundo próximo, então está pronto para olhar adiante. Diríamos então que o perceber, para Merleau-Ponty, puramente involuntário, não exclui definitivamente a intervenção do ato voluntário do re-olhar, re-sentir, que é estímulo necessário à amplitude do horizonte perceptivo. Uma vez refletido o percebido, representado, se abre a possibilidade de novas criações simbólicas do que ainda é desconhecido. Sem a análise reflexiva, a amplitude fica limitada ao espaço do cotidiano e a um tempo contínuo e repetitivo. O mundo está lá, o fenômeno existe em si e, com certeza significaria algo, se houvesse a postura reflexiva de reconhecimento.

CASTORIADIS (1999) discorda em vários pontos do pensamento de Merleau-Ponty. Entende como percepção uma variante da representação e vê no perceber, assim como no lembrar, uma espécie do imaginar:

"Seria insuficiente dizer que o perceber supõe o imaginar. Perceber é imaginar, no sentido literal e ativo do termo". (CASTORIADIS, 1999)

Em Merleau-Ponty, a diferença não absoluta entre o observável e o sonho só encontra elucidação na conversão reflexiva. O pensamento desfaz os objetos do pensamento pensados pela metade, "fantasmas que não têm nenhuma consistência" (imaginário). Para Castoriadis, no entanto, a percepção não pode ser separável da imaginação radical, ainda que não possa ser reduzida a esta. A coisa percebida, tanto quanto o pensamento, é criação do imaginário radical sócio-histórico. Nesse sentido, o sujeito não é possuidor de suas representações e afetos, mas o fluxo representativo-afetivo-intencional onde emerge a possibilidade permanente de reflexão (CASTORIADIS, *op cit*).

Quando imaginamos um paraíso, estamos recompondo elementos, já percebidos e contextualizados no nosso universo de significação, na construção de uma paisagem perfeita, que acaba por aguçar ainda mais nossos sentidos na busca de experiências corporais com ambientes identificados com o imaginado. No pensamento bachelardiano, a imaginação tem papel de grande importância na medida em que estimula a composição de imagens belas que superam a realidade restrita do percebido. Discutiremos oportunamente a interdependência intrínseca na relação do imaginário com a percepção do real, de maneira que no momento da leitura dos sentidos, o universo imaginário que, mesmo não tendo validade para o real (CASTORIADIS, *op cit*), mas significado, direciona o ato perceptivo e se dilui nas informações que chegam puras ao racional humano. Da mesma maneira, o percebido pode ter ou ganhar um significado tão forte que gerará um novo devaneio.

O caminho entre encontros e desencontros conceituais - espiritualismo bergsoniano ou racionalismo de Merleau-Ponty?

É importante retomar, nesse momento, uma síntese do que são as convergências e divergências entre as duas correntes filosóficas, que sirva de substrato para a estruturação do arcabouço conceitual claro em que repousarão as discussões da presente pesquisa. Analisando comparativamente as concepções de Merleau-Ponty e Bergson, percebe-se, ao mesmo tempo, a nitidez do contraponto e a interconexão em alguns aspectos, quadro que será detalhado oportunamente.

Ambos os autores concordam com a percepção de um ser inserido no mundo percebido, o que é claro na relação perceptiva de Merleau-Ponty, baseada na identificação objeto-objeto, e na simpatia com o objeto em Bergson. Convergem também na aceitação de uma influência de relações centrais na sensação periférica e na diferenciação de percepção e lembrança. Há também uma certa semelhança nos conceitos de saber latente e síntese reflexiva de Ponty e de instinto e inteligência bergsonianos.

As divergências são, porém, facilmente detectáveis, começando logicamente pelo fundamento racionalista e estático do primeiro que contrasta com o espiritualismo e dinamicidade de Bergson. O intelecto tem função referencial para o ser humano quando organiza o caos sensível para Merleau-Ponty, enquanto que a inteligência bergsoniana não é capaz de apreender o real, o que só é possível pela intuição. Também na temporalidade do fenômeno perceptivo parece haver ordenações contrastantes. Enquanto que em Bergson, a lembrança tem influência imediata e até prévia na percepção, podendo inclusive deslocar as percepções reais, para Merleau-Ponty, sua influência inegável segue a percepção pura, que independe da análise reflexiva.

A base materialista da filosofia de Merleau-Ponty é compatível com a biofilosofia que tem na matéria cerebral o substrato das percepções, o que contrasta evidentemente com a base mística bergsoniana, que tem no cérebro um simples condutor de respostas na forma de ações.

Um dos objetos do presente trabalho é o estudo das relações topofílicas que traz, na própria construção conceitual, a nitidez da influência da memória e do imaginário na percepção. Apesar disso, não é simples, diante de evidências científicas claras sobre o substrato fisiológico da percepção e da memória, atribuí-las à intuição subjetiva e a construção puramente espiritual expressa no *élan vital* bergsoniano. Os cientificistas poderiam, não obstante, tomar essa energia vital como a força que configura as partículas subatômicas em configurações resultantes de alta complexidade demonstrada atualmente pela física quântica. Nesse caso, e em situações semelhantes, a teoria bergsoniana parece compatibilizar-se com o conceito científico, ao mesmo tempo em que subsidia toda uma linha de pensamento contemporâneo que fundamenta a ecologia profunda, em sua abordagem sistêmica e holística do mundo.

A pós-modernidade tem se caracterizado cada vez mais pelo rompimento com a visão mecanicista e fragmentada do mundo, compreendida pelo pensamento puramente racional, e pela busca de novos referenciais que aceitem a supra-intelectualidade, a metafísica, o imaginário. Nessa busca, encontra-se por vezes com a filosofia oriental que desperta novas reflexões da relação do ser humano com o mundo, apesar de, algumas vezes, despertar um deslumbramento que obscurece caminhos analíticos coerentes.

A ideologia na qual o presente estudo se enraizada contempla a mudança da relação ocidentalizada do ser humano com o meio ambiente natural. Pela via descrita acima, encontra um certo conforto conceitual na interpretação do

pensamento bergsoniano. Ademais, a fonte de conhecimentos para análise será a pessoa humana e há que se considerar que ela está essencial e historicamente imersa numa cosmovisão espiritualista. O conhecimento popular está profundamente ligado à religiosidade, ao imaginário, ao mito. Nesse sentido, o enfoque materialista ou puramente instintivo não subsidiaria nem a análise, nem a prática de educação que se quer gerar a partir dela.

O ser no mundo utiliza-se tanto das percepções sensoriais quanto das fontes da fantasia, da imaginação e da temporalidade. A recordação não somente resgata representações subjetivas, mas permite ao homem identificar-se com seu ser no passado, enquanto que o futuro aberto fala do ser presente a partir de suas determinações. Dessa maneira, são elementos intrínsecos do *ser* humano, seus mitos e tradições e sua historicidade.

Os elementos criativos e sensoriais, que haviam perdido sua força e significância, sob a influência cada vez mais decisiva das ciências naturais frente ao positivismo, ressurgem como instrumentos reveladores do ser humano. Segundo PLESSNER (1977), nada pode ser dito contra a concepção dos sentidos como fontes de conhecimento. Um organismo é uma unidade evidenciada não somente pela sua estrutura anatômica-funcional, mas também pelo seu comportamento em relação ao ambiente.

As bases fisiológicas dos fenômenos da percepção e da memória serão entendidas aqui, por conseguinte, como os construtores da supramatéria, e os componentes do sistema nervoso como elementos materializantes do mundo perceptível que não retém, no entanto, a representação do percebido.

Percepção ambiental e memória

“Os verdadeiros bem-estares têm um passado. Todo o passado vem viver, pelo sonho, numa nova casa”.
(BACHELARD, 1993)

Não podemos limitar a existência humana ao presente e ao que está diante de nós. Faz parte dela tanto o futuro aberto, em função do qual nos determinamos, quanto o que já passou, passado este que constantemente reassumimos. Na recordação relacionamo-nos com o ser do nosso próprio passado, e não somente com uma representação ou imaginação subjetiva que mora em nós (HEIDEGGER, 1989)

Esses dizeres de Heidegger fundamentam a necessidade de tratar a percepção como processo em conexão constante com o universo já construído de signos e representações e com a memória. Essa conexão é também perfeitamente detectável em todo o trabalho de Bergson.

Na visão de Merleau-Ponty, aquilo que o objeto representa é a parte intencional da percepção. “Percebemos um conjunto como coisa que a atitude analítica em seguida pode discernir ali semelhanças e contigüidades” (MERLEAU-PONTY, 1999). Para ele, quando se antecipa a associação à construção do conjunto, subtrai-se da percepção a sua função essencial que é a de inaugurar o conhecimento. Difere, portanto do conceito de psicologia em que as semelhanças, de certa forma, determinam a percepção.

Contrapõe também, nesse sentido, o conceito de percepção bergsoniano, onde a memória tem função definitiva no momento do perceber, o lembrar (memória) tem relação contínua com o perceber (matéria):

“Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência

passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais..." (BERGSON, 1999)

Enquanto em Bergson, os componentes da memória vão influenciar a orientação dos sentidos, em Ponty, a memória se concentra na imposição de sentido ao "caos sensível", à fonte do constituinte que falta na impressão pura. Dessa forma, as recordações não se projetam por si mesmas nas sensações; a consciência as confronta com o dado presente para reter apenas aqueles que se harmonizam com ele, sendo a percepção o texto originário já pleno de sentido que é filtrado por aquele das recordações.

"Perceber não é experimentar um sem-número de impressões que trariam consigo recordações capazes de completá-las, é ver jorrar de uma constelação de dados um sentido imanente sem o qual nenhum apelo às recordações seria possível... Perceber não é recordar-se". (MERLEAU-PONTY, 1999)

No resumo conceitual de Merleau-Ponty, a percepção pode estar dividida em uma infra-estrutura instintiva, onde o ser sensível inicia suas leituras perceptivas do mundo, e a superestrutura inteligível que se estabelece posteriormente sobre elas, conferindo-lhes significação.

No entendimento da percepção do espaço, parte da premissa de que o mundo é, independente da percepção que o ser tem dele. Seu corpo percebe o mundo antes de atentar para sua qualidade e, ao atentar, move-se buscando perspectivas que lhe permitam qualificar e significar o já percebido (MERLEAU-PONTY, 1999).

Ecléa Bosi busca referencial teórico em Bergson para estudar a influência da memória na relação de velhos com um determinado local e com as mudanças nele ocorridas durante o processo de desenvolvimento urbano. Para tanto, BOSI (1994) se baseia num conceito bergsoniano de percepção como o resultado de estímulos não devolvidos ao mundo exterior sobre a forma de ação, um "vazio" que se povoa de imagens as quais, trabalhadas, assumirão a qualidade de signos da consciência. Em outras palavras, toda a imagem suscitada no cérebro que não provoca uma ação, não estimulando o esquema motor, ganha significados que se ancoram na consciência.

As percepções não permanecem como fragmentos isolados da realidade histórica, de maneira que aos sentidos, que fornecem ao homem dados imediatos e presentes, se misturam vários detalhes do passado (memória). A memória tem a função prática de levar o sujeito a reproduzir comportamentos adequados a determinadas situações. Ela depende do relacionamento do indivíduo com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, com todos os grupos de convívio e de referências (BOSI, *op cit*).

Reter, esquecer e voltar a lembrar pertencem à constituição histórica do homem e formam mesmo uma parte de sua história e de sua formação. Para GADAMER (1997), "estaria na hora de libertar a memória de seu nivelamento capacitivo que a psicologia lhe impôs e de reconhecê-lo como um traço essencial do ser histórico do homem".

Enquanto para Bergson, a memória é conservação do passado, para HALBWACHS (1990), ela é a reconstituição dele. O dualismo entre memória como estatuto espiritual e percepção de Bergson é relativizado pela teoria psicossocial de Halbwachs, que enquadra tais fenômenos numa dimensão social mais que individual.

"Em Bergson, o método introspectivo conduz a uma reflexão sobre a memória em si mesma, como subjetividade livre e conservação espiritual do passado, sem que lhe parecesse pertinente fazer intervir quadros condicionantes de teor social ou cultural". (HALBWACHS, 1990)

Como Halbwachs entende o sistema social de representações e relações como inconstante, mutável na dimensão temporal, então a lembrança não se conceitua como conservação do passado, mas como material a gerar novas construções em novos contextos histórico-sociais.

BACHELARD (1993) discute a relação da memória com a imaginação. Para ele, "com sua imagem viva, a imaginação desprende-nos ao mesmo tempo do passado e da realidade". A imaginação pode, tanto quanto dados captados pelos sentidos no momento presente, evocar imagens do passado: "À função do real, orientada pelo passado tal como mostra a psicologia clássica, é preciso acrescentar uma função do irreal igualmente positiva..." E associando sua tese à reflexão sobre os significados de determinados elementos do cotidiano:

"A casa, como o fogo, a água, nos permitirá evocar (...) luzes fugidias de devaneio que iluminaram a síntese do imemorial com a lembrança. Nessa região longínqua, memória e imaginação não se deixam dissociar... Ambas constituem, na ordem dos valores, uma união da lembrança com a imagem. Assim, a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos". (BACHELARD, 1993)

Bachelard não se contrapõe ao conceito de memória bergsoniano, porém discorda fundamentalmente da continuidade em sua teoria, aceitando a possibilidade de espaços, de repousos, no movimento dinâmico. Não existe, portanto, a impossibilidade de associação da matéria com o passado, da mesma forma que a essência do presente não se limita às intervenções do passado. A memória não se dá com a espontaneidade sugerida por Bergson, mas depende de um caminho racional, intencional.

A memória se liga à interação do ser humano com o meio ambiente, na medida em que a contemplação de determinadas paisagens induz a relações nostálgicas que despertam valor afetivo. Para MARQUES (1996), "o afeto pela casa, pelo entorno, aparecem com freqüência em narrativas de experiências de vida, pois o espaço é um dos elementos principais na constituição da memória". Diríamos que a memória é um dos componentes da topofilia, uma vez que essa se constrói da experiência histórica de interação. Por esse motivo, podemos falar nela como instrumento de adequação ao ambiente. MACIEL (2000) considera que não é possível pensar o espaço habitado sem levar em conta o fato de que ele constitui-se no mesmo movimento em que se dá a organização social, e que esse movimento, por sua vez, é inseparável da memória.

Percepção ambiental como estratégia de adequação

A memória tem influência direta na maneira como o ser humano entende e se relaciona com seu meio. Tanto a percepção imediata quanto os pormenores retidos na memória constroem a imagem das coisas, das pessoas e dos acontecimentos que as cercam. Dessa maneira, a ligação afetiva que elas

mantêm com o meio depende dos sentidos que foram impressos em sua memória.

"O que é um ambiente acolhedor? Será ele construído por um gosto refinado na decoração ou será uma reminiscência das regiões de nossa casa ou de nossa infância banhados por uma luz de outro tempo?" (BOSI, 1994)

A percepção ambiental é, nesse sentido um veículo que, identificada a partir do resgate da memória, pode revelar, e até justificar, os padrões comportamentais na relação do ser humano com seu meio.

Da mesma maneira que se entende a influência do aumento das dimensões do universo perceptivo e afetivo de uma criança, quando começa a sair do horizonte de sua casa, sobre seus padrões de comportamento, é possível especular sobre o conflito perceptivo de pessoas que buscam o refúgio de áreas preservadas, vindos de uma realidade perceptiva totalmente adversa. É compreensivo, e até esperado, que os interesses e comportamentos dessas pessoas sejam diferentes daquelas que aí viveram a maior parte de suas vidas, tendo estruturado um conjunto de pormenores em sua memória e uma acuidade sensitiva totalmente associada às características ambientais locais.

As pessoas que viveram em ambientes preservados carregam consigo as imagens-lembrança, que determinam sua relação afetiva com o meio, a memória de convívio com a comunidade, associada à sua tradição e historicidade e os valores que se referem à sua identidade, hipoteticamente muito diferentes daqueles do migrante que vem de áreas mais industrializadas, que geralmente estão associados a padrões de conforto.

A mudança para ambientes naturais representa um ato de desligamento do ambiente social e pressupõe, possivelmente, uma readaptação, partindo do trato com coisas para o trato com a natureza. Segundo BOSI (1994), há algo na disposição espacial que torna inteligível nossa posição no mundo, nossa relação com outros seres, o valor do nosso trabalho, nossa ligação com a natureza. Esse relacionamento cria vínculos que as mudanças abalam, mas que persistem em nós como uma carência, identificáveis com as relações topofílicas.

Sob outro prisma, a comunidade local deve ter sua memória grupal e sua tradição coesa o bastante para impedir que a base de suas percepções seja destruída e haja uma desarticulação da sua ligação com a morfologia do seu espaço:

"Só a inteligência e o trabalho de um grupo podem reconquistar as coisas preciosas que se perderam. Quando não há essa resistência coletiva, os indivíduos se dispersam e são lançados longe, as raízes partidas." (BOSI, op cit)

No contexto da presente pesquisa, esse resgate da histórica local é de um instrumento de grande valor, justamente por permitir um entendimento das motivações que explicam a permanência dos nativos e a chegada dos migrantes numa região caracterizada por uma natureza ainda preservada.

Instrumento da percepção - O CORPO

O corpo é a expressão do ser no mundo. Através dele são feitas as leituras do ambiente. Ele é a entrada das informações que sustentam a validade do real e a construção do imaginário. No contato dele com as coisas e

os outros é que se solidificam as relações sociais e a dimensão dos espaços livres e territoriais.

"Será preciso despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece enquanto estamos no mundo por nosso corpo, enquanto percebemos o mundo com nosso corpo. Mas, retomando assim o contato com o corpo e com o mundo, é a nós mesmos que iremos reencontrar, já que, se percebemos com nosso corpo, o corpo é um eu natural e como que sujeito da percepção". (MERLEAU-PONTY, 1999)

No corpo estão os órgãos dos sentidos que, a despeito do tratamento mecanicista que é dado ao seu conjunto, se expressam de forma integrada e sinestésica na interação com o mundo. Superando a funcionalidade que a eles se atribui, tantas vezes conectam com o que chamam espírito, despertam o emotivo e, mais do que fornecer informações, estimulam o questionamento racional dos fenômenos observados, impulsionam para o estado contemplativo e para a sensibilização.

"O sensível é aquilo que se apreende com os sentidos, mas nós sabemos que esse 'com' não é simplesmente instrumental, que o aparelho sensorial não é um condutor, que mesmo na periferia a impressão fisiológica se encontra envolvida em relações antes consideradas como centrais". (MERLEAU-PONTY, op cit)

É nesse sentido que toma corpo os dizeres de MARTINS (1990):

"A cumplicidade entre o corpo ativo e o espaço-temporalidade é o que torna possível a transformação do mundo, o que demonstra que a 'natureza' do homem não é só a 'physis', é também 'praxis', produção, 'poiésis'. A motricidade é expressão do vivido, não se contenta com o físico e o biológico, porque para além destes há mais ser". (MARTINS, 1990)

Quando tentamos entender a tessitura das malhas de representações sociais estamos estudando primeiramente as interações entre as intenções que o corpo revela, através de suas expressões, linguagens e culturas, a disponibilidade de abertura ao outro e, segundo o autor citado (MARTINS, op cit), a coexistência de consciências engajadas, instauradas sobre o solo originário da percepção.

Para BULCAO (1995), para alcançar a almejada integração do ser humano com a natureza, é imprescindível que o ser humano se faça corpo. Abandonando os parâmetros de tradição científico-filosófica, fundamentada primordialmente na visão, o homem deve resgatar o contato corpo a corpo com o mundo, reencontrando, assim, o paraíso corporal experimentado, um dia, no intercâmbio primitivo com a natureza.

Amplitude de campo perceptivo

Tudo o que é perceptível está necessariamente inserido num contexto amplo, fazendo parte de um campo, que passamos a chamar de campo perceptivo.

De acordo com MERLEAU-PONTY (1999), nós construímos, pela óptica e pela geometria, o fragmento do mundo cuja imagem pode formar-se a cada

momento em nossa retina. Tudo aquilo que está fora desse perímetro, não se refletindo em nenhuma superfície sensível, não age sobre nossa visão mais que a luz em nossos olhos fechados.

Existe uma região que rodeia o campo visual, onde permanece uma "visão indeterminada", uma presença visual nebulosa. Quando ampliamos o campo visual, tanto mais essa presença ganha dimensão. Desse fato, depreende-se que o ato de fixarmos nosso olhar em um foco e dele nos aproximarmos resulta na redução do campo perceptivo. Por outro lado, se evitamos essa focalização e nos afastamos do objeto, o campo se amplia até um ponto em que a grandeza dessa presença visual fornece a sensação de pertença ao campo.

Um outro fator associado à amplitude do campo perceptivo é a dinâmica do corpo que percebe. Quanto mais estático estiver o corpo, maior é a impressão das coisas móveis e maior a horizontalidade do campo visual. Inversamente, quanto maior o movimento do corpo sensível, maior a impressão de estaticidade e fragmentação do entorno e menor a amplitude horizontal. De acordo com BACHELARD (1993), "quando estamos imóveis, estamos algures; sonhamos num mundo imenso; a imensidão é o movimento do homem imóvel".

Evocamos essas considerações porque nos é estranho o fato de se tentar provocar a interação da pessoa humana com o ambiente preservado induzindo-a à busca de conhecimento científico detalhista, prática consolidada nas atividades de educação ambiental em áreas preservadas. Não queremos aqui excluir a importância que esse conhecimento tem na geração de análises reflexivas, mas defendemos a exploração de um campo muito mais amplo do perceber, que é aquele dotado de imagens e sensibilidades, indutor de interações nostálgicas, em momentos de contemplação.

Ao campo visual se soma o espaço percebido pelos outros sentidos - audição, tato, olfato e paladar -, e devemos considerar a intensidade com que estes captam o real. Dessa maneira, sensações como calor, frio, umidade, brisa, associados ao tato, sentido cujos receptores se espalham por todo o corpo, dão ou não a sensação de conforto ambiental. Quanto ao olfato, o que não poderíamos dizer das tantas imagens que o cheiro de terra molhada desperta em nós? O mesmo se pode falar da audição e das tantas formas de estímulo que nos conduzem a estados contemplativos e nostálgicos.

A contemplação e a meditação

BACHELARD (1993) ressalta que as ressonâncias da contemplação de imagens de imensidões paisagísticas podem ser renovadas pela meditação. A imagem pode ser resgatada tanto da lembrança como da imaginação, o que pressupõe um ato de interiorização:

"Nessa meditação, não somos lançados no mundo, já que de certa forma abrimos o mundo numa superação do mundo visto tal como ele é, tal como ele era antes que sonhássemos... A imensidão está em nós... Embora pareça paradoxal, muitas vezes é essa imensidão interior que dá seu verdadeiro significado a certas expressões referentes ao mundo que vemos".
(BACHELARD, *op cit*)

O autor cita como exemplo a percepção da imensidão da floresta, que nasce de um corpo de impressões, que não derivam de ensinamentos de geografia.

"Não é preciso permanecer muito tempo nos bosques para

conhecer a impressão sempre um pouco ansiosa de que 'mergulhamos' num mundo sem limites... Sentimos que há outra coisa a exprimir além daquilo que se oferece objetivamente à expressão". (BACHELARD, op cit)

A prática oriental de meditação transcendental é um esforço de penetração na imensidão interior e de minimização de racionalidade, buscado a percepção da realidade livre dos conceitos com que a dimensionamos, enquanto que a prática ocidental, centra-se na descoberta, pela análise e reflexão, da essência dos conceitos e processos. Ambos, porém, chegam a uma reconfiguração do objeto, a primeira passando por uma desconstrução prévia, e representam um trabalho constante de interconexão entre percepção do real e imaginário.

O contato com o real externo, profundamente miscigenado com as imagens construídas interiormente, representa oportunidades constantes de reconstruções e de induções a novos devaneios. Dessa maneira, o interior e o espaço externo ao humano a todo o momento se misturam e se influenciam mutuamente.

Conceitos e dimensões do espaço

Em Kant, o espaço é uma grandeza infinita e muitos espaços representam não mais que partes de um mesmo espaço (REZENDE, 2001). Apreende-se, dessa concepção, que o ambiente de todos os seres é da mesma espécie. Para NITSCHKE (1977), no entanto, a criatividade do ser humano pode alterar sua natureza e a espécie de ambiente, o que reafirma a sua interação com o mundo. Essa reconfiguração do ambiente pode ser gerada em novas experiências

existenciais, em mudanças na espontaneidade criativa. Para ele, os seres humanos de diferentes sociedades estão colocados, em diferentes épocas, "em diversas ordenações corpóreo-temporais".

As experiências de novas forças vividas pelo ser humano provocarão a mesma força no ambiente, pela tendência de enquadramento na representação do grupo. A maneira do ser humano perceber o ambiente depende da ordenação corpóreo-temporal em que se encontra. Não há, portanto, natureza estável no humano, sendo que este assume variáveis ordenações corpóreo-temporais para relacionar-se com o ambiente de maneira diferente em cada época (NITSCHKE, *op cit*).

O ser humano encontra em qualquer espaço um vasto campo de significação. Desde o seu nascimento, se estabelece uma interação exploratória do corpo humano com o espaço, numa dinâmica de descobertas e sistematizações. É dessa interação que se construirá uma relação sedimentada por sentidos que determinam os comportamentos do ser em seu meio.

De acordo com GAIOTTO (1995), a consciência espacial está baseada em vivências anteriores que proporciona um sentido estável do ambiente em que vive, fazendo-o pertencer a uma totalidade social e a uma cultura complexa, mantendo vínculos de relacionamento.

Os significados da existência humana e dos elementos do espaço muitas vezes se misturam, dada a relação sistêmica que integra intimamente o ser humano ao seu *habitat*. Isso é o que determina a reconstrução do espaço, profundamente marcada pelas diferenças culturais, a partir da adequação dos seus elementos à identidade do grupo de indivíduos que o habitam. Segundo BACHELARD (1993), o espaço é um poderoso substrato para os pensamentos, lembranças e sonhos do ser humano.

A geografia humana tem na figura de Y.F.TUAN um importante expoente. De acordo com TUAN (1976), as culturas variam muito em desenvolver habilidades espaciais e em providenciar conhecimento geográfico. Todos os grupos humanos possuem idéias a respeito de espaço, localização, lugar e recurso, embora seu grau de articulação varie entre os grupos.

As atitudes humanas relacionadas com território e o lugar têm uma clara semelhança com as dos outros animais. A analogia se limita na influência da emoção e do pensamento simbólico no estabelecimento da territorialidade. Para os animais, lugar é o conjunto de pontos onde eles satisfazem suas necessidades biológicas, enquanto que para o homem, além dessa representação existe a do espaço de significações como o lugar da morte e do nascimento.

TUAN (*op cit*) faz uma relação entre essas representações e a amplitude de lugares. Para espaços pequenos, os sentidos, a partir da experiência direta, podem constituir, sozinhos, o substrato de significação, enquanto que para os espaços grandes há a combinação das influências do meio simbólico (arte, educação e política).

Percepção ambiental e Topofilia

"É preciso, ao contrário, superar os problemas da descrição - seja ela objetiva ou subjetiva, isto é, quer se refira a fatos ou a impressões - para atingir as virtudes primárias, aquelas em que se revela uma adesão inerente, de certo modo, à função original do habitar... É preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num "canto do mundo".
(BACHELARD, 1993)

Bachelard introduz o termo *topofilia* em 1957, na edição original da obra *A poética do espaço*, com os seguintes dizeres: "... precisamos examinar imagens bem simples, as imagens do *espaço feliz*. Nessa perspectiva, nossas investigações mereceriam o nome de *topofilia*".

O conceito do termo apresentado pelo autor é o valor atribuído pelo ser humano aos espaços de posse, aos espaços amados que trazem em si o significado de proteção. Esse conceito não se limita à percepção material e do espaço, mas estende-se aos valores imaginados, que acabam por se tornar dominantes. A relação que se estabelece não se abriga apenas no consciente humano, mas se consolida no inconsciente, com as mesmas formas apreendidas do mundo percebido.

"Na própria base da topoanálise é preciso introduzir uma nuance. Observamos que o inconsciente está alojado... Está alojado no espaço de sua felicidade. O interior deve se abrigar necessariamente no espaço exterior". (BACHELARD, op cit)

O termo topofilia é revivido com bastante ênfase em TUAN (1980), em obra dele homônima, representando a ligação afetiva que as pessoas apresentam com um ambiente qualquer, natural ou construído, variando entre os indivíduos, na medida das diferenças de suas experiências passadas. Muitas pessoas têm abandonado a vida nas grandes cidades e buscado uma vida mais simples em contato com o ambiente natural. O pequeno produtor é apegado à terra, mas esta afeição está associada à intimidade física, à dependência material e ao fato de ser um suscitador de lembranças. A apreciação estética é muito mais expressa pelos que buscam a simplicidade da vida no campo do que pelos que têm a vivência intrincada em seu passado. Qualquer que seja a

intensidade ou modo de expressão da topofilia, ela está associada à atitudes de preservação do meio. A identificação de intensidade e modo de expressão de topofilia é parte do levantamento de percepção do presente trabalho.

Para TUAN (1980), a compreensão da preferência ambiental de uma pessoa só é possível a partir do exame de sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos. No nível de atitudes e preferências de grupo, é necessário conhecer a história cultural e a experiência no contexto da dimensão física do meio ambiente. Pessoas com diferentes antecedentes e experiências, visitantes ou nativas, apresentam padrões comportamentais distintos. De acordo com o mesmo autor, quando na posição de visitantes (turistas), as pessoas têm uma percepção fugaz reduzida à composição de quadros, com uma avaliação do ambiente essencialmente estética, enquanto que o nativo tem uma atitude complexa derivada da imersão na totalidade de seu meio ambiente. Da mesma forma, para pessoas que migram de outras regiões para se fixarem em um determinado local, diferenças expressivas podem existir com relação às populações nativas, dependendo da impressão de lugares ocupados em seu passado e dos objetivos e interesses no novo ambiente.

Para PROSHANSKY (1976), a identificação da pessoa com aspectos de seu mundo físico começa a aparecer a partir da totalidade de experiências do meio ambiente físico que ela teve durante os anos de seu desenvolvimento. O autor enfatiza a importância da relação com o passado residencial na construção de um estreitamento com local de moradia.

No contexto descrito acima, as atitudes das pessoas hoje residentes na área de estudo estão, de alguma maneira, fundamentadas na sua história de vida, nos seus valores e conhecimentos sobre o meio e no interesse que têm nele. Partindo da premissa de que os moradores do município de Jardim

tenham motivos diferentes para ali estarem estabelecidos, foi válida a busca de conhecimento de suas motivações. Essas motivações podem estar relacionadas a uma atividade econômica, a uma busca de contato com o ambiente natural, à afeição e familiaridade ou a falta de oportunidade de deslocamento para outro local desejado. Conhecer e respeitar essas motivações é essencial para o entendimento das atitudes e diálogos construtivos.

TUAN (1980) analisa a necessidade de contato físico das pessoas com o meio ambiente natural. Segundo ele, na vida moderna, esse contato é cada vez mais indireto e limitado tendo, na maioria das vezes, um sentido mais recreacional que vocacional:

"O que falta às sociedades avançadas é o envolvimento suave, inconsciente com o mundo físico, que prevaleceu no passado, quando o ritmo era mais lento e do qual as crianças ainda desfrutam". (TUAN, op cit)

Além desse contato íntimo com o mundo físico que o rodeia, o ser humano precisa, segundo BACHELARD (1993), reaprender a gozar dos momentos de sua solidão no espaço amado como oportunidade de deixar fluir o potencial de sua imaginação criadora. Segundo o autor, os devaneios nascem e tomam forma nos "espaços de nossas solidões", sendo mais urgente, para o conhecimento de nossa intimidade, a localização dos espaços íntimos que a determinação de datas.

A solidão, nesse sentido, não representa apenas uma ausência de espírito coletivo, mas uma busca contemplativa, onde o ser se volta com todos os sentidos sinestésicos atentos ao contexto, ao ambiente, povoando-o de

significados e imagens, quase sempre marcados pela afetividade.

"E todos os espaços das nossas solidões passadas, os espaços em que sofremos a solidão, desfrutamos a solidão, desejamos a solidão, comprometemos a solidão, são indeléveis para nós. E é precisamente o ser que não deseja apagá-los. Sabe por instinto que esses espaços de sua solidão são constitutivos..."(BACHELARD, *op cit*)

Apropriação do espaço

A apropriação do espaço está baseada, segundo KUHNEN (2001) em três fatores: a sensação de pertencer ou não a um determinado lugar; a satisfação residencial relacionada à valorização ambiental e ao investimento afetivo na moradia; a situação coletiva de pertencer a um determinado grupo, que se exprime e se estabelece nos diferentes modos de uso e apropriação da natureza e remete a uma idéia de identidade social.

O ser humano usa seus sentidos para apreender e dimensionar seus espaços, bem como para defendê-los, uma vez que tem na sua natureza os traços do comportamento territorialista.

A construção de espaços é profundamente marcada pelas representações dos grupos humanos que o habitam. De acordo com FISCHER (1997), todo espaço é uma imagem da cultura de um povo e reflete as diversas formas como diferentes povos usam seus sentidos. Quando se potencializa a expressão cultural de um povo no espaço por ele construído está se intensificando o processo de identificação dele com o meio ambiente gerando, conseqüentemente, uma valoração positiva que, em última análise, é determinante de comportamentos de apropriação e conservacionismo.

Se não há apropriação, há estranheza e o grupo sente que o espaço não lhe pertence (deLAUWE, 1976 *apud* KUHNNEN, 2001). Diante desse quadro, fica impossibilitada a sensação de bem-estar e, conseqüentemente, a qualidade de vida esperada.

Segundo KUHNNEN (*op cit*), não se pode visualizar um processo de apropriação apenas pela orientação de um fenômeno individual. De fato, a construção do espaço habitável só se dá a partir de consensos entre metas dos atores sociais. No entanto, a percepção que modela, *a priori*, o princípio da apropriação - a identificação - é essencialmente individual. As compatibilidades entre elas são elementos unificadores que permitem a socialização e que constróem a identidade grupal.

Das considerações elaboradas, é possível sintetizar a construção de identidade em relação ao espaço na existência social e na existência física. A apropriação depende geralmente de modificações do meio ambiente físico justificadas por necessidades individuais e sociais. Dessa maneira, cabe aqui o questionamento da origem dos elementos identitários, que pode estar na percepção, na simples evolução instintiva (proteção, funcionalidade, territorialismo) ou na determinação sócio-cultural. Sendo o ser humano um complexo de instintos, inteligências e sentidos, é viável tender para uma síntese das dimensões expostas.

O estudo do arcaísmo, movimento de busca do ambiente selvagem e bucólico, será utilizado mais adiante como forma de identificar os elementos que compõem a satisfação residencial e as influências da biofilia (instinto), da história topofílica e de interação pessoal com grupos sociais. Para tanto se fará uso do relato de THOREAU (1984) em sua obra *A vida nos bosques*. Temos na obra de Thoreau um relato precioso baseado numa experiência que ilustra

ricamente características retomadas no movimento de isolamento nos campos, que representou uma referência para o pensamento ecológico, tendo estimulado a redescoberta da terra e da natureza, das árvores, dos rios, dos animais e das estrelas.

A criação de espaços novos e inusitados, expressando brilhante criatividade, pode ser considerada, nesse contexto, como um diálogo do criador com sua própria identidade, reconhecendo e pensando suas potencialidades de apropriação, um autoconhecimento do ser no espaço.

Esse processo de recriação é perfeitamente relacionado com a mobilidade na identidade com o meio ambiente. De acordo com KUHNEN (2001), a identidade não é adquirida de maneira definitiva, ela evolui em função de experiências vividas assim como em função de possíveis modificações no meio físico e no contexto social no qual se vive.

Em outras palavras, as relações topofílicas podem ser reconstruídas a partir de um tempo de interação com um novo meio, desde que haja mínimas condições de identificação que permitam a apropriação inicial. O trânsito do ambiente rural para o urbano, e vice-versa, não ocorre sem conflitos iniciais de identidade, mas acaba por levar a uma adequação a partir de experiências diretas com o ambiente sem, no entanto, haver desconstrução da relação topofílica com o ambiente de origem, o que explica o anseio não raro de contato com ele.

Outra questão que se coloca é o risco de descaracterização que acompanha o processo de apropriação do espaço. Em muitos casos, no lugar de se estabelecer uma adaptabilidade de grupos migrantes no novo meio, se dá uma adequação do meio aos seus padrões topofílicos. SANTOS (2002) faz uma análise clara da forma como se deu essa apropriação na expansão territorial, à

época dos descobrimentos. Destaca a mudança radical da geografia do território conquistado, atribuindo-a ao imaginário dos colonizadores, que buscavam uma extensão da paisagem europeia. "A apropriação do desconhecido é, antes de tudo, superá-lo enquanto tal para transformá-lo no conhecido". Esse movimento provoca, logicamente, um estado de tensão entre comunidades locais e migrantes, tornando necessário um esforço mútuo num diálogo gerador de planejamento da moradia.

Busca da moradia ecológica

BRAGANÇA & FRANCO (1986), utilizam o termo moradia ecológica ao fazerem uma reflexão sobre os determinantes da estruturação de uma cidade, que incluem: meio físico químico; meio biológico; meio social e situação histórica. A constituição de uma moradia ecológica revela um corpo de interesses partilhado pela comunidade que conquista o espaço habitável e perpassa a luta pela existência e o consenso social.

Partindo do princípio de que as características da cidade dependem diretamente da sua história de transformação da paisagem e do esquema primário de sua configuração urbanística e social, os estudos que visam entender esse espaço como uma possível moradia ecológica devem incluir o entendimento de sua estrutura social e dos seus fundamentos históricos.

"A história natural de uma cidade é essencialmente história humana, expressão urbanística e social de uma liberdade decisória e criativa. A percepção da realidade só é satisfatória se passa da ordem descritiva para a causal e explicativa". (BRAGANÇA & FRANCO, 1986)

Os interesses que geram a ocupação de um determinado espaço e culminam na construção e desenvolvimento de uma cidade somam-se e representam o querer imaginário. A esse querer, impõem-se várias limitações econômicas, demográficas, geológicas, de conflito de novos objetivos, que geralmente resultam em condições diferentes do projeto original, a que os indivíduos acabam por se condicionar. O consenso social pode conferir um maior potencial de realização do querer, na medida em que coloca as pessoas em posição de cooperação diante das limitações.

Atenção especial deve ser dada à densidade da população humana no desenvolvimento do espaço comum. Enquanto que na maioria dos animais o aumento da densidade resulta em atos anormais e autodestrutivos, nas comunidades humanas gera tensões físicas e psicológicas. Segundo TUAN (1976), o aumento do número de pessoas num lugar significa uma desordem da acomodação inicial do grupo no controle do espaço. A receptividade do elemento migrante e a assimilação dos caracteres de sua identidade são invariavelmente um processo conflitante que só é minimizado após um período de adaptação em que o padrão comportamental descrito é superado.

No trabalho ora desenvolvido é buscado um conhecimento histórico da ocupação de um espaço habitável, do querer originário e das influências que resultaram na situação presente, da maneira como foram trabalhados ou omitidos as limitações e o entendimento dos conflitos sociais atuais, o que é essencial na busca de espaços de diálogo, onde esses conflitos possam ser trabalhados, e de sustentabilidade.

Biofilia

Ao componente topofílico da complexidade humana, se soma o instinto biofílico, a atração que o ser humano sente pelas outras formas vivas. O termo *biofilia* foi criado por WILSON (1993), biólogo adepto da teoria da evolução, que atribuiu a necessidade emocional do *Homo sapiens* de filiar-se aos outros seres vivos, ao fato de ter sua evolução se dado numa relação íntima com a natureza. Segundo o autor, o desenvolvimento do instinto biofílico depende também da intensidade com que essa relação é experienciada pelo ser humano em formação, sendo que a privação do contato com a natureza pode até resultar em negação psicológica do bem estar que esse contato pode proporcionar e hostilidade para com ambientes selvagens.

A adaptabilidade do humano enquanto espécie animal está, como para qualquer outra espécie, condicionada a habilidades na relação que mantém com o meio. Essa relação precisa ser, mais que uma imposição de forças de domínio, uma provocação de bem-estar psicológico. A pessoa humana estabelece *filia* com o meio natural na medida em que as funções normais de adequação se associam ao lúdico, ao conforto, à identidade. Dessa forma, podemos reconhecer que a satisfação das necessidades físicas inerentes à sobrevivência, que basta para a maioria das espécies, não resume os requisitos humanos para a adaptabilidade, uma vez que esses incluem características associadas ao complexo desenvolvimento sócio-cultural do humano. ELIADE (1991) destaca que em nenhuma situação, a interação do ser humano com o lugar é determinada restritamente à condição animal do humano.

"Quando um ser historicamente condicionado (...) deixa-se invadir pela sua parte não-histórica, não é necessariamente para retroceder ao estado animal da humanidade, para descer às origens mais profundas da vida orgânica: inúmeras vezes, ele

reintegra pelas imagens e símbolos que utiliza, um estado paradisíaco do homem primordial... Escapando à sua historicidade, o homem não abdica da qualidade de ser humano para se perder na 'animalidade'; ele reencontra a linguagem".
(ELIADE, *op cit*)

Podemos neste contexto, nos perguntar se esse saber latente colocado por MERLEAU-PONTY (1997) poderia ser discutido, na dimensão da relação do ser humano com o ambiente natural, analogamente ao instinto biofílico. Parece-nos que é possível relacionar a base da biofilia com a visão materialista, uma vez que se estabelece, segundo WILSON (1993), a partir de características genéticas. No entanto, essas características podem ser reforçadas ou rechaçadas de acordo com a experiência pessoal e dos estímulos advindos do ambiente social, culminando, dessa forma, com o mesmo padrão dúbio com que vem sendo desenvolvido o conceito de percepção.

Assumimos a base instintiva da biofilia, mas concordamos com a reflexão de Eliade, que levanta as dimensões espirituais que estão presentes na busca de contato com a vida. Essa reafirmação do desenvolvimento complexo do humano como ser que supera a instintividade e cria padrões simbólicos diversos, não se embasa em uma visão antropocêntrica. Ao contrário, ela só evidencia um mundo espiritual que existe independente da análise que tentemos fazer dele ou da elucidação do seu elemento gerador, centrando-se na busca de uma perfeita e possível conexão entre materialidade e espiritualidade.

ELIADE (1991) reforça ainda mais a evidência dessa dimensão aquém do instinto humano ao nos lembrar as várias forças que projetam o ser humano a um mundo espiritual, como os sonhos, os devaneios e as imagens nostálgicas.

Negar essas forças significa retomar um racionalismo exacerbado, caminho já vivido pelo pensamento humano na era cartesiana que, definitivamente, não conseguiu apagar de sua mente os mitos, a mágica e o mistério. A satisfação que o contato do ser humano com o meio e com as outras formas de vida gera é, sem dúvidas, consequência do restabelecimento de sua vivência instintiva, mas é também um prazer gerado pela integração ao colorido que a fantasia e a imaginação impinge ao mundo natural.

O refugio nos campos - O relato de Thoreau

"Fui para os bosques porque pretendia viver deliberadamente, defrontar-me apenas com os fatos essenciais da vida..." (THOREAU, 1984)

O despertar do pensamento ecológico e todo o histórico que cristalizou o ecologismo nas últimas três décadas, têm se dado principalmente pela ação de organizações de pessoas em torno de um objetivo comum, pelo próprio impacto gerado pelas ações antrópicas e, até mesmo, por alguns novos caminhos tomados por grupos de pessoas que buscam romper radicalmente com a ordem vigente.

Vamos nos ater agora ao desenvolvimento de um desses caminhos, denominado por GRÜN (1996) como arcaísmo, movimento que levou várias pessoas a se afastarem do ambiente das cidades e continua a estimular muitas outras a buscarem o contato com o campo. Trata-se de uma visão baseada no ideal de uma vida simples, modesta e humilde que permite uma coexistência pacífica do homem com os outros organismos vivos. Nesse sentido, ganha coerência a dedicação de alguma atenção na nossa reflexão, uma vez que essa

busca pode estar baseada nos mesmos substratos em que se ancoram as percepções sobre o meio ambiente, a biofilia e a topofilia. Como essas, ela só se dá a partir de um imaginário consolidado.

Temos na obra de Thoreau um relato precioso baseado numa experiência que ilustra ricamente características retomadas no movimento de isolamento nos campos. Thoreau foi uma referência para o movimento ecológico, para a rebelião mundial da juventude e, principalmente, para o movimento *hippie*, tendo estimulado a redescoberta da terra e da natureza, das árvores, dos rios, dos bichos e das estrelas. Há dois séculos atrás, a cosmovisão e a integração do homem com a natureza, sem qualquer sugestão hierárquica, soou quase que como uma profecia que, embora tardiamente, parece estar se sedimentando na consciência coletiva:

"Na época de Thoreau, mal começava a destruição da natureza, a indústria era incipiente e nenhuma guerra mundial abalara a crença na capacidade do homem de viver em harmonia social. Contudo, os germes da desarmonia espiritual e material já eram detectados e analisados pela percepção de longo alcance do escritor pensador". (CABRAL, 1984)

Pretendemos explorar aqui principalmente o fato de Thoreau ter escolhido as margens do lago Walden para edificação de sua cabana, quando do seu isolamento nos bosques. O contato íntimo que descreve com esse ambiente, é ilustrador da nossa pretensão de discutir a relação do homem com o componente água do meio natural.

O relato se embasa no transcendentalismo, movimento religioso do século XIX, que defende a existência de um princípio divino no interior de cada

ser humano, em detrimento da fé revelada. Essa adoção da intuição, como forma de apreender a verdade, coaduna-se com as filosofias orientais e com o idealismo platônico, mantendo um cunho fundamentalmente romântico.

A interação romântica ser humano-natureza tem sido resgatada na pós-modernidade. Na literatura do período romântico, segundo LUCAS (1985), os sentimentos de felicidade e paz se confundiam com a perfeita interação entre o homem e a paisagem e as expressões líricas, a sensibilidade e imaginação criadora eram acompanhadas de exaltada descrição de aspectos da natureza. Essas características marcam também profundamente a obra de Thoreau.

De acordo com CABRAL (op cit), no transcendentalismo se delineiam os traços característicos do individualismo com a ênfase platônica no sujeito, da crença na hegemonia da natureza sobre a sociedade, da conseqüente rebelião contra as instituições, levando ao refúgio na "mãe natureza".

Thoreau apresenta a natureza não como o cenário impessoal a nos emoldurar, mas como o alvo de uma experiência pessoal e direta, alicerçada na emoção. Dessa maneira, vem de encontro com as considerações tecidas até o momento sobre percepção, concordantes também com a intuição idealista como fonte de conhecimento, com o imaginário fundamentante e com a cosmovisão transformadora da relação do ser humano com a natureza.

Há que se considerar, no entanto, que os princípios arcaicos levam o homem a uma pretensão de abandonar, separar-se, desvincular-se de sua condição sócio-histórica, a uma nostalgia antimodernista expressa na noção de ultra-enraizamento, no ruralismo bucólico, o que pode representar um problema já que pressupõe uma negação da realidade social contemporânea.

"Tanto o cartesianismo como o arcaísmo, partilham do mesmo ponto de partida problemático que praticamente anula as

pretensões da EA em sua própria base - a eliminação do horizonte histórico de tematização". (GRÜN, 1996)

Para superar o limiar entre essas duas visões, é preciso recuperar o horizonte histórico no tratamento das questões ambientais e aderir à hermenêutica, que situa o homem sempre em contextos sócio-históricos, não como sujeito senhor de si, separado do objeto, como o faz a ciência moderna.

Mantemos, não obstante, nosso aprendizado com o relato de Thoreau, tentando resgatar dessa experiência sem igual e da precisão suas descrições, motivos que reforcem nosso entendimento sobre a relação do ser humano com os componentes do meio. Num primeiro momento, apresento as colocações gerais, deixando considerações sobre as percepções relacionadas à água para a discussão conjunta com a apresentação do estudo da obra de Bachelard *A água e os Sonhos*.

A percepção ambiental no monólogo de THOREAU

"A natureza é a própria representação do paraíso, seja no seu visual - bucólico ou agreste - seja na simplicidade dos seus mecanismos. Resgatá-la passou a ser um dos primeiros compromissos desse novo ser humano, alquebrado e iluminado, machucado e pertinaz". (DINES, 1994)

O retorno à simplicidade da vida com o minimalismo de recursos e a renúncia ao supérfluo são colocados por Thoreau como formas de libertação dos condicionantes sociais.

"Cada manhã era um aliciante convite para tornar a vida

igualmente simples e, digo até, inocente como a própria natureza... Levantava-me cedo e tomava banho no lago; uma espécie de exercício religioso e uma das melhores coisas que já fiz". (THOREAU, 1984)

O refúgio no isolamento é o caminho encontrado para o desligamento dos valores da sociedade:

"Descobri por experiência própria que algumas vezes a mais doce e terna, a mais inocente e animadora companhia pode ser encontrada em qualquer objeto natural... Não pode haver melancolia muito negra para quem vive em plena Natureza e mantém os sentidos serenos". (THOREAU, op cit)

Se, num primeiro momento, lançamos mão da crítica hermenêutica do isolamento social, podemos buscar, na seqüência, a importância da solidão para o exercício de construção do conhecimento, o que é bastante evidenciado por Bachelard ao tratar desses momentos como "momentos de solidão constituinte".

"Todos os espaços das nossas solidões passadas, os espaços em que sofremos a solidão, desfrutamos a solidão, desejamos a solidão, comprometemos a solidão, são indelévels para nós. E é precisamente o ser que não deseja apagá-los. Sabe por instinto que esses espaços de sua solidão são constitutivos..." (BACHELARD, 1993)

O espaço da solidão bachelardiano é o local onde o ser humano coloca em

liberdade o potencial das imagens, que permite tomar corpo um imaginário riquíssimo nos devaneios nostálgicos. Por fim, é onde todas as entradas sensíveis estão abertas ao mundo que se identifica com esse imaginário. Thoreau aguça os sentidos para captar a paisagem, aquela que naturalmente se identifica com as imagens que carrega:

"Diante de todas as casas solitárias que encontro no campo, digo a mim mesmo, que poderia satisfeito passar nelas a minha vida, pois vejo-as em suas vantagens, sem inconvenientes. Eu ainda não trouxe para esses lugares meus pensamentos tediosos e meus hábitos prosaicos e por isso não estraguei a paisagem." (THOREAU, 1984)

O contato com a pessoa humana perde, no princípio de sua experiência, qualquer necessidade, diante das sensações de envolvimento com a natureza, que completam todo o espaço intelectual e emotivo de sua existência:

"De repente, senti quão doce e benfazejo é o convívio com a Natureza, no próprio tamborilar das gotas e em cada som e vista ao redor da minha casa; dei-me conta da infinita e inexplicável cordialidade como uma atmosfera me sustentando subitamente, tornando insignificantes as mais imaginárias vantagens da vizinhança humana, e a partir de então nunca mais pensei nelas". (THOREAU, 1984)

O contato com a natureza é, no entanto, fundamental. E, para Thoreu, esse contato tem sentido quando é intenso, repleto de ludicidade. O lúdico desses momentos de interação dá à natureza a função de acolhimento, de

abrigo, de pertença.

"A absoluta simplicidade e o despojamento da vida que o homem levava nos tempos primitivos tinham pelo menos a vantagem de deixá-lo hóspede da natureza... Morava neste mundo como se fosse numa tenda e estava sempre palmilhando vales, cruzando planícies, galgando cumes de montanhas".
(THOREAU, *op cit*)

O poder da cosmovisão em Thoreau não é apenas um discurso filosófico. Cada detalhe de sua descrição mostra a riqueza de um contato de extrema intimidade com o meio.

"É delicioso o entardecer, quando o corpo inteiro é um só sentido e aspira deleite através de cada poro. Com estranheza, vou e volto pela natureza, da qual sou parte integrante, enquanto caminho em mangas de camisa pela margem pedregosa do lago, embora faça frio e esteja nublado e ventando, e não veja nada de especial a me atrair, todos os elementos me são extraordinariamente afins". (THOREAU, 1984)

Essa graça em que se coloca o autor poderá ser explicada se pudermos ver nessa descrição a comunhão do saciar, num mesmo momento, o instinto biofílico, a liberdade da imaginação e a entrega ao apelo nostálgico. E não seria então, dessas três poderosas dimensões, que se dá o impulso do humano? *Bios*, intelecto e emotivo na ordem unificadora da complexidade.

"Eu me conscientizava, de modo tão inconfundível, da presença de algo aparentado a mim, mesmo nos cenários que costumamos chamar de selvagens e tristes." (THOREAU, op cit)

Thoreau atribui sua integração com o selvagem às suas experiências passadas. Explora, com muita clareza, o que hoje discutimos aqui como construção topofílica, a configuração das imagens e a influência dessa configuração no momento presente do perceber, concordando com a visão idealística de percepção bergsoniana.

"Agrada-me algumas vezes agarrar a vida cruamente e passar o dia ao jeito dos animais. Talvez deva o meu estreito relacionamento com a Natureza a essa maneira de viver e ao fato de haver-me dedicado à caça ainda muito jovem. Tudo isso introduz e grava em nós bem cedo um cenário que de outro modo seria pouco familiar. Pescadores, caçadores, lenhadores e pessoas que passam a vida nos campos e bosques, integrando de certo modo a própria Natureza, têm freqüentemente disposições mais favoráveis para observá-la nos intervalos de seus afazeres do que mesmo filósofos e poetas, que se aproximam dela já com expectativas." (THOREAU, 1984)

Isso vem de encontro com a discussão que traçamos sobre os condicionantes da construção perceptiva. De fato, quando ditamos TUAN (1980) falando das diferenças topofílicas detectadas entre nativos e visitantes de um determinado local, evidenciamos também a importância que têm a influência da memória no olhar do humano sobre o meio. Vejamos se poderíamos

detectar a intensidade com que nos relata Thoreau a seguinte experiência, na descrição de um sujeito totalmente alheio a uma paisagem selvagem:

"Aconteceu-me certa vez estar na extremidade de um arco-íris que, enchendo o estrato inferior da atmosfera, tingia a relva e as folhas em volta, e deslumbrava-me como se eu olhasse através de um cristal colorido. Era um lago de luz irisada, em que vivi por um instante feito um golfinho. Se a experiência tivesse demorado mais, poderia ter afetado minhas ocupações e minha vida". (THOREAU, op cit)

Thoreau destaca ainda a importância que ganha esse contato íntimo com o ambiente natural não só como alimento para o imaginário, mas também na configuração do conhecimento. Numa época em que o cientificismo se expandia, agregava leis aos fenômenos naturais e excluía manifestações cognitivas, o autor pregava o valor do conhecimento popular.

"Estamos mais interessados quando a ciência relata o que os homens já sabem na prática ou por instinto, porque só isso constitui a verdadeira humanidade, ou explicação da experiência humana". (THOREAU, 1984)

Tendo identificado em algumas poucas pessoas da terra, durante seu tempo de isolamento, profundos conhecedores da natureza local, coloca:

"Jamais consultaram livros, e sabem e contam muito menos do que já realizaram... Sua própria vida penetra mais fundo na Natureza do que os estudos do naturalista, para quem ele mesmo constituiria um assunto".(THOREAU, op cit)

O ecologismo de Thoreau

Como se disse inicialmente, Thoreau apresentou um discurso preservacionista numa época em que esse sequer conseguiria ecoar, já que os impactos das ações antrópicas não tinham ainda grande expressão. Não obstante, e diríamos intuitivamente, ele foi capaz de perceber e indicar a dependência da qualidade de vida das pessoas que ali viviam com a manutenção das características do meio.

"A vida de nosso povoado estagnaria se não fossem as florestas inexploradas e as campinas que o circundam."
(THOREAU, *op cit*)

Destaca ainda a eterna necessidade que o ser humano tem de contato com outros seres e com a grandeza e beleza que a natureza oferece:

"Não podemos nunca nos fartar da Natureza. Devemos ser reconfortados pela visão do inesgotável vigor, por seus traços vastos e imensos... Precisamos testemunhar a transgressão de nossos próprios limites, de ver criaturas pastando em liberdade por onde nunca nos aventuramos". (THOREAU, 1984)

Mais que desse contato com o real da natureza, ele deixa implícita a eterna exploração que faremos aos seus mistérios e encantos, subsidiados pelo nosso imaginário:

"Precisamos do tônico da natureza selvagem... Ao mesmo tempo em que buscamos com ardor explorar e aprender todas as coisas, exigimos que todas as coisas sejam misteriosas e

inexploráveis, que a terra e o mar sejam infinitamente primitivos, refratários a nossos exames e sondagens porque insondáveis.” (THOREAU, op cit)

O imaginário da casa de Thoreau

Thoreau vê no espaço de abrigo - a cabana ou a casa - o local onde floresce a criação simbólica. Neste contexto, é citado também por Bachelard em *Poética do Espaço*. Essa relação não é personalizada, é claro, em sua busca radical das experiências sensíveis, mas se estende a qualquer ser humano, dentro do que poderíamos novamente agregar o conceito de relação topofílica.

“Valia pena construir de modo ainda mais deliberado, considerando, por exemplo, o fundamento que têm na natureza humana uma porta, uma janela, um porão e um sótão, abstendo-nos talvez de erigir qualquer superestrutura até justificá-la com um motivo mais forte mesmo que as necessidades temporais”. (THOREAU, op cit)

Descrevendo a sua primeira casa nos bosques, Thoreau fazia referência à simplicidade, à uma construção que “não passava de um refúgio contra a chuva, sem reboco ou chaminé”, porém que estava registrada em sua imaginação como um lugar repleto de símbolos de um tempo de outrora, associados à uma casa visitada nas montanhas. A grandeza associada a esses símbolos pode ser evidenciada quando ele a coloca à altura do abrigo de divindades.

“Tratava-se de uma cabana aprazível e de tijolo aparente, apropriada para hospedar um deus viajor, e onde uma deusa podia arrastar suas vestes. Os ventos que passavam por cima de

minha morada eram dos que varriam as cristas das montanhas, grávidos de fragmentos de melodia, os trechos mais celestiais da música terrena". (THOREAU, 1984)

O mais importante da casa não era, portanto, sua estrutura física e o conforto, mas as imagens que a povoavam e a possibilidade de contato íntimo com a natureza que essa singeleza permitia:

"Esta estrutura, tão levemente revestida, era uma espécie de cristalização a meu redor, e influiu no construtor. Era algo tão sugestivo como o esboço de um quadro... De repente, me vi visinho dos pássaros; não por ter aprisionado um, mas por ter me engaiolado perto deles". (THOREAU, op cit)

O sentido de "engaiolamento" de forma alguma significa sensação de aprisionamento, mas sim de inserção. A casa lhe permitia, ao contrário, uma satisfatória horizontalidade, aspecto de extrema relevância na relação topofílica, sempre associado a uma possibilidade de liberdade que estimula o movimento e a configuração das imagens. Não raro, essa possibilidade é associada à qualidade ambiental, principalmente pelos moradores de grandes cidades que dela geralmente se privam. Thoreau cita Damodara para expressar o significado dessa particularidade: "Não há ninguém feliz no mundo, a não ser os seres que gozam livremente de um vasto horizonte". E completa dizendo que, da porta de sua casa, podia dispor de um amplo *pasto para a imaginação*.

Introduzindo um assunto que nos interessa particularmente, destacamos a importância da escolha de Thoreau do local de edificação de sua cabana. Entre características que lhe agradavam diretamente, o condicionamento à

proximidade do curso do rio:

"...o total isolamento, por estar a cerca de três quilômetros da cidade, a meia milha do vizinho mais próximo e separada por um vasto campo da estrada principal; o fato de limitar-se com o rio(...); o aspecto cinzento e arruinado da casa e do celeiro(...); as macieiras ocas e cobertas de líquens; mas, sobretudo, as minhas viagens rio acima, quando a casa se escondia atrás de um denso parque de áceres vermelhos..."
(THOREAU, 1984)

Dimensionemos, depois dessas considerações, o significado que a análise do relato de Thoreau toma no presente trabalho. Não é simples sintetizarmos as idéias expostas, porém é possível destacar características do pensamento de Thoreau que se ancora nas mesmas bases que a proposta teórica com que se pretende fundamentar os dados coletados. Nessa fundamentação, encontramos considerações sobre: percepção ancorada no idealismo bergsoniano; imaginário; sinestesia dos sentidos e memória na percepção; interação lúdica com o meio e diferenças nas relações topofílicas; biofilia; simbolismo das águas e da moradia e papel do conhecimento popular na construção de novas representações. Como se pôde perceber, esses fatores estão todos contemplados no discurso de Thoreau, de forma que ele representa uma rica ilustração que subsidiará a reflexão e o entendimento das realidades encontradas.

Capítulo 2 - A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO

Ao assumirmos a defesa de CASTORIADIS (1999) de um conceito de percepção ambiental que acolhe a influência de fatores "espirituais", superando a base materialista de Merleau-Ponty, nos aliamos definitivamente ao imaginário e às representações simbólicas dos grupos humanos.

Pretendemos, nesse momento, aprofundar o conceito de imaginário com que iremos trabalhar na argumentação de nossa tese. Para tanto, lançaremos mão de considerações feitas por alguns pensadores, como o próprio CASTORIADIS (1999), CASSIRER (2001) e ELIADE (1991).

O real e o imaginário

"Sempre que a visão realista do mundo se contenta em afirmar que determinada natureza última das coisas representa o fundamento de todo conhecimento, o idealismo incumbe-se de transformar esta mesma natureza em uma questão pertinente ao pensamento". (CASSIRER,2001)

Na concepção idealista de Kant, o conhecimento matemático e das ciências naturais não esgota toda a realidade, estando longe de abarcar toda a espontaneidade do espírito humano. A crítica da razão procura compreender e provar como todo conteúdo cultural pressupõe um ato primordial do espírito.

Também para Cassirer, a definição dos objetos, intimamente ligada ao mundo das coisas existentes, carece do conhecimento da sua natureza essencial, sua pátria espiritual.

"...O conhecimento, por mais universal e extenso que seja o seu conceito, representa apenas um tipo particular de

configuração na totalidade de apreensões e interpretações espirituais do ser..." (CASSIRER, 2001)

A realidade se oferece aos sentidos humanos em sua base material, porém o olhar se dirige a ela, repleto de apelos àquelas configurações que foram agregadas à identificação da matéria ao longo de sua história de interação com o mundo. Nesse sentido, ELIADE (1991) afirma que o homem integral conhece outras situações, tão autênticas e importantes quanto sua condição histórica, como o estado de sonho, do devaneio, da melancolia e da contemplação estética. No pensamento bachelardiano, existe uma interdependência intrínseca na relação do imaginário com a percepção do real.

Nesse caminho de adequação à compreensão humana, o real ganha uma teia de significações que lhe dão uma configuração particular expressa em símbolos compreensíveis pelo consciente social.

"O pensamento simbólico faz 'explodir' a realidade imediata, mas sem diminuí-la ou desvalorizá-la (...). O símbolo revela certos aspectos da realidade - os mais profundos - que desafiam qualquer outro meio de conhecimento" (ELIADE, op cit)

A agregação de símbolos às realidades percebidas, bem como o entendimento de suas significações, só se dá diante de uma imaginação intuitiva, liberta de seus aprisionamentos empíricos. Para Eliade, ter imaginação é ver o mundo na sua totalidade, pois as imagens têm o poder e a missão de mostrar tudo o que permanece refratário ao conceito, sendo que o homem a quem "falta imaginação" é desgraçadamente cortado da "realidade profunda da vida e de sua própria alma".

FOUCAULT (1999) destaca o tênue limite entre o racional e o ideal, associando à constituição dos conhecimentos do século XVI, uma mistura instável de saber racional e de noções derivadas das práticas da magia.

A tradição medieval, caracterizada por uma apreensão constante e retilínea do real, assim como as culturas árabe e cristã, se aliou ao mundo clássico "povoando o céu de imagens onde se transfiguram, ganham forças novas, as crenças mitológicas da antiguidade" (HOLANDA, 1994). Esse movimento de retorno ao imaginário culmina em ressurgimentos temporalmente pontuais, porém com expressiva força, na idade moderna e numa reconquista que se firma a cada momento na pós-modernidade.

O mito

"O homem moderno é livre para menosprezar as mitologias e as teologias; isso não o impedirá de continuar a se alimentar dos mitos decadentes e das imagens degradadas". (ELIADE, 1991)

O potencial que o mito e os símbolos têm de sobrevivência ante as correntes racionalistas se deve ao fato de estarem embasados na espiritualidade, dimensão que o ser humano não conseguiu livrar do mistério e da nostalgia.

"A totalidade do real, revelada pela interseção do imaginário, só pode ser entendida se buscarmos nas várias direções para onde esse imaginário aponta, para as múltiplas formas de expressão dessa realidade interpretada pelo espírito humano. Dentre essas formas, destacam-se a linguagem, o mito, as artes e a religião." (ELIADE, 1991)

De acordo com CASSIRER (2001), é necessário compreender a função do pensamento lingüístico, do pensamento mítico-religioso e da intuição artística, de tal modo que se torne claro como em todas elas se realiza uma configuração voltada para o mundo, "visando a um nexo objetivo e a uma totalidade objetiva da percepção". Essa compreensão, porém, é dificultada por um incessante questionamento sobre como se dá a transformação de um conteúdo sensível para um significado universal. Para Cassirer, a imagem não é uma simples cópia da realidade existente, mas a própria essência espiritual dela, que unifica a sua multiplicidade de configurações.

"Em cada 'imagem' mítica ou artística comparece um conteúdo espiritual que, em si, transcende o sensorial, convertido à forma do sensível, audível, visível ou tangível. Surge um modo de configuração autônomo, uma atividade específica da consciência, que se distingue de todo dado da sensação ou percepção imediatas..." (CASSIRER, op cit)

As sociedades humanas antigas tinham nas suas mitologias um riquíssimo instrumento de interpretação do mundo. O mito passou a ser, porém, objeto indispensável, reduzido a um universo "fantasioso" que não condizia mais com o poder do pensamento racional desenvolvido no iluminismo.

Com a condenação do mito, se condenam também todos os símbolos sagrados a ele atrelados. Para Cassirer, no entanto, a dessacralização incessante do homem moderno alterou o conteúdo de sua vida espiritual, mas não conseguiu romper com as matrizes da sua imaginação, de modo que todo um "refugo mitológico sobrevive nas zonas mal controladas".

De fato, o mito continua vivo em muitos espaços de representação. As culturas tradicionais são exemplos nítidos desse apelo ao "refugio mitológico". Segundo Eliade, essas sociedades concebem o mundo que as cerca como um microcosmo, que tem seu limite num domínio desconhecido, não familiar.

Para Cassirer, cada nova "forma simbólica" - não apenas o mundo conceitual do conhecimento científico, mas também o mundo intuitivo da arte, do mito ou da imagem - significa uma revelação do interior para o exterior, uma "síntese de mundo e espírito".

O imaginário como teia de configurações do real

"... No desenvolvimento imanente do espírito, a aquisição do signo realmente sempre representa o primeiro e necessário passo para o conhecimento objetivo da essência das coisas".

CASSIRER (2001)

Quando falamos em representação, estamos nos referindo necessariamente a um conceito totalmente ampliado da simples leitura imediata da matéria através da função sensível. De acordo com Cassirer, a representação somente se realiza na medida em que se deixa para trás o mundo imediato das impressões sensíveis, sendo que os conceitos construídos pelo conhecimento, têm o intuito de organizar a experiência sensível de acordo com determinadas leis. Essa organização se dá mediante uma "energia autônoma do espírito", uma força formadora de significados do fenômeno e não de simples expressão deste.

"Assim, em toda parte e em todas as esferas, é através da liberdade da atividade espiritual que o caos das impressões sensoriais se dissipa e começa a adquirir formas claramente

delineadas". (CASSIRER, 2001)

A organização assim estabelecida não tem caráter individual, mas se personifica como configuração de grupo social. O imaginário pode ser movimentado por um trabalho autônomo do indivíduo, mas sua constituição necessariamente passa pelo intercâmbio de imagens e símbolos. Cassirer aponta para a pretensão de objetividade e valor do sistema de símbolos para uma dimensão social:

"Todos eles transcendem o âmbito dos fenômenos da consciência meramente individuais; diante dos mesmos, pretendem estabelecer algo universalmente válido".
(CASSIRER, *op cit*)

O sistema de representação construído não se mantém, porém, imutável. As representações são reconstruídas a cada novo processo reflexivo que evoque as imagens e significações registradas na memória.

No processo de determinação da função simbólica da consciência, segundo Cassirer, a fixação que é conferida ao conteúdo através do signo lingüístico, da imagem mítica ou artística, aparentemente não ultrapassa, num primeiro momento, o estágio da retenção deste conteúdo na 'memória', ou seja, de sua simples reprodução. Para recordar determinado conteúdo, é necessário que antes, e não apenas pela via da sensação ou da percepção, a consciência tenha interiorizado este conteúdo, sendo que cada reprodução encerra um novo estágio de reflexão.

"Na medida em que a consciência não o considera simplesmente como algo presente, mas o imagina como algo

passado, porém não desaparecido para ela própria, ela cria uma nova 'relação' com este conteúdo e, ao fazê-lo, atribui a ele e a si mesma uma 'significação' ideal modificada". (CASSIRER, 2001)

Façamos um parêntese para então apontar o papel da dialogicidade na configuração das representações. As formas simbólicas partilhadas pelos sujeitos de um grupo social qualquer podem ser reconstruídas a partir da evocação reflexiva de significados. O diálogo, sendo um catalizador de novas reflexões, representa a origem indireta de transformações no sistema de representação social.

O imaginário sobre a água - diálogo entre a experiência de Thoreau e as idéias de Bachelard.

"Um campo de água deixa transparecer o espírito que paira no ar. Está continuamente a receber da altura vida nova e movimento. É por sua natureza o intermediário entre o céu e a terra". (THOREAU, 1984)

"A água é o sangue da Terra. A vida da Terra. É a água que vai arrastar toda a paisagem para seu próprio destino". (BACHELARD, 1997)

A obra de Bachelard *A água e os sonhos* consegue expressar com muita riqueza a profunda interação que existe entre o ser humano e a água. Vai buscar nas profundezas do pensamento humano, um intrincado sistema de imagens e representações que fazem dessa relação uma configuração um tanto

mais complexa do que nos daria qualquer análise freudiana.

"A água não é apenas um grupo de imagens conhecidas numa contemplação errante, numa seqüência de devaneios interrompidos, instantâneos; é um suporte de imagens e logo depois um aporte de imagens, um princípio que fundamente as imagens. A água torna-se assim, pouco a pouco, uma contemplação que se aprofunda, um elemento da imaginação materializante". (BACHELARD, op cit)

Buscamos o desenvolvimento dessa idéia no presente trabalho, pela importância fundamental que tem o bem natural mais valorizado na região de nosso estudo - a água. Toda a discussão das relações do ser humano com seu ambiente para a condição de nosso estudo, passa necessariamente pelo contato com a água, que confere uma beleza cênica invejável ao local, justificando o registro de um intenso fluxo de visitantes, em busca do encantamento que esse componente exerce.

A água, para Bachelard, é um constante estimulante da imaginação humana, tendo sido objeto de sustentações mitológicas e de importantes simbolismos fundamentados ao longo de toda a história da humanidade. Também Thoreau dedica grande parte do seu relato a descrever o fascínio que o lago *Walden* exercia sobre si e sobre os pescadores que freqüentemente o visitavam, tecendo descrições belíssimas de sua experiência desse contato. Tentemos, pois, unir a experiência de Thoreau com a análise da água de Bachelard, para tecermos um campo de reflexões dos relatos dos atores da presente pesquisa, que exporemos adiante.

Começemos por demonstrar a importância atribuída por Thoreau à água:

"Talvez na face da terra não haja nada de tão belo, puro e imenso como um lago... É um espelho que nenhuma pedra pode estraçalhar, cujo dourado a Natureza repara continuamente; nem tempestades, nem poeira podem embaçar-lhe a superfície sempre nova..." (THOREAU, 1984)

Thoreau chama a atenção para a continuidade da coluna d'água, para uma capacidade extraordinária de manter o equilíbrio, de retomar sempre sua harmonia. O lago aceita totalmente as interferências, expressando uma profunda maleabilidade, porém tem o poder de inabalavelmente retornar à sua paz original:

"Nem um peixe salta, nem um inseto cai no lago sem que isso seja relatado em círculos concêntricos, em linhas de beleza, como se fosse o constante jorrar de sua fonte, o suave pulsar de sua vida, o arfar de seu seio. As vibrações de alegria e de tristeza não se distinguem. Quanta paz nos fenômenos do lago!" (THOREAU, 1984)

Outra imagem forte apresentada por Thoreau é a de flutuabilidade que a terra ganha quando envolvida pela água. Ao mesmo tempo em que sustenta a terra, a água a faz livre, a faz flutuante, lhe confere leveza.

"Instalara-me à margem de pequeno lago... Sempre que eu o olhava, o lago me parecia uma mancha d'água na parte mais alta da encosta da montanha (...) e, ao nascer do sol, eu o via despindo-se de suas roupas noturnas de névoas, e aqui e ali, gradativamente se revelava sua suave ondulação... Este pequeno

lago tornava-se um vizinho dos mais valiosos nos intervalos das pequenas tempestades de chuva de agosto... É bom ter um pouco de água na vizinhança, a dar sustentação à terra e fazê-la flutuar.” (THOREAU, op cit)

A água é receptividade. É a constante aceitação de mistura com outros elementos, mesmo quando essa mistura significa envolvê-los totalmente, fazê-los perderem-se em sua grandeza.

“Nos crepúsculos cálidos, sentava-me amiúde no barco a tocar flauta, e via a perca, que eu parecia ter encantado, rondando a meu redor enquanto a lua passeava no leito do lago cheio de ondulações e semeado com detritos da floresta.” (THOREAU, op cit)

Na água, a lua se espelha e até o som da flauta parece penetrar e se perder no seu encantamento.

Thoreau conta que tinha o hábito de pescar em noites muito escuras e, juntamente com seu companheiro, acendia uma fogueira à beira d'água. Ao acabarem a pescaria, lançavam tições incandescentes bem alto no ar e desfrutavam o prazer de verem-nos caindo no lago e sendo envolvidos pela água com um “ruidoso silvo”. E eis o fogo se entregando ao poder d'água que se oferece em uma imagem de profunda beleza.

Para Bachelard, a água também se mostra envolvente, suprema:

“...Nunca será demais insistir, para a compreensão da psicologia do inconsciente criador, nas experiências da fluidez, da maleabilidade. Na experiência das massas, a água surgirá

claramente como a matéria dominadora.”(BACHELARD, 1997)

Bachelard destaca a importância da ilusão de mobilidade proporcionada pela água, como um caminho para o devaneio. A mobilidade da água estimula a fluidez da imaginação, superando o materialismo inspirado pelas coisas sólidas.

“Por falta de deformação das formas que nos permite ver a matéria sob o objeto, o mundo se dispersa em coisas díspares, em sólidos imóveis e inertes, em objetos estranhos a nós mesmos. A alma sofre então um déficit de imaginação material. A água, agrupando as imagens, dissolvendo as substâncias, ajuda a imaginação em sua tarefa de desobjetivação. Proporciona um tipo de sintaxe, uma ligação contínua das imagens, um suave movimento das imagens que libera o devaneio preso aos objetos.”(BACHELARD, op cit)

A contemplação da mobilidade da água além de gerar a sensação de paz, coloca o ser humano em contato com o belo. De acordo com Bachelard, o mundo refletido é a conquista da calma e o repouso sempre reconstitui as imagens perturbadas, construindo o belo: “Perto do riacho, o mundo tende à beleza...”.

Thoreau descreve o belo que o lago Walden lhe mostra:

“A mata não apresenta cenário melhor nem de mais nítida beleza que quando vista do centro de um laguinho em meio às colinas que se levantam à beira d'água, porque a água em que se espelha proporciona nesse caso o primeiro plano ideal, e a costa sinuosa, sua fronteira mais natural e aprazível... Ali na praia teceu a Natureza uma cercadura vegetal onde o olhar se eleva

gradativamente dos arbustos rasteiros até as árvores mais altas...Um lago é o traço mais belo e expressivo da paisagem."
(THOREAU, 1984)

Para SCHOPENHAUER (2001), "a contemplação estética apazigua por um instante a infelicidade do homem ao desprendê-lo do drama da vontade... Contemplar não é opor-se à vontade, é seguir um outro ramo da vontade, é participar da vontade do belo, que é um elemento da vontade geral... A natureza nos força à contemplação".

A água não fornece somente um espetáculo de imagens, mas também de sons. As águas cantam ao receber a primavera do Walden. Thoreau diz que ao ir morar nos bosques, um dos atrativos que o estimulava era a oportunidade de assistir à chegada da primavera, quando o viajante passava animado pela música de "milhares de murmurantes córregos e arroios, em cujas veias corre o sangue do inverno que eles vão carregando".

Bachelard também ouve as vozes da água e atribui aos seus sons, assim como às imagens, o povoamento do devaneio.

"Os regatos e os rios sonorizam com estranha fidelidade as paisagens mudas... As águas ruidosas ensinam os pássaros e os homens a cantar, a falar, a repetir..." (BACHELARD, 1997)

Bem poderíamos evocar Thoreau quando lemos em Bachelard:

"O sonhador que vê passar a água evoca a origem lendária do rio, sua fonte longínqua. Há um evemerismo potencial em todas as grandes forças da natureza". (BACHELARD, *op cit*)

Passemos à evocação do sonhador do Walden:

"É bem possível que sucessivos povos tenham bebido, contemplado e sondado suas águas, e enquanto eles se extinguíram, as águas permaneceram verdes e transparentes como sempre. De modo algum uma fonte intermitente! Talvez naquela manhã de primavera em que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, o Walden já existisse a dissolver-se em suaves chuvas primaveris acompanhadas de neblinas e ventos meridionais..." (THOREAU, 1984)

Há uma idéia de extensividade da água que parece atingir, muitas vezes, o limiar do mistério, dimensão que se conecta instantaneamente ao imaginário. Para Bachelard, esse aspecto é suficiente para marcar o contemplador de uma água que vê nascer e crescer em toda parte.

"A fonte é um nascimento irresistível, um nascimento contínuo. Imagens tão grandiosas marcam para sempre o inconsciente que as ama. Suscitam devaneios sem fim". (BACHELARD, 1997)

E, da contemplação de Thoreau, também nasce o conhecimento da relação do oculto da água com a criação de ricas simbologias:

"Sobre o fundo, ou melhor, a falta de fundo deste lago, consta-se uma porção de histórias que certamente por sua vez não tem fundamento... Sou grato por este lago ser profundo e puro para servir de símbolo. Enquanto os homens acreditarem

no infinito, alguns lados serão tidos como insondáveis".
(THOREAU, 1984)

Pensamos, a essa altura, que a congruência entre o relato de Thoreau e as reflexões de Bachelard está bastante evidente. Das observações feitas, destaquemos, a título de síntese, os principais aspectos compartilhados: a forma como a água se destaca dos demais elementos; a água como motivador da imaginação; a capacidade de manutenção do equilíbrio; a geração do belo e da sensação de paz; a receptividade e miscibilidade envolvente; a maleabilidade e a sonoridade. Todos esses elementos estão comumente estampados no relato do sonhador e na reflexão do filósofo.

Outras imagens da água no ensaio de Bachelard

Bachelard destaca além dos aspectos já apresentados, importantes simbologias que o consciente humano mantém sobre a água.

A água é objeto da valorização da pureza, uma das maiores valorizações do pensamento humano. É também, por sua natureza dominadora, por vezes violenta, objeto a ser dominado.

Os rumores das águas assumem com toda naturalidade as metáforas do frescor e da claridade. "As águas risonhas, os riachos irônicos, as cascatas ruidosamente alegres encontram-se nas mais variadas paisagens literárias" (BACHELARD, 1997).

Pensemos no porque da busca constante que o ser humano empreende para ter contato com água. A sensação prazerosa de imersão não estaria, em análise, associada a quaisquer dessas simbologias apresentadas por Bachelard?

A importância da purificação através do batismo na grande maioria dos rituais religiosos, a sensação de limpeza e frescor de um mergulho numa tarde clara de verão; o prazer de experimentar a maleabilidade da água, sua total receptividade e envolvimento do nosso corpo; a alegria do valente dominador na figura de um navegante no mar em fúria ou, por fim, a quietude do simples contemplador. Múltiplas formas de interação, todas elas trazendo em comum a comunhão de um forte instinto hidrofílico e o poder de um imaginário consistente.

Outras descrições da experiência de Thoreau

A percepção de água em Thoreau, assim como teoricamente a de qualquer outro elemento natural, depende desde diferenças físicas de perspectiva quanto dos múltiplos fatores, digamos espirituais, que direcionam o olhar. Dessa forma, a contemplação não se dá sobre uma situação determinada, invariável, mas sobre um quadro dinâmico.

"As águas (...) têm pelo menos duas cores, uma quando vistas à distância, e outra, quando vista de perto. A primeira depende mais da luz e imita o céu... O Walden, ainda que observado de mesma perspectiva, ora é azul, ora é verde..."

(THOREAU, 1984)

A percepção busca na imaginação os elementos que a visão própria não pode alcançar.

"A borda do lago é irregular o bastante para não ser monótona. Tenho em mente o trecho oeste recortado de profundas baías, o do norte mais abrupto e escarpado, e o do

...sul formando um lindo leque de sucessivos promontórios que se sobrepõem uns aos outros sugerindo inexploradas angras entre eles". (THOREAU, op cit)

Thoreau teve a oportunidade de conviver com o homem local, pessoas que tinham histórias a contar e teceu, a partir de tais histórias, as considerações sobre as transformações que começavam a ocorrer naquele ambiente.

No contato com velhos que costumavam freqüentar o lago há anos, conseguiu identificar indicativos de uma extensão muito maior de floresta circundante, além de outras particularidades, como a riqueza presença de patos, de outras aves aquáticas e de águias. Diziam haver, na praia, uma canoa de madeira que não sabiam a quem pertencia e um cofre de ferro, que em certas ocasiões flutuava até a praia, mas que desaparecia quando alguém ia em sua direção.

De sua própria experiência, o autor resgata a percepção de transformação da paisagem:

"Lembro-me de ter visto, ao olhar pela primeira vez a profundidade dessas águas, troncos imensos e numerosos jazendo no fundo; mas hoje em dia desapareceram por completo. Quando pela primeira vez remei nas águas do Walden, o lago era totalmente cercado de pinheiros altos e espessos... Agora, desaparecidos os troncos de árvores no fundo, as velhas canoas de madeira e os escuros bosques ao redor..." (THOREAU, 1984)

No processo de transformação, Thoreau destaca a perda de algumas

características relacionadas com a história do local:

"Surpreendi-me ao descobrir que circunda o lago, mesmo na margem onde a vegetação cerrada tem sido recentemente abatida, uma vereda estreita com jeito de plataforma (...) provavelmente tão antiga como a raça dos homens aqui, gasta pelos pés dos caçadores aborígenes, é ainda hoje pisada inadvertidamente pelos atuais ocupantes da terra. O solo ornamentado das mansões que um dia aí se construirão pode vir ainda a conservar seu rastro". (THOREAU, op cit)

Lamenta ainda o comportamento dos habitantes do povoado, que vêm no lago apenas uma possibilidade de canalização de água para suas casas, tendo perdido todo o sentido de prazer do contato com ele. "Uma água que deveria pelo menos ser tão sagrada como a do Ganges!".

Simbolismos da água em Eliade

A mesma imagem apresentada por Bachelard como símbolo da purificação é apresentada por Eliade:

"Em qualquer grupo religioso que se encontrem, as águas conservam invariavelmente sua função: elas desintegram, eliminam as formas, 'lavam os pecados', são ao mesmo tempo purificadoras e regeneradoras". (ELIADE, 1991)

Contudo, a imersão não se relaciona apenas com a purificação, mas com a regressão ao pré-formal, a reintegração no modo indiferenciado da pré-existência, justificando a simbologia do renascimento associada à emersão.

Segundo o autor, o cristianismo instaurou nova valorização religiosa das

águas, ligando-a definitivamente à virtude de santificação no sacramento, quando Deus é invocado para tanto. O 'velho homem' morre pela imersão na água e dá origem a um novo ser, regenerado. Na água se personifica a figura do Espírito Santo santificador e saciador da sede.

"Os padres da Igreja não deixaram de explorar certos valores pré-cristãos e universais do simbolismo aquático, enriquecendo-os até mesmo de significados inéditos, relacionando-os ao drama histórico de Cristo". (ELIADE, op cit)

Ao buscarmos a reafirmação do pensamento no registro bíblico, encontramos várias referências ao poder da água. O próprio Cristo se submeteu a esse poder ao buscar no Jordão o batismo e sugeriu o simbolismo do espírito de Deus e da fonte da vida eterna:

"Da Galiléia foi Jesus ao Jordão ter com João a fim de ser batizado por ele". (Mt 3, 13)

"A água que eu lhe der virá a ser nele fonte de água viva que jorrará até a vida eterna". (Jo 4,14)

Eliade concorda também com Bachelard, ao desapropriar a água da solidez das formas, colocando a imersão como momento de participação nessa dissolução formal, atrelando a emersão à representação da *reconfiguração* de novas formas.

Aprofunda ainda mais nesse imaginário quando trata a água como a soma universal das virtualidades, como reservatório de todas as possibilidades de existência, precedendo toda forma e sustentando toda criação.

A ausência da água - a simbologia do deserto

Com a mesma intensidade simbólica que a água se destaca do pensamento cristão, o que parece ser a sua antítese, a secura e monotonia do deserto também ganha expressão. Foi nele que Cristo passou os momentos de solidão, onde foi tentado pelo demônio logo depois da purificação na água.

BACHELARD (1997) faz uma análise do significado da imensidão na imagem do deserto, invocando as descrições de Philippe Diolé, grande explorador de diferentes ambientes, especialmente os subaquáticos. A diversidade de imagens do deserto é unificada na profundidade do espaço interior.

"Diolé faz-nos viver um drama de imagens, o drama fundamental das imagens materiais da água e da seca. Enquanto descreve seu caminho pelo deserto, dizia encher de água o espaço, o que lhe bastava para humanizar aos seus olhos um mundo de uma secura repugnante". (BACHELARD, 1997)

Enquanto a água nos trás o prazer, a leveza, a purificação, a seca nos dá a sensação de morte, de sofrimento. A hostilidade aos ambientes secos não está embasada apenas no incômodo gerado pelas condições físicas, mas por toda uma construção imaginária que faz deles o lugar das tristezas, do mal. "Encher de água" o deserto, é devolver-lhe a fluidez, a dinamicidade e a suavidade e as forças do bem.

Síntese e encerramento da primeira parte

Traçamos esse caminho reflexivo com o intuito de, primeiramente, solidificarmos nosso conceito de percepção e acabamos por dar atenção

especial ao tema imaginário. Entendemos claramente de onde se originou essa espontaneidade no direcionamento das nossas idéias.

Falar de percepção ambiental é falarmos da relação do ser humano com o mundo. Há diversas formas de perceber o mundo, desde aquela revestida com o manto da sacralização, até aquela ancorada no arcabouço cientificista dominador. Essas formas se revelaram ao longo da história do pensamento humano no meio da diversidade das diferentes civilizações e acabaram por se dicotomizar no idealismo e no realismo-materialismo. Porém, o que procuramos mostrar é que, historicamente, nenhuma delas se restringiu ao racional. Milenarmente, a interação do ser humano com o mundo é marcada pelo imaginário. Define-se, portanto, o campo de reflexão onde ancoramos a realidade de nosso estudo. Quando falarmos em percepção, estaremos falando mais do que os conceitos que as pessoas têm do seu lugar, do seu mundo, mas das imagens com que o povoam.

PARTE II

Contexto

Cap. 1. O espaço geográfico da
pesquisa

Cap. 2. Procedimentos Metodológicos

Cap.3. Histórico

Cap.4. Desenvolvimento temático e
apresentação dos dados

Cap.5. Considerações sobre a análise

Capítulo 1. O ESPAÇO GEOGRÁFICO DA PESQUISA

O município de Jardim localiza-se a sudoeste do estado do Mato Grosso do Sul, fazendo parte do Complexo da Bodoquena, uma região turística composta de cinco municípios, que abrange o Parque Nacional da Serra da Bodoquena. Tem uma área de 2207,6 Km², limitando-se com os municípios de Guia Lopes da Laguna, Porto Murtinho, Bonito, Bela Vista e Ponta-Porã. Está localizada a 248 Km da capital do estado, Campo Grande, tendo uma malha rodoviária de 355 Km, sendo duas rodovias federais e três estaduais (Fig. 1).

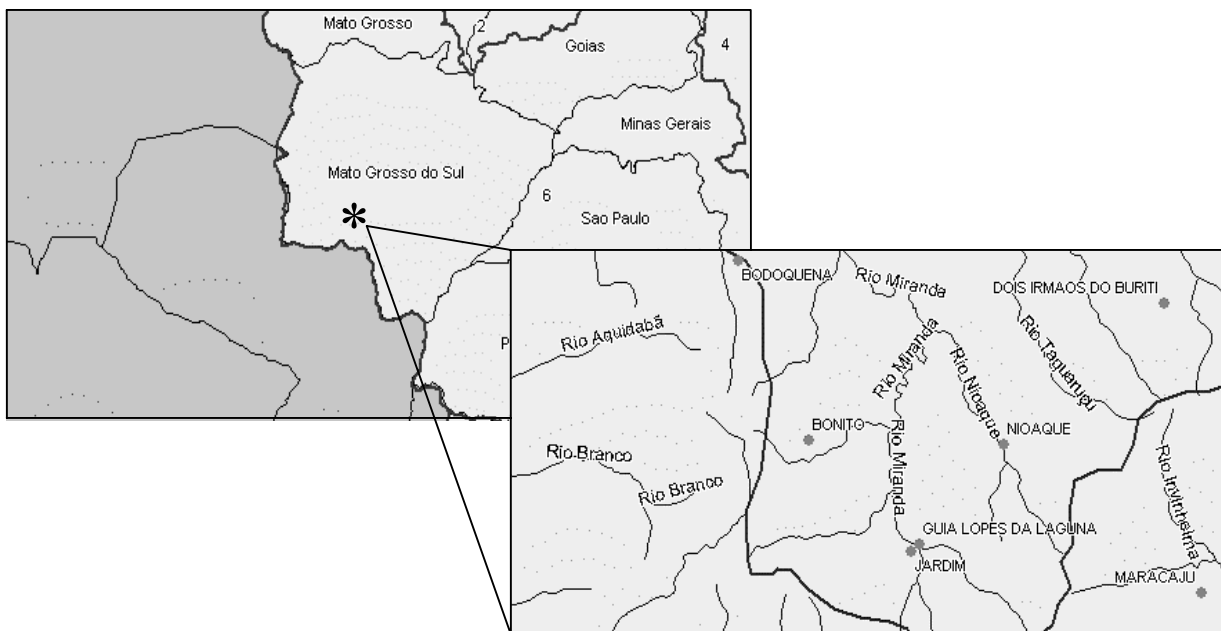


FIGURA 1. Localização de Jardim (Fonte: www.hidroweb.ana.gov.br, modificado)

Jardim possui uma população atual de 20570 habitantes, 18377 na zona urbana e 2193 na rural. Na década de 80 houve um processo de êxodo rural, tendo se elevado sensivelmente a taxa de urbanização. O movimento de expansão da atividade turística no campo, dentro das modalidades de

ecoturismo e turismo rural, fez com que se desse um retorno às propriedades rurais da região.

Em termos de infra-estrutura, Jardim tem uma estação de tratamento de água, captada do Rio Miranda, e 89 Km de rede de abastecimento, que garante o atendimento de 100% da população. Quanto ao esgoto, porém, a cidade conta com rede somente em parte dos bairros centrais, sendo o sistema mais usado o de fossa séptica domiciliar. Conta com uma pequena usina de triagem do lixo, onde se processa reciclagem de material orgânico em adubo e prensa e aterro do material inorgânico. A coleta atende a 90% dos domicílios e representa cerca de 25000Kg/dia.

O território de Jardim pertence à Bacia Hidrográfica do Rio Paraguai, Sub-bacia do Apa, Miranda e Aquidauana, sendo cortado pelos rios Perdido, Miranda, Verde, das Velhas, Roncador e Rio da Prata.

A Bacia do Rio da Prata (Fig. 2, Anexo I), rio cristalino nos municípios de Bonito e Jardim (MS) ocupa uma área irregular ao redor de 1.261 km² (estimativa preliminar, OLIVEIRA e COMAR, 2000), a sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul, fazendo parte da sub-bacia do Rio Miranda, inscrita Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai (BAP).

O Rio da Prata divide os municípios de Jardim, ao Sul, e Bonito, ao Norte, sendo que a grande parte da bacia pertence ao município de Jardim. Esta bacia descreve um triângulo com seu vértice Leste nas coordenadas geográficas, 21° 30' S e 56° 45' W, seu vértice Norte, nas coordenadas 21° 15' S e 56° 15' W, e seu vértice Sul, nas coordenadas 21° 37' S e 56° 17' W, aproximadamente.

As cabeceiras do Rio da Prata nascem na extremidade meridional da Serra da Bodoquena, região de alta biodiversidade, e o rio pode ser

considerado um corredor biológico, facilitando a migração de espécies vegetais e animais entre a serra e o Rio Miranda.

A área está dentro de uma região cárstica, que se caracteriza por possuir hidrologia rica em cursos subterrâneos, rios cristalinos, em base principalmente calcária, e formas específicas, provenientes da combinação de um alto grau de solubilidade do pacote rochoso e uma porosidade bem desenvolvida. Trata-se de um ecossistema bastante frágil, com respostas às intervenções antropogênicas comumente mais rápidas e dramáticas que em outros tipos de terrenos (LABEGALLINI, 1996).

Assim como Bonito, Jardim tem como principal segmento social a pecuária bovina, que ocupa a maioria das propriedades rurais. Essa atividade exige a substituição de cobertura vegetal que, associada à elevada susceptibilidade à erosão dos solos e à intrincada rede de drenagem, causa uma intensa degradação. O intenso movimento de acesso de animais e de pessoas ao leito dos córregos e rios é fator determinante de processos erosivos e de assoreamento.

Alguns impactos negativos de atividades antrópicas têm sido detectados na área, como a mudança na qualidade da água, que está perdendo sua cristalinidade característica. Excursões e sobrevôos de pesquisadores da UEMS às cabeceiras e em diferentes pontos do rio têm confirmado as suspeitas de severos danos ambientais ao longo do seu curso, tais como: plantações de arroz em áreas de banhados naturais, perto das cabeceiras, as quais têm funções de retenção e filtragem das águas; ausência de mata ciliar devido à implantação de pastos e lavouras; assoreamentos em pontos de bebedouros do gado e descaracterização da mata ciliar original por comunidades de bambu, entre outros (Figs. 3, 4, 6 e 7, Anexo I).

Essa descaracterização da área tem implicações diretas no crescimento econômico da região e na qualidade de vida da população, já que sua principal potencialidade é o turismo que depende da preservação das características do ecossistema. Além disso, as atividades agropecuárias não somente causam impactos negativos como também não conseguem absorver toda a mão de obra disponível.

Estudos na região

Os estudos referentes à ecodesenvolvimento no Mato Grosso do Sul são poucos, a despeito da sua importância derivada da presença de várias áreas de preservação. Existem atualmente alguns trabalhos sobre a atividade turística e as transformações dela decorrentes.

Destacam-se os estudos realizados pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA). Dentre eles, o diagnóstico sócio-ambiental da Bacia do Rio Formoso, situada na porção central do município de Bonito, realizado com a finalidade de subsidiar a elaboração de projeto de conservação da biodiversidade e de controle da degradação ambiental. O trabalho contou com a participação dos representantes dos diferentes segmentos da sociedade na discussão de alternativas de atividades econômicas que permitissem a compatibilização de objetivos sociais e ecológicos.

O estudo revelou uma nítida crise do setor agrícola na região e a transição para o turismo. Os autores indicam a necessidade urgente de se promover diálogos a fim de evitar conflitos entre os envolvidos nas duas atividades e de garantir a preservação das condições ambientais.

A evolução da atividade turística é, de fato, um fator de impacto importante quando não há um planejamento adequado. ARAÚJO (1999) estudou o desenvolvimento turístico no município de Corumbá/MS e destacou, entre os impactos antrópicos na região, a pesca predatória e a especulação imobiliária. Entre as estratégias sugeridas pela autora para minimizá-los está a organização social e a educação ambiental de todas as pessoas envolvidas na atividade, principalmente ecoturística, como os proprietários de pousadas, agentes de turismo, comunidades indígenas, pilotos de barco e guias locais.

LABEGALINI (1996) realizou um estudo de caso na Gruta do Lago Azul, município de Bonito, com objetivos de identificar o grau de impacto da visitação turística no local e detectou a necessidade de intervenção e melhoria das condições físicas e do planejamento da atividade. Segundo o autor, o turismo melhora a renda *per capita*, exige melhores níveis de ensino e integração cultural, podendo alavancar o desenvolvimento regional. Porém, deve ser uma atividade monitorada para evitar impacto negativo, com a inclusão de atividades de educação ambiental antes, durante e após a construção de qualquer obra e envolvendo munícipes, operadores de turismo e turistas. Neste contexto de transformação das relações sociais em um local onde o ambiente natural apresenta-se como potencial turístico, faz-se necessário refletir sobre a necessidade de medidas concretas de regulação do uso deste ambiente, e a EA aparece como uma forma de despertar a valorização desse uso.

Capítulo 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Local e sujeitos

As atividades foram desenvolvidas no município de Jardim/MS, na área urbana e na área rural, ao longo do Rio da Prata.

Na zona rural, os atores estão representados por 7 proprietários, 5 administradores e 10 moradores das fazendas, totalizando 22 indivíduos, sendo que dois deles contribuíram com depoimentos sobre o histórico de desenvolvimento da região.

A população urbana foi amostrada intencionalmente, no intuito de se garantir a representatividade de vários segmentos sociais (professores, membros de associações, líderes religiosos, trabalhadores, donas de casa e estudantes). O número de sujeitos da cidade foi de 40 atores. Dentre eles, 9 professores, 9 alunos, 10 representantes de bairro, 5 líderes religiosos, 7 pessoas ligadas ao histórico da cidade.

O início dos trabalhos com cada participante foi feito com a coleta dos depoimentos pessoais. Seguiu-se a explicação das outras técnicas de coleta (identificação de fauna e flora, série de imagens e coleta de mapas mentais). No caso das pessoas eleitas para o estudo da história de desenvolvimento local, pelo próprio interesse centrado num tema, restringimos o procedimento à coleta de depoimentos pessoais. Sempre que nos ficou evidente o incômodo dos participantes quanto a alguma técnica, dispensamos sua aplicação. Dessa forma, alguns participantes contribuíram apenas com depoimentos e outros apenas algumas das técnicas. Da amostra geral de 62 participantes, entre moradores rurais e urbanos, 45 pessoas deram depoimentos, 36 construíram mapa mental, 44 participaram da técnica de série de imagens, 41 da série de identificação de fauna e flora e 16 deram apenas depoimentos.

Nível da pesquisa e de envolvimento do pesquisador

HIRANO (1979) estabelece níveis de interpretação que caracterizam diferentes enfoques de uma pesquisa, sendo: indicativa, onde o conhecimento obtido só mostra a existência de um fato; descritiva, se descreve o fato e o caracteriza; mensurativa, se o caracteriza quantitativamente; explicativa, se busca as suas origens e o porquê de sua manutenção. A presente pesquisa pretendeu atingir o nível explicativo dos fatos.

A pesquisa foi conduzida no modelo participante, dentro da conceituação e caracterização de BRANDÃO (1987) e aceitando a diferenciação colocada por THIOLENT (1987) da pesquisa-ação. Entende-se, nessa diferença, que na pesquisa-ação, a coleta é conduzida concomitantemente ao tratamento dos problemas detectados pela comunidade, enquanto que na pesquisa participante, é facilitada pela inserção na comunidade, sendo que os dados podem subsidiar ações futuras.

Inserção para coleta de dados

O trabalho de coleta foi realizado por equipe da qual participavam três acadêmicas do curso de Turismo da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, duas delas orientadas de iniciação científica. As estagiárias acompanhavam todos os depoimentos direcionados por mim e conduziam a aplicação das outras metodologias (mapa mental e série de imagens).

Queremos destacar abaixo um fragmento do diário de campo utilizado na pesquisa que fornecem informações sobre o cenário que se formou no início da pesquisa.

Diante da dificuldade em detectar pessoas-chave nesse início de trabalho, decidi buscar na prefeitura, além de documentos, indicações de pessoas relacionadas com o histórico da cidade. Mantive contato com o secretário, senhor José Inácio, que foi muito atencioso e me deu uma série de indicações, e um livro, de sua autoria, sobre a cidade.

Meu segundo contato foi muito enriquecedor. Busquei na catedral da igreja católica as referências dos bairros, inclusive os periféricos e de seus representantes, já que eles, na sua maioria, são também participantes dos movimentos pastorais. A primeira pessoa que tive a felicidade de conhecer foi Da.Cândida. Prontificou-se a ser voluntária no projeto e foi quem, juntamente com D.Geralda, nos levou para conhecer as outras pessoas do bairro e a comunidade São Francisco.

Fomos a uma reunião na comunidade São Francisco, da semana da família. Eles haviam se reunido todos os dias da semana, desde segunda, para conversar, rezar e partilhar um jantar preparado pelas mulheres da comunidade. Nesse dia era a vez dos jovens conduzirem a reunião. Acabamos auxiliando em algumas atividades, inclusive animando com música alguns momentos. Foi uma oportunidade ótima de interagirmos e conhecermos outras pessoas... O encontro relatado foi o primeiro de muitos que se seguiriam. Fomos aceitos com extrema receptividade.

Preocupados com a representatividade dos outros segmentos sociais que pretendíamos alcançar no trabalho, começamos a busca de pessoas relacionadas com o histórico da cidade e com a comunidade rural.

Os contatos na zona rural foram projetados a partir da posição estratégica ao longo do Rio da Prata e possibilitados por indicações dos próprios moradores urbanos, do centro de informações turísticas do município e de acadêmicos do curso de Turismo, que mantinham contato com administradores dos atrativos nas fazendas.

A inserção na comunidade, como pode se perceber, foi bastante facilitada pela receptividade do povo. O fato de se tratar de uma cidade pequena permitiu que as pessoas com quem havíamos conversado nos colocassem em contato com outros atores, já que a maioria deles são conhecidos. O encontro relatado no fragmento do diário foi o primeiro de muitos que se seguiriam. Fomos aceitos com extrema receptividade. Fizemos algumas reuniões com todo o pessoal e, pouco a pouco, passamos a conviver de perto com alguns deles. D. Jacinta, Sr. Waldomiro, Tereza, Marta, Sandra e suas famílias nos proporcionaram momentos maravilhosos e abriram suas casas com muita naturalidade. Casamentos, festa do laço, churrascos, pasteladas beneficentes, foram momentos de interação constantes e de extrema importância para o desenvolvimento do trabalho.

Depois dos contatos iniciais e da inserção na comunidade, começamos a fazer as coletas de dados, que quase sempre eram conduzidas de forma bastante espontânea. A equipe mantinha sempre um lista de temas que precisavam ser abordados pelos participantes e, eventualmente, intervinha nas falas no sentido de atingir o assunto desejado. Os temas incluíam relação com o lugar, hábitos e costumes, qualidade ambiental, lembranças sobre mudanças da paisagem, motivos da migração para Jardim, desejo de migrar para outras regiões e problemas sócio-ambientais.

Perfil dos atores

Os atores que deram depoimentos sobre o histórico da cidade eram velhos que participaram da fundação da cidade, ou que para lá migraram no início de sua história, e filhos de fundadores.

Os representantes de bairros são pessoas extremamente simples, com disponibilidade para o trabalho comunitário, que foram bastante solícitas em participar da pesquisa. Apontam freqüentemente as dificuldades dos bairros e manifestam desejo de atuarem em ações de mudanças. Podemos constatar isso com maior clareza nos fragmentos de diário que segue.

Da. Geralda mora no bairro Vila Angélica II com o pai, o marido, um irmão adulto excepcional, duas filhas e uma sobrinha. Surpreendeu-me ao dizer que "o lugar pobre aqui é melhor que na cidade grande, onde eles vivem apertados e não tem um lugar pra plantar nenhum pezinho de nada". Mostrou-se satisfeita com seu quintal, onde existe uma variedade de frutas e verduras, sendo que sua casa ocupa uma pequena parte do terreno... Da. Geralda diz ter muita vontade de tocar uma horta comunitária, apesar de achar difícil despertar o compromisso de dela cuidar da maioria das pessoas do bairro. Ficou entusiasmada por ter ganho um saco de adubo orgânico no centro de triagem do lixão, que tivemos a oportunidade de juntas visitar. Acredita na força das receitas tradicionais para curar doenças, como o emplasto de argila, que já indicou para várias pessoas nas suas visitas como membro da pastoral da saúde. Não planeja deixar seu bairro, mas acha que deveria ter mais oferta de emprego no local.

O contato com a Da. Cândida e a D.Geralda traz mais que informações. Elas emocionam pelo espírito solidário, pela simplicidade e por característica de altruísmo que muito pouco encontramos em nossos cotidianos. Dias depois dos nossos primeiros encontros, Da. Geralda conseguiu detectar uma área perfeita para a horta comunitária. Foi ela também quem nos deu um dos primeiros depoimentos e se emocionou muito durante a fala. Acredita que cada pessoa tem uma ligação forte e indestrutível com a natureza. As expressões que manifesta dá total credibilidade às suas falas e, em muitos momentos as lágrimas escorreram livremente ao falar de seu afeto pela terra e pelos companheiros... Em uma outra visita, D.Geralda nos recebeu com flores na sala e disse que o objetivo era fazer do nosso encontro um momento feliz porque a flor alegria o ambiente. Rosinhas brancas panhadas no quintal onde cultiva, junto a um belo pomar, várias espécies de plantas medicinais que servem em seus cuidados com as famílias que atende. Da. Cândida não consegue imaginar a vida sem o contato com as pessoas, sem a doação aos próximos. Não consegue conceber lazer, qualidade de vida e alegria sem partilha, movimento, presença. Sabe dos problemas ambientais que atingem sua comunidade, mas não os associa diretamente a condições de desenvolvimento inadequado. Apesar disso, aponta a necessidade de conscientização ambiental no bairro, revelando-se uma atora potencial para ações de sensibilização.

A partir dessa fase inicial da pesquisa, notamos que poderíamos adotar uma certa plasticidade em nossa relação com os atores, abdicando do tradicional rigor das amostragens metodológicas. Dessa maneira, oportunizamos o contato com pessoas que não constavam inicialmente na lista de atores e que não foram necessariamente apresentados por membros da comunidade, como ocorrido no exemplo a seguir.

Dois sujeitos novos na pesquisa. Por questão de segundos, não perdemos a oportunidade de conhecer essas pessoas tão importantes para a pesquisa. Vimos um casal de velhos sentados sob um grande árvore, 10:00 hs da manhã, tomando uma cervejinha... Não resistimos. Paramos, nos apresentamos e... Fomos cativadas. Sr. Assir tem uma disposição fantástica e D. Manoelinha uma serenidade invejável. Marcamos um outro dia para continuarmos conversando. Sr. Assir diz ser muito feliz, se orgulha da família unida, do amor de D. Manoelinha (Tati), com quem vive há mais de 50 anos. Parece muito verdadeiro, conhece muito da história da cidade, tendo participado da formação de várias associações.

O mesmo procedimento que nos permitiu uma integração favorável no ambiente urbano foi adotado na zona rural.

Começamos fazendo o levantamento das fazendas às margens do Rio da Prata e outras onde existissem atrativos turísticos. Incluímos a propriedade onde se concentram nascentes do rio. Algumas tivemos que visitar por diversas vezes pra viabilizarmos o trabalho com proprietários, administradores e funcionários.

Detectamos um interesse na preservação da região, principalmente nos administradores de propriedades com atrativos, o que facilitou nosso trabalho, uma vez que reconheceram na nossa proposta uma oportunidade de pensarem e manifestarem suas expectativas quanto ao desenvolvimento local.

Destacamos, a seguir, impressões que nasceram do contato com os atores da área rural, procurando refletir a importância que tiveram no contexto de nossa pesquisa.

Domingo. Fantástico esse dia! Amanheceu nublado e receei ir para a fazenda como planejado. Achei que valia a pena tentar. Fomos à fazenda do Sr. Assis e D. Virgilina (Balneário do Assis) e ao Balneário Municipal. Procuramos o Sr. Izol, o Ramão e o Moisés... O Moisés pareceu um pouco formal e disposto a responder perguntas mais relacionadas à estrutura do local... Em algum momento, comentaram sobre o meu violão que tinham visto no carro e o Moisés disse que tocava. Ficamos lá durante toda a tarde ouvindo o Moisés tocar e cantar músicas regionais e composições de sua autoria, incluindo a homenagem ao Rio da Prata e ao Pantanal... De alguma maneira, falou mais que poderíamos perguntar. E a tarde passou voando! Voltamos para a fazenda da D. Virgilina, onde conversamos até tarde e acabamos por pernoitar, já que ela nos ofereceu pouso.

Passo do Curê... O Jorge foi muito atencioso com a gente e nos deu seu depoimento na roda de tererê... Jorge deixou sua cidade natal para passar férias em Jardim. Até hoje não saiu mais. É uma pessoa perfeitamente integrada com o meio e nos revela um desejo de ver a região preservada. Conta que tem tentado recompor a mata ciliar do Rio da Prata em sua propriedade e estimula os vizinhos a fazerem o mesmo. Tem um hábito interessante de fazer filmagens das belezas naturais do lugar e do comportamento dos animais, com quem tem uma afinidade especial. Chama os micos que o visitam eventualmente por nome e passa horas contemplando o Rio da Prata. Foi muito bom esse contato. Ele nos conduziu até a Lagoa Misteriosa.

Próxima parada: Buraco das Araras... Não dá pra descrever... Não vai dar pra levar para o papel o que vivenciamos aqui. Sr. Modesto é quem nos recebe, como recebe cada um dos turistas que chegam, e encanta com sua simplicidade. Falamos durante algum tempo com ele e sua família, sentados sob as árvores repletas de araras vermelhas... As seriemas chegavam até bem pertinho e o papagaio voando sobre nossas cabeças interrompia nossas conversas. Voltamos diversas vezes a esse lugar, e a cada vez, o senhor Modesto nos falava com a mesma emoção e humildade que são características próprias suas.

Procedimentos de coleta

1) Traçar perfis dos anseios que motivaram essa ocupação e relacioná-las com os comportamentos no uso dos bens, buscando nos depoimentos, aspectos da mudança de paisagem local

Foi adotada a técnica de análise documental, na qual buscamos documentos relacionados aos registros históricos do município que continham informações sobre a ocupação da área e a origem dos povoadores, como as obras publicadas: Mato Grosso Km.0 de CONSTANT (1993); Jardim, 30 anos de história, de SANTOS (1980), "Reminiscências - nascimento e vida de Cyrillo Camargo Carvalho Braga", autobiografia (não publicada); "Município de Jardim", de Rita Carmem Braga Lima (não publicado).

Foram utilizados também depoimentos pessoais, além de mapas e fotos de satélite para caracterização da ocupação do solo.

2) Conhecer a percepção que os envolvidos têm sobre a relação entre ser humano e meio ambiente

3) Levantar indícios toponímicos revelados em aspectos de suas histórias de vida que permitam entender sua relação com o ambiente local

A técnica utilizada para se atingir esses objetivos foi o levantamento de depoimentos pessoais, conforme definições de QUEIROZ (1988), associado à observação participante, conforme indicado por FERNANDES (1955).

O início do relato oral foi precedido da explicação do objetivo do trabalho e do motivo de escolha do sujeito, a declaração de respeito ao anonimato, quando solicitado, e o pedido de autorização para gravação.

4) Registrar aspectos da vida cotidiana dos envolvidos, de suas falas e ações, que revelem valores e posturas com relação ao uso dos bens e o que os fundamenta, principalmente no que tange ao componente água

A observação seguiu as indicações de LÜDKE & ANDRÉ (1986), sendo o pesquisador um "observador participante", revelando desde o início da pesquisa sua identidade e os objetivos do estudo.

De acordo com o que sugere MINAYO (1994), ao registro das observações em diários de campo foi adicionado o registro visual, na forma de fotografias.

O registro no diário de campo compreendeu, sempre que possível: descrição dos sujeitos; reconstrução de diálogos (palavras e gestos); descrição de locais; descrição de eventos especiais, das atividades e comportamentos; ações e conversas do observador.

5) Detectar indicadores de qualidade ambiental, a partir da percepção dos envolvidos, que servirão para nortear os diálogos posteriores sobre o planejamento de ações de gestão

Para esse levantamento foram utilizados mapas mentais e série de fotografias.

Inicialmente foi solicitado do sujeito um desenho (mapa mental) do ambiente ideal para se viver, como sugere TUAN (1980), na tentativa de detectar características do ambiente ideal. Os símbolos foram acompanhados, sempre que necessário, de anotações explicativas.

As séries de imagens - fotografias - têm sido utilizadas em vários estudos de valoração da paisagem. As preferências paisagísticas podem revelar indicadores de relações topofílicas e de qualidade ambiental a partir da

percepção dos sujeitos. Nesse estudo, foi utilizado o método de identificação de preferências paisagísticas pela coleção de séries de fotografias, seguindo orientações de MORENO (1998). Os sujeitos selecionaram entre as fotos contrastantes apresentadas, as de sua preferência e dando a justificativa de escolha. As séries destacaram os seguintes aspectos:

contraste entre ambiente natural e ambiente construído; dentro do qual se destacou:

- contraste entre residência no ambiente rural e no ambiente construído;
- contraste entre áreas de lazer no ambiente natural e no construído;

contraste entre presença ou ausência do componente água;

contraste entre configurações do relevo (acidentado e plano).

6) Reunir os conhecimentos que a população tem do seu entorno, levantando suas referências sobre a fauna e a flora local, considerando-os indícios também de topofilia

O saber popular sobre a biodiversidade local é importante na medida em que permite uma adequação da linguagem ao cotidiano dos sujeitos nos momentos de intervenção.

A estratégia para coleta de informações consistiu da apresentação de uma série de fotos da fauna e flora local, solicitando a identificação e informações livres, das quais foram resgatadas relações etnobiológicas e o conhecimento sobre inter-relações ecológicas.

Análise do material coletado

As informações coletadas nos relatos orais e entrevistas transcritas foram submetidas à análise de conteúdo, seguindo as indicações de BARDIN (1977) e GOMES (1994).

Segundo BARDIN (*op cit*), a análise de conteúdo visa obter através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens.

A análise de conteúdo foi feita a partir da sistematização de fragmentos de relatos agrupados em categorias associadas aos seguintes elementos: ligação com o ambiente; biofilia; topofilia; qualidade ambiental; mudança de paisagem e consciência preservacionista. As categorias determinadas na análise de cada elemento foram sempre associadas à afirmação ou negação da relação:

- Ligação com o ambiente - interatividade ou aversão;
- Biolifia - filia, fobia ou indiferença;
- Topofilia - filia, adaptabilidade ou aversão;
- Qualidade ambiental - associação com características do ambiente natural/rural ou com infra-estrutura dos ambientes urbanos;
- Consciência preservacionista - citação ou não de problemas ambientais, crítica de modelo de uso dos bens ou ações para preservação.

Os mapas mentais foram submetidos à detecção dos símbolos, elementos associados ao ambiente ideal, tomando como exemplo os trabalho de ALVES (1996) e MAROTI (1997).

A análise dos dados coletados das séries de imagens não foi feita da forma quantitativa tradicional, mas através de levantamentos de categorias a partir das preferências reveladas nos contratos, da seguinte forma:

Quadro I. Categorias da análise das séries de imagens

Tipo ambiente	contratos	Categorias possíveis
Paisagem	urbano x natural x rural	Ambiente natural Ambiente natural ou baixo nível urbanização Ambiente natural, ocasionalmente urbano Ambiente urbano Ambiente urbano, ocasionalmente natural
Moradia	diferentes casas em diversos graus urbaniz.	Casa simples no campo/isolamento Casa simples em cidade pequena Casa grande no campo/isolamento Casa grande em cidade pequena Casa grande em cidade desenvolvida/ isolamento ocasional
Lazer	lazer em ambientes	Natural

	urbanos e naturais	Natural, ocasionalmente urbano Natural, com alguma infraestrutura Urbano, ocasionalmente natural Urbano
Presença de água	diferentes ambientes com e sem água	Interação positiva Interação negativa
Relevo	plano x acidentado	Plano Acidentado Indiferente

Apresentação sintética dos dados analisados

As estratégias citadas para as coletas estão dentro de categorias metodológicas baseadas no **ouvir** (relatos orais), **observar** (observação participante) e no **perguntar** (entrevista, associações livres, mapas mentais, séries de fotos). Essa variação permitiu a triangulação metodológica proposta por WHITE (1977) e LÜDKE & ANDRÉ (1986).

A apresentação dos dados foi sintetizada individualmente, e posteriormente agrupadas em grupos de representantes dos diferentes segmentos sociais, com os seguintes componentes: análise de conteúdo das entrevistas (fragmentos de relatos); categorias estabelecidas a partir das preferências paisagísticas; elementos captados dos mapas mentais associados à qualidade ambiental e considerações sobre o nível de conhecimento da fauna e flora local. Os quatro primeiros fatores se agrupam posteriormente na análise das relações topofílicas, sendo que o último oportuniza as discussões

sobre biofilia. Essas relações podem ser mais bem compreendidas através do organograma exposto na Fig. 8 que segue.

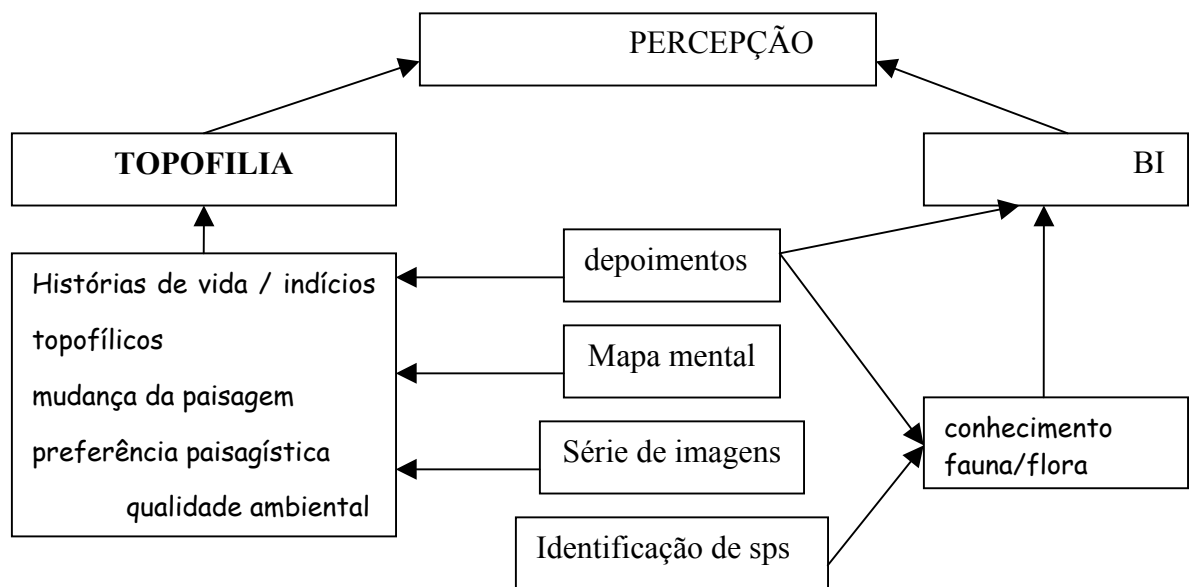


FIGURA 8. Organograma representativo dos instrumentos metodológicos

Todas as análises estão apresentadas no anexo I, ficando restritas ao corpo do texto as discussões pertinentes ao nosso objeto de estudo.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Relatos orais - depoimentos pessoais e histórias de vida no estudo da percepção

"Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente". (BOSI, 1994)

O grande desenvolvimento das técnicas estatísticas, em fins dos anos 40, relegou para um segundo plano os relatos orais por estarem ligados à influência da subjetividade do pesquisador. O questionário passou a ser uma técnica recomendada e, portanto, mais utilizada na medida em que fornecia dados objetivos.

Há poucos anos, no entanto, o relato passou a ser novamente empregado por vários cientistas sociais como alternativa às técnicas puramente quantitativas. Segundo QUEIROZ (1988), as técnicas quantitativas reduzem a realidade social à aridez dos números enquanto que o relato oral encerra a vivacidade de sons, a opulência de detalhes, a quase totalidade dos ângulos que apresenta todo fato social.

O que se busca quando se gera oportunidades para que as pessoas relatem seus conhecimentos e experiências é o esclarecimento de relações entre indivíduos num grupo, numa camada social, em outras épocas e no presente. Assim se revelam o cotidiano, os tipos de relacionamento, as opiniões e valores, dados que possibilitam a construção de um primeiro diagnóstico dos processos em curso (QUEIROZ, *op cit*).

O relato individual pode ser utilizado para representar a ideologia coletiva, já que nele estão enraizadas as impressões do convívio e do saber comum da comunidade. De acordo com GADAMER (1997), o caso individual não serve simplesmente para confirmar uma legalidade, a partir da qual seja possível, numa reversão prática, fazer previsões mas, mais do que isso, seu ideal é compreender o próprio fenômeno na sua concreção singular e histórica.

"O fundamento para a utilização dessas práticas está não na natureza humana abstrata e atemporal, e sim na relação do

homem com os outros homens, na dupla identidade indivíduo-sociedade, em que o indivíduo se realiza pelo social e o social pelo indivíduo, um é mediação do outro". (KOSMINSKY, 1986).

BECKER (1994) defende o uso dos relatos orais baseado no fato de que para entender porque alguém tem o comportamento que tem, é preciso compreender como lhe parecia tal comportamento, que alternativas resultavam dele; para entender os efeitos das estruturas de oportunidades das normas sociais é preciso encará-las a partir do ponto de vista dos atores. Os relatos orais podem ser úteis tanto na busca de noções adquiridas diretamente por experiência quanto do conhecimento adquirido por outros meios que não a experiência direta.

Nos estudos de processos que apresentem raízes em fatos históricos não registrados, o relato é um instrumento de grande importância. Segundo DEMARTINI (1988), a perspectiva histórico-sociológica na análise de problemas e fatos sociais tem ganho ultimamente muitos adeptos, pela riqueza de informações não só sobre o passado, mas porque estas permitem que se situe os problemas atuais em perspectivas mais adequadas.

A história de vida constitui uma das formas de captação oral (relato oral) de informação. Apresenta semelhanças com os depoimentos pessoais e com as entrevistas. Nas entrevistas, o pesquisador dirige a captação fazendo interferências contínuas, enquanto que nas histórias de vida, o relato contém o que o informante quiser oferecer, sendo a interferência mínima.

Segundo CRUZ NETO (1994), a história de vida permite ao informante retomar sua vivência de forma retrospectiva, com uma exaustiva

interpretação, o que geralmente resulta na liberação de um espírito crítico reprimido que chega na forma de confiança.

QUEIROZ (1988) define história de vida como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo e constitui uma narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativa; através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar.

Quando se deseja coletar da história do informante somente acontecimentos que se inserem no assunto da pesquisa, é mais adequado se utilizar o depoimento pessoal, onde o pesquisador tem maior liberdade de intervir sempre que o narrador se afastar muito do tema central. Ao colher um depoimento, o colóquio é dirigido com sutileza pelo pesquisador. Os depoimentos podem ser curtos diferentemente das histórias de vida que nem sempre se esgota num único encontro (QUEIROZ, *op cit*).

No presente trabalho, dada à especificidade do tema (meio ambiente) e ao tempo disponível para o levantamento de dados, foi utilizado o depoimento pessoal como técnica de captação de informações.

Os registros de relatos orais devem sempre ser feitos nas próprias palavras do sujeito e não na linguagem do investigador (NOGUEIRA, 1977).

Segundo FERNANDES (1955), essa técnica de estudo associada à pesquisa participativa pode apresentar uma grande eficiência, já que os alicerces de uma longa convivência e de uma estima mútua nascida de contatos prévios pode estimular os agentes envolvidos e garantir as confidências no relato oral.

Pesquisa Participante

Nas Ciências Sociais existe uma identidade entre o sujeito e o objeto. Segundo NOAL & MANFROI (1999), a pesquisa nessa área lida com seres humanos e, por razões culturais, de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, tem um substrato comum de identidade com o investigador, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos.

A *pesquisa participante* é uma contraposição à pesquisa tradicional baseada na neutralidade científica desligada das necessidades de transformação social. Está comprometida com a realidade, sempre buscando aliar conhecimento e mudança, e com a interação com os pesquisados respeitando seu saber e seus anseios.

Segundo LeBOTERF (1987), em *pesquisa tradicional*, a população pesquisada é considerada passiva, enquanto simples reservatório de informações, incapaz de analisar a sua própria situação e de procurar soluções para seus problemas. A *pesquisa participante*, por outro lado, procura auxiliar a população envolvida a identificar por si mesma os seus problemas, a realizar a análise crítica desses e a buscar soluções adequadas.

O método surge, conceitual e metodologicamente, no início da década de 80, quando a realidade de um número importante de sociedades latino-americanas se caracteriza pela presença de regimes autoritários e modelos de desenvolvimento excludentes, no aspecto político, e concentradores, no aspecto econômico. Nesse âmbito, se desenvolvem alternativas de trabalho com os setores populares e se delineiam estratégias de incorporação desses na produção e geração de conhecimento (GAJARDO, 1987).

Segundo BRANDÃO (1983), a *pesquisa participante* é criada pelo antropólogo Malinowski, quando afirma no seu diário de pesquisa:

"...eu convivo com os nativos, vivo com eles, como com eles e ando e procuro saber tudo; esse é meu método de trabalho."(BRANDÃO, *op cit*)

No Brasil, Paulo Freire é considerado o pioneiro da pesquisa participante por alguns autores. Segundo suas idéias pedagógicas, a atividade de pesquisa deveria voltar-se para instrumentalização de alternativas de ação visando a mudança social.

DEMO (1995) apresenta como traços da *pesquisa participante*: o autodiagnóstico, entendido como confluência entre conhecimento científico e saber popular; estratégia de enfrentamento prático, a partir do conhecimento dotado de qualidade formal e política; necessidade de organização política da comunidade com base na democracia e na participação.

Alguns autores não fazem qualquer distinção entre *pesquisa participante* e *pesquisa-ação* (DEMO, *op cit*; SILVA, 1986). DEMO (*op cit*) fundamenta sua postura no fato de que o compromisso com a prática é o mesmo em ambos e que, dada à característica política do ser humano, suas ações guardam contexto político maior ou menor.

Outros autores (THIOLLENT, 1987; RICHARDSON *et al*, 1985) fazem essa diferenciação. Segundo THIOLLENT (*op cit*), existem diversos tipos de pesquisa participante e a pesquisa-ação é um deles, mas nem todas as pesquisas participantes podem ser consideradas pesquisa-ação.

O autor vê na *pesquisa participante* a preocupação com o papel do investigador dentro da situação investigada, que estabelece uma relação de confiança com o pesquisado no sentido de melhorar as condições para captação de informação. Por outro lado, a *pesquisa-ação* está centrada na questão do

agir e supõe uma participação dos interessados na própria pesquisa organizada em torno de sua ação capaz de gerar mudanças.

BRANDÃO (1983) se refere à existência de designações diferentes para experiências que têm origem, práticas e preocupações muito próximas, citando: observação participante; pesquisa participante; investigação participativa; pesquisa popular e pesquisa confronto.

Alguns autores, de fato, conceituam *pesquisa participante* tendo como polo de atenção somente a situação do pesquisador. NOGUEIRA (1977) a define como uma situação criada pelo investigador para poder observar certos aspectos da cultura e da organização social sob uma perspectiva mais vantajosa para a pesquisa. RICHARDSON *et al* (1985) conceitua *observação participante* como situação em que o pesquisador não é só expectador mas está ao nível dos outros elementos humanos que compõem o fenômeno observado.

HIRANO (1979) não fala da estruturação teórica, mas denomina técnicas como a *observação direta participante* que prevê a vivência da situação de estudo e utilização de introspecção e auto-análise, contraposta à observação direta, que se resume ao ato de assistir a manifestação do fenômeno.

Essa conceituação superficial de *pesquisa participante* mais voltada para técnicas de facilitação da coleta de informações parece não mais resistir à imposição de vários pré-requisitos, necessários para caracterizá-la, segundo alguns autores. GAJARDO (1987) cita algumas dessas características: explicitação de intencionalidade política e opção de trabalho junto com grupos mais relegados da sociedade; integração de investigação, educação e participação social como momentos de um processo centrado na análise daquelas contradições que mostram com maior clareza os determinantes

estruturais da realidade vivida; incorporação dos setores populares como atores de um processo de conhecimento e sustentação das atividades de investigação e ação educativa que culmine em propostas de ação expressada em uma perspectiva de mudança social.

Segundo BRANDÃO (1987), é necessário que o cientista e sua ciência sejam um momento de compromisso e participação com o trabalho histórico e os projetos de luta do outro, a quem, mais do que conhecer para explicar, a pesquisa deve compreender para servir.

Observação em pesquisa participante - diários de campo

A observação é um método de investigação que varia de acordo com o grau de participação do pesquisador no trabalho. Essa participação, segundo LÜDKE & ANDRÉ (1986) pode ir da imersão total na realidade até um completo distanciamento, podendo inclusive variar durante uma investigação, segundo as necessidades surgidas.

As mesmas autoras separam conceitualmente o "participante como observador" do "observador como participante". O primeiro não oculta suas atividades, mas revela apenas parte do que pretende enquanto que, o segundo revela desde o início da pesquisa sua identidade e os objetivos do estudo.

As observações feitas devem ser registradas de forma descritiva pelo observador, de forma organizada e com seleção de detalhes importantes.

MINAYO (1994) cita o uso do diário de campo no registro de dados como um instrumento a ser utilizado em qualquer momento da rotina de trabalho, para a captação de angústias, questionamentos e observações não obtidas através de outras técnicas. Sugere ainda o registro visual (fotografias

e filmagens) para documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado.

Segundo NOGUEIRA (1977), o diário tem como vantagem permitir o exame retrospectivo para dimensionar os resultados da pesquisa, possibilitar a elaboração de novos caminhos se o alcance não for o desejado, despertar o pesquisador para aspectos que lhe passavam despercebidos, suscitar hipóteses e facilitar a comunicação dos resultados obtidos.

A entrevista e a análise documental

A entrevista tem representado um dos principais instrumentos de coleta de dados.

RICHARDSON *et al* (1985) considera que a melhor situação para participar da mente de outro ser humano é a interação face a face, pois tem o caráter de proximidade entre as pessoas que proporciona possibilidades de penetrar na vida e definição dos indivíduos.

As modalidades de entrevista devem ser adotadas de acordo com o nível de interação do pesquisador com os sujeitos e seu envolvimento com o assunto. A *entrevista estruturada*, com perguntas e respostas pré-formuladas, é indicada se o pesquisador conhece bem a população entrevistada e deseja impor suas questões. Quando o pesquisador precisa de uma flexibilidade e não conhece bem a população, é desejável utilizar as *entrevistas em profundidade* (não estruturada). Segundo LÜDKE & ANDRÉ (1986), *entrevista estruturada* visa a obtenção de resultados uniformes entre os entrevistados, permitindo comparação imediata. O autor indica como opção entre os dois extremos, a *entrevista semi-estruturada*, que se desenvolve a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente.

RICHARDSON *et al* (1985) denomina essa modalidade de *entrevista guiada*, onde utiliza-se um guia de temas no transcurso e sugere a determinação de temas, de aspectos detalhados dos temas que precisam ser aprofundados e de lembretes de alguns itens.

A análise documental pode representar uma técnica importante na obtenção ou complementação de dados qualitativos e é definida como o estudo de um ou vários documentos para descobrir circunstâncias sociais e econômicas com as quais podem estar relacionados, entre eles: documentos escritos, estatísticas, objetos, elementos iconográficos, fotográficos e cinematográficos (RICHARDSON, *op cit*).

LÜDKE & ANDRÉ (*op cit*) consideram os documentos uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Considera como vantagens de seu uso a estabilidade e riqueza da fonte, o baixo custo, a complementaridade de outras técnicas e a ausência de alterações de comportamento advindas do contato com os sujeitos da pesquisa.

Mapas mentais e série de imagens

O mapa é uma forma de linguagem mais antiga que a própria escrita. Povos pré-históricos, que não foram capazes de registrar os acontecimentos em expressões escritas, o fizeram em expressões gráficas, recorrendo ao mapa como modo de comunicação. O mesmo acontece na atualidade com povos primitivos que não contam com um sistema de escrita, mas possuem mapas de suas aldeias e vizinhanças (OLIVEIRA, 1996). Ele revela a representação de um indivíduo sobre a realidade que o cerca acrescida dos valores que ele associa a um ou outro aspecto dela.

Na definição de DOWS & STEA (1977) *apud* ALVES (1996), os mapas cognitivos são processos mentais por meio dos quais pode-se apropriar e compreender o mundo ao redor e também como uma representação pessoal organizada do meio físico.

No presente trabalho, os mapas mentais, associados ao método de valoração por série de imagens, são utilizados na identificação de indicadores de qualidade ambiental, de acordo com a percepção dos indivíduos.

A técnica da série de imagens consiste basicamente na análise de preferências de grupos de indivíduos a partir da projeção de coleções de fotos. Têm sua origem nos estudos de percepção ambiental e, de forma mais específica na necessidade de identificar valores estéticos e emocionais suscitados por diferentes paisagens.

O método de aplicação de série de imagens é interessante pelo fato da visão ser um sentido de grande importância no processo de percepção. Segundo MORENO (1998), o emprego de provas baseadas em estímulos visuais é indicado na investigação sobre a percepção ambiental e a valoração da paisagem.

A consideração da paisagem como um recurso valioso cuja gestão e proteção requer tanto o bom nível de conhecimentos como uma grande sensibilidade, implica completar a aprendizagem da leitura de símbolos com os valores afetivos envolvidos (ALAMO, 1992).

Os trabalhos realizados pelo autor (ALAMO, *op cit*) permitiram várias considerações sobre a valoração de ambientes selvagens e construídos, hidro e zoofilia, tendo subsidiado programas de educação ambiental, que incluíam a utilização das fotos em estudos sobre a evolução paisagística ao longo do tempo e discussões sobre os critérios de valoração das modificações,

interpretação de paisagens locais em trabalhos de campo, além de reconhecimento de elementos históricos e arqueológicos.

HISTÓRICO



“A cidade... Do lado de lá da avenida não havia nenhuma construção.”

“Os postos de luz eram no meio da avenida”

“Quando a gente freqüentava mais era o Rio Miranda, mas hoje mudou muito.”

(Sr. Assir, D. Manoelinha)

Capítulo 3. HISTÓRICO

Histórico da região

A cidade de Jardim nasceu em meio aos acontecimentos advindos da expansão territorial forçada pelo movimento militar, estimulada a partir da Guerra contra o Paraguai em 1865. Difere, dessa maneira, da colonização das demais cidades da região, centrada na campanha getulista de expansão territorial.

Por essa época, onde hoje é a cidade de Jardim, existia a fazenda do pecuarista mineiro José Francisco Lopes que, por ser profundo conhecedor da região, serviu como guia do exército brasileiro na fuga por falta de víveres, a histórica Retirada da Laguna, cujos heróis foram homenageados com a construção do monumento Cemitério dos Heróis, ainda preservado na cidade.

Na década de 30, no batalhão rodoviário do exército, incumbido da construção de estradas de acesso às fronteiras da região, migraram muitos militares, de Aquidauana para acampamentos às margens do Rio Miranda e, posteriormente sob a denominação de Companhia de Estradas de Rodagem (CER-3), para uma área pertencente à Fazenda Jardim, cuja propriedade passara de José Francisco Lopes para Fábio Martins Barbosa.

Os fatos são narrados por Constant:

"Na margem direito do rio, três quilômetros aquém numa meseta bem vasta, estava a estância da família Lopes, que dera o famoso Guia Lopes. Foi ele quem, grande conhecedor da região, evitou a dizimação total dos heróis da Retirada da Laguna, vindo a morrer na Fazenda Jardim". (CONSTANT, 1993)

O autor participou da construção da sede da CER3, em cujo entorno se estabeleceu juntamente com sargentos, cabos e soldados que construía suas casas. Com aproximadamente mil habitantes, a Vila Jardim abrigava duas pensões, uma cantina e pequenos mercados. À época, eram moradores: Cyrillo Carvalho Braga, João Evangelista, Francisco Braz Maciel, Francisco Rodrigues Gonzaga, Nestor Chaves, Nelson Mendes Tavares, Luiz Bertolino da Cruz, Júlio Romeu Mariani, José Francisco da Silva e Anísio José dos Santos.

No centro dos fatos que construíram a história de povoamento da região, está a família Lopes, primeiros migrantes a se estabelecerem na região para o desenvolvimento da pecuária. De acordo com CONSTANT (1993), a região foi beneficiada pela migração de gaúchos, que saíam dos pampas para Oeste, via Paraná, e de paulistas e nordestinos através da Estrada de Ferro Noroeste, que partia de Bauru, interior de São Paulo. Goiás e Minas Gerais também foram estados de onde partiram migrantes que se fixaram na cidade de Jardim.

Em 13 de setembro de 1948, o pequeno povoado nascido à sombra da CER-3, recebia a categoria de distrito incorporado ao município de Bela Vista, status que assegurou até 1953, quando foi constituído o município de Jardim, tendo sido realizada a primeira eleição direta e livre no ano seguinte.

A História, segundo os atores

O Sr. Cyrillo Camargo Carvalho Braga foi um dos fundadores da cidade de Jardim. Fez parte do Batalhão de Engenharia de Aquidauana que veio a ser transformado no Batalhão Rodoviário que construiu as estradas de Bela Vista, vindo a se estabelecer às margens do Rio Miranda, no ano de 1933, onde passou

a Comissão de Estradas e Rodagem (CER-3) em 1945, sob chefia do Major Alberto Rodrigues da Costa.

Tivemos acesso a um depoimento não publicado do Sr. Cyrillo, impresso em 1986, pouco tempo antes de seu falecimento, no qual ele relata testemunho de importantes momentos históricos da região, como o estabelecimento do acampamento inicial do lado direito do Rio Miranda, onde hoje se localiza a cidade de Guia Lopes. A sede do Batalhão foi construída em área da Fazenda Jardim, do lado esquerdo do rio, onde posteriormente foram edificadas as casas dos militares, em lotes cedidos pelo proprietário da Fazenda Jardim.

De acordo com o Sr. Cyrillo, Jardim foi criada como distrito do município de Bela Vista, tendo o Sr. Bernardino Machado da Silva como sub-prefeito. O município foi emancipado politicamente em 1953 pela Lei Estadual 677, tendo como prefeito nomeado Ednardo Corbelino. Na primeira eleição, em 1954, o Sr. Cyrillo Braga foi eleito para a Câmara de Vereadores, juntamente com Osvaldo Monteiro, Fausto Peixoto, Olmiro de Souza e Benedito Farias, tendo como prefeito Bernardino Machado da Silva.

Os filhos do sr. Cyrillo, Ivan e Rita Carmem Braga, nos deram depoimentos, dos quais se destaca a confirmação dos dados coletados na análise documental. Rita nasceu em Campo Grande em 1939 e mudou-se com a família para Jardim quando ainda tinha poucos meses de idade:

"Meu pai era militar e veio pra abertura de estradas que ligassem Aquidauana a Bela Vista e Porto Murtinho, as primeiras estradas de terra, e acamparam primeiro em Guia Lopes, que já existia, e depois decidiram mudar para o lado direito do Rio Miranda, onde hoje é a cidade de Jardim e ficaram acampados

por muito tempo fazendo esse trabalho na abertura das estradas”.

Na finalização do seu relato, deixa bem clara a sua profunda relação com o lugar: “... quando eu falo da minha vida, eu falo da cidade, né? Eu me vejo dentro da cidade”. O irmão Ivan nasceu em Jardim em 1944, um ano antes da criação da cidade: “meu pai era um dos funcionários que estavam acampados aqui em palhoça. Cada funcionário daqueles estava com a sua família, e eu nasci em uma dessas palhoças aí dá fazenda Jardim”. Conta que a família foi a primeira a construir casa:

“Na época tinha um Comandante, o Major Alberto Rodrigues da Costa. Vendo a situação dos funcionários morando em palhoças, ele foi até o proprietário da fazenda Jardim e comprou uma parte de terra para lotear e vender para os funcionários pagarem por mês e o funcionário que construiu a primeira casa de material, ganharia cal, ganharia tijolo. E, como meu pai fez isso, ele ganhou e a primeira casa foi a nossa”.

Ivan reafirma que a vila dependia totalmente da CER-3, de água, de luz, de telefone, fornecimento de alimento, atendimento à saúde.

Da obra publicada *Jardim 30 anos de história*, de SANTOS (1980), confirmamos a descrição do acampamento do exército:

“... inicialmente em barracas e palhoças improvisadas; depois, em casas construídas de estuques, taipa e tábuas, cobertas com folhas de zinco, para a Administração, e em

ranchos de pau-a-pique ou taquara batida, cobertos com palha de bacuri, para os soldados". (SANTOS, 1980)

A descrição é também confirmada pelo Sr. Fausto Peixoto, no depoimento que nos forneceu:

"Vou te contar, quando eu cheguei na CER3, tinha um aramado de lá da Ponte e ia emboca lá na cachoeirinha. Onde é o hospital tinha uma porteira que entrava para a fazenda do finado Fábio Martins Barbosa, tinha casa de estopa e capim, os civis moravam em rancho de Bacuri, o hotel Rio Branco era de tábuas, tinha quatro casas de material só. Nessa rua do posto nacional tinha uma borracharia, quando eu cheguei aqui tinha seis casas só. Era um guaviral só aonde é o centro da cidade..."

O Sr. Fausto, hoje com 78 anos, nasceu numa fazenda em Bela Vista, e veio para a CER-3, depois de ter servido o exército em Ponta Porã e no Rio de Janeiro, tendo ajudado diretamente na construção da cidade, incluindo a edificação da Igreja Santo Antonio e da Escola Coronel Felício. Foi também vereador do município. De acordo com seu relato sobre como se deu a transferência de parte da Fazenda Jardim para a CER-3, antes a área pertencia ao Guia Lopes (Fábio Lopes), depois passou para o Fábio Martins Barbosa, que fez a doação à CER-3, onde se procedeu o loteamento para os funcionários.

Essa transição de propriedade da Fazenda Jardim é melhor esclarecida pelo professor James Jorge Barbosa Flores, filho de família tradicional de Jardim, nascido em 1965, na antiga enfermaria da CER3. Segundo ele, sua mãe Leonor Lopes Barbosa, nascida na fazenda Reforma, atual Ninho Verde, era

filha do segundo casamento de Macaria Lopes Barbosa e Bazilio Bazano Barbosa. Macaria era, por sua vez, neta do José Francisco Lopes. Os Lopes, pioneiros da região de Jardim, era uma família de descendentes portugueses e alemães, migrantes sertanistas de Minas Gerais, da cidade de Piunhí, tendo se estabelecido em MS após passarem pelo interior de São Paulo (Franca). James conta que José Francisco Lopes veio determinado a se casar com a viúva do seu irmão morto por índios, D.Senhorinha, tendo tido cinco filhos, alguns mortos no posterior conflito com o Paraguai. Um dos sobreviventes era João, pai de Macaria Lopes, que firmou a união das famílias Barbosa e Lopes, tendo se casado com Basílio Bazano Barbosa. Fábio Martins Barbosa, que doou as terras para a CER-3 era sobrinho da D. Senhorinha Barbosa. A família Lopes migrou primeiramente para Rio Brillhante, uma área de litígio com os paraguaios, e, depois, para a região sul do estado, onde construiu a Fazenda Jardim, em uma área considerada terra de ninguém, pendente para futura negociação com os paraguaios, que haviam estabelecido o rio Miranda como limite territorial.

"A guerra para ele foi um desastre, levou a morte dos filhos, a esposa foi levada prisioneira voltando anos depois, e como indenização de guerra, o império brasileiro cedeu para D.Senhorinha as terras que compreendem hoje Bela Vista, parte de Caracol, Jardim e Antonio João..."

O depoimento complementa também as informações sobre o povoamento da região. D. Senhorinha, segundo ele, foi vendendo as terras recebidas tanto para famílias paraguaias, que vinham em busca de melhores condições de vida no Brasil, quanto de migrantes brasileiros em busca de terras. A economia na região, por essa época, girava em torno da Companhia Mate Laranjeiras e dos

fazendeiros que haviam circundado as terras da companhia, com intuito de fornecer-lhe animais de tração, carne, o couro para embalar a erva mate, dentre os quais estavam os Lopes, os Barbosas, os Lea, os Loureiros.

"Mais para o final do século XIX, começaram a migrar as famílias gaúchas, os Peixoto, Grubert, Flores, Falcão, e uma infinidade de famílias que vieram do RS, ou por espírito aventureiro, ou fugindo da desgraça política e econômica advinda da derrota na Revolução Federalista, conflito em que reivindicavam o retorno da monarquia".

Sobre a migração gaúcha para a região, reforça:

"O Tomás Laranjeira que montou a empresa era gaúcho, então as notícias da fertilidade da vastidão de terras corriam de boca em boca no RS. Os meus parentes por parte de pai, os Flores e os Cavalheiro, Jacques, migraram da região de São Vicente. As famílias mais abastadas vinham de trem pelo Brasil, as mais pobres vinham de carreta, atravessavam o Rio Uruguai e a região de Pousada na Argentina, que os Argentinos tomaram do Paraguai com a guerra e, posteriormente atravessaram o Paraguai, chegando na região de Ponta Porã. Alí geralmente iam trabalhar na CIA Laranjeiras, os mais instruídos no escritório, motorista, a grande maioria nos ervais."

Os Flores, de acordo com o descendente, viraram carreteiros. Pegavam carretas de erva na região de Ponta Porã, cruzavam pela região que é hoje Bela Vista, que foi uma cidade fundada por conta das linhas de carreta que ia até

Porto Murtinho. James cita a criação, por volta de 1904, de uma linha férrea de vinte e cinco km, de São Roque até Porto Murtinho, que tinha por finalidade facilitar a exploração da erva, evitando assim os constantes atolamentos das carretas: "a locomotiva está até hoje na praça de Porto Murtinho, na beira da rodovia há vestígios do aterro, e até ferros ainda".

No seu relato, destaca-se uma versão muito particular da criação da cidade de Jardim:

"Jardim é quase derivado de Guia Lopes da Laguna. Jardim nasceu por causa de uma falcatrua, uma gambiarra, na era Vargas. Ele queria deixar um Brasil extremamente industrializado e diversificado no setor agropecuário. Para tanto, Vargas havia ajudado o Paraguai na guerra do Chaco, mas ao mesmo tempo, pensou que eles poderiam querer retomar as terras e quebrar o tratado de paz e amizade perpétua. Vargas resolveu guarnecer a fronteira e construir outras; para isso, precisava de um grupamento de exército com conhecimento de engenharia e essa companhia era a CER3..."

O estabelecimento do acampamento no lado estrangeiro do Rio Miranda, considerado divisor de territórios, traria vantagens:

"... perceberam que se eles atravessassem o Rio Miranda, eles estariam numa área de fronteira, e o soudo de todos os militares aumentaria em trinta por cento... Então o comando lá em cima vetou a construção em Guia Lopes, e autorizou o traslado para Jardim, onde ela está atualmente".

Ademar Cosntant foi um dos fundadores das cidades de Jardim e Guia Lopes da Laguna. Trabalhou na abertura de estradas no estado, sendo designado a um pelotão de exploração para a construção da estrada Bela Vista-Porto Murtinho e o prolongamento da via saindo de Aquidauana, passando por Nioaque e Jardim. Destacamos de sua obra *Mato Grosso Km 0*, relatos das experiências advindas desse trabalho, da interação do grupo ao ambiente, a que ele mesmo se refere como "aventura da selva", já que teve que estabelecer marcos paralelos à linha da fronteira seca do Brasil-Paraguai, em meio à vegetação cerrada, passando pelas encostas da Serra da Bodoquena.

CONSTANT (1993) se refere às dificuldades de acesso ao local devido à presença dos caraguatás: "usando foices, soldados e cabos se revezavam matando os caraguatás, verdadeiros ninhos de cobras onde somente tanques de guerra teriam êxito".

Sobre a riqueza de rios da região, o autor relata:

"Nunca vi tantos riachos, tantos córregos, tantos rios, como os existentes nesta parte do Brasil... A bacia hidrográfica estava polvilhada de pequenos e grandes mananciais que ainda não tinham nomes... Todos eles ou corriam para o Apa ou para o rio Miranda". (CONSTANT, 1993)

O autor descrevia o rio Apa como um rio piscoso e de águas frias, que àquela época já estava sendo explorado a tiros de fuzil: "ouviam-se disparos o dia todo feitos por pescadores de ambos os lados".

Relata a satisfação dos acampados ao encontrar frutas como os "milhões de guaviras" e as macambiras (caraguatás) à margem do rio Perdido: "...quanto éramos gratos à mãe Natureza, de pronto, nos mandava aquele doce manjar em

pleno deserto... Selva de doces frutas caídas ali por mãos miraculosas completamente indiferentes ao bem que iria proporcionar ao pelotão e a quantos por ali passavam".

Dois outros elementos de interesse se destacam no relato: a exploração madeireira e a presença das populações indígenas. Sobre o primeiro dizia: "...há extração de quebracho, madeira que fornecia tanino e resinas especiais para a indústria, sendo os alemães os mais interessados no seu aproveitamento". Sobre o índio: "... que mais intrigava era a indiferença do branco pelo índio, jogando com a vida deles como se fossem objetos vis. Já não havia escravatura no sentido literal do termo, mas dispunha-se do bugre para os serviços domésticos ou da mangueira como se fossem objetos".

Outro fator bastante evidenciado na narração é o contato com os animais:

"O rio Perdido corre em ziguezague numa depressão que, partindo das elevações da Bodoquena, procura o rio Miranda na sua parte inferior... De águas muito frias, especialmente quando ao abrigo das florestas; é, todavia, piscoso (...) com abundantes peixes de couro como pintado e outros". (CONSTANT, 1993)

Cita o rio como ninho de sursoris, dada as características das margens e rebojos apropriadas à procriação do réptil.

"... anhuma, pássaro arredio, de canto profundo e forte, capaz de ser ouvido a quilômetros de distância. A anhuma faz ninho no mais alto das árvores ou na cabeça dos coqueiros desfolhados". (CONSTANT, op cit)

Cita também "centenas de garças" e tuiuiús. A associação da imagem dos animais com o belo vem acompanhada do interesse cartesiano gerador de conhecimento e domínio:

"... As atenções do pessoal foram voltadas para enorme rebanho de cervos do Pantanal, que passou a 100 metros do acampamento. Eles pareciam habituados com os seres humanos talvez por nunca terem sido hostilizados, ainda, no seu habitat".

"No acampamento éramos despertados pelo canto estridente das seriemas e dos quero-quero... Os tamanduás-bandeira faziam parte da paisagem, tão numerosos e pacíficos... Selva de fauna riquíssima, ainda estava à espera do naturalista que lhe catalogasse todos os espécimes". (CONSTANT, 1993)

Os caçadores de onça, também denominados zagaieiros, nome associado ao instrumento que utilizavam - a zagaia -, forquilha de madeira bem forte guarneçada por dois dentes pontiagudos, eram contratados pelos fazendeiros da região e tidos como heróis. Relata a experiência de testemunho de uma caça, referindo-se ao animal como "monstro terrível": "Na primeira vez que você não acredita que possa vencer o inimigo tão feroz. Depois, com o passar do tempo e com a repetição do tenebroso encontro, acostumamos..."

Reconstituição histórica do desenvolvimento local - mudança de paisagem

"Não se pode limitar o ser ao presente e ao que está diante de nós. Fazem igualmente parte do ser o futuro, que ainda não existe, e o passado que já não é mais" (HEIDEGGER, 1989).

O ser humano é um ser histórico e isso o diferencia dos outros animais. A história tem expressiva importância na configuração do lugar, na medida em que representa a reconstrução dos fatos na memória do grupo. Para SANTOS (1978), "não há e jamais haverá formação social independentemente do espaço".

Tuan chama a atenção para a dificuldade de retratação de uma região com relação ao indivíduo:

"Uma pessoa é sua biologia, seu meio ambiente, seu passado, suas influências acidentais, a maneira como vê o mundo... A identidade de um lugar é a sua característica física, sua história e como as pessoas fazem uso de seu passado para promover a identidade nacional". (TUAN, 1976)

Segundo BIAGIONI (1992), ainda que o progresso trazido pelas ciências naturais tenha sido revolucionário para a atualidade, ele não possui em si a força, o peso, o valor e a dinamicidade da consciência que o homem tem de sua finitude e da sua total capacidade de compreender que está na história e que, sobretudo, faz história.

A história é a via impressa da maneira do ser humano pôr forma ao mundo. Nela estão registrados os comportamentos em relação ao outro, à natureza, ao tempo e à morte. Para WALDMAN (1994), a modelagem do espaço geográfico, os arranjos dados aos elementos naturais, que o homem encontrou diferentemente dispostos no meio ambiente, resultaram de transformações históricas específicas, traduzindo relações sociais mantidas pelos seres humanos entre si e com a natureza.

Um olhar atento para as características paisagísticas de um lugar pode revelar muito da forma do seu povo ver e representar o mundo. Segundo MERLEAU-PONTY (1999), todas as visões são verdadeiras, sob a condição de que não as isolemos, de que caminhemos até o fundo da história e encontremos o núcleo único de significação existencial que se explica em cada perspectiva.

O desenvolvimento histórico de um lugar é, portanto, reflexo de todas as ações de adequação do ambiente ou de adaptação do ser que o habita. Enquanto a adaptação se associa à preservação do ambiente, a adequação quase sempre origina mudanças de paisagem. Nos relatos dos atores da presente pesquisa, muitos discursos repetem as várias alterações que sofreu a região de Jardim ao longo dos seus poucos anos de existência. Muitos desses relatos são reveladores da sensação de perda de aspectos do meio associados a topofilia. Passamos a enfatizar nesse momento, a história de desenvolvimento local e as mudanças de paisagem dela derivadas.

Em 1947, onde hoje funciona o hospital municipal, existia apenas a porteira de entrada da fazenda dos Barbosa, antiga propriedade dos Lopes. Quem nos retrata a paisagem da época é o Sr. Fausto: "os civis moravam em rancho de Bacuri e o hotel Rio Branco era de tábua... Tinha só quatro casas de material e era um guaviral só onde é o centro da cidade". O sr. Celso também viveu esse momento histórico e testemunhou as casas todas "de palha, de capim". De acordo com Sr. Assis, em 1956 "...Jardim era poucas casas... As casas que tinha era tudo de tábua, tudo de madeira".

De acordo com D. Guilhermina, migrante paraguaia, em meados de 1969, ainda não tinha quase nenhuma estrutura no local: "não tinha rádio, não tinha nada, nem rua de asfalto". Sua casa era uma das poucas construídas fora da área do quartel. Por essa época, a diversão principal era ouvir as histórias

contadas pelos avós, como nos relata a profa. Terezinha. O prof. James também confirma o hábito de ouvir histórias: "...TV não havia, só rádio e a vitrola enorme... Ali eu ouvia estorinhas..." A energia elétrica era fornecida também pela CER-3 através de um gerador que parava de funcionar às dez horas da noite, conforme relatam Leomar e James.

"A água pra lavar roupa eu puxava do poço. Passar ferro era ferro à brasa. Isso lá na cidade, não tinha luz em todas as casas ainda. Costurava com um lampiãozinho a querosene". (D. Virgilina)

Na grande maioria dos relatos, está evidenciada a alteração sofrida pelos cursos d'água da região, especialmente o Rio Miranda. A característica mais evidenciada é a sensível diminuição da quantidade de peixes nos rios.

"Ah! Pesquei muito, tinha peixe, agora diz que só tem sapo lá. Naquele tempo tinha peixe grande mesmo..." (Sr. Fausto)

"...é muito difícil pegá peixe. Antes tinha dourado, pintado, pacu, pirautanga." (profa. Rosana)

"...o rio era fundo pacas, em todo lugar. Hoje dá pra você ver o fundo do rio." (prof. Rivelino)

"Os rios eram bem mais limpos. Depois de uns sete anos abaixou bastante o nível do rio, as margens também. Esses dias eu fui tomar banho no rio e nem entrei porque a água ta muito escura. Não tem nem como entrar, a margem ta totalmente destruída." (Tatiane, aluna)

"Hoje é um outro rio. O desmatamento nas barrancas... Hoje você atravessa o rio, na minha infância você não atravessava o rio". (profa. Rosana)

"Há dez anos atrás eu lembro que a gente ia no rio e a própria mata, o rio era cercado de mata, não tinha desmatamento... O desmatamento foi tão grande e foi desmoronando as barrancas". (Gervásio, repres. de bairro)

"...sem falar no rio Miranda que está todo assoreado e destruído." (Francisco, administ.rural)

"Tinha bastante peixe e todo mundo comia peixe". (sr. Orlando)

Além da queda na população de peixes, é destacada a mudança nas características das águas do Rio da Prata:

"Naquela época tinha peixe, agora diminuiu bastante. Tinha peixe em todo lugar que você andava... Antigamente a água era mais transparente. Quando chovia, a água ficava branca, hoje ela fica vermelha. E demora muito a limpar, antigamente limpava rapidinho". (Jorge, administ.rural)

"Era só mata na beira do rio, tudo campo bruto, tinha mais peixe do que agora". (sr. Izol)

"Ver os peixes quando tinha. Mas agora é difícil. Esse dia eu descí lá e fiquei olhando... Mas que tristeza!" (D. Virgilina)

"Antigamente o Rio da Prata e o Rio Miranda era rico em peixe e hoje é pobre. Você via uma camada por cima da outra de peixe". (Sr. Assis)

Apesar de todas as iniciativas que vem sendo empreendidas para minimizar o impacto sobre a população de peixes dos rios da região, ainda é possível flagrar ações indevidas. Um dos atores denuncia em seu relato a presença constante de pescadores no Rio da Prata, onde a prática é proibida.

A construção de infra-estrutura à beira do Rio da Prata também é citada:

"Aqui no balneário mudou bastante porque eles mexeram na barranca do rio. Não é mais o que era. Antigamente era mais natural". (Jacinta, repres.bairro)

A associação dos impactos ocorridos no local com atividades comerciais, como a agricultura e a pecuária, também aparece nos relatos:

"Eu vi muita caça, muito peixe, vegetação tinha bastante. Estava começando o desmate para pasto". (José Carlos)

"A praia Marli faz parte do Miranda. Ontem eu fui lá e ta tudo acabado. Tem parte que a terra ta toda dentro do rio, lavoura na beira do rio". (Anicézio)

A falta da vegetação nativa é também lamentada por muitos moradores:

"Antes tinha uma casa ali, a outra lá longe. Era bem arborizado, agora só tem construções". (profa. Adelaide)

"O sítio urbano de Jardim mudou muito. O nome Jardim fazia jus, porque naquela época de floração ficava muito linda". (prof. James)

"Jardim já foi destruído sessenta por cento do que era o natural mesmo". (Pastor Oswaldo)

"Aqui era só mato. Onde eu moro a gente vinha caçar tatu... O centro era um trieiro, com um buteco... Tinha o cinema e uma pracinha em frente ao cinema, gruta do lado da igreja e a escola que era o educandário, onde eu estudei muito... Nenhuma das escolas existe mais". (Gervásio)

Outra indicação importante é a da existência de locais de interação entre os moradores: a praça ricamente iluminada, com o coreto e o cinema onde hoje é área restrita da CER-3.

"Em 1952, era aberto, tinha o cinema, tinha as praças com as luminárias" (Sr. Fausto)

As perdas de raízes culturais são lamentadas pelo prof. James em seu relato: "histórica e culturalmente Jardim perdeu muito. Destruíram a pracinha, o antigo cinema..." Segundo ele, muitas discussões aconteciam no cinema, freqüentado pelos jovens que viam nos filmes clássicos do cinema um fator de conhecimento. Os esportes também eram muito praticados: "nos fundos da Escola Cel. Felício, tinha os esportes, os jogos da primavera...".

A falta de preservação histórica é também enfatizada pela D. Rita:

"Eu acho que em toda cidade brasileira o grande problema é a falta de memória e, em Jardim, eles acabaram com a memória. Primeiro que tinha uma escola que foi tradicional e se chamava Coronel Felício, acabaram! Era uma escola tradicional. Um cinema também... A cidade acaba ficando sem memória".

"Tinhas bailes, tinha cinema... Eu ia muito assistir filme. Eu adorava assistir filme. Jardim já teve dois cinemas, mas fecharam". (D. Rita)

A escola Coronel Felício citada pela D. Rita foi um dos primeiros prédios a serem construídos em Jardim fora da CER-3 e está ilustrada na Fig. 9.

BOSI (1994) enfatiza a importância que se deve dar à desconstrução do espaço, colocando que "destruída a parte de um bairro onde se prendiam lembranças da infância do seu morador, algo de si morre junto com as paredes ruínas, os jardins cimentados".

A tranquilidade parece também ter se perdido, apesar de ser uma das características frequentemente associada à qualidade de vida local. De acordo com Advaldo, "era como uma fazenda, um lugar de sentido de você ficar sossegado".

"Jardim era muito calmo. Aqui não tinha nem asfalto, a catedral ali era só mato". (Jacinta)

"Eu gostava da pracinha, reunia os amigos. Agora tá tudo mudado..."(Nedir)

Não só as alterações negativas são lembradas pelos habitantes. D. Fidelina e Sr. Nestos Chaves exibem com orgulho a casa onde moram, uma das primeiras casas construídas fora do espaço da vila militar, que mantém até hoje suas características originais (Fig. 10).

Alguns relatos destacam as melhorias advindas da necessidade de preservação associada ao discurso do desenvolvimento turístico no local. Para o Sr. Modesto, proprietário da fazenda Alegria, onde se encontra o atrativo

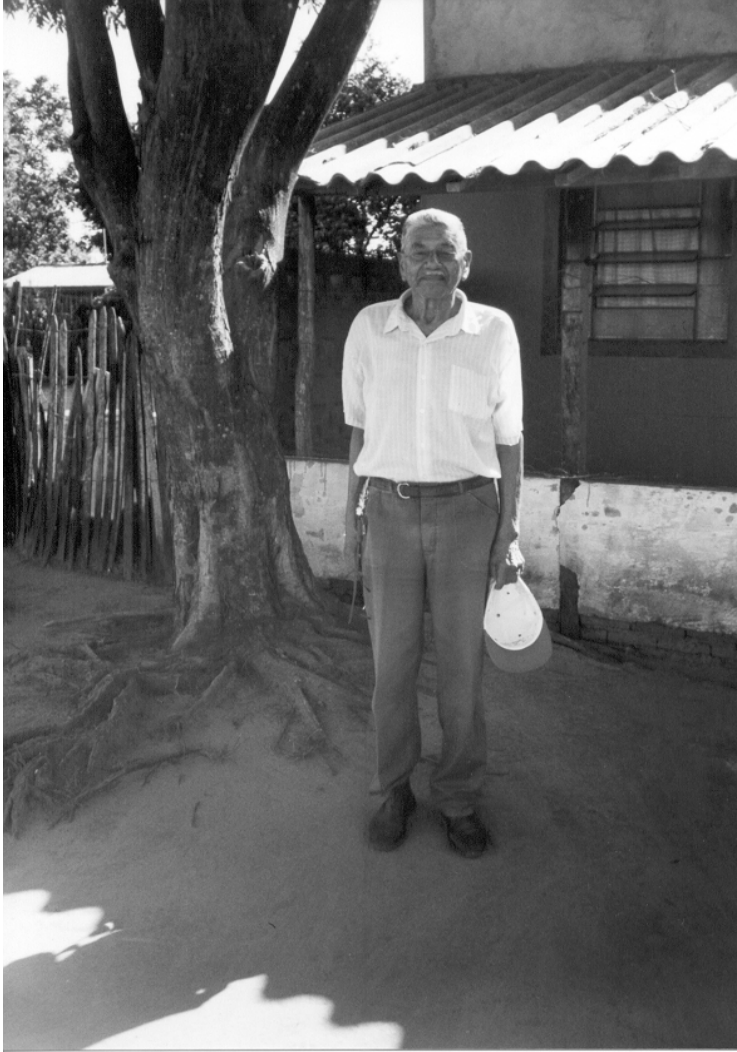
Buraco das Araras, o local melhorou muito, depois que foi impedida a entrada de pessoas que descaracterizavam os detalhes do lugar e lhe atribuíam uma imagem de vandalismo, além de espantarem os animais, principalmente as araras que voltaram à nidificar no buraco depois que passaram a controlar o acesso de visitantes. A mesma percepção positiva é enfatizada no relato do Sr. Anicésio, proprietário de uma área às margens do Rio da Prata, que depois de expressivos impactos, foi reconstituída: *"...essa área aqui era tudo desmatado e a gente ajuda a preservar"*.

A praça, o coreto, o cinema, as flores, as árvores, as fachadas das casas, as águas límpidas e a grande quantidade de peixes do Rio Miranda são todos elementos da memória coletiva dos habitantes de Jardim. As tardes onde se reuniam nas rodas de "tereré" e ouviam histórias da região eram os instrumentos que permitiam manter essa relação nostálgica viva, mas como acontece com a maioria das cidades em desenvolvimento, perderam o sentido diante das modernas tecnologias de informação e lazer. Não obstante, o tempo decorrido da prática freqüente dessas tradições é muito curto e, não raro, se encontra um grupo de pessoas reunido em rodas de "tereré". Há, portanto, um potencial ainda muito iminente de resgate dos elementos históricos e culturais do local. Segundo BOSI (1994), o encontro com velhos faz o passado reviver com o frescor que não encontraríamos na evocação solitária, sendo que muitas de nossas memórias são inspiradas em conversas com outras pessoas e apenas enriquecidas por nossas experiências. Dessa forma, preservar os momentos de diálogo e transmissão oral de tradições e experiências é uma forma de manter viva a memória coletiva e os significados dos fatos históricos e do espaço por eles delineados. A memória coletiva se desenvolve do contato, "dos laços de convivência familiares, escolares, profissionais". Essa memória

coletiva é, segundo HALBWACHS (1990), reinterpretada a partir do mundo de significação que abriga a memória individual.

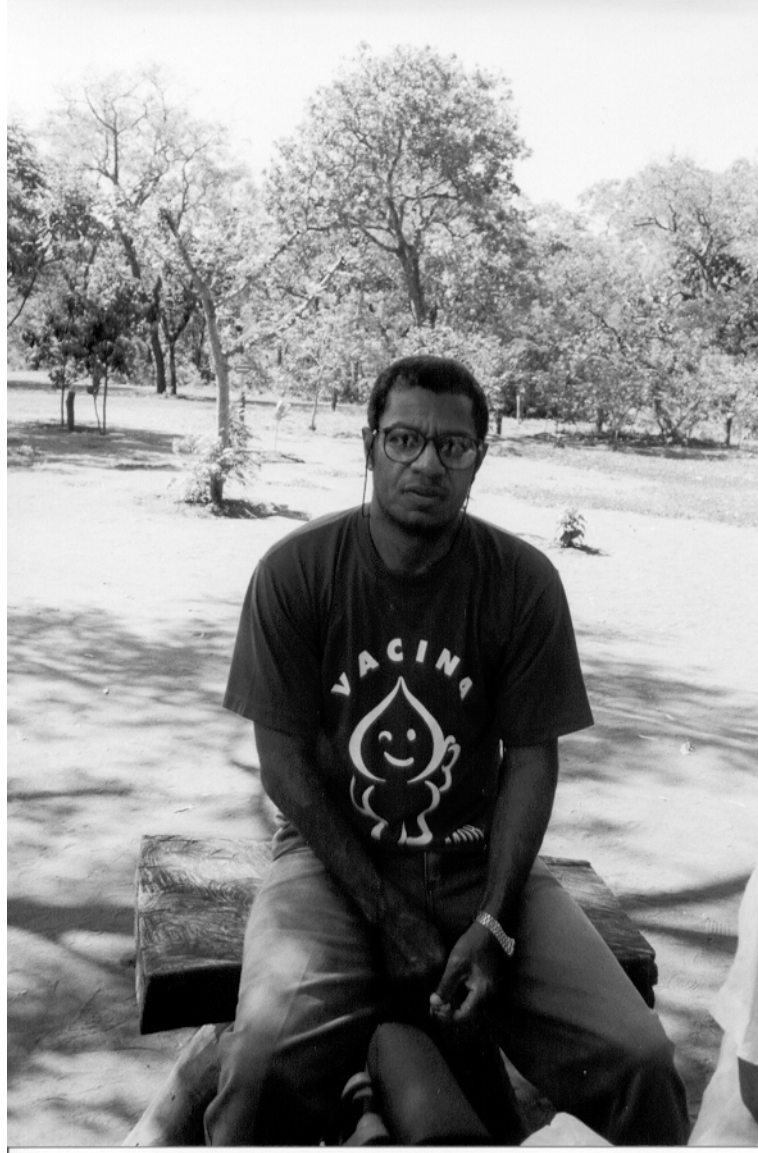
O material do antigo cinema continua a existir, embora fechado no espaço da CER-3. A praça e o coreto, embora modificados, estão lá, porém vazios. Trata-se de dar início a novas práticas de contato, o que representa uma das ações - tardes com contadores de história - que se deve contemplar em programas de educação ambiental no município. Novamente, BOSI (1994) nos estimula a buscar esse resgate, colocando na articulação da comunidade o poder de reconstituição dos cenários perdidos, de maneira que "só a inteligência e o trabalho de um grupo podem reconquistar as coisas preciosas que se perderam, enquanto estas são reconquistáveis", sem o que as suas raízes se perdem inevitavelmente.

MUDANÇA DE PAISAGEM



“Quando começou Jardim, não tinha casa de material, era tudo de palha, de capim.”

*“Eu era solteiro, pegava muito peixe. Agora mudou tudo. A gente fica o dia inteiro e não pega nem lambari. Antigamente jogava linha e pescava peixe.”
(Sr. Celso)*



“Quando mudamos para cá, Jardim era dez anos mais velha do que eu. Aqui era só mato. Onde eu moro a gente vinha caçar tatu, era um matagal só. O centro era um trieiro, com um buteco... Tinha o cinema (onde é o quartel) e uma pracinha em frente ao cinema, gruta do lado da igreja e, a escola que era o Educandário, onde eu estudei muito, hoje o prédio está dentro do quartel. Nenhuma das escolas existe mais.” (Gervásio, representante de bairro)



FIGURA 9. Escola Cel. Juvêncio - primeira escola de Jardim



FIGURA 10. Uma das primeira casas erguidas em Jardim, fora da Vila Militar, onde ainda moram Sr. Nestor Chaves e D.Fidelina, fundadores. A casa guarda as características originais.

Capítulo 4. DESENVOLVIMENTO TEMÁTICO E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Introdução ao quarto capítulo

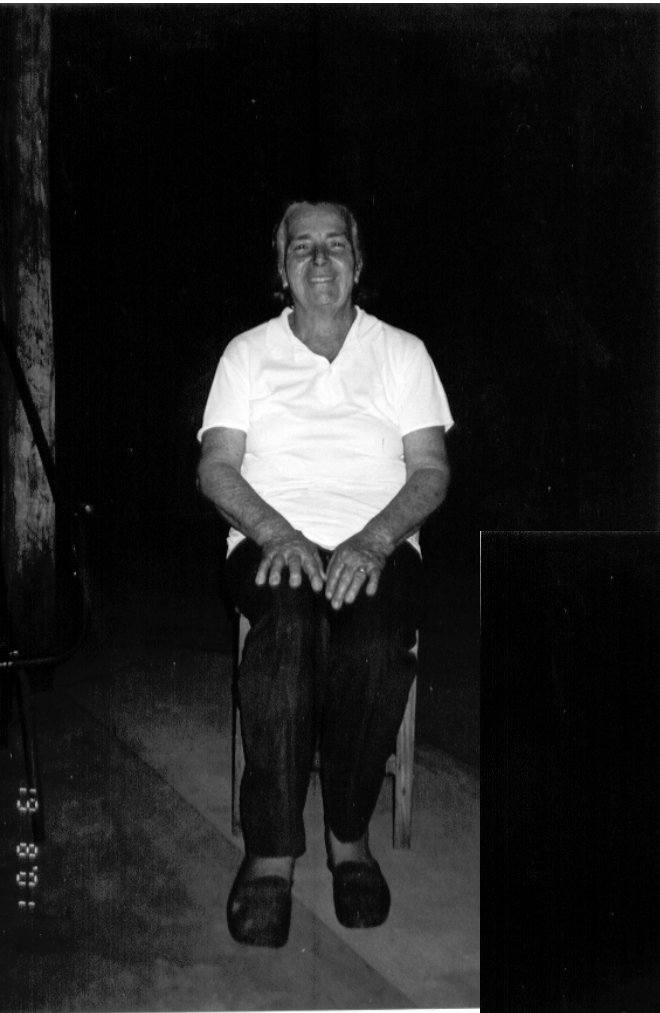
O que dizem os moradores de Jardim de sua interação com o meio ambiente? O que revelam pensar e sentir em suas falas, gestos e ações? Qual imagem carregam do ambiente ideal para se viver? Suas percepções refletem traços topofílicos, biofílicos, nostálgicos?

Passamos agora a demonstrar as reflexões feitas a partir dos dados coletados. Em nenhum momento buscamos uma análise sintética, a fim de evitarmos o risco de reducionismos e engessamentos da complexidade do fenômeno discutido. Dessa maneira, o que muitas vezes parecerá abusivamente descritivo, representará o cuidado de tecer considerações as mais fiéis possíveis dos variados pensamentos e sentimentos incutidos na relação das pessoas com seu meio.

A apresentação será estruturada de acordo com os eixos temáticos que nortearam o estabelecimento dos objetivos e a análise de conteúdo dos depoimentos: interação com o ambiente, topofilia, biofilia, qualidade ambiental, conhecimento de fauna e flora e consciência preservacionista. Por serem metodologias complementares, tanto os resgates dos mapas mentais e as séries de imagens quanto do conhecimento de fauna e flora serão consideradas juntamente com as categorias do discurso, nos tópicos dos eixos temáticos em que se enquadram. A análise do contraste na série de imagens será citada no item topofilia. A identificação de fauna e flora será discutida no tópico conhecimento de fauna e flora e os mapas mentais serão citados em qualidade ambiental.

Usaremos preferencialmente as iniciais dos nomes dos participantes para apresentar suas citações. Em casos excepcionais, adotaremos o primeiro nome, o que nos foi autorizado previamente pelos próprios participantes, pelos destaques enfáticos e pela intensidade de seus relatos.

INTERAÇÃO COM O AMBIENTE



“A gente brincava de esconde-esconde, de caipora... Era cheio de arvoredos!”

“Eu sempre trabalhei na roça, na lavoura... Eu nunca pensei em morar na cidade. Imagino que vou ficar a vida toda aqui.”

(Da. Virgínia)

“Eu tenho que estar no mato. Eu vou pra Jardim já fico chateado, já quero voltar... Eu me criei no mato...”

(Sr. Assis)

Tema 1. LIGAÇÃO COM O AMBIENTE

A análise do elemento temático ligação com o ambiente permitiu destacar as categorias interatividade, por origem ou adaptação, ou aversão. Com exceção de um caso todos os participantes da pesquisa demonstraram estar em relação de interatividade com o ambiente. São, na sua grande maioria, originários de ambientes rurais ou semi-urbanos, o que justifica, a priori, essa relação.

Consideramos condição de interatividade a situação em que os moradores fazem referência à satisfação com o lugar associada a laços afetivos e a momentos de aconchego e interação lúdica cotidiana. A adaptabilidade é definida também pela satisfação com o lugar, sem que haja, porém, os laços afetivos e o enraizamento no lugar.

Nativos e migrantes

A satisfação com o lugar é citada por todos os moradores, nativos e migrantes. Os migrantes de ambientes urbanos revelam adaptabilidade ao lugar, existindo somente um caso, entre os representantes de bairros, de aversão.

Os moradores rurais participantes da pesquisa têm suas origens no campo ou em pequenas cidades interioranas, onde o contato com o ambiente rural se mantém pela predominância de atividades agropecuárias.

Nos depoimentos dados, é possível detectar uma forte interatividade com o ambiente onde vivem e nas citações que evidenciam essa característica é possível detectar também o componente hidrofílico, com exceção de um dos relatos.

"Eu gostava de uma fazenda que eu trabalhava. Passava o rio bem pertinho assim, o Rio Miranda". (WM)

"Já trabalhei em muitos lugares que tinha rio. Quando tem tempo, às vezes vô lá no rio e tomo banho". (ABN)

"Com seis anos, eu gostava de andar à cavalo, de rio..." (IV)

"Ia mais no Rio Miranda. Agora lá onde meu marido trabalha passa o Prata. Lá é gostoso." (NAD)

"Tinha muito rio, brincava na água, ia pra chácara pega laranja..." (AR)

"Sempre tomei conta de fazenda... Rio Miranda passava perto e eu sempre ia nadar". (JJMM, morador rural)

Nota-se, nos relatos, que o modo de vida das pessoas não está determinado unicamente pelas necessidades de sobrevivência atrelada ao campo, mas à um profundo enraizamento no lugar. MJ nasceu na região de Bonito e conheceu o Rio da Prata desde a infância: "... o Rio da Prata eu conheci desde uns doze anos e, esse Passo do Curê ali, ali que passava pra ir a Jardim".

Dos administradores e proprietários contatados, somente dois nasceram em fazenda, mas a grande maioria viveu a maior parte de suas vidas em ambiente rural ou em pequenas cidades, havendo quatro exceções de pessoas com origem essencialmente urbana (Curitiba/PR e cidades do interior de São Paulo, incluindo Campinas/SP). Três deles dizem que a migração tem fundamento essencialmente no desejo de volta ao campo e somente um no objetivo explícito de oportunidade comercial. Podemos notar que todos eles partilham a satisfação com o lugar, mas é possível identificar diferenças sutis

entre uma condição de perfeita interatividade dos nativos e a de adaptabilidade dos migrantes. Vejamos, por exemplo, a seguinte comparação entre citações:

"A gente sofreu demais com a enchente no Pantanal... Que lá tem mosquito, tudo o mais, mas aquilo você gosta dali..." (Sr. Modesto, nativo)

"Me adaptei bem... Eu não sou muito de fazenda. Eu vou lá, resolvo o que tem pra resolver e volto pra cidade". (VV, migrante)

As diferenças experienciais e o componente hidrofílico também são nítidos nos relatos abaixo:

"Final de semana a gente ficava o dia inteiro, nem almoçar nós não almoçávamos. Ficávamos tomando banho". (JLBM, nativo)

"O que eu conhecia de rio? Praticamente nada. Conhecia mar, de ir à praia, mas rio, conhecer essa vida de fazenda..." (FMOJ, migrante)

Os dois moradores acima vivem bem interados com o ambiente rural, sendo administradores de duas fazendas localizadas à beira do Rio da Prata. A relação com o meio de JLMB é uma resposta ao hábito, aos apelos da memória e representa um enraizamento no lugar, enquanto FMOJ reconstruiu suas representações e adaptou-se ao modo de vida local, adaptação reforçada por suas buscas individuais de equilíbrio, harmonia, tranqüilidade, seu retorno arcaico ao campo.

Das pessoas que moram hoje nos diferentes bairros representados, apenas uma tem origem urbana (CPS), de cidade de médio porte, coincidindo com o único caso detectado de aversão ao lugar. As demais são de ambiente rural, da região de Jardim ou de outras localidades. É natural encontrar esse quadro, uma vez que é muito recente a migração de pessoas de centros urbanos maiores em função do desenvolvimento da atividade turística na região. Sendo a atividade pecuária a que movimentou maior número de investimentos, é compreensível que o perfil da maioria dos seus moradores seja de pessoas originárias de ambiente rural. As citações dos representantes de bairro revelam a profunda identificação com o campo:

"Brincava no ar livre, coisas de fazenda é diferente". (GRP)

"Ajudava meu pai na lavoura de algodão". (TARMO)

"Eu tive uma infância muito boa, minha vida era lidá com gado, domá cavalo, tirá leite, vivê no meio da mata... Brincava muito de caça, pesca..." (Orlando)

*"Nós morávamos numa fazendinha, meus pais tiravam leite..."
(JRM)*

*"Eu me sinto muito à vontade aqui. Eu gosto de mexer com a roça. Eu amo muito a terra. Tudo o que vem da terra me faz bem. Eu gosto de contato com o mato, daquele cheiro, daquela coisa de mato".
(Da. Geralda)*

Queremos, no entanto, destacar as falas de CPS, migrante de Juiz de Fora/MG, que diz não ter planos de abandonar Jardim, porque valoriza muito a integração social que lá encontrou, mas confessa:

"Quando eu vim pra cá, pra Jardim, eu achei tão pequena... A cidade, aqui é tudo difícil. Eu não gosto de Jardim". (CPS)

Percebemos uma maior dificuldade de adaptação do que os casos encontrados entre os moradores rurais migrantes de pequenas cidades.

As pessoas relacionadas com o histórico da cidade são pessoas que estão na região há muito tempo possuindo, portando, a particularidade de serem originários do ambiente rural, o que gera naturalmente o quadro de interatividade com o meio, confirmado nas falas:

"Minha mãe tinha uma fazenda às margens do Rio da Prata, atual fazenda Jatobá. Lá eu chupava guavira, manga..." (JJBF)

"Eu nasci em uma dessas palhoças da fazenda Jardim". (IB)

"Nós morávamos em uma fazenda. Era um campo sem fim... Nós brincava de bonequinha de sabugo de milho. Nós não colocava nem chinelo, naquela época não tinha." (Da. Floresbela)

Dos líderes religiosos, três são migrantes de ambientes urbanos de outros estados, e dois deles, de ambiente rural, LPB criado numa fazenda em Jardim e MA do ambiente rural do interior do Paraná, ambos representantes do messianismo.

Os líderes da igreja messiânica têm como particularidade sua doutrina baseada no contato com a natureza e na agricultura orgânica. Os seus relatos são expressão de uma mistura de experiências pessoais e da sua crença:

"Os messiânicos pregam o respeito do homem pela terra. É preciso amar a terra. Quando se trabalha a terra, não é um trabalho físico, mas também espiritual". (MA)

"Falamos da interação do homem com a natureza... E aqui tem muito belo, rios, matas, cerrado..." (LPB)

Os provenientes de áreas urbanas manifestam a satisfação com o lugar, mas revelam não interagir com a natureza com a intensidade dos demais:

"Eu já ouvi falar de tanta coisa bonita que tem aqui. Já ouvi falar do Buraco das Araras, das Abelhas. Tá tudo tão perto e eu ainda vou". (PSPB)

"Quero ficar aqui. Eu gostei muito". (PO)

O representante da igreja católica destaca a intensidade do contato com a natureza como uma característica positiva do modo de vida em Jardim, porém aponta a sua dificuldade inicial de adaptação.

Os professores entrevistados são nativos de Jardim e redondezas, sendo exceção apenas dois deles, um migrante do interior do estado de São Paulo e outro nativo que passou a infância e adolescência na capital do mesmo estado.

"Na fazenda em Bonito, então tinha uma figueira bem grandona... Então nós cinco primos, abraçávamos no tronco dela, e a gente subia nos galhos dela, íamos no canavial cortar cana e trazia ovo... Ali tinha muita galinha." (TSCP)

Todos os alunos participantes nasceram em Jardim e dizem gostar do modo de vida do lugar:

"A minha mãe nasceu na cabeceira do Apa... Meus avós têm uma fazenda e praticamente, finais de semana é na fazenda". (MRG)

"Minha infância foi bem natural... Sempre fomos nos rios... O Rio Miranda". (TGM)

Relação nostálgica, contemplação, isolamento

A relação nostálgica aparece também nas citações, como na descrição do primeiro encontro com o Rio da Prata:

"Nossa, foi magnífico! Eu não acreditei quando eu vi, eu já era grande. Foi quando eu fui pra trabalhar, muito lindo!" (SCF, morador rural)

"Quando eu cheguei perto do Rio da Prata, eu fiquei louco de tanta beleza!" (JJMM, morador rural)

No relato de CONSTANT (1993), estão descritas cenas de rara beleza, como a vista panorâmica do alto de um morro sob o sol brilhante e limpo e o céu azulado, as lajes de cristal de rocha reluzentes como "diamante ou água-marinha": "...ninguém era de ferro pra perder tão belo e raro espetáculo". Durante toda a viagem exploratória pela Serra da Bodoquena, registra vários desses momentos:

"Não me cansava de admirar o crepúsculo vermelho com o sol teimando em não se ofuscar no horizonte plano e vasto. Naquele langor, o canto do sabiá solitário enchia o ambiente de grande nostalgia... Com o crepúsculo em agonia e recoberto de

estrias rubras, o espetáculo era admirável. É uma transição que se repete todos os dias e que não se pode esquecer. É, talvez, a hora em que o bruto medita e pensa em algo mais fora do alcance dos sentidos”.

O despertar do estado contemplativo é destacado do relato de ACSP:

"O Rio da Prata... Quando você chega parece que é um lugar que é só ali. A lagoa misteriosa. Quando você chega ali não lembra mais aqui do mundo... Nesse lugar, que nem esse lugar no Prata, no Buraco das Araras, também na Lagoa, é um lugar que você desliga, é só teu espírito que fica ali. É impressionante!" (ACSP, professor)

Podemos observar no relato acima a evidência com que a dimensão espiritual aparece na percepção do ambiente. Evocamos novamente o poder de indução ao devaneio que tem a interação com a paisagem, destacado por BACHELARD (1993) e a intuição espiritualista de BERGSON (1999).

"Adoro descer, ver os peixes... Eu gosto só de contemplar, não sei nadar. Eu gosto de água e não sei nadar". (Da.Virgilina)

"Não gosto muito de pescar. Ir no rio, como terapia só". (FMOJ, administrador rural))

"Eu senti falta da tranqüilidade, da natureza, eu que gosto do silêncio". (GJS, representante de bairro)

"O meu momento de paz é quando tô tranqüilo aqui no mato, no rio, essa natureza é o paraíso". (RR, administrador rural)

A necessidade de isolamento apresentada por THOREAU (1894) e reforçado pelo "espaço de solidão" em BACHELARD (1993), aparece também no relato de alguns participantes:

"Eu prefiro conhecer mais mato, Pantanal, lugar mais isolado".

(IV, morador rural)

"Eu não gosto de barulho. O silêncio para mim é muito bonito".

(GJS, representante de bairro)

A título de síntese, poderíamos dizer que são características presentes no discurso, a sensação de aconchego e pertença, enraizamento e laços afetivos e satisfação com o lugar, que definem um quadro de interatividade da maioria dos moradores com o ambiente. Que esse quadro é coerente, uma vez que mesmo os moradores migrantes são de ambientes com as mesmas características rurais e semi-urbanas, havendo uma diferença sutil entre migrantes, com exceção de um caso de aversão, baseada na adaptabilidade e nas condições originais. Podemos entender essa diferença na discussão que TUAN (1980) sobre as lembranças que os migrantes carregam dos seus lugares de origem, buscando sempre novas condições de interatividade que a eles se assemelhem.

TOPOFILIA



“Uma dona falou pra minha mãe – ‘sua filha não tem nada, ela tem só um choque espiritual. Ela foi criada em um ambiente e foi pra outro e não gostou...’ – Na época eu fazia tratamento com psiquiatra. No que eu cheguei aqui, a natureza me devolveu tudinho o que eu estava precisando. Cheguei aqui fui direto pra fazenda onde minha irmã tava morando. Lá sim foi outra vida e eu fiquei tão feliz, tão feliz! Trabalhava, não sentia cansaço. Larguei todos os remédios que eu tomava. Aí me senti no meu ambiente.”

(D. Geralda, representante de bairro)

Lamento sertanejo

*Por ser de lá do sertão lá do cerrado
lá do interior do mato, da catinga, do roçado
eu quase não saio
eu quase não tenho amigos
eu quase que não consigo
viver na cidade sem ficar contrariado...*

*...eu quase não falo
eu quase não sei de nada
sou como rês desgarrada
nessa multidão,
boiada caminhando a esmo*

(Dominginhos/Gilberto Gil)

Tema 2. TOPOFILIA

"Sou do silêncio, do mato" (MJ, administrador rural)

Quando falamos de interação com o meio ambiente já revelamos um pouco dos traços topofílicos encontrados entre os participantes do trabalho. Queremos agora torná-los ainda mais evidentes com discussões embasadas em citações que fazem referência ao enraizamento no lugar. As categorias estabelecidas a partir da análise para o elemento temático foram filia, adaptabilidade ou aversão à pequenos núcleos urbanos, com as características de Jardim, e à ambiente rural. A aversão a grandes centros é destacada como afirmação de categoria que reforça a relação topofílica com o lugar. Também nesse elemento temático se destaca a hidrofília como uma fator constante nos discursos.

Começamos por apresentar os relatos dos proprietários e administradores rurais, dentre os quais destacamos as seguintes citações:

"... compramos uma casa na cidade, coisinha assim simples. Ah! Eu estranhei bastante. Eu vinha a cada quinze dias. Eu tinha vontade sim de voltar. Eu nunca pensei em morar na cidade. Imagino que vou ficar a vida toda aqui". (Da.Virgilina)

"Eu tenho que estar no mato. Eu vou pra Jardim e já fico chateado, já quero voltar... Eu me criei no mato, era cozinheiro desde guri nos acampamentos, fazendo comida pros bóia-fria que trabalhavam na lavoura... Nãoa tenho vontade de sair daqui. Não saio daqui por nada". (Sr.Assis)

"Eu acho que me criei na fazenda, então não me sinto bem (na cidade)... Um dia, dois, eu vô lá. Mas daí, eu já não me sinto bem..."

Parece que a minha cabeça fica grande... Aquele baruião na minha cabeça... Parece que a gente vai ficar doido, né?" (Sr. Modesto)

Percebemos a estranheza provocada pela mudança de ambiente, a sensação de desconforto gerada pelo afastamento do ambiente original.

D. Geralda apresenta uma imagem riquíssima da sua relação com o lugar quando associa um estado doentio à falta que sentia do modo de vida de sua terra natal:

"Uma dona falou pra minha mãe - 'sua filha não tem nada, ela tem só um choque espiritual. Ela foi criada em um ambiente e foi pra outro e não gostou...' - Na época eu fazia tratamento com psiquiatra. No que eu cheguei aqui, a natureza me devolveu tudinho o que eu estava precisando. Cheguei aqui fui direto pra fazenda onde minha irmã tava morando. Lá sim foi outra vida e eu fiquei tão feliz, tão feliz! Trabalhava, não sentia cansaço. Larguei todos os remédios que eu tomava. Aí me senti no meu ambiente."

No seu depoimento impresso, o falecido Sr. Cirillo, que nasceu numa fazenda no município de Aquidauana, fala sobre a mudança da fazenda Santa Cruz para a cidade, na infância, revelando traços topofílicos com o ambiente rural: "Em 1921(...) mudamos para a cidade... A mudança de ambiente... Já não contávamos com os recursos com que estávamos acostumados. Enfim, o ambiente da cidade tornou-se para nós um pesadelo difícil de tolerar..." A profunda relação com Jardim, baseada na biofilia e interação com natureza, é evidenciada no discursos sobre o cotidiano no local: "Nosso dia-a-dia aqui, após os dias de trabalho, preençíamos com caçadas, pescarias, banho de rio,

piquenique, corridas de cavalo, visitas às fazendas do Sr. Macário e da Da.Virgilina." O casal mencionado é um casal de migrantes gaúchos, atuais proprietário do atrativo Balneário do Assis, e são também atores do presente trabalho.

Aversão a grandes centros

No depoimento do Sr. Modesto, é possível detectar também uma nítida aversão aos grandes centros urbanos:

"Eu durmo em qualquer cerrado. No Pantanal, eu armava minha rede... Dormia lá. Eu tenho mais medo da cidade... Eu me sinto melhor aqui, no meio da natureza, no meio dos meus pássaro."

"Tenho vontade conhecer São Paulo, Rio de Janeiro... Se eu pudesse ir de avião, ficar voando... Lá mesmo, eu acho que não vou me sentir bem, não. Agora, eu queria conhecer de cima."

A mesma intensidade do relato do Sr. Modesto, encontramos na história de vida de D. Geralda, representante de bairro, que nasceu na região de Jardim e morou nas capitais do Rio de Janeiro e São Paulo, das quais diz:

"Tem muito lugar bonito, mas sempre é assim triste... O sol quando nasce, parece que ele já nasce triste".

Difere muito desses discursos, o relato de VV, proprietária rural, criada em cidade do interior paulista:

"Eu não sou muito de mato, sou paulista mesmo. Na praia eu vou, mas em piscina".

O depoimento da representante de bairro CPS revela uma fobia a pequenas cidades e ambientes rurais:

"Porque lá era assim uma cidade maior. Eu morava praticamente no centro. (...) Quando eu cheguei aqui em Jardim, pra mim era uma roça, porque aqui nessa rua não tinha água, não tinha luz... Então, pra mim era completamente diferente".

Os proprietários rurais MEVC e JCC, migrantes de Campinas/SP, apesar de estarem adaptados ao modo de vida em Jardim, declaram a necessidade de retornarem periodicamente à terra natal ou a outros grandes centros urbanos, para retomarem suas origens. Com essas poucas exceções, a aversão a grandes centros se confirma nos depoimentos de todos os grupos participantes:

"Não moraria em Campo Grande. Deus me livre! A gente que é criado no mato não acostuma, né? Pra passeio sim. Eu acho muito movimentado" (TARMO, representante de bairro)

"Ah, eu conheço várias cidades grandes, mas eu sempre me enraizei aqui e quero chegar a velhança..." (ACM, representante de bairro)

"Eu não gosto de cidade" (MFG, representante de bairro)

"A diferença foi muito grande. Eu estranhei muito. Não gostei de lá (Campo Grande). Aquela agitação, poluição. Na primeira oportunidade eu vim embora". (Rosana, professora)

"Aqui tudo é bom. Eu acho que não me adaptaria viver em outra cidade. Eu viajo pra Dourados, Campo Grande, mas pra morar é só aqui". (JSP, professora)

"Campo Grande eu achei um lugar muito frio. As pessoas passam por você e nem te olham, nem conhecem, né? E a gente era acostumado com fazenda, conhecendo todo mundo. Eu levei um choque muito grande." (SCP, professora)

"Eu prefiro mais a fazenda. Quando tô em Campo Grande, naquele calorão, eu só fico imaginando a água" (JLBM, administrador rural)

"Nóis sofria pra voltá pra fazenda, a gente acostumado na fazenda, né?" (IV, morador rural)

"Já fui a Campo Grande, Dourados várias vezes. Esses dias eu fiquei oito dias na marra. A gente não acostuma. Aqui no mato é melhor." (NAD, moradora rural)

"Campo Grande pra gente que é acostumado com sítio, não acostuma. Na cidade, só pra passeá de vez em quando". (AR, morador rural)

"Fazenda é bom. Quem é criado na fazenda não agüenta ficá na cidade". (JJMM, morador rural)

"Sempre gostei daqui, até nem quis ir para Campo Grande porque eu nem gosto assim, não gosto de cidade grande". (Tatiana, aluna)

"Acho que é difícil de acostumar. Jardim é calmo. Você chega em Campo Grande, estranha um pouquinho". (RMR, aluno)

"A gente às vezes vai em Campo Grande, e dá vontade de voltar logo." (PO, líder religioso)

"Fiquei em São Paulo um ano, depois fui para o Rio. A sensação foi de voltar pra trás na hora que eu cheguei em São Paulo". (LPB, líder religioso)

"Pra nós tem que ser aqui. Cidade grande é muito agitado. Não pretendo sair daqui". (AC, depoimento histórico)

No bairro Vila Angélica II, onde menos chegou infra-estrutura urbana, as pessoas dizem valorizar características do campo que se mantêm. As ruas terminam numa fazenda, hortas e terrenos utilizados para pasto se misturam com as casas que, na grande maioria, não são fechadas por muros e, não raro, se vê os moradores treinando o laço em bozinhos de madeira, lazer tradicional no local. A moradora JRM diz:

"Eu me sinto livre. Parece que a gente está numa fazenda, calmo. Eu gosto daqui".

A memória nas relações topofílicas

A nostalgia aparece em várias citações reunidas no elemento temático topofilia. As lembranças do ambiente de infância são as mais citadas e modelam a relação com o lugar, uma vez que esse mantém características semelhantes que resgatam, a todo momento, velhos costumes e interações.

Começamos com o relato de Da. Geralda, que mais uma vez impressiona, pela riqueza de detalhes e pela emotividade incutida nas palavras:

"O pomar eu nunca me esqueço, aquele pomar lindo... Aquilo não me sai da memória. Aquela fartura de fruta, um laranjal enorme cheio de laranja despencando. A coisa mais linda!"

"Lá no bairro Leblon é muito bonito... aquele marzão aberto. Eu tinha recordação do contato com a água, a areia. Me lembrava lá de trás da chácara, do rio e das coisas boas... Mesmo o contato com a

natureza. Lá tem o marzão, a gente sente muita paz, mas aqui é minha terra, o meu eu."

Para as pessoas relacionadas com o histórico da cidade, as lembranças revelam a mistura que existe entre o lugar e as suas próprias histórias de vida:

"A gente morava numa casa de pau-a-pique, até no museu tem umas fotos minhas na casa... Quando eu falo da minha vida, eu falo da cidade, né? Eu me vejo dentro da cidade". (RCBL)

"Nossa vida era uma vida corrida, sofrida, mas eu gostava... Como eu gostava daquela vida! E hoje mesmo eu tô com saudades daquele tempo lá". (FSC)

Sr. Orlando, morador urbano, apesar de ter migrado do interior de Goiás, uma região muito semelhante à Jardim, lamenta não estar morando mais no campo:

"Até hoje eu tenho saudade, era uma vida boa, né? Ah! Minha terra... Lá a gente viaja o dia inteiro só dentro da lavoura, e os conhecido véio chama a gente pras fazenda."

Esse também é o caso de MFG, migrante da região de fronteira do Paraguai, que apesar de perfeitamente adaptada ao lugar, cita com muita nostalgia o desejo de voltar:

"... Vontade de voltar, eu tive. Quando eu morrer quero ser enterrada lá. A minha cidade Pedro Juan... A minha escola, a igreja que eu me criei, onde estudei... Tem o Cerro Corá, o Rio Aquidabã onde a gente acampava, tem o chaco onde eu nasci..."

O apelo nostálgico ao lugar que exerce a atração é sempre uma constante nas falas, e vêm acompanhado de detalhes que se configuram na memória com valor claramente emocional.

MEMÓRIA



“Nossa vida era uma vida corrida, sofrida, mas eu gostava... Como eu gostava daquela vida! E hoje mesmo eu tô com saudades daquele tempo lá.”

(D. Floresbela)

Já GRP, também migrante paraguaia tem intenções de permanecer em Jardim, o que justifica dizendo: "Amo mais o Brasil do que lá porque morei mais aqui e eu acho que vou ficar".

IM, professor, viveu a maior parte de sua vida numa metrópole e guarda lembranças vivas do ambiente urbano, o que o leva a reconhecer um necessário processo de readaptação na sua volta à Jardim:

"Eu morava num sobrado, aí tinha um quintal e uma escadaria pra chegar até a rua. E a gente brincava naquele quintal. Eu gostava de brincar na escada, ficava emburrado ali... Gostava também da beleza da Avenida Paulista, onde eu trabalhei... Vim pra Jardim. Foi estranha a adaptação. Faltava espaço pra eu andar, transporte pra locomoção. Faltou um mundo de cores..."

MCTL, também originária de ambiente urbano afirma sua satisfação com o lugar onde vive - uma fazenda às margens do Rio da Prata, mas assume suas recordações da cidade onde cresceu: "Sinto falta mesmo é da vida social e cultural".

Destacamos mais algumas citações nos vários grupos de participantes:

"Ah! É uma delícia lá, não esqueço até hoje. Se eu pudesse até hoje eu voltava a viver lá". (SMAE, representante de bairro)

"Saudades! Tenho muita, olha! Eu sai da fazenda e fui pra um vilarejo. Essa mudança não foi brusca. Saímos lá do mato e fomos pra aquele interior, que já tinha um restaurante, posto fiscal, mas continuava criando galinha, criando porco, fazendo queijo." (ACSP, professor)

"Acostumei com o interior... Sentia falta do pantanal, fazendas, da natureza". (RR, administrador rural)

"Meu pai criou nós sem nunca mudar. Diz que até hoje existe um pedaço do fogão que meu pai tinha, quando nós éramos crianças... Tenho muita vontade de ir lá, rever tudo aquilo". (FSC, depoimento histórico)

Característica paisagísticas nas relações topofílicas

Procuramos resgatar dos discursos citações sobre componentes paisagísticos do ambiente local que exercem atração sobre os participantes, procurando relacioná-las posteriormente com os elementos destacados da análise de imagens.

"Tô pensando na aposentadoria. Eu já tenho o lugar para onde eu vou. Onde eu quero ficar. É no Paraná, em Morretes, cidadezinha. Já tem um lugarzinho. Eu penso assim. Ou ficar aqui mesmo... Adoro montanha. Eu sonho. Às vezes, tô indo pro colégio, tá nublado o céu, umas nuvens, eu já imagino montanha ali. Acho lindo! Fico sentado aqui na casa do vizinho e vejo o início da Serra de Maracaju. Eu me identifico com essa paisagem assim..." (ACSP, professor)

O relevo acidentado aparece também em outras citações e também no relato de THOREAU (1984), o que podemos relacionar tanto à sensação de proteção, quanto a de horizontalidade.

Ao falar da cidade ideal, os representantes da igreja messiânica dizem que a cidade ideal tem que ter água, verde e montanha: "Mar é importante e

montanha também" (LPB). Jardim, para um deles, pode ser um espaço apropriado à construção da cidade ideal.

O território de Jardim se estabelece numa planície, porém tem contato com duas regiões montanhosas, as Serras da Bodoquena e de Maracaju.

"Eu gostava de ficar na casa da minha tia em Jundiá porque enxergava a Serra do Jati. Adorava ver aquelas plantas, assim, fumaça na serra..." (IM, professor)

Outro elemento citado é o colorido associado à vegetação. JLBM, administrador rural, declara ter uma preferência pelo cerrado em relação à Mata Atlântica:

"... a diversidade que ela tem. Aqui tem mais colorido, tem flores amarelas, brancas, diversas tonalidades. Lá você vê mais verde, né? Aqui quando você dirige, vê varias tonalidades... É mais relaxante..."

A amplitude do campo visual também é importante. Em grandes centros urbanos, as imagens dos componentes ditos naturais da paisagem são distorcidas pelos elementos construídos. O que os jardinenses chamam de céu aberto não pode ser contemplado em metrópoles. Isso significa, em última análise, uma incompatibilidade com a imaginação das pessoas, povoada por céus estrelados e horizontes coloridos de pôr-do-sol. Em Jardim, o que se imagina é aquilo que se percebe, que freqüentemente se contempla.

"Eu também prefiro renunciar o conforto... Aqui você vê as estrelas, lá não vê". (PB, líder religioso)

“O pôr-do-sol nos meses de dezembro a janeiro é maravilhoso!”
(JJBF, histórico)

Na ausência das palavras, as imagens

A análise das séries de imagens se enquadra dentro da topoanálise na medida em que indica preferências por paisagens que contêm elementos associados às características semelhantes e diversas às do lugar habitado pelos participantes da pesquisa. A organização interpretativa feita a partir dos contrastes apresentados, é composta de temas e elementos temáticos, dentro dos quais se destacam categorias, conforme o quadro QUADRO 1, apresentado no item procedimentos metodológicos (pág.101).

As paisagens associadas a ambientes preservados foram as mais selecionadas pelos participantes da pesquisa (Gráf.1, Anexo II). A categoria ambiente natural, ocasionalmente urbano, que representa as seleções que variaram em poucos momentos da paisagem preservada para a construída, foi a segunda mais citada.

Entre as pessoas que selecionaram preferencialmente ambientes urbanos, na categoria urbano, ocasionalmente natural, estão algumas daquelas cujas origens em cidade de médio e grande porte foram discutidas (VV, proprietária rural e CPS, representante de bairro) e alguns moradores urbanos que justificam a escolha pela atratividade de lugares desconhecidos.

Similarmente às características de paisagem, o elemento temático opções de moradia foi contemplado com um maior número de seleções associadas às categorias casa simples no campo, sempre atrelada à desejada condição de isolamento, e casa simples em cidades pequenas (Gráf. 2, Anexo II). A opção de moradia em casa grande em cidades desenvolvidas foi a

terceira mais citada, mas sempre condicionada a isolamentos ocasionais. Essa situação é selecionada novamente por algumas pessoas com origens em grandes centros (JCC e VV, proprietários rurais). A opção feita por pessoas nativas pode estar associada à idéia da possibilidade de atrelar a qualidade de vida relacionada ao tamanho da casa e a infra-estrutura das cidades ao necessário contato com a natureza. A amplitude física da casa parece exercer uma significativa atração, já que mesmo combinadas aos ambientes rurais e cidades pequenas, ela recebeu citações.

BACHELARD (1993) fala da falta de enraizamento que a arquitetura das grandes cidades provoca:

"Em caixas sobrepostas vivem os habitantes da grande cidade...A casa não tem raízes. Coisa inimaginável para um sonhador de casa: os arranha-céus não tem porão. Da casa ao teto, as peças se amontoam e a tenda de um céu sem horizontes encerra a cidade inteira. À falta de valores íntimos de verticalidade, é preciso acrescentar a falta de cosmicidade da casa das grandes cidades. As casas, ali, já não estão na natureza. As relações da moradia com o espaço tornam-se artificiais. Tudo é máquina e a vida íntima foge por todos os lados."

A casa representa potencialmente a sensação do refúgio, e de acordo com BACHELARD (op cit), o bem estar devolve-nos a primitividade do refúgio. A amplitude da casa pode trazer a sensação de liberdade no isolamento, mas o bem-estar do refúgio não está atrelado à ela. As casas pequenas e simples podem ser adequadas quando o refúgio se amplia ao entorno, quando o bem-

estar é gerado também pela interação com o meio. Além disso, segundo THOREAU (1984), esse contato e as imagens que povoam a casa têm maior significado que sua estrutura física.

Entre as opções de lazer, aquelas ligadas ao ambiente natural foram expressivamente as preferidas e, em alguns casos, associadas ao contato ocasional com o ambiente urbano (Gráf.3, Anexo II). Outra categoria em destaque foi aquela que associa infra-estrutura com ambientes naturais, visão compartilhada principalmente por migrantes que trabalham com atrativos turísticos no local (FMOJ, VA, MEVC, JCC, MCTL, proprietários e administradores rurais). As seleções de ambientes urbanos foram feitas novamente por VV, proprietária rural e AA, professor, ambos migrantes de grandes cidades, e por sete outros participantes, que citam a oportunidade de contato com o ambiente urbano como uma forma de variação do cotidiano.

No que diz respeito à presença do componente água, houve somente uma citação para a categoria interação negativa, à qual o participante complementa com a explicação de ter medo de contato com o elemento. Em todos os demais casos, as imagens que continham água foram preferidas (Gráf.4, Anexo II).

Quanto à conformação do relevo, foram citados, com praticamente a mesma frequência, as planícies e os relevos acidentados (Gráf.5, Anexo II). O território de Jardim está localizado numa formação plana, mas seu entorno é marcado pelas Serras de Bodoquena e de Maracaju.

A paisagem do cerrado, predominante na região, foi citada, num total de 44 participantes, apenas por um proprietário e dois administradores rurais, dois representantes de bairros e um aluno, dentre os quais somente um é originário de regiões com ecossistema diferenciado. O ecossistema mais citado foi, paradoxalmente, as dunas, situação que discutiremos posteriormente numa

possível associação com a influência da mídia sobre o imaginário. A Mata Atlântica foi o segundo mais citado e os ambientes represados, diferente de tudo que existe na região, também recebeu citações.

As análises detalhadas das séries estão apresentadas no Anexo II.

Hidrofilia nas relações topofílicas

"Fiquei em uma depressão, muito difícil de sair, tudo eu via maldade. Minha irmã chamou - 'Geralda, vamo pra praia' - e naquele dia eu senti voltar as coisas na minha cabeça. Senti o contato da água. Daí eu vi que eu tive o contato com a natureza que me sacudiu." (Da.Geralda)

Na topoanálise se destacou a atração que os participantes revelam ter com o componente água. Esse quadro era esperado, uma vez que a água é o bem natural mais abundante e que chama mais atenção no lugar, bem usufruído e admirado pelos moradores. Destacamos dos diversos grupos de participantes, os seguintes dizeres:

"O Rio da Prata... Muito bonito, nossa riqueza é essa, é muito lindo, águas cristalinas". (GRP, representante de bairro)

"A cidade ideal tem que ter verde, montanha, lago grande... Porque água é fundamental. O principal da vida é a água..." (MA, líder religioso)

"Eu sou apaixonado por cachoeiras". (PSPB, líder religioso)

"Mas nós trazia água para tudo, para tudo era aquela água. Ninguém tinha água em casa, né? Mas eu tenho saudades, parece que estou indo naqueles trios pegar água." (FSC, histórico)

"Nós temos como se fosse um oásis, rodeado de coqueiros e no meio tem água, e como sempre secava, nós afundamos pra que a água ficasse sem secar." (MEVC, proprietária rural)

"Me atrai no litoral a beleza, o sol, o mato, a areia. Tem que ter água". (Rosana, professora)

"Gosto de água. Eu já conheço uma parte da região amazônica, gostei". (AA, professor)

"O primeiro lugar que eu conheceria se tivesse condição seria Porto Murtinho, por causa do rio. O que eu acho mais bonito aqui é o Rio da Prata. E ali perto do galpão, onde a água sai pelo poço... Onde água brota, é muito bonito" (WM, morador rural)

"O balneário é o lugar mais bonito que eu acho. O Rio da Prata". (MRG, aluna)

"A gente gostava de um corquinho perto uns três Km de Guia Lopes. No Rio da Prata eu ia só nos feriados. Dormíamos em rede embaixo de um barracão de bacuri. O fogão era a lenha." (JJBF, histórico)

"Água, é o nosso balneário. É lindo lá, uma água cristalina." (AC, histórico)

Diverge das citações acima, o relato de CPS, representante de bairro, migrante de cidade de médio porte que diz não gostar do ambiente onde vive: "Banho de rio nem pensar... Nunca gostei" (CPS, representante de bairro). Com exceção deste caso, a hidrofília é detectada nos relatos dos representantes de bairros. Vejamos algumas citações:

"... nós ia no rio, porque o dia que ia lavar a lã era uma festa aqui no Rio Miranda." (SMCS)

*"Brincava muito, de caça, de pesca, toma banho de rio".
(Orlando)*

"A gente brincava num córrego atrás da casa... a gente ia mergulhar nas águas do Rio Apa de madrugada. Eu morei na beira do Prata por seis anos." (JRM)

*"A gente ia pro rio brincar, tomar banho... Era gostoso demais!"
(Da.Geralda)*

Nos relatos dos administradores rurais, a hidrofília também é um elemento constante e, mesmo para as pessoas que não têm contato direto com a água, o poder de atração e de indução à contemplação é relatado:

"Eu me lembro que quando era criança, a gente brincava no rio, era limpinho." (MCTL)

"Adoro descer, ver os peixes... Eu gosto só de contemplar, não sei nadar. Eu gosto de água e não sei nadar". (Da.Virgilina)

"Não gosto muito de pescar. Ir no rio, como terapia só". (FMOJ)

A ligação com a água também se repete nas pessoas relacionadas com o histórico da cidade, no grupo de professores e de alunos:

"Minha infância foi maravilhosa! Foi tomando banho de rio, no Rio da Prata, Miranda..." (JJBF, histórico)

"Nós brincávamos de nadar, de pescar no rio..." (AC, histórico)

"O rio Miranda era nossa lazer de verão. Eu lembro que de pequena, a gente ia, levava o lanche pra passar o dia inteiro... A gente

começou ir ao Rio da Prata. Era lindo! Passava dias, acampava.” (RCBL, histórico)

“Na minha infância eu ia bastante ao rio... Era todo o final de semana.” (AAVM, professora)

“Ah! A infância era maravilhosa... Foi correndo, tomando banho de rio, subindo em árvore, brincando bem em contato com a natureza.” (RM, professor)

“Nosso Rio da Prata que vale a pena conferir, é muito bonito. A lagoa misteriosa. Nós temos o buraco das araras muito interessante, o buraco das abelhas. Temos muita coisa bonita, o nosso Rio Mirada.” (AA, professor)

“Infância nossa era o Rio Santo Antonio. Aí a gente fazia jangada, brincava muito ali...” (ACSP, professor)

“A gente tomava banho. Tinha a brincadeira do cipó, então puxava o cipó de uma margem à outra...” (TSCP, professora)

“Minha infância foi bem natural... Sempre fomos nos rios... O Rio Miranda.” (TGM, aluna)

Destacamos também do relato de CONSTANT (1983), a interação com a água durante a viagem pela Serra da Bodoquena. Ao falar dos hábitos dos viajantes na mata, dizia:

“As mulheres ficavam nos acampamentos, sempre à beira de um rio ou riacho... Sargentos, cabos e soldados jogavam-se nas areias brancas e mergulhavam na água, ali se deixando ficar por muito tempo”.

A água é um elemento que povoa intensamente o imaginário humano. Discutimos no primeiro capítulo as imagens da água apresentadas por BACHELARD (1997), das quais destacamos: indução de contemplatividade e da imaginação; a idéia de equilíbrio, de receptividade e de miscibilidade; a sensação de leveza; o poder purificador e a sonoridade.

Notamos entre as citações de nosso participante, a ligação com o mistério, como a referências à Lagoa Misteriosa:

"Nosso Rio da Prata que vale a pena conferir, é muito bonito. A lagoa misteriosa. Nós temos o Buraco das Araras muito interessante, o buraco das abelhas. Temos muita coisa bonita, o nosso Rio Miranda."
(AA, professor)

O mistério também é enfatizado por THOREAU (1984) ao falar sobre a profundidade indeterminada do lago Walden, reforçando o poder de enriquecimento do imaginário humano. Podemos destacar, como exemplo, os seres que povoam os ambientes aquáticos, desde o mito de Iemanjá até monstros, como o "minhocão" que habita o rio Cuiabá, citado por LEITE (2000), com a descrição feita por pescadores.

CUNHA (2000) afirma que a água "... está na natureza e, a um só tempo, na cultura", está nos mitos e na história. Além disso, a autora faz referência à água também como espaço de contemplação, enfatizando sua expressão de beleza e encantamento, que provoca "consolo psíquico".

O Mar

No final dos depoimentos dos participantes, foi feito um direcionamento no sentido de obter informações sobre os lugares que gostariam de conhecer,

com o intuito de se identificar características comparativas com os traços topofílicos encontrados. Foi muito intensa a citação das regiões litorâneas, principalmente das praias da região nordeste do país.

"Gostaria de conhecer o nordeste, pelas praias". (MEVC, proprietária rural)

"Beria-mar... Eu quando era pequeno achava que ia ser marinheiro. Conhecer praias do nordeste. Só praias, cidade não."
(ACSP, professor)

Esses locais citados sempre são renegados como opção de moradia, sendo associados sempre ao desconhecido, ao diverso, mas apenas para visitação.

"  o desconhecido que eu gostaria de ir. Nunca pensei em ir passear em cidade grande. Gostaria talvez de conhecer o mar." (JRM, representante de bairro)

"Eu não quero ir embora daqui, são se fosse pra estudo, mas se tivesse que escolher, seria o litoral nordestino... Porque existe a liberdade de viver." (IM, professor)

Podemos neste momento recorrer à análise comparativa feita por BACHELARD (1997) sobre a intera o do ser humano com a água doce e com o mar. Segundo ele, a água doce é a verdadeira água mítica e mant m sua supremacia sobre a água salgada. Os rios parecem ser mais receptivos ao ser humano, na medida em que representam serenidade, doçura, enquanto que o oceano simboliza o desafio, desperta o medo, a domínio sobre a fragilidade humana. Para CUNHA (2000), o mar no imaginário ocidental é permeado pelo

medo, pelo pavor, sendo espaço povoado por monstros e maldições. Apesar dessa diversidade, ambos, enquanto corpos d'água, exercem atração e despertam a contemplação. Vemos no relato do administrador rural FMOJ esse paradoxo:

"O mar me dá medo, me fascina. Mas ao mesmo tempo me dá calma... Ficar lá uma meia hora sentado, olhando pra ele, conversando com ele... Então não sei assim dizer. Eu sei que eu gosto."

O contato com a água doce é supostamente mais lúdico que com o mar, uma vez que satisfaz igualmente ao desejo de envolvimento, miscibilidade, descartando qualquer fobia da imensidão e dando uma maior sensação de leveza, limpeza e claridade:

"Na praia, eu andava na praia. Mas por mais que seja limpa, aquela sensação de pele salgada... Eu não sou muito chegado. Eu troco a praia pelo rio da Prata... É também mais tranqüilo. Cada um tem seu encanto, mas no meu gosto, prefiro mais rio." (PSPB, líder religioso)

Queremos abrir um parênteses para apresentarmos um elemento detectado da análise que diz respeito à influência da mídia no imaginário das pessoas e, conseqüentemente, na percepção paisagística que elas apresentam. O desenvolvimento do marketing turístico tem reforçado as imagens do litoral, principalmente o nordestino, fato que explica as referências constantes feitas desses ambientes nos relatos de nossos atores.

"Praias... Eu vejo na televisão e fico com vontade de conhecer."
(MRG, aluna)

Como elemento adicional aos contemplados nos objetivos iniciais de nossa proposta dentro da metodologia de análise de imagens, apresentamos o contraste entre diferentes ecossistemas: cerrado; mata atlântica; represa e dunas. As dunas foram as mais selecionadas, resultado que nos levou a especular a influência da mídia, já que à época de nossa pesquisa, as imagens das dunas maranhenses apareciam diariamente num programa de televisão. Essa associação nos é reforçada pela citação da professora TSCP:

"Gostaria de conhecer o Nordeste, as dunas. Sou apaixonada por aqueles lugares, que vejo em filme e novela."

A hidrofília detectada nos relatos e nas preferências paisagísticas é de uma importância significativa no contexto de nosso trabalho, uma vez que a preservação dos cursos d'água deve ser um dos principais aspectos enfatizados no planejamento da sustentabilidade da região e de processos educativos futuros.

BIOFILIA



“Anta também tem bastante ainda, paca, cutia, macaco, quati, onça pintada e a parda também tinha bastante.”

*“Antigamente as pessoas estavam desmatando. Depois que entrou o turismo, as pessoas começaram a ver que a natureza tava tendo retorno... Aqui por exemplo, aqui onde trata as queixadas, tinha aroeira desse tamanhosinho. Não cortou e olha como tá. Essas árvores aqui não tinha quando plantou a lavoura, e hoje, olhe!”
(Jorge)*

Tema 3. BIOFILIA

"Água cristalina, gostosa, fresquinha... Tem muitos peixes nadando lá..." (Da.Geralda, representante de bairro)

A observação de espécies animais é um dos atrativos mais procurados do estado do Mato Grosso Sul, principalmente nas zonas de pantanal. Em Jardim, dois dos lugares mais procurados é O Passo do Curê, para a visualização dos queixadas, e o Buraco das Araras. Essa não é, no entanto, uma característica própria dos visitantes, sendo que os moradores locais revelam a satisfação proporcionada pelo contato com os animais, contato, como já dito, considerado privilégio e um dos indicativos da qualidade de vida.

"Você tem o barulho dos animais, do vento, mas isso é harmonioso, isso não destoa, não fere o ser humano. Isso a gente perdeu na cidade." (FMOJ, administrador rural)

"Você acorda com passarinho cantando, mato." (ABN, morador rural)

"Eu também prefiro renunciar a conforto e comodidade para viver num lugar onde você ouve pássaros cantar..." (PB, líder religioso)

"Quando moremo ali no mato, a gente andava na roça, a gente escuitava barulho de queixada, tinha onça parda, tinha bastante." (Sr.Celso, morador rural)

A atratividade da observação de animais justificou a adoção do sistema de ceva para atrair os queixadas que, apesar de ter gerado o problema da superpopulação, é tido como uma ação recomendável na tentativa de atrair outras espécies.

"É o caso dos queixadas. Antigamente era pouquinho e a turma toda matava. Então, se cada um pegasse uma espécie e fizesse isso daí, acho que daria certo." (JLBM, administrador rural)

"... Os queixadas atacaram a lavoura aqui, mas eu não mandei matar. Mandei cevar pra que eles viessem pra eu ver." (VA, proprietário rural)

"Eu gosto ali do Júlio por causa da bicharada dele. Quando ele comprou essa fazenda, eu trabalhava pra ele. Aí ele comprô a ponta e ele me pediu pra olha pra ele. Bicho tinha bastante, mas agora, como ele criou, eu nunca vi ali." (WM, morador rural)

O modo de vida da cidade de Jardim, como dito anteriormente muito próximo do ambiente rural, permite a seus moradores um contato com animais muito freqüente, o que confirmamos em várias citações:

"Gostava de andá a cavalo, ir no campo, lidá com vaca, pesca... De vez em quando pesco no Rio Perdido e no Rio da Prata eu pesquei muito." (MJ, administrador rural)

"Um ambiente de mata, vê os bicho né, a vida de gado..." (Sr. Orlando, representante de bairro)

"Eu gostava de tirar leite, de montá cavalo, tudo essas coisa..." (MFG, representante de bairro)

"Minha vó tinha uma chácara que tinha umas vaquinhas e tinha animais assim, plantas... Vou ao Rio da Prata, vou de bicicleta ao Rio Miranda ver os peixes, sentir aquele cheiro de barro, ver as plantinhas." (IM, professor)

O contato se estende também ao trato dos animais de criação, o que se evidencia nos relatos dos proprietários rurais:

"É a criação, o bicho do campo. Eu sou apaixonada por cuidar de um bezerro, cuidar de uma vaca, qualquer criação tendo vida... Eu sou apaixonada." (MEVC, proprietária rural)

"Do terreiro, das galinhas, dos pintinhos... É tão bom acordar cedo e dar as comidas, tirar os ovos, é saudável. Eu também gostava muito de andar a cavalo. E lá no Sul também. Gosto de tirar o leite... E os animais são assim eles se acostumam com a pessoa, e daí se for outra pessoa o leite não sai, a vaca estranha. Eu sou apaixonada pela essa vida." (Da.Virgilina, proprietário rural)

"Tudo de bom que é andá a cavalo, tirar leite, plantá uma rama, colhê milho, caçá, pesca..." (FP, histórico)

"Eu queria trabalhar com animais, fazenda assim." (MRG, aluna)

Essa interatividade é, não obstante, dispensável por CPS, representante de bairro e migrante de ambiente urbano:

"Bicho e mato... Eu gosto assim... Você olha, tem contato, conhece, admira, mas conviver no meu dia a dia..." (CPS, representante de bairro)

O morador rural IV viveu por algum tempo numa grande cidade e diz ter sentido mais falta "... dos bichos, da criação, levantava de manhã e ia cuidá da criação...".

Sr. Modesto nos apresenta um rico relato da experiência de observar, quando morava no Pantanal, o contato de pessoas não acostumadas com o

campo:

"Que a gente nasceu no meio da natureza, né? Primeira coisa que me tocou... Chegou uma menina e falou 'Sr. Modesto, que que é esse pássaro?' Era uma gralha. 'Ai, meu Deus! Eu nunca pensava na minha vida de ver esse pássaro assim na natureza... Eu já vi assim fechado'. Começou a sair lágrima do olho dela..." (Sr. Modesto, proprietário rural)

Afirma considerar gratificante a oportunidade de receber visitantes em sua fazenda e conduzi-las na observação das araras:

"Quando eu morava no Pantanal, eu tinha meus passarinho, mas não tinha pra quem mostrar. Lá tinha os ninhos, né? Eu ficava olhando eles, né? Eu nem tocava naquilo ali. Eu achava que todo mundo tinha que conhece os pássaro, né?" (Sr. Modesto)

É ele mais uma vez que surpreende ao falar de sua postura do hábito de pescaria comum na região

"Eu tenho dó de fisgá o peixe... Eu não sinto bem de pegá ele."
(Sr. Modesto)

Diferentemente do Sr. Modesto, muitos moradores são adeptos da atividade. A pesca pode ser considerada uma busca indireta de contato com animais, principalmente se considerarmos aqui a pesca esportiva, que ganha a cada dia maior número de adeptos. Não estamos questionando aqui que tipo de relação se estabelece nesse ato, se de domínio ou de interatividade, restringindo-nos ao fato de se dar o contato e ele proporcionar uma sensação

lúdica.

"Gosto de pescar mesmo, só que as oportunidades são poucas. Eu gosto de ir na fazenda onde eu morava, tinha o poço do jaú, e tinha fartura de peixe." (JRM, representante de bairro)

"Eu amo pescaria ... E não tanto pelo peixe, é pelo prazer."
(Rosana, professora)

As figuras de animais geralmente estão presentes hoje no cotidiano das crianças, ilustradas nos materiais didáticos, mas elas talvez não tenham tanto significado do que as reproduções feitas por pessoas que cresceram no campo, como nos descreve especialmente o professor jardineiro ACSP:

"Naquela época a gente não tinha brinquedo, a gente fazia boizinho de barro e cada um tinha a sua marca... Depois a gente fazia os boizinho de manga, era mais fácil... Um tourinho valia dois bezerros, né? Andava bastante à cavalo... Caçava morcego, pescava"
(ACSP, professor)

Essa mesma interatividade que faz brotar imagens, tão persistentes na memória e no imaginário, é destacada na história relatada por D.Belinha, nascida e criada às margens do Rio Perdido.

"A mãe me levava junto para tirar uma tal de embira que dá nas árvores. Aí eu ficava faceira que eu não ia para canto nenhum, né? Então eu enrolava nos pauzinhos e trazia para casa para costurar. Tinha aquele bicho que ia assobiar dentro do galpão longe da casa... Era um galpão velho... O pessoal até arrepiava o cabelo. Um dia começou aquela cachorrada se ajuntar no galpão, parecia que estava

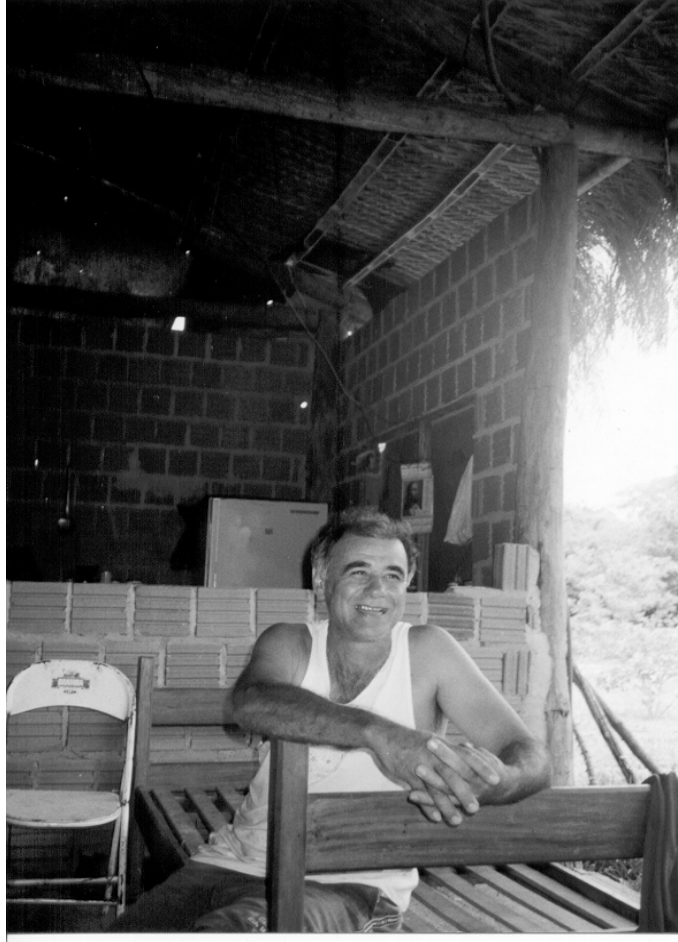
batendo nele. Aí o compadre João levantou e deu um grito. Quando chegou lá, aquela coisa saiu para o mato, ninguém viu o que era... Quando ele ia para entrar no mato, ele disse que não entrou. Morreu e não disse o que viu lá, voltou branco feito uma palha... E tinha aqueles passarinhos que quando cantam é um aviso de morte, alguma coisa. Tem um pica-pau que quando ele pegou a gritar para mim já é um aviso..." (FSC, histórico)

A relação do ser humano com outras formas vivas é também evidenciada na descrição da cidade messiânica ideal:

"A vegetação e os animais são muito importantes na cidade ideal. E eles também têm que ter pra produção." (MA, líder religioso)

Com essas citações, podemos reafirmar essa relação instintiva e necessária que o ser humano mantém com as formas vivas, a biofilia, que se mostra para nós nesse momento como instrumento para provocarmos cada vez mais a busca de contato com a natureza e a sensibilização para a preservação da biodiversidade. No contexto de Jardim, a reflexão sobre relações ecológicas entre as espécies animais e os outros componentes do meio é um caminho necessário para o esclarecimento dos efeitos que ações, como a prática da ceva indiscriminada, pode ter sobre a saúde dos animais e o equilíbrio do ambiente local. Levantar discussões sobre a biofilia pode ser uma forma de intensificar o interesse dos moradores pela preservação da fauna e flora.

QUALIDADE AMBIENTAL



“Na área rural é bom, você fica tranquilo... É bom de viver... Eu prefiro trazer aqueles de lá, oferecer algo de bom. Porque eles chegariam aqui e veriam só mato, natureza...”

(Anicézio)

Tema 4. QUALIDADE AMBIENTAL

Indicadores de qualidade ambiental, segundo a percepção da população

O que é um ambiente ideal? O que é qualidade ambiental? São perguntas cujas respostas podem revelar muito dos anseios do sujeito em relação ao desenvolvimento da região e dos seus interesses na manutenção das características ecológicas de seu ambiente.

Segundo BLEY (1996), o ser humano, em todos os atos e ante todos os fatos, define, analisa, aceita ou rejeita, isto é, realiza uma valoração. A definição de qualidade ambiental envolve gostos, preferências, percepções e valores que lhe dão uma característica muito individual. Esse mesmo autor cita estudos de valoração da paisagem, que evidenciam um alto valor dado a locais onde existem fatores, a princípio, indicativos de baixa qualidade ambiental como falta de água encanada, rede de esgoto, coleta de lixo, etc. O valor, nesse caso, está associado à afetividade em relação ao lugar. O mesmo é também detectado no presente trabalho. Os membros da comunidade São Francisco vivem em bairros onde falta infra-estrutura básica e, no entanto, afirmam a satisfação com o lugar.

A dificuldade de se chegar a indicadores de qualidade ambiental e de vida reside exatamente nas diferenças tofílicas individuais e comunitárias, o que torna inviável o uso de aspectos puramente quantitativos como se faz com parâmetros biológicos. Buscamos esses indicadores na análise dos discursos e nas representações gráficas do ambiente ideal para se viver, evitando uma interpretação indevida das representações dos moradores ao olharmos unicamente para as características do ambiente onde vivem, risco apontado por TUAN (1980).

Na análise das representações gráficas realizadas pelos participantes do

trabalho, pudemos destacar vários elementos que se relacionam diretamente com a qualidade ambiental, uma vez que solicitamos a representação do ambiente ideal para se viver. Cada um desses elementos, associado aos resgatados da análise dos depoimentos fornecidos, transforma-se em indicadores de qualidade do ambiente.

Cada pessoa tem uma percepção do meio e de sua qualidade, percepção esta que é individual e irreversível. Para alguns, o valor está na naturalidade do meio, para outros, na artificialidade. Assim como variam as percepções e as imagens mentais a respeito da qualidade ambiental, também variam as atitudes diante dos valores atribuídos ao meio ambiente (OLIVEIRA, 1983). É com base nessa assertiva que procuramos estabelecer relações entre o perfil dos participantes, nativos ou migrantes, aos elementos associados à qualidade ambiental por eles apresentados. Esse eixo temático é, por esse motivo, discutido na dicotomia das categorias:

- 1 associação com características do ambiental natural/rural e de pequenas cidades;
- 2 associação com infra-estrutura de ambientes urbanos (médio e grande centros).

Apresentaremos inicialmente os elementos destacados como indicadores de qualidade ambiental e os fragmentos de discursos que os exemplificam. Posteriormente faremos uma apresentação comparativa dos elementos captados da análise dos mapas mentais.

Elementos associados à características do ambiente natural/rural

Contato com a natureza

O contato direto com a natureza é um dos aspectos positivos enfaticamente citados pelos participantes. Nesse contato estão incluídos a interatividade com o componente água e os momentos de contemplação e paz. Vejamos alguns relatos:

"Se não tem gente, tem bicho pra você conversá com eles." (Sr. Modesto, proprietário rural)

"Aqui não, o pessoal é mais tranqüilo, mais sereno e depois o contacto com a natureza é bem diferente do que lá." (PB, líder religioso)

"Acho que a cidade é muito barulho. Muita poluição, que nem São Paulo, só para passar uma semana. Ia passar o final da semana no TIETE?" (JLBM, administrador rural)

"Não iria nem para o Rio Grande do Sul. Por que lá não tem mais mato. E o pessoal está se aglomerando na cidade." (Sr. Assis, proprietário rural)

Discutimos aqui as bases do arcaísmo que evidenciamos no relato de Thoreau. Faz sentido pensarmos no termo se associado a motivação que tiveram os migrantes ao se estabelecerem em Jardim. Percebemos que esse é o caso de alguns dos migrantes de centros urbanos desenvolvidos, que relatam ter se mudado em busca de harmonia, tranqüilidade, segurança e contato com a natureza. Temos que considerar, no entanto, que não cabe falarmos em retorno à interatividade com a natureza se estamos nos referindo àqueles que têm nela

sua própria relação topofílica, que jamais fizeram tal resgate, porque dela jamais se apartaram. Discutiremos detalhadamente esse elemento em capítulo posterior.

Silêncio, tranquilidade

A tranquilidade que um ambiente rural ou de pequenas cidades oferece, em contraposição com o barulho dos grandes centros, também é um elemento frequentemente associado à qualidade ambiental.

"Paz. Você não tem a buzina, essa coisa de caminhão, de fumaça... Na cidade, você acaba virando paranóico. Você tem barulho disso, barulho daquilo, tem horário pra tudo. No mato não é assim. Embora você tem horário, tem que fazer, tem que cumprir, mas não tem essa loucura, não fica pressionado. Então, de certa forma, aqui é isso. Tranquilidade. A gente pode respirar tranquilo, tem calma pra se organizar." (FMOJ, administrador rural)

"Na área rural é bom, você fica tranquilo... É bom de viver." (VA, proprietário rural)

"Aquele ritmo... Aqui a gente vive mais tranquilo." (JSP, professora)

"Eu penso na tranquilidade ao sair de casa, sem estar correndo muito risco, na tranquilidade dentro da sua casa." (AA, professor)

"Aqui é mais tranquilo, mais sossegado" (RMR, aluno)

A aglomeração de pessoas nas grandes cidades é uma característica repudiada pelos moradores de Jardim, estando sempre associada com o barulho excessivo e com a falta de segurança e o estresse.

Ausência de agitação, estresse

Além dessa aglomeração, as condições de trabalho, as necessidades de deslocamento se associam diretamente com quadros de estresse, fator relacionado com a aversão a grandes centros detectada na topoanálise. Ao falar das grandes cidades, o morador rural descarta qualquer possibilidade de tomá-la como moradia, justificando: *"... pra falá a verdade não gostei, pra passeá lá, morá lá não, o movimento, a agitação, a violência..."* Notamos que as citações são destacadas principalmente dos relatos de moradores rurais.

"Por causa do estresse. (...) Até pra trabalhar o stress é maior, aqui na fazenda é mais fácil." (MCTL, administradora rural)

"...cidade é aquela correria. Você tem que levantar quatro horas pra trabalhar sete. Aqui não tem essa correria. É tranqüilo." (ABN, morador rural)

"Foi um distúrbio mental, porque eu imaginava uma coisa, tinha que acordar quatro e meia da manha para pegar ônibus cinco e meia." (SCF, morador rural)

"Aqui é essa tranqüilidade... Quando você quer, você vai a pé, lá era longe tinha que levantar de madrugada." (AM, aluna)

"Tem gente idosa que sai daqui e vai para Campo Grande, lá é muito agitado." (AC, histórico)

Liberdade, segurança, ausência de violência, ausência de muros

A violência em Jardim se restringe a alguns poucos casos isolados, em situações que apresentam precedentes, o que leva os moradores a considerarem como um aspecto extremamente positivo, a despreocupação com falta de segurança, os medos comuns aos habitantes dos centros

desenvolvidos.

"Lá na cidade era casaco, roupa. Aqui andava só de cueca. Foi como se eu ganhasse a liberdade. Eu andava sozinho. Andava na cidade inteira. Todo mundo te conhecia." (FMOJ, administrador rural)

"Ruim é movimento de cidade grande. Loucura aquilo lá, muito crime." (RR, administrador rural)

"Gosto de lugar assim. Não sei, porque eu sempre falo pra minha patroa, acidente acontece porque tem muito asfalto, muito muro, sei lá, eu gosto mais da natureza..." (JMR, representante de bairro)

"Eu não quero voltar para Campinas. Muito assalto, violência..." (MEVC, proprietária rural)

"Aqui a gente tem liberdade." (VV, proprietária rural)

"É a segurança, é que você pode confiar. Pode ficar com a sua casa aberta, não precisa de muros fechados, cão de guarda. Existe a segurança e a confiança nas pessoas. A humildade das pessoas te faz ter segurança." (IM, professor)

A liberdade aparece relacionada a vários aspectos diferentes. Ela pode significar desde a sensação de proteção até padrões de convivência social. Dessa forma, além de transitar em segurança e de conhecer a maior parte dos habitantes, o morador pode adotar a espontaneidade em suas expressões, tanto na forma de falar e agir, quanto na maneira de se vestir, dada a plasticidade dos padrões de comportamento social.

"Em São Paulo você tem muito mais conforto, em compensação que aqui você é mais tranqüilo. Aqui quando chega uma pessoa você já

pode conversar... Lá em São Paulo, o pessoal lá vive com medo..." (PB, líder religioso)

"Esta fase que estamos passando aqui é ótima. A tranquilidade, sair na rua sem medo de ser assaltado... Já nos grandes centros, você não tem isso. Até para entrar em casa tem que se cuidar." (LPB, líder religioso)

Horizontalidade

Outro aspecto evidenciado é a horizontalidade, a visibilidade de elementos da natureza que enfatizamos na seqüência. Chamamos aqui de horizontalidade a possibilidade de amplitude do campo visual para além dos espaços monótonos, como os que existem nas grandes cidades, o que a Da.Geralda chamou de "cidade sem fim". É ela também quem cita o desconforto que muros proporcionam, ao impedirem a visibilidade de horizontes mais amplos e a sensação de liberdade que dela advém. Compartilha com essa percepção a professora JSP: "... o asfalto passa na frente da minha casa, só que eu olho e já vejo mato, fazenda..."

Retornamos, nesse ponto, às colocações de THOREAU (1984) que destacam a horizontalidade que sua casa lhe proporcionava, atribuindo a ela o significado de liberdade e de "pasto" para a imaginação.

Ausência de poluição

"Céu aberto", "ar mais leve" se contrapondo à expressões como "sol triste", "cidade sem fim". É a percepção da poluição característica das cidades industrializadas. A ausência de poluição é detectada tanto pela percepção de 'leveza' do ambiente quanto diretamente pela associação com a ausência de

indústrias e resulta num bem estar associado à qualidade ambiental.

"Na fazenda, era boa, muito melhor que na cidade. Um céu aberto é bom."(MJ, administrador rural)

"São Paulo eu achei mais triste que o Rio. Apesar de São Paulo ser a maior cidade do Brasil, é uma cidade enorme, sem fim, sem fim mesmo. A gente olha, olha e ela não tem fim... É muito grande. Eu achei mais triste... A gente sente o ar mais abafado e as pessoas respira aquele ar abafado... Não sei te explicar direito. Sufoca a gente. Mas aqui a gente sente esse ar mais leve." (Da.Geralda, representante de bairro)

"O ar puro daqui, sem grandes quantidades de poluição, indústria."(IM, professor)

Alimentação, vida saudável, fartura

Atrelada à ausência de poluição, encontramos também a referência à possibilidade de alimentação saudável, o que não significa dietas balanceadas, como o morador de uma grande cidade poderia pensar, mas o acesso a alimentos produzidos em pequena escala, sem o uso de produtos químicos. O hábito de utilizar medicamentos naturais, na forma de chás, também é tido como condição de uma vida saudável.

"Por que o leite, o queijo, os ovos, tudo enfim é natural. Todo mundo quer. A gente dá uma alimentação boa para as galinhas. Banha de porco também. Ajuda muito nós. Meu pai faleceu com 105 anos e comia carne de porco do sitiozinho." (D.Virgilina, proprietária rural)

"Penso na possibilidade de você conseguir alimentos de procedência que você conhece." (AA, professor)

"Um ambiente puro, sem poluição. O pessoal tem o hábito de se alimentar com produto daqui. Por exemplo, a carne não é carne que vem congelada. Na feira, você encontra o alface que o japonês plantou ali, a mandioca, o repolho, coisa assim. Nada que foi industrializado, com grande quantidade de agrotóxico." (IM, professor)

"A vida era mais saudável, não tinha doença de remédio, às vezes uso remédio natural" (FP, histórico)

Apesar das condições oferecidas em Jardim, conforme observamos acima, o Sr. Orlando, morador urbano, recorda-se de situação ainda mais apropriada, se referindo à sua origem no campo.

"Não tem mais aquele farturão, que eu nasci e me criei na fartura, moendo cana, fazendo pinga, rapadura, açúcar né? Hoje cabô tudo isso." (Sr. Orlando, morador urbano)

A abundância, no entanto, não parece ser o fator mais relevante do seu relato, que nos fala indiretamente das práticas cotidianas na produção do alimento vividas naquele ambiente, lembradas aqui com nostalgia.

Simplicidade no modo de vida

Quando falam da indisposição pra habitarem grandes cidades, os moradores estão falando da valoração do modo de vida simples das pequenas cidades, o que D. Geralda chama de "mais pureza". Essa simplicidade evoca um menor apelo ao consumo, uma vez que as necessidades de morar, vestir e interagir socialmente não exige grandes investimentos, como ocorre na maioria

das cidades desenvolvidas.

"Eu queria uma situação melhor, mas aqui. Lá não. Eu poderia fazer um passeio, mas para morar não. Por que lá tem muito luxo e aqui eu acho que tem mais pureza." (Da. Geralda, representante de bairro)

Interação social, solidariedade

A interação social é, com certeza, um dos elementos que mais se destacam como indicativo de qualidade ambiental na cidade de Jardim. Os participantes são enfáticos ao falarem do espírito coletivo, principalmente os moradores da comunidade São Francisco na Vila Angélica. Nesse grupo, a solidariedade é uma marca constante, sendo freqüentes as reuniões para tratarem da dificuldade de algum membro e para levantarem fundos de auxílio. Mas a interatividade não se restringe a eles, uma vez que é uma constante nas citações dos diferentes grupos representados.

Os próprios participantes contrapõem essa prática do diálogo, provocada pelas tradicionais rodas diárias de "tereré", ao hábito descartável de restringir-se à TV nas grandes cidades, o que eles associam com a impossibilidade de usufruir a segurança e liberdade que um ambiente "puro" como jardim oferece. O melhor momento do dia para o administrador rural JLBM nos é referenciado da seguinte forma: "... o horário do 'tereré', porque a gente senta para conversar, pra contemplar a natureza, na beira do rio ou do açude".

Vejamos outras citações:

"Em Jardim, é mais fácil de pegar a amizade." (JLBM, administrador rural)

"Amizade sadia... A gente convive muito, vive aqui na tranqüilidade... Aparece um vizinho, tomar tereré, contar história"
(Sr.Modesto, proprietário rural)

"Aqui é mais fácil de fazer amizade."(Rivelino, professor)

"Lá eu tinha mais pessoas e menos amigos e maior dificuldade de contato. Aqui eu encontrei menos pessoas, mas maior facilidade de contato e acredito que mais amigos."(IM, professor)

"Em Jardim, todo o mundo se conhece."(ACC, morador rural)

"...na fazenda, a gente conversa mais e aqui na cidade a gente só vê televisão."(NAD, morador rural)

"E é muito bom de viver, tem churrasquinho todo dia, festinha todo dia... Mais pela interação social. Mais calmo, mais pacato."
(RCBL, histórico)

O aspecto da solidariedade é muito evidente, o que vivenciamos na comunidade São Francisco, onde os eventos para arrecadar fundos destinados a alguma família em dificuldades são uma constante.

"Nesse ponto de solidariedade, o povo é bem unido." (PB, líder religioso)

"A comunidade né, cativa, dá forças, não existi fofoca. Quando alguém tem problema todos ajudam."(JRM, representante de bairro)

Como sabemos, a coletividade é uma das condições condicionantes de ações de sensibilização e da sustentabilidade, o que torna essa importância que os moradores dão à interação social, uma característica evidentemente positiva para o alcance de nossos objetivos.

Beleza natural

O contato com o belo é um dos pilares da doutrina da igreja messiânica, muito presente em Jardim. Os líderes representantes dessa doutrina dizem que o trabalho que fazem com arranjos florais é uma forma de manterem contato com o belo e destacam a importância da presença de flores na cidade ideal, que objetivam construir em locais denominados solos sagrados. Outros participantes também citam as belezas naturais ao falarem de qualidade ambiental:

"Jardim tem muita coisa bonita. Tudo, esse cerrado... Essa terra, esse povo que tem aqui. Aquela coisa pura que o interior preservou... Isso é o mais bonito que tem aqui. Os rios, os animais que tem aqui." (IM, professor)

"Eu fui em Juiz de Fora e gostei muito de lá, tem bastante belezas naturais, e o povo lá é bom, a cidade é calma." (GJS, representante de bairro)

Menor estímulo às drogas e à sexualidade precoce

Embora hoje os problemas com a disseminação das drogas e a sexualidade precoce seja comum a quaisquer ambientes urbanos, são associados com mais frequência aos grandes centros urbanos, onde as oportunidades de acesso e a vulnerabilidade à mídia são maiores. Nesse sentido, as pequenas cidades e o ambiente rural estariam menos suscetíveis a esses estímulos. No entanto, o professor ACSP revela uma preocupação com a realidade de Jardim, considerando que "... as drogas, a sexualidade muito aflorada nas crianças", representam um problema que deve merecer maior atenção. Sem dúvidas, ele tem razão, principalmente se considerarmos que as

idades turísticas são alvo do confronto entre hábitos e culturas diferentes, o que geralmente provoca a entrada de fatores estimulantes a esses dois problemas.

Conforto psicológico, aconchego

Podemos citar o termo conforto com duas conotações diferentes e, até, antagônicas. O conforto pode evocar um padrão de vida, almejado nos grandes centros urbanos, onde representa a moradia ampla, a possibilidade de consumo, a privacidade e até a luxuosidade. Num outro extremo, pode evocar uma condição psicológica marcada pela sensação de pertença, de aconchego, de calma. É esse conforto o citado no nosso contexto como elemento associado à ambientes naturais, rurais e de pequenas cidades.

"A qualidade não é no sentido de conforto maior, mas é psicologicamente um ambiente que você sabe se adaptar." (PB, líder religioso)

"...desse aconchego, dessa família grande que uma cidade pequena, que conhece todo mundo." (RCBL, histórico)

Menor pobreza, exclusão social

Alguns participantes consideram que não há, entre os moradores de Jardim, condições de miserabilidade, citando esse fator como um elemento de vantagem em relação ao grande número de excluídos das metrópoles. Há, porém, a percepção da pobreza evidenciada pelo líder religioso PB, proveniente das periferias de grandes cidades, na citação: "... aqui a pobreza é pior; aqui tem realmente os excluídos..." Ao dizer essas palavras, invoca a restrição do mercado de trabalho na região, contrapondo o quadro às oportunidades de

empregabilidade de que dispõem os moradores das favelas metropolitanas.

"Emprego, quando não é com fazenda é com construção, os que têm emprego mesmo são poucos, a maioria é bico." (CPS, representante de bairro)

Por outro lado, alguns participantes reconhecem que as oportunidades de emprego realmente são escassas, ficando restritas às poucas atividades advindas da pecuária, do funcionamento público e do pequeno comércio, mas insistem que esses condicionantes geram somente situações de pobreza e não de exclusão social:

"Aqui tem pobreza, mas não tem miséria que a gente vê nos outros lugares." (PR, professor)

Procuramos inserir no final dos depoimentos, um breve questionamento sobre como os participantes vêem o desenvolvimento turístico no município e até que ponto esse desenvolvimento tem significado geração de emprego para os moradores. Na visão que nos foi apresentada, é muito pequeno o aproveitamento da mão de obra disponível no local, uma vez que os investidores buscam mão de obra qualificada. Além disso, é muito comum um quadro em que os próprios empreendedores, juntamente com seus familiares e uns poucos auxiliares, garantam a administração e funcionamento dos atrativos, o que implica baixa geração de emprego na atividade. Os membros da comunidade São Francisco requisitam a presença dos turistas nas áreas periféricas da cidade, e a conseqüente extensão das benfeitorias implementadas para seu acolhimento na região central da cidade. Dessa forma, evidencia-se um desenvolvimento onde não se conseguiu ainda agregar totalmente a dimensão

social, o que o descaracteriza do padrão de sustentabilidade que hoje se busca.

Todos os indicadores associados às pequenas cidades e ao ambiente rural apresentados são, na verdade, uma negação de características típicas do ambiente urbano desenvolvido, o que reforça a aversão aos grandes centros evidenciada no capítulo anterior. Esse quadro não caracteriza uma situação isolada, mas uma tendência que marca o ecologismo pós-moderno. Segundo FROEHLICH & BRAIDA (2002), muitos atributos ligados à tecnicidade/modernidade urbana estão passando a ser considerados negativos, como a poluição, a super-população, o desemprego, a insegurança, a violência, etc, conformando condições de qualidade de vida deterioradas, um modo de habitar degradado, desvalorizado, rejeitado, associado à pobreza, à exclusão e à delinqüência.

Elementos associados a características de ambientes urbanos

A análise dos elementos associados aos ambientes urbanos fez com que detectássemos uma diferença sutil. As características associadas com infraestrutura são requeridas para as pequenas cidades tanto quanto o é pelas metrópoles. Essas características se associam diretamente com a qualidade ambiental na medida em que geram outros elementos de relevância, motivo pelo qual preferimos chamar de elementos secundários. Por exemplo, a coleta e disposição do lixo é um elemento que gera a limpeza e beleza do meio, o lazer gera conforto psicológico e, a higiene e saúde, a vida saudável.

Os elementos associados à infra-estrutura são essencialmente o que qualificaríamos como elementos construídos, porém, eles existem pelas necessidades de assemelharmos, o mais possível, nosso ambiente à sua primitiva naturalidade. A inserção desses elementos, no entanto, depende da

forma como se projeta o ambiente urbano, o que significa que é acessível a quaisquer cidades, independente do seu grau de crescimento, desde que haja um gerenciamento adequado. Por esse motivo, destacamos, em nossa apresentação, a infra-estrutura, daqueles elementos característicos de centros mais avançados, que coincidentemente, são elementos humanos, como vida cultural ativa, oportunidades de emprego e crescimento profissional e acesso à tecnologia e a bens de consumo.

Infra-estrutura (implementável em pequenas cidades e centros desenvolvidos):

Rede de esgoto, drenagem/esgoto, coleta de lixo, limpeza

A cidade de Jardim tem, na maioria das residências e estabelecimentos, o sistema de fossas sépticas. A rede de esgoto cresce lentamente e, até o momento, se restringe à zona central e algumas poucas áreas periféricas. No que diz respeito ao destino dos resíduos sólidos, apesar de já haver um sistema implantado de separação e reciclagem orgânica, a coleta de lixo deixa um pouco a desejar, sendo que em períodos de chuva prolongados, é inviabilizada nas vias não-asfaltadas, que se tornam intransitáveis. Além disso, há necessidade de um trabalho de sensibilização maior atingindo tanto moradores de áreas periféricas, que não raro utilizam terrenos baldios para depósito do lixo, quanto de moradores e turistas na área central.

"Eu digo talvez sonhando um pouquinho alto, um asfalto nas ruas principais que a gente chama de avenida. Eu não sei o que poderia melhorar em relação ao lixo, acho que um pouco é falta de conscientização do povo, porque o lixeiro passa." (CPS, representante de bairro)

São várias as citações dos participantes requerendo esses fatores:

"Teria que ter uma rede de esgoto, saúde melhor, drenagem."

(ACM, representante de bairro)

"Água encanada nós temos, esgoto não. É só fossa séptica." (CPS, representante de bairro)

"O saneamento básico que aqui não tem." (Da.Geralda, representante de bairro)

"Aqui em Jardim tem muito pouco rede de esgoto, só uma ou duas vilas que são locais alagados que não tem como fazer fossa séptica que estão fazendo rede de esgoto." (AA, professor)

"Você pega toda a periferia, a Santo Afonso, Carolina, Previsul, depois tem toda vila Brasil, não tem casa e nada, tem a Major Costa, esgoto tem a céu aberto em todo lugar." (PB, líder religioso)

"Eles solta os esgoto na galeria de água pluvial, até a gente percebe o mal cheiro, horrível, eles tem fossa mais solta na galeria." (PO, líder religioso)

Saúde, higiene

Jardim tem hospital e centros de saúde, mas o corpo médico dispõe de poucos especialistas. Em termos de saúde preventiva, os representantes de bairro que trabalham com as pastorais de saúde dizem ser necessária uma intensificação do trabalho de acompanhamento das famílias, atribuindo várias das enfermidades que acometem a população à pura falta de orientação:

"A maior dificuldade é o esclarecimento. Eu acho que não precisa ter muito estudo para levar uma vida aberta, tanto saúde, a higiene é

a principal dela.. Você pode ser pobrezinho mas tento higiene, uma noção de saúde, você tem tudo." (Da.Geralda)

A saúde, apesar de se relacionar com a qualidade de vida, parece não excluir a cidade, pelas suas limitações, à concepção de boa qualidade, já que essa é proporcionada pela vida saudável que os outros elementos associados a pequenas cidades proporcionam:

"Nós temos uma dificuldade na área médica, mas a qualidade de vida aqui não é ruim." (AA, professor)

Para outros moradores, as dificuldades enfrentadas pela deficiência nessa área são também minimizadas pela possibilidade de deslocamentos para a capital, e a minimização dessa deficiência é só uma questão de tempo, já que a cidade tem atraído profissionais pelo potencial de desenvolvimento turístico que apresenta.

"Saúde, falta um bocado, mas se a gente lutar, a gente chega lá."
(Rivelino, professor)

Transporte

Jardim possui apenas um ônibus circular, rodando em intervalos de uma hora, que atende à área central, às áreas extremas da cidade e a pontos estratégicos de alguns bairros. Nesses pontos, em períodos de chuva, fica impossível o acesso, o que deixa grande parte da população de bairros periféricos sem opção.

"O ônibus, o dia que chove nós aqui ficamos ilhados igual porquinho sujo. Se acontece um caso de doença, se não for o corpo de

bombeiros..." (JRM, representante de bairro)

Existe toda uma área que engloba partes de bairros periféricos que não é atendida por transporte coletivo, o que torna a bicicleta um veículo de uso comum.

Área de lazer

Quando se fala em área de lazer, a exemplo do que ocorre com o elemento conforto, se depara com algumas controvérsias. Analisemos comparativamente as citações:

"Teria que ter área de lazer pras crianças" (ACM, representante de bairro)

"Lazer aqui não falta. Tem clube pra gente levar as crianças, tem balneário..." (AA, professor)

Notamos que para algumas pessoas, lazer está atrelado a espaço de diversões construído enquanto, para outros, o próprio contato com a natureza e com pessoas da comunidade já é considerado como atividade lúdica. A controvérsia continua também nos relatos sobre as grandes cidades:

"Morei em cidade grande. As pessoas não tinham lazer." (ACC, morador rural)

"Você tem (nos grandes centros) o lazer, tem teatro, praia, lazer para todos os gostos e bolsos, mas por outro lado tem um estilo de vida que não é mais o meu, eu gosto daqui do MS, eu gosto do interior" (PS, líder religioso)

As opções de lazer existem nesses espaços, mas podem ou não ser reconhecidas dependendo da concepção que se tem de diversão. Para ACC, morador rural, nascido em Jardim, centros de compras e parques urbanos não são espaços lúdicos, enquanto que para PS, líder religioso, proveniente de uma grande cidade, eles representam áreas de lazer, embora não sejam os de sua preferência.

Importa então nos questionarmos de que tipo de lazer nos fala TARMO, representante de bairro, quando nos coloca a respeito de uma vila rural de Jardim: *"... a vida lá no Boqueirão é boa, mas muito pobre... Não tem quase lazer"*. Há no local, contato com a natureza, a proximidade com o balneários e atrativos turísticos responsáveis pelo deslocamento de um grande número de moradores de grandes centros, mas que não satisfazem à alguns moradores que talvez preferissem algo diferente de seu espaço cotidiano como opção de lazer.

Aspectos Sócio-econômicos com maior associação a centros desenvolvidos

Vida cultural

Os eventos culturais são realmente um elemento que deixa a desejar no município. São requeridos principalmente por aquelas pessoas provenientes de ambientes urbanos maiores, onde há um hábito enraizado de participação em atividades culturais, também associados à interatividade social. Esse, porém, é um fator que influi na qualidade de vida não sendo, porém, determinante, o que vemos no relato de MCTL ao falar da cidade de onde migrou:

"... tem a vida cultural que é melhor, mas em relação à qualidade de vida é menor." (MCTL, administradora rural)

Na cidade idealizada pelos membros da igreja messiânica, as atividades culturais são relevantes:

"Tem que ter também estrutura com trabalho durante 4 horas do dias, atividade cultural, em mais 4, e muito respeito." (MA, líder religioso)

Oportunidade de emprego, oportunidades de estudo e crescimento profissional

Comparando novamente as condições de Jardim com grandes centros, o líder religioso coloca a falta de oportunidades de trabalho como um comprometedor da qualidade ambiental:

"Existe uma pobreza meio esquisita, não sei como é que conseguem sobreviver nessa situação. Em São Paulo é diferente. Lá é um povo que tinha trabalho." (PB, líder religioso)

É citada também a falta de oportunidades de crescimento profissional, motivo pelo qual muitas famílias até projetam a migração para cidades maiores, em busca de opções de estudo para os filhos.

"Eu gostava de um centro maior. Não pela qualidade de vida, mas pelo crescimento, por causa dos meus filhos. Jardim não oferece espaço, só natureza." (SZR, professora)

Conforto, bem-estar, disponibilidade de produtos de consumo

Aqui falamos do conforto associado a um padrão de maior consumo e apartado de preocupações financeiras. Nas cidades, esse conforto é também associado ao poder de propriedade e privacidade, sendo a amplitude do espaço

habitado diretamente relacionado com o bem-estar. Esse elemento é citado por migrantes de grandes centros urbanos.

"Você sai de uma cidade grande que tem todo o conforto, você vem com duas crianças pequenas. Não tinha energia, você entrava no supermercado não encontrava nada." (JCC, proprietário rural)

"Aqui faltou opção de lazer, de compras. O meio lá era muito grande, tinha muita opção de compra. Aqui o meio é pequeno." (IM, professor)

"Bem estar, boa casa, família com situação financeira equilibrada." (IM, professor)

Desenvolvimento econômico, diversificação de atividades

Em espaços urbanos mais desenvolvidos, é identificada a diversificação das atividades econômicas como um fator positivo, na medida em que gera maior capital e maiores oportunidades de emprego. A restrição à atividade agropecuária na região é citada como responsável pela estagnação econômica e pelo baixo poder aquisitivo. A inserção da atividade turística sinaliza uma descaracterização desse quadro.

"A cidade aqui é muito pobre, com o poder aquisitivo muito baixo, praticamente funcionários, os fazendeiros que tem são criadores de gado, criadores de gado não trazem muito dinheiro para a cidade." (RCBL, histórico)

Para outro participante migrante de centro urbano desenvolvido, a implementação da atividade industrial representa uma opção viável, desde que compatível com modelos sustentáveis:

"Formar um parque industrial, não perto da cidade, mas também não tão longe e ali faça toda essa infra-estrutura, permitindo que a cidade cresça, tenhamos emprego, tenhamos o poder econômico, mas também tenhamos a nossa preservação. Eu acho que é possível." (AA, professor)

Desenvolvimento tecnológico

Muitos moradores rurais destacam a elevação da qualidade ambiental advinda do acesso à produtos tecnológicos disponibilizados nos últimos anos, como energia e eletrodomésticos.

"Depois da energia elétrica, ficou muito bom, tem freezer, televisão." (JJMM, morador rural)

Projetando a cidade ideal, os líderes messiânicos destacam a importância da produção industrial para o bom funcionamento da cidade.

"Tem que ter na cidade ideal um campo de produção industrializado." (MA, líder religioso)

Compatibilidade entre rural e urbano

Analisando os elementos relacionados com a qualidade ambiental apresentados, podemos perceber que várias das características associadas ao modo de vida rural continuam fortemente presentes na pequena cidade de Jardim. Há, no entanto, outros elementos requeridos para a cidade que são tipicamente atrelados ao desenvolvimento urbano, o gera um quadro de projeção da compatibilidade entre os ambientes naturais e construídos. Esse cenário é resumido com bastante lucidez na citação abaixo:

"Eu gosto de Jardim. Aqui tem o urbano e o rural juntos" (JJBF, histórico)

Para os moradores de Jardim, portanto, gerar qualidade ambiental é manter várias das características primárias de que já usufruem e associar alguns elementos de infra-estrutura, buscando aos poucos os aspectos positivos do modo de vida nas grandes cidades, aqueles que sejam compatíveis com o modo de vida que possuem.

Indicadores de qualidade ambiental nas representações gráficas

Os mapas mentais nos trazem a confirmação de vários elementos indicadores de qualidade ambiental revelados na análise dos depoimentos. O que primeiro evidenciamos é o fato de a maioria absoluta das representações gráficas refletirem ambientes preservados e rurais, sendo poucos os casos que caracterizam ambientes semi-urbanos e urbanos. Os dados quantitativos estão discriminados no Anexo II (Gráfs. 6, 7 e 8).

O contato com a natureza é o elemento que mais se repete nas representações. A água, a vegetação e os animais são componentes que, nessa ordem, se destacam com maior frequência. Seguem as montanhas, os abrigos simples, a claridade, as flores, as hortas e plantações e o elemento humano. Citações escritas entre os desenhos foram comuns fazendo menção à tranquilidade, aconchego, liberdade, paz, harmonia, ar puro e facilidade de acesso. Na representação que caracteriza o típico ambiente urbano estão presentes a escola, o hospital, a igreja e o transporte.

No que diz respeito à presença de pessoas, nas representações do ambiente ideal para se viver, a família e a comunidade são citados, havendo

porém alguns casos de referência aos isolamento e à restrição do número de pessoas.

Sintetizamos no QUADRO 2 a seguir, as compatibilidades entre os elementos destacados dos mapas mentais e da análise de discurso.

Depoimentos	Mapas mentais
Contato com a natureza Interatividade com a água Contemplação / paz	Ênfase em ambiente natural/rural Vegetação - casa na árvore* Animais Água Harmonia / paz
Silêncio / tranquilidade	Tranquilidade
Liberdade / ausência de muros	Liberdade pássaros
Alimentação saudável / fartura	Solo (preservado) / plantação / Horta / árvores frutíferas
Ausência de poluição Céu aberto / limpeza	Ar puro Claridade (sol)
Simplicidade / bem-estar	Abrigo (casa simples)
Conforto psicológico / aconchego	Aconchego / chaminé*
Horizontalidade / proteção	Montanhas
Interação social	Presença de comunidade / família
Compatibilidade rural e urbano	Ambiente rural com fácil acesso ao urbano

QUADRO 2: Indicadores de qualidade ambiental nos depoimentos e mapas mentais

Queremos destacar do quadro a representação da "casa na árvore" feita por um dos participantes, como indicativo da interatividade com o meio ambiente preservado. A qualidade ambiental, para ele, está atrelada à possibilidade de perfeita interação com a natureza, numa clara renúncia aos padrões urbanos de abrigo e conforto. THOREAU (1984) vê no espaço da cabana ou da casa o local onde floresce a criação simbólica, referindo-se à sua construção como um refugio que lhe possibilitava constantemente a interação com a natureza e o movimento das imagens. As funções e a dimensão universal

que a casa toma são também detalhadamente exploradas por BACHELARD (1993).

Outro detalhe em discussão é a presença das chaminés, que evocam a típica imagem rural das velhas casas de fazendas, com seus fornos à lenha, imagem também associada à sensação de aconchego.

A título de síntese

A primeira coisa que devemos enfatizar, no fechamento dos nossos dados referentes a qualidade ambiental, é a identificação que tem as características do ambiente ideal pra se viver com aquelas dos ambientes preservados, rurais e semi-urbanos. Associamos essas características aos laços dos moradores com o lugar.

Percebemos que a qualidade de vida é associada tanto a elementos físicos naturais do ambiente, como beleza cénica e ausência de poluição, quanto a elementos inseridos, ligados à infra-estrutura, como saneamento básico, transporte e saúde. A dimensão sócio-cultural também é citada, com a referência à interação social, vida cultural, oportunidade de emprego e menor susceptibilidade à drogas e à sexualidade precoce. Além disso, elementos próprios do lugar são evidenciados, sendo exemplos, a tranquilidade, a ausência de agitação, o conforto psicológico, o contato com a natureza e a simplicidade.

O acesso ao desenvolvimento tecnológico é também citado, mas não vem como característica restrita aos ambientes urbanos desenvolvidos, e sim como elemento já disponível no ambiente rural, o que nos remete à discussão, já em pauta hoje em dia, da tendência de diminuição da distância entre as dimensões e, conseqüentemente os conceitos, de rural e urbano, apontada por FROEHLICH & BRAIDA (2002). Como conseqüência desse movimento de

artificialização da natureza, concomitante a uma busca pela natureza do rural, os autores apontam uma transição do significado do campo de reserva social e natural para reserva cultural.

A valoração do ambiente

Segundo MORENO (1998), cada grupo humano, cada indivíduo, tem uma percepção própria do espaço que ocupa. A informação captada pelos sentidos é processada e dotada de significados. O conhecimento da interpretação que cada sociedade faz de seu espaço é fundamental para a análise holística da paisagem. A paisagem é um conjunto de elementos de interação. À luz de culturas, tradições e emoções, a paisagem adquire um plano superior.

"El paisaje físico determina, en mayor o menor medida, el comportamiento de sus observadores, de sus habitantes. Las pautas de conducta, las actividades econômicas e incluso las relaciones sociales vienen también, em parte, determinadas por el paisaje." (MORENO, 1998)

Além dos valores atribuídos ao lugar, associados às condições de sobrevivência e ao bem estar físico, novos valores geram uma demanda de novas necessidades de satisfação de ócio e bem-estar psicofísico. Para a autora (MORENO, *op cit*) esses valores se estabelecem a partir da percepção, processo no qual a interpretação, análise cognitiva que realiza o observador, dando um significado à imagem, é um dos elementos fundamentais. Da percepção física e da valoração, a interação das características físicas da paisagem que se aproxima do conforto psicofísico estabelece a beleza cênica do lugar.

As indicações da beleza natural do lugar, citadas pelos participantes como um dos determinantes da qualidade ambiental, revelam a valoração atribuída à paisagem e reforçam a identificação da topofilia. Em condições de hostilização da paisagem visualizada, ou seja, sem a relação topofílica, esse valor muito possivelmente não seria estabelecido. Isso talvez explique a destruição ostensiva do bioma Cerrado, que durante longo tempo foi destituído das características que geralmente se associa à beleza cênica. Em última análise, a valoração só se dá em quadros de conexão entre a dimensão cultural e física do lugar habitado. Quando a cultura, a tradição e a percepção do ser humano se aparta da dimensão física, destituindo-lhe dos seus significados e rompendo então esse laço conectivo, o lugar se transforma em espaço passível da sujeição aos interesses humanos puramente especulativos.

Em destaque, a importância do espírito comunitário revelado

O município é proposto por WANDERLEY (1991) como espaço político de articulações de lutas, de conquista de hegemonia política e intelectual em todos os níveis, sendo que a participação ativa na gestão dos serviços públicos funciona como ferramenta de aprendizagem, como experimento viável, como exercício efetivo de parcelas do poder.

Segundo MEDINA (1997^a), a educação ambiental é o processo que consiste em propiciar às pessoas uma compreensão crítica e global do meio ambiente, para elucidar valores e desenvolver atitudes que lhes permitam adotar uma posição crítica e participativa a respeito das questões relacionadas com a conservação e adequação da utilização dos recursos naturais. Quando discute esse princípio, OLIVEIRA (1998) diz ser fundamental que o indivíduo se conscientize da necessidade de ocasionar mudanças e seja

instrumentalizado, através da educação, para o exercício de seus direitos e deveres.

Consta das orientações da Conferência de Tbilisi que a educação ambiental deve ser dirigida à comunidade, despertando o interesse do indivíduo em participar de um processo ativo no sentido de resolver os problemas dentro de um contexto de realidades específicas, estimulando a iniciativa, o senso de responsabilidade e o esforço para construir um futuro melhor (Ministério do Meio Ambiente, 1997).

A Agenda 21 também evidencia, em seu capítulo 36, a fundamental importância de sensibilizar as pessoas e envolvê-las nos problemas ambientais, no sentido de buscar soluções efetivas para o desenvolvimento e planejamento ambiental.

Segundo MEDINA (1997^b), a educação deverá capacitar as pessoas para não fugirem dos conflitos sob a falácia da neutralidade e trabalhar para a classificação de indicadores sobre o meio ambiente e a qualidade de vida, permitindo às pessoas colocarem-se com clareza e coerência em qualquer confrontação de interesses.

Outro fator importante é a própria dificuldade de desenvolvimento de um espírito coletivo, dado o enraizamento do individualismo característico do modo de vida atual, marcado pela liberdade cartesiana. É preciso romper esse individualismo para que se dê o exercício da cidadania, através da organização dos diversos segmentos sociais na luta por suas metas. Disso se depreende a importância que tem a coletividade revelada no espaço de nossa pesquisa, e a representação que ela tem de um indicativo de sucesso de propostas de planejamento participativo.

Quando nos referimos à apropriação do espaço no primeiro capítulo,

citamos KUHNEN (2001) falando da impossibilidade de se falar em apropriação dentro de uma dimensão individual. A percepção que modela a apropriação é essencialmente individual, mas esta só se realiza mediante a socialização, possibilitada pela compatibilidade dos elementos percebidos.

Essa discussão será retomada no último capítulo, quando trataremos da dimensão educativa no nosso desenvolvimento reflexivo.

Interação social



“A comunidade né, cativa, dá forças, não existi fofoca. Quando alguém tem problema, todos ajudam.”

(Jacinta, representante de bairro)

Tema 5. CONHECIMENTO DE FAUNA E FLORA

O conhecimento da fauna e da flora é um indicativo do grau de interatividade das pessoas com o ambiente natural, na medida em que os modos de vida cotidiano em ambientes rurais e preservados oferecem momentos de contato com diferentes espécies, principalmente se há uma atenção especial dos moradores, resgatada do instinto biofílico. Esse conhecimento popular nascido da forma intuitiva de apreensão do mundo é um dos eixos em torno do qual gira o pensamento bergsoniano.

Nesse eixo temático serão acrescentadas as informações colhidas da análise da série de identificação de espécies, onde é exigida uma quantificação de resultados que, a despeito de querer significar uma redução do conhecimento tradicional a dados numéricos, tem um sentido puramente conotativo da intensidade de interação com as espécies do bioma local.

Os moradores, proprietários e administradores rurais revelam um conhecimento da biodiversidade local construído a partir desse contato direto com as espécies. Sr. Modesto nos revela uma profunda capacidade de observação e um interesse particular pelos aspectos comportamentais das aves que povoam sua fazenda:

“Eu fico lá no buraco. Fico observando como é que elas vive. Que hora que chega, que hora que elas sai... Elas fazem o ninho de 30 a 40 metros do chão. A arara acompanha o filho 1 ano e 6 meses... Elas vão bota de 2 em 2 anos. Uma arara vai chegar na natureza a 80 anos. Elas só vevi de casal, né? Só morre se separa elas... Morre de tristeza.” (Sr.Modesto, proprietário rural)

JJBM, administrador rural já teve oportunidade de observar diversas espécies na fazenda onde mora, onde existe inclusive um atrativo turístico baseado na observação de um bando de queixadas. Esse atrativo causou nos últimos anos alguns transtornos advindos da prática de ceva não orientada. Apesar de ter se conscientizado disso, ele se justifica:

"Quando nós chegamos era difícil a gente ver queixada, ia no meio do mato, quando ouvia estralar os dentes você corria. Aí depois começamos a ver e começou a tratar." (JLBM, administrador rural)

"Anta também tem bastante ainda, paca, cutia, macaco, quati, onça pintada e a parda também tinha bastante."

Destacamos abaixo outras citações feitas por moradores da zona rural de Jardim:

"Aqui tem bicho que eu acho que você nunca viu, só pela televisão alguma vez. O cervo, aqui tem, aquele bicho tá quase terminando... Aqui tem anta bastante ainda, tem um tatu - o galinha - tem muito aqui, paca tem bastante também." (MJ, administrador rural)

"Vê tudo quanto é bicho, o que mais vê é queixada. Tem capivara, cateto, onça. Aqui nessa mata dá muita cascavel e sucuri." (WM, morador rural)

É esse grupo constituído por moradores rurais que, juntamente a uma minoria de professores, apresentou citações mais corretas, utilizando nomes populares, e com maiores detalhes sobre os hábitos das espécies apresentadas na série de identificação. Identificaram corretamente de dezoito a vinte e uma das vinte e três espécies animais apresentadas. Alguns professores, no

entanto, desconhecem espécies de peixes e fazem algumas consideráveis confusões, ao identificarem seriema como pavão, ariranha como foca, lagarto como crocodilo e tuiuiú, a ave símbolo do pantanal, como garça. Metade dos professores submetidos à série fizeram menos de quinze identificações das vinte e três espécies animais.

Podemos considerar, no entanto, que a população, de uma forma geral, conhece a diversidade animal local, e que esse conhecimento se diferencia entre as pessoas com um contato mais freqüente com o ambiente preservado.

Em se tratando, porém, da flora, esse conhecimento se reduz sensivelmente. O grupo que mais conseguiu identificar e dar detalhes foi dos administradores rurais e dos representantes de bairro, do qual se destacam dois participantes com dez identificações das quinze espécies apresentadas na série. Entre os representantes de bairros estão algumas pessoas que trabalham diretamente com a pastoral da saúde, e estão habituados ao uso de plantas medicinais no tratamento de diversas enfermidades, o que explica sua maior facilidade na identificação das espécies vegetais. Entre os professores, só há destaque para o desempenho dos da área de biologia e, no grupo dos alunos, o número de identificações se restringiu a duas espécies, revelando um baixíssimo conhecimento da flora local.

A referência à espécies vegetais comestíveis ou relacionadas com o uso medicinal é também extraída dos depoimentos dos participantes:

"Capim cidreira, hortelã, salva ou melicía... Esse serve para dor de cabeça, depressão é muito bom. Capim cidreira é para acalmá."
(D.Virgilina, proprietária rural)

"O pessoal tá usando bastante aquele cipó da Amazônia. É contra o câncer... Tem um algodãozinho do mato que eles estão tomando pra

úlceras. Tem o rabo de macaco que é muito bom. A jurubeba... É amarga, mas diz que é bom pra úlcera." (NAD, morador rural)

"Chapéu de couro, carqueja, quebra pedra, alazão, cancoroza, diversos remédios." (FP, histórico)

"No centro de Jardim só tinha cajuzinho do campo, guavira, butiá, alguns pés de pequi." (JJBF, histórico)

A discrepância que existe entre o contato com a flora em relação com as espécies animais pode também ser discutida do ponto de vista do instinto biofílico. Segundo esse princípio, o ser humano, enquanto espécie animal, tende a se aproximar mais naturalmente dos seus semelhantes, ou seja, da fauna. Essa diferença se evidencia nos próprios trabalhos desenvolvidos sobre o fenômeno, onde as imagens de animais ocupam amplamente os levantamentos e discussões.

A apresentação dos dados numéricos estão no Anexo II, Gráf.9. Na seqüência, destacamos as referências feitas para cada uma das espécies identificadas, juntamente com os nomes populares a elas atribuídos. Esses dados serão importantes na elaboração de ações de educação ambiental, tornando possível uma linguagem apropriada ao conhecimento tradicional local, além de representar um riquíssimo conjunto de indicações para pesquisas científicas formais.

Quadro 3. Denominações associadas a espécies da fauna regional

ANIMAIS		
Nome popular	Nomes citados	Observações citadas
ariranha	ariranha , lontra, foca, leão marinho	Dá muito no rio porque come peixe
socó	socó , socó-boi ,	Vive em varjão, brejo Cerrado e pântanos
cervo, veado galheiro	cervo , veado , cervo do pantanal , veado	Vive no cerrado
arara	arara , arara-azul , canindé , avestruz, papagaio	Está em extinção
ema	ema ,	Típico do cerrado
araçari	araçari , espécie de tucano , tucaninho , galo campeiro , tucano do brejo	Come semente de <i>Ficus</i>
tucano	tucano	
seriema	seriema , pavão	Atrae pelo canto
jacaré	jacaré	
anta	anta , capivara, paca	Tem muito no Rio da Prata, nadando Vive em banhados de matas fechadas
sucuri	sucuri , cascavel, jibóia, jararaca	Tem muito na fazenda
lagarto	lagarto , tiú , teiú , víbora, camaleão	
capivara	capivara , cutia, porco do mato, ouriço	Dá na beira de córregos Não tem muita porque a água é limpa
piranha	piranha , pacu,	
garça	garça	Come insetos
tuiuiú	tuiuiú , João-grande	símbolo pantaneiro
gavião, caracará	gavião , carancho , gavião real	Come galinha grande Predador
martim-pescador	martim-pescador , pega-peixe	Pegador de peixe
pintado	pintado , surubim , caxara	
macaco prego	bugiu, macaco...	
lobo-guará	lobo-guará , lobinho	Tem na fazenda
tamanduá-bandeira	tamanduá-bandeira , tamanduá , tamanduá-mirim	Tem na fazenda
piraputanga	piraputanga , dourado	

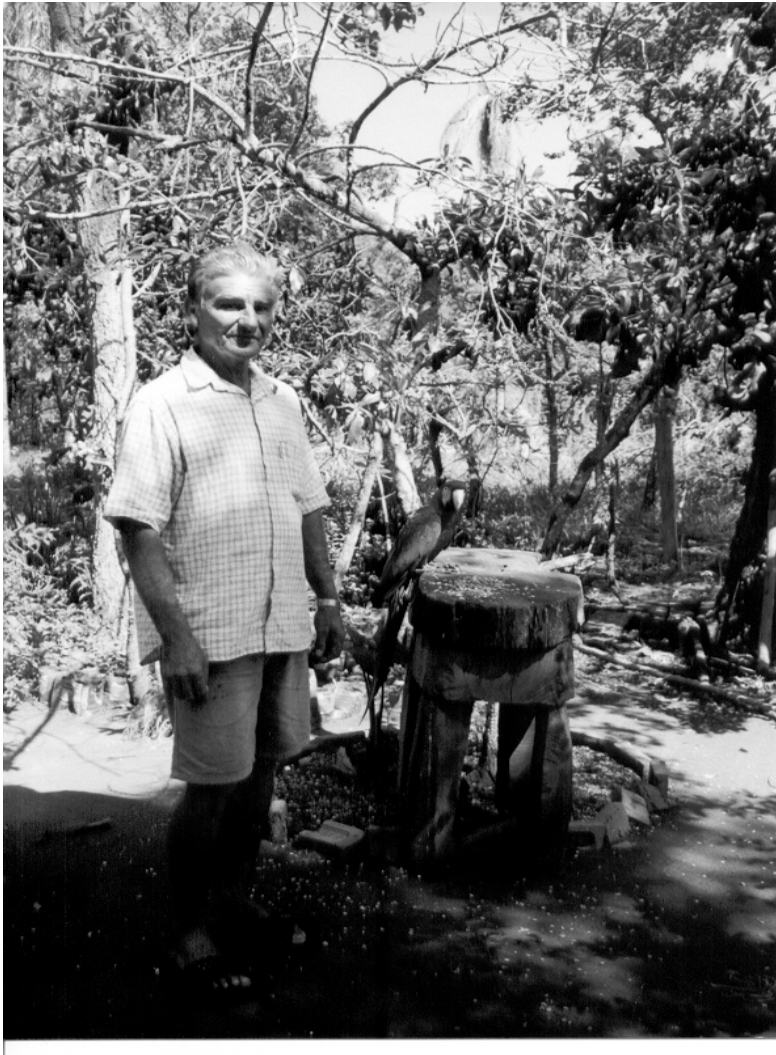
Nota: Os nomes citados em negrito (na segunda coluna) significam citações correspondentes à espécie apresentada

Quadro 4. Denominações associadas a espécies da flora regional

PLANTAS		
Nome popular	Nomes citados	Observações citadas
ipê, piúva	ipê, ipê-roxo, piúva, tabebuia	Pioneira do cerrado
aguapé, camalote	aguapé, camalote, água-viva, guapé	Purifica, filtra a água Tem bastante no campo
cajazeira, cajá, caiaá	água-pomba (?), pitomba, café	
articum, ariticum, arixicum	araticum, ariticum, conde do mato, ata, pinha do campo, maça, goiaba	Comestível
peroba do campo, taroba	perobinha, orquídea, algodãozinho	Só dá no cerrado
abacaxizinho-do-cerrado	caraguatá, abacaxizinho, abacaxi do campo, abacaxi do mato, jaracatiá, ananás, bromélia	Medicinal (xarope)
embaúva, embaúba	embaúba, embaúva, flor de lixeira, lixeira, banana de macaco, imbaúba, lixa, embiruma	medicinal (para xarope, broto serve para coluna, rins), comum na beira do rio
pacova, cana de macaco,	Heliconia, bananeira de jardim, bananinha do brejo	Dá em beira de brejo
sucupira, sucupira-preta		
bocaiúva,	bocaiúva, bocaiúva, macaúba, chiclete de índio	Medicinal (xarope), Comestível
buriti	buriti, pindó, carandá	Tem mais no Pantanal
jenipapo, jenipava	Jenipapo	Comestível Medicinal (queima colesterol, coluna)
jurubeba	jurubeba, chá de bugre,	
caninha, cana-brava, cana-de-macaco, cana-do-brejo	cana-brava	Medicinal (para os rins, infecção urinária) Tem na beira d'água
pau-santo, polé	pau-santo, capitão, capitãozinho	

Nota: Os nomes citados em negrito (na segunda coluna) significam citações correspondentes à espécie apresentada

CONSCIÊNCIA PRESERVACIONISTA



“Eu cheguei caçá, né? Mas hoje eu falo, é de coração, eu não tenho coragem de dá um tiro... Quando eu me criei, pegava uns dezesseis ano, o pai o presente que dava era a arma... Mas isso eu não passei pros meus filho. Meus filho nunca pois as mão numa arma. A arma melhor é a amizade, a conversa.”

(Sr. Modesto, proprietário rural)

Tema 6. CONSCIÊNCIA PRESERVACIONISTA

"A gente que vive nesse planeta Terra, ele está girando dia-a-dia da nossa vida. Eu tenho uma consciência que eu passo sempre para meus filhos que a gente tem que cuidar muito dessa mãe terra que amo demais essa terra. Ela tem tudo para oferecer, saúde, alimentação. Tudo sai da terra. Eu acho que é daí que temos que conscientizar que a terra é tudo. Cuidando da terra, a gente cuida do ar a gente cuida de tudo. Se a gente tem respeito pela terra a gente vai limpando o mundo." (Da.Geralda, representante de bairro)

O desenvolvimento do turismo na cidade de Jardim tem despertado uma preocupação com a preservação dos bens naturais aí disponíveis. Existe uma atenção especial aos cursos d'água, já que eles concentram a maioria dos atrativos. As transformações das características físicas da água são facilmente observáveis, o que permite uma detecção de ações antrópicas impactantes. Isso tem gerado contínuas discussões, principalmente entre as pessoas que dependem do turismo e aquelas que acreditam no potencial dessa atividade como fonte de desenvolvimento sustentável para a região.

"Antigamente as pessoas estavam desmatando. Depois que entrou o turismo, as pessoas começaram a ver que a natureza tava tendo retorno... Aqui, por exemplo, aqui onde trata as queixadas, tinha aroeira desse tamanhosinho. Não cortou e olha como tá." (JLBM, administrador rural)

"Acho que está bem preservado. O pessoal tem lutado muito para preservar essa região aqui. Eu acho que o pessoal está acordando mesmo, antes que aconteça o que aconteceu em outras

idades de lugares muito bonitos que hoje não existem mais.” (AA, professor)

Os discursos dos moradores de Jardim apresentam citações de problemas ambientais, crítica aos modelos de uso dos bens, ações para a preservação, importância da coletividade e testemunhos de mudanças comportamentais.

Citações de problemas sócio-ambientais

“Pesca, caça, tem que acabá. Acabá com o desmate, queimada.”
(ACC, morador rural)

O bem hídrico

MCTL, proveniente de uma cidade média, mora hoje na fazenda onde administra um dos principais atrativos turísticos da cidade e revela a importância em preservar o local, impedindo o que assistiu acontecer no seu local de origem:

“A gente brincava no rio, era limpinho... Depois um frigorífico poluiu o rio, hoje já estão despoluindo... Mas eu gosto mesmo é daqui, da estrutura, aqui nós preservamos.” (MCTL, administradora rural)

Com relação ao Rio da Prata, administrador rural ADC coloca que é “...um rio muito importante, muito bonito”, mas que “judiaram muito dele”. O Rio Miranda também é citado:

“O Miranda se não cuidá dele, daqui a uns vinte e cinco anos, tá cortado.” (VA, proprietário rural)

Em Jardim, existe uma organização não governamental (ONG) cujo principal objetivo é a preservação ambiental, nas margens do Rio da Prata. Seus fundadores, no entanto, apontam para a dificuldade de se trabalhar com a questão dada à falta de interesse e disponibilidade de alguns proprietários de terras.

Os problemas com a água não são atribuídos somente aos casos locais, mas também aos efeitos globais do uso inadequado:

"... agora, com essa falta de chuva... Porque eu acho que fica sem comer, mas não fica sem beber água. Tudo depende da água."

(D.Virgilina, proprietária rural)

"Daqui a alguns anos não vai ter água para beber." (LPB, líder religioso)

Desmatamento

"Lá no Passo do Curê, dá pra passar a pé. Eu acho que é por causa da desmatção, porque antigamente não era assim, era tudo cerradão." (D.Virgilina, proprietária rural)

O desmatamento da região é um dos problemas que mais preocupam os donos de atrativos ao longo do Rio da Prata, que discursam frequentemente sobre seus efeitos nocivos às características da água. Relacionam corretamente o assoreamento do rio com os pontos de deterioração das matas ciliares e tentam mobilizar os vizinhos para a sua reconstituição imediata.

"Queremos um reflorestamento natural. Tudo o que é muda, a gente planta, tentando ajuda, que revigore e volte ao estado natural."

(VA, proprietário rural)

"Até o momento, em relação ao desmatamento, exploração, ainda não mudou. A consciência está vindo aos poucos." (Rivelino, professor)

Na área urbana, também há interesse de se aumentar a arborização e os canteiros de flores, objetivo que está sendo trabalhado por uma entidade local (Casa do Garoto), sob orientação do professor da rede pública de ensino:

"A gente vai produzir flores, os meninos vão adotar canteiros... A gente quer não só florir o centro, mas também o bairro, a periferia." (ACSP, professor)

Como acontece na discussão sobre os recursos hídricos, o dematamento também é relacionado com efeitos globais:

"A tendência é aumentar a temperatura do planeta, e as pessoas continuam desmatando." (FMOJ, administrador rural)

A diversidade e abundância da fauna e flora

"Meu sonho maior era ver toda essa parte da nossa região sendo preservada, ser reflorestada, trazer tudo de volta que foi tirado. Eu queria que acabasse essa palavra extinção." (SCF, morador rural)

Outro problema destacado com frequência pelos participantes é a diminuição da abundância de peixes nos rios da região, incluindo o Rio da Prata, onde é proibida a pesca e o Rio Miranda.

"Antigamente o Rio da Prata e o Rio Miranda era rico em peixe e hoje é pobre. Você via antes uma camada por cima da outra de peixe." (Sr. Assis, proprietário rural)

"Tem muitos lugares que está sendo preservada, tem muitos que não. Pescador mesmo, tem muito pescador de tarrafa ainda, rede."
(VA, proprietário rural)

"Hoje a rede e a tarrafa tem bastante, a gente anda no rio a noite e só vê rede e tarrafa. Eu penso que daqui a uns anos nossos filhos só verão peixe por fotografia. Isso é doido! Nossas autoridades deveriam olhar melhor para isso. Em época de piracema eles falam que fecham o rio, mas o pessoal tá lá." (GJS, representante de bairro)

Com relação a esse tipo de prática, os moradores acham que deveriam ser tomadas medidas mais enérgicas de contenção:

"Eu acho que a pesca ali deveria ser fechada por um tempo determinado." (SCF, morador rural)

A diminuição da abundância é relacionada com a pesca e a caça indiscriminada, motivada principalmente por visitantes, sendo que o uso eventual da prática para consumo local é defendido por algumas pessoas, como nos demonstra a citação:

"Eu mesmo pesquei muito, não pra vender, mas com turista de São Paulo." (RR, administrador rural)

"Vêm os de São Paulo, Rio, vem de tarrafa... Pega os peixe e leva. Nós não pode nem matá um bicho..." (Sr.Celso, morador rural)

"Antigamente a população vivia melhor que hoje, hoje não tem nem caça para os pobres comer, um peixe, devoraram tudo, até as árvores da beira do rio tiraram para colocar plantação." (FP, histórico)

Problemas sócio-culturais

As atividades culturais são requeridas pelos participantes. Os migrantes paraguaios fundaram em Jardim uma associação com o objetivo de manter viva sua tradição. Existe também um centro de tradições gaúchas. São exemplos de iniciativas que os moradores reconhecem e dizem apoiar.

"Sempre falávamos de recordar nossa tradição, manter nossa tradição, porque meu sangue é paraguaio, e aqui tem bastante paraguaio, que não se assume, que acha que é feio ser paraguaio. Montamos a Associação, com cara e coragem... Me senti outra pessoa depois da associação." (GRP, representante de bairro)

Um outro fator questionado, de significativa importância, é o acesso da população local ao lazer, aos atrativos naturais da região, geralmente localizados em propriedades particulares. O Balneário Municipal é uma tentativa de estender à população esse acesso, mas os moradores reclamam da tarifa cobrada pela prefeitura e dos altos preços praticados no turismo local, o que inviabiliza o seu usufruto. Existe também a dificuldade de locomoção até o Balneário, já que não existe transporte coletivo disponível para a população.

"Deveria ser feito um trabalho para aproveitar o que nós temos aqui. O poder público deveria aproveitar recursos como o balneário. O balneário tem que ser primeiramente dos jardinenses." (ACSP, professor)

O professor ACSP destaca também a necessidade de se investir mais no bem-estar das pessoas que habitam os bairros mais periféricos o que, segundo ele, fica renegado a segundo plano, nos projetos de gerenciamento que dão

maior atenção às necessidades de criação de infra-estrutura turística na zona central.

"A gente tem que trabalhar com as pessoas mais carentes."

(ACSP, professor)

Mudanças comportamentais

São vários os testemunhos de moradores que dizem ter abandonado antigas práticas, ato algumas vezes justificado pelo entendimento da necessidade de preservação e outras vezes em resposta a proibições. Vejamos as citações:

"Eu cheguei caçá, né? Mas hoje eu falo, é de coração, eu não tenho coragem de dá um tiro...Quando eu me criei, pegava uns dezesseis ano, o pai o presente que dava era a arma... Mas isso eu não passei pros meus filho. Meus filho nunca pois as mão numa arma. A arma melhor é a amizade, a conversa."(Sr. Modesto, proprietário rural)

"Eu fazia muitas coisas negativas, derrubar árvore, matá passarinho, e hoje não faço mais."(SCF, morador rural)

"O meu esporte favorito sempre foi caçar e pescar. Tanto, que esta fazenda foi comprada para se caçar e pescar. Agora você imagina em 1974, quando nós chegamos aqui, a riqueza que tinha, e nós passamos a ser um preservador."(MEVC, proprietária rural)

O proprietário que faz o relato acima é membro fundados da ONG local.

"Agora faz cinco anos que não pesco."(RR, administrador rural)

"Eu pescava, mas agora não pesco mais, está proibido e não tem peixe mais."(Sr. Assis, proprietário rural)

"Eu pesquei no Rio da Prata, Agora não pode..." (Sr, Celso, morador rural)

"Antes eu pescava, agora tá proibido né? E nem tem peixe mais." (AR, morador rural)

"Depois começou muita proibição, e a gente viu... Pescava clandestino, tarrafa, rede. Agora a gente tem que preservar. É uma coisa justa né? Não pode pesca, então larguei mão, tá com muitos anos que não pesco." (PO, líder religioso)

Coletividade

A iniciativa para ações efetivas visando a mudança de atitude, principalmente dos ocupantes das margens do Rio da Prata, precisa ser estimulada, segundo o proprietário rural, VA, mostrando as vantagens da preservação, mesmo que ela requeira menor lucratividade a curto prazo:

"Está muito devagar. A gente sabe que vai fazer mal, mas continua fazendo, esperando que alguém acerte. Ninguém está dando o primeiro passo. Esse é um lado que a cidade grande afeta muito aqui. As pessoas precisam fazer dinheiro."

Essas iniciativas, porém, são em alguns momentos mencionadas em associação com as necessidades de integração de pessoas, de um verdadeiro espírito coletivo.

"A gente devia se unir, para melhorar as condições de vida."
(JRM, representante de bairro)

"Tem que chamar esse povo que tem fazenda na beira do rio e

fazer um reflorestamento de verdade, não é só na conversa.” (VA, proprietário rural)

O esforço em avançar nesse sentido foi a criação da ONG Santuário do Prata, fundada em 1990, mas que passou por um processo de estagnação, situação que seus fundadores buscam superar, tentando mobilizar toda a população local.

Crítica de modelos de uso dos bens e ações de preservação

“O desenvolvimento é bom pra cidade, só que tem que preservar, né?” (TARMO, representante de bairro)

Algumas práticas associadas à atividade pecuária na região são apontadas por alguns moradores como responsáveis por impactos, principalmente sobre os cursos d'água. O comprometimento do Rio da Prata por práticas inapropriadas é indicado pelo morador:

“O gado quando tem um grande lote e um pequeno espaço do bebedouro no rio, ele vai afundando derrubando barranco, né?” (JLBM, administrador rural)

“Foi feito muita coisa irregular, lavouras, gado tomando água no rio, pastagens... Isso não pode.” (SCF, morador rural)

Com relação à preservação da fauna local, o administrador rural JLBM dá exemplo de uma iniciativa, enfatizando a criação de corredores ecológicos:

“Em uma reserva lá em São Paulo, cada fazenda faz um trecho e vai ligando uma na outra. Serve para onça parda não ficar isolada. Tá

tudo aberto o campo, ela não vai atravessar, então tendo o corredor, ela pode atravessar tranqüilo. (JLBM, administrador rural)

Outra crítica levantada é do modelo de manejo empregado na pecuária extensiva. Sr. Celso, morador rural, cita os hábitos mais saudáveis do modo de produção tradicional que empregava no tempo em que lhe dava diretamente com a criação:

"Era tudo mais sadio. O gado não era tratado com injeção... O gado não era criado como agora." (Sr. Celso, morador rural)

Como ele, os representantes do messianismo destacam a necessidade de tratar a terra com maior atenção evitando a degradação do solo:

"Os microorganismo que enriquece a terra. Nós não podemos destruir. E também a gente tenta devolve pra terra os microorganismos que ela precisa e, na agricultura orgânica, a gente não uso veneno, mas uma mistura que agente prepara." (MA, líder religioso)

A falta de orientação e de fiscalização representa, para os moradores, fator determinante de muitas ações indevidas. Elas não devem ser excludentes num primeiro momento, em que a estagnação dos impactos é urgente, sendo necessária, em alguns casos, a punição.

"Todo mundo tem interesse em aprender, em preservar, só que falta orientação. O que falta também é punição. Todas as águas que eu conheço aqui da região nunca mais voltou o nível, já faz uns cinco anos que ela não volta mais. Deve ser feito uma fiscalização em toda

a extensão do rio, pega e punir quem esta fazendo as coisa errado. Por que se não punir e não dar o exemplo, ninguém vai aprender."
(JLBM, administrador rural)

Como costuma acontecer na maioria das situações de impacto detectado, a tendência é inicialmente delegar às autoridades competentes a solução do problema, cobrando delas posturas mais efetivas.

"Eu acho que as autoridades deveriam tomar alguma providência. Por exemplo, acho que alguma coisa foi tomada, por exemplo, a usina de reciclagem já é um começo muito bom, mas eu acho que deveria fazer mais coisa. Deveria consultar alguém dessa área, que entenda, pra ver o que fazer com a preservação das margens do rio, conscientização dessas pessoas que ainda fazem esses acampamentos nas margens do rio Miranda principalmente." (RCBL, histórico)

Apesar disso, a necessidade de sensibilização da população para mudanças de atitudes é repetidamente enfatizada pelos participantes. Segundo FMOJ, a falta de associação da ação com os seus efeitos impactantes é um dos fatores que impedem a mudança de atitude:

"O pessoal planta arroz, planta feijão. Usa tudo o que tem direito mais um pouco. Ontem, se vocês tivessem vindo ontem, não iam agüentar o cheiro de veneno... A água que eles bebem! E mesmo assim eles usam veneno." (FMOJ, administrador rural)

Nesse sentido, é necessário um trabalho mais intenso de educação ambiental que envolva toda a comunidade, tanto os tomadores de decisões e

gerenciadores de áreas rurais, como os moradores e visitantes da zona urbana, principalmente em relação aos problemas do lixo.

"Aqui tem essas fossas na rua, o lixo eles jogam na rua." (AM, aluna)

"Olha a situação que a gente vive... Uma coisa horrível em questão de lixo, não tem conscientização da coleta do lixo e assim as ruas são muito suja, muito mato, eu não gosto desse lugar em termo de meio ambiente que me circula aqui sabe? A gente vem tentando conscientizar, mas acho que isso é só com o tempo." (CPS, representante de bairro)

"É um trabalho de conscientização das pessoas, se quer isso aqui aberto. Esse ar puro tem que cuidar, se não, não tem como." (Da.Geralda, representante de bairro)

"Pra nós o Rio da Prata é fundamental. Uma coisa errada é o lixo, que acredito eu, jogado por turistas, devia ser feito um trabalho em cima disso, conscientizar as pessoas." (SCF, morador rural)

A preocupação com o destino dos resíduos sólidos também é destacada pelos messiânicos:

"Tem muita gente da messiânica fazendo pesquisa do lixo em Ipeúna, porque a gente pensa que tem que saber o que fazer com ele na cidade sagrada." (MA, líder religioso)

Um projeto de educação ambiental foi citado como iniciativa de se promover novos comportamentos principalmente sobre a disposição do lixo no espaço escolar, como nos relata os professor AA:

"Esse ano desenvolvemos um projeto aqui na escola na questão da preservação do meio ambiente a partir do local que os alunos estudam. É uma coisa que demora, não é de hoje para amanhã, mas nós estamos conseguindo ver os alunos empenhados e lutar pela preservação da escola."(AA, professor)

Apesar de alguns professores manifestarem interesse no desenvolvimento de projetos nessa área, outros membros da comunidade escolar assumem seu pouco envolvimento com a causa:

"Não participo, só de vez em quando."(JSP, professora)

"... não sei porque não me envolvo muito."(AM, aluna)

O professor JJBF questiona justamente essa falta de envolvimento e participação principalmente dos jovens, apontando a dificuldade que sente de despertar novas posturas reflexivas e novas ações:

"A nova geração ela sequer pára, discuti e conversa. A conceituação do que é educação ambiental já é uma imensa dificuldade. O adolescente não quer nem saber sobre preservação, desmatamento, conservação de solo. Eu sinto uma dificuldade terrível."(JJBF, histórico)

Os professores precisam, portanto, trabalhar coletivamente, tentando unir seus discursos aos da comunidade local e buscando novas alternativas que facilitem a introdução do tema ambiental no cotidiano escolar. Alguns citam a experiência vivenciada nas escolas municipais de Bonito como positivas, o que demonstra a necessidade de busca de discussões teóricas sobre a questão, já

que essa prática não é recomendada, a fim de se evitar reducionismos e se reprimir o padrão fragmentador do ensino tradicional. Nesse sentido, procuramos apresentar propostas, construídas a partir do conhecimento gerado no presente trabalho, e apresentadas oportunamente ao tratarmos das práticas de educação inspiradas na nossa análise reflexiva.

Capítulo 5. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE

Refletindo o arcaísmo nos rumos de nossas análises

Depois de termos apresentado as falas de nossos representantes que nos remeteram à interatividade com a natureza, às relações topofílicas, ao imaginário e à biofilia, consideramos pertinente a introdução de algumas reflexões sobre o quadro teórico que esses temas nos sugerem, a fim de termos claro para onde ele nos encaminha.

Na nossa proposta de estudarmos a percepção ambiental acabamos por nos deparar com a antítese entre ambientes natural e construído, juntamente com as diferenças topofílicas a eles associadas. A profunda interatividade com o lugar é justificada, pelos próprios participantes, pelas suas características rurais e naturais. Naturalmente, fomos levados a formalizar o que já vinha enviesando nosso discurso, resultando no posicionamento de usarmos termos como enraizamento, mito e nostalgia. Esses termos são freqüentemente associados à visão arcaica da interação do ser humano com a natureza, discutida criticamente por GRÜN (1996). O autor faz uma série de críticas a essa vertente filosófica que influenciou o discurso ambientalista e a educação ambiental nos últimos anos, considerando-a uma visão romântica, que acaba por corroborar, enquanto extremo, o cartesianismo. Fazemos uma reconstrução reflexiva sobre essa idéia.

O movimento de retorno à natureza, pregado no arcaísmo, está, segundo GRÜN (op cit), marcado por um viés epistemológico renovador da separação entre sujeito e objeto do cartesianismo, assumindo a natureza o papel de sujeito dominador do ser-humano, numa antítese da sujeição do objeto natureza ao ser humano, temperada com um "simpático romantismo". Nesse contexto, as interações nostálgicas e a valorização de culturas tradicionais,

representariam um apelo romântico sem nenhuma consequência prática transformadora.

Acreditamos, no entanto, que na crítica ao arcaísmo, o referido autor reduz o conceito quando o condiciona a uma situação de retorno que passa pela negação da condição histórica, em que nos "tornamos nativos" no seio na natureza. O fato de nos voltarmos às culturas tradicionais como modelos de interação do ser humano com o mundo, não quer dizer que temos necessariamente que renunciar a nossos próprios modos de vida, mas sim, que podemos refletir sobre ele, questionando as disparidades de nossas ações a seus padrões sustentáveis e permitindo as mudanças que considerarmos possíveis e adequadas. Da mesma forma como o ser humano não se entrega naturalmente à uma visão puramente racional da natureza, o que fica evidenciado pela sobrevivência dos mitos e das magias, também não mergulharia puramente no imaginário, no espiritual, sem manter sua capacidade reflexiva. É desse equilíbrio que nasce a possibilidade de fazermos do contato com a natureza, e com as pessoas que vivem naturalmente seu enraizamento nela, não só um momento lúdico de volta às nossas origens instintivas e nostálgicas, mas também um catalisador de reflexões sobre nossas atitudes diante do mundo.

O que diríamos dos moradores nativos de Jardim sobre o arcaísmo que nos apresenta o autor? O que significaria retorno à natureza para pessoas humanas que jamais se desgarraram dela, diante da visão reducionista que foi atrelada ao fenômeno? Não há como falarmos em teoria de desacoplamento renegadora da história, para situações em que a teoria não existe, ou melhor, ela é o próprio modo de vida, que não foi rompido historicamente. Os moradores de Jardim não negam sua histórica, marcada pela interatividade

com a natureza e pelas relações topofílicas. As pessoas que para lá migraram, em busca de maior contato com a natureza, não são sujeitos a-históricos, mas sujeitos vivendo dinamicamente as transformações de suas percepções do mundo.

Entendemos, nesse contexto, que as diferenças no modo de vida são, e aí sim diríamos cartesianamente, sistematizadas na dicotomia entre comunidades tradicionais e desenvolvidas, que se reforça nos pensamentos contemporâneos. Não estariam todas as comunidades vivendo, a seu modo, sua condição histórica? A crítica ao arcaísmo, e a configuração do próprio conceito, só tem sentido nas polaridades das referidas comunidades desenvolvidas. Só para sujeitos que vivenciam a modernidade, faz sentido em se falar no retorno à natureza. Deles, parte a iniciativa de qualificar as identidades que diferem da sua, como algo separado, isolado, detentor de um conhecimento destoante de seus padrões e alvo de estudos. Isola-se, dessa maneira, todo um modo de vida no rótulo de tradicionalismo e a transição para ele de retorno arcaico, com toda a carga pejorativa que esse termo carrega. Não há como falarmos em romantismo apartado da idealização, numa situação que é tão real como aquela vivida nas nossas paisagens modernas.

BERKES (1999) adota o termo "conhecimento ecológico tradicional" com ressalvas, discutindo os problemas associados com a perspectiva de isolamento das "regiões selvagens" e com a visão romântica sobre as culturas indígenas. Com esse cuidado, o autor consegue descrever como as comunidades indígenas conseguiram evoluir na compreensão dos ecossistemas que habitam, planejando estratégias de adaptação que asseguram a sua sustentabilidade. O contato entre esse conhecimento e o pensamento ecológico ocidental não precisa ser uma busca exploratória unilateral, mas uma troca de experiências inteiramente

diferentes. Foi do resgate de conhecimentos de uma etnia indígena (Cree) sobre a caça de caribus, segundo o autor, que uma comunidade conseguiu evitar a extinção da espécie numa estação de caça.

O único sentido que o termo "arcaísmo" tem nos desenvolvimentos reflexivos apresentados e na importância para a educação ambiental, é o de contato com paisagens, modos de vida e de interatividade variados, o que nos proporciona a experiência de uma rica diversidade ambiental, incluindo suas dimensões sócio, cultural e ecológica, que pode nos despertar a liberdade de trabalharmos nossas visões de mundo. Nesse sentido, discordamos também da interpretação de GRÜN (1996):

"Este arcaísmo pode dar mesmo lugar, e este é o caso de muita cultura liberal européia recente, a puras atitudes de crítica utópica da civilização científica tecnológica e do capitalismo." (Vattimo, 1989 apud GRÜN, op cit)

A visão utópica rechaçada na assertiva é para nós, em última análise uma característica positiva. A utopia, dentro de uma visão teórico-crítica, é o pano de fundo da educação ambiental, na medida em que ela não existe enquanto negação de verdades ou objetos inatingíveis, mas como novas malhas ideológicas em configuração. A transformação do mundo, tão renegada à visão utópica da impossibilidade, é objetivo mesmo de nossas lutas e, acreditamos, já está acontecendo. A utopia não está em um momento perdido no horizonte da irreabilidade, ela está na transição dinâmica dos momentos. É fácil entendermos isso se nos remetermos à grande importância que tem o trabalho imaginário sobre essa transição. A mídia que nos testemunhe isso. A historicidade humana é profundamente marcada pelas configurações provocadas pela construção,

tantas vezes manipulada, do imaginário, sendo exemplo disso a indústria cultural denunciada pelos frankfurtianos. Portanto, se o trabalho com a idéia, com o imaginário, e com a nostalgia arcaica não nos revela novas definições conscientes imediatas, elas podem estar tecendo configurações inovadoras no inconsciente coletivo.

Consideremos também que a idealização do passado, considerada por GRÜN (1996) como fruto da insatisfação ingênua com o mundo moderno, é apresentada por nós como instrumento de educação ambiental. Para nós, que assumimos a dinamicidade bergsoniana, o passado se apresenta não como a única condição ideal, mas como o reservatório de elementos que solidificam nossas tradições e identidades. O seu resgate é uma forma não de negarmos nossa condição histórica, mas opostamente, de tornarmos viva a sua chama, de percebermos na seqüência dinâmica dos fatos, a moldura do nosso presente e de assumirmos o lugar no mundo que essa história nos abriu, proclamando nossas identidades. Mais ainda, o resgate nos instiga a uma visualização dos comportamentos que permearam nossa interação com o mundo e a reflexões que podem, sem prejuízo de nossas tradições, gerar novas representações e mudanças de atitudes.

Constatamos, portanto, que o encontro entre o universo imaginário e a condição histórica se faz a cada instante, permitindo que na dimensão da utopia construamos nossos caminhos para o real, as condições objetivas do presente. Nosso trabalho aponta para esse entrecruzamento, na medida em que se depara com a percepção complexa do humano, carregada de nostalgia, e a quer considerar instrumento nos diálogos sobre o estar no lugar e a busca da moradia ecológica, argumento na solução dos conflitos de interesses que essa busca desperta.

O imaginário sobre o paraíso

Nos relatos apresentados pelos participantes, notamos com muita frequência a relação de semelhança do local com a imagem do paraíso.

“Viver aqui é bom demais... Nós tamos no paraíso aqui... Olha, dá até emoção de falá, mas se eu perder esse lugar eu perco metade da minha vida, aqui eu me sinto feliz, e esse lugar eu não troco por nada...” (Sr.Modesto, morador e proprietário do Buraco das Araras)

“Jardim é o meu lugar, por causa dessa natureza, desse paraíso né, eu não consigo ficar em lugar só de asfalto.” (TSCP, professora)

“Brincava no ar livre, um paraíso... Coisas de fazenda, é diferente...”
(GRP, sobre recordações da infância)

“Quando tô tranqüilo aqui no mato, no rio... Essa natureza é o paraíso...” (RR, descrevendo o momento de paz do seu cotidiano)

“Fiquei dez anos no Rio, a sensação foi de voltar pra trás na hora que eu cheguei em São Paulo. Sair dessa tranqüilidade, desse paraíso e chegar naquela cidade com todo mundo estranho, trânsito horrível, engarrafamento...” (LPB, falando de sua ligação com o lugar)

Essa freqüente associação nos relatos fez com dedicássemos maior atenção ao significado do paraíso. Adotamos o procedimento de solicitarmos representações gráficas (mapas mentais) da imagem do paraíso, nas situações em que o tema não aparecia espontaneamente nos depoimentos. Das representações, destacamos elementos associados ao paraíso etéreo que foram analisados comparativamente aos fragmentos de discurso. Isso nos forneceu um material adicional ao proposto no início do trabalho, perfeitamente

adequado ao desenvolvimento de nosso objeto, uma vez que despertou idéias a ele intimamente relacionadas.

A imagem do paraíso

O mito do paraíso está cristalizado no imaginário da humanidade desde o início da idade antiga, tendo sido reforçado principalmente pela tradição judaico-cristã. De acordo com ELIADE (1991), a nostalgia do paraíso é universal, ainda que suas manifestações variem quase indefinidamente.

Quando imaginamos um paraíso, estamos recompondo elementos, já percebidos e contextualizados no nosso universo de significação, na construção de uma paisagem perfeita, que acaba por aguçar ainda mais nossos sentidos na busca de experiência corporais com ambientes identificados com o imaginado. Isso evidencia o pensamento bachelardiano, por nós refletido, de que há uma interdependência intrínseca na relação do imaginário com a percepção do real e reforça o potencial do mito e dos símbolos, o que confirma o tênue limite entre o racional e o ideal que, segundo FOUCAULT (1999) acompanha a evolução do conhecimento humano.

A tradição medieval, caracterizada por uma apreensão constante e retilínea do real, assim como as culturas árabe e cristã, se aliou ao mundo clássico "povoando o céu de imagens onde se transfiguram, ganham forças novas, as crenças mitológicas da antiguidade" (HOLANDA, 1994). Esse movimento de retorno ao

imaginário culmina em ressurgimentos temporalmente pontuais, porém com expressiva força, na idade moderna e numa reconquista que se firma a cada momento na pós-modernidade.

A imagem nostálgica do paraíso se mantém, dessa forma, enraizada na subjetividade humana, possibilitando uma expressão muito mais intensa que qualquer descrição racional poderia alcançar. Além de se revelar nas citações que remetem à interação com o meio, a associação com o paraíso está presente em afirmações marcadas pela nostalgia.

“A gente brincava de boneca de baixo das árvores, subia muito nas árvores, comia os frutos das árvores, a gente ia pro rio brincar, tomar banho, era um paraíso, gostoso demais. A minha infância lá na chácara foi muito boa, com meus irmãos.” (Da.Geralda, relatando a infância)

“Quando eu cheguei perto do Rio da Prata, eu fiquei louco de tanta beleza... Um paraíso mesmo!” (JJMM, morador de fazenda no Rio da Prata)

“Você olha, acha muito lindo, a transparência da água, os peixes, o contato com a natureza é fascinante, um verdadeiro paraíso...” (MCTN, sobre o contato com o Rio da Prata)

“Nossa! Foi magnífico. Eu não acreditei quando eu vi... Parecia o paraíso... Eu já era grande, foi quando eu fui para trabalhar, muito lindo!” (SCF, descrevendo o primeiro encontro com o Rio da Prata)

Paraíso etéreo e paraíso terrestre

Há duas dimensões detectáveis nos depoimentos sobre a imagem do paraíso. Aquela onde se faz referência direta às características paradisíacas do ambiente terrestre, e outra associadas à existência etérea do paraíso. A

primeira delas podemos perceber nas citações dos representantes de vários grupos participantes.

"Ah! É uma delícia, um paraíso lá, não esqueço até hoje, se eu pudesse até hoje eu voltava a viver lá, a tranquilidade é ótimo, fazenda é a melhor coisa que tem, a paz... Ah! Tinha um rio lá, que agente ia todo domingo de trator." (SMAE, lembrando a fazenda onde passou a infância)

"Tudo, esse cerrado, os rios, animais, e o céu mais bonito do mundo... É paradisíaco mesmo..." (IM, falando sobre o que há de mais bonito no lugar)

"O Rio da Prata, pela qualidade da água, quando você chega é um lugar mágico, um paraíso, a Lagoa Misteriosa, Buraco das Araras..." (AC, guia turístico)

"Aqui, no Rio da Prata, é o paraíso, maravilhoso." (AVC, morador rural)

"As belezas naturais, nosso rio Prata que vale a pena conferir, é muito bonito. A lagoa misteriosa... Um paraíso!" (AA, professor)

A imagem do paraíso etéreo, no presente trabalho, predomina nas descrições coletadas de líderes religiosos, embora distingüimos as falas dos representantes da igreja messiânica, que apresentam ligação com o ambiente terrestre.

"A gente baseia no que está escrito, que é um lugar onde não tem fome, doença, morte; é um lugar de alegria, uma vida de paz..." (PO, líder da Congregação, sobre o paraíso etéreo)

"Será um mundo sem doença, sem miséria e sem conflito, um mundo paradisíaco... Que tenha natureza, que tenha pessoas saudáveis, com alimentação saudável... Pra chegar nesse ponto de paraíso, conscientizando as pessoas da alimentação natural, o caminho religioso e o belo." (LPB, líder da Igreja Messiânica, sobre o paraíso terrestre)

"Existe o céu, onde lá é paraíso, é um lugar que você vai estar ao lado de Deus, aonde você não vai precisar de nada. Eu tenho a impressão que é tudo ouro, é tudo muito fino, você vai estar ao lado da riqueza, aonde o leão não vai morder a criança, tudo puro!" (PS, líder da Igreja Batista)

Apresentamos no Quadro 5, categorias agrupadas em características do meio ambiente (físicas, biológicas e espirituais), e aspectos da relação do ser humano com o lugar (simbolismos religiosos, interação nostálgica e topofilia).

Quadro 5. Características de paraíso terrestre e paraíso etéreo citadas em descrições e em representações gráficas.

<i>ASPECTOS</i>	<i>PARAÍSO TERRESTRE</i>	<i>CARACTERÍSTICAS COMPARTILHADAS</i>	<i>PARAÍSO ETÉREO</i>
<i>materiais: físicos</i>	<i>céu azul cachoeiras montanhas terra cultivada chuva por do sol</i>	<i>água rios colorido</i>	<i>luz, claridade planície parque ausência de formas (azul total/multicolor)</i>
<i>biológicos</i>	<i>animais muitos peixes</i>	<i>vegetação exuberante flores pássaros</i>	<i>animais antropomorfizados árvores frutíferas (macieiras)</i>
<i>espirituais</i>		<i>tranquilidade liberdade descanso</i>	<i>sem morte anjos voz de paz</i>
<i>interativos (humanos)</i>	<i>abrigo longe de tudo (isolamento) pouca gente</i>		<i>amor pessoas reunidas sem violência sem fome</i>

O relato bíblico sobre o paraíso é, com certeza, um importante gerador da força da imagem no mundo de representações da civilização ocidental. Não é, porém, o ponto de origem do mito, uma vez que este já estava consolidado desde a antiguidade clássica. Façamos uma breve reconstituição da evolução histórica do imaginário.

AOUN (2001) destaca a existência no conjunto de livros sagrados da Pérsia (*Avesta*), um mito de paraíso, como lugar de perfeição, clima suave e árvores mágicas, incluindo a árvore da vida de onde nasce uma água generosa. No legado greco-romano, o paraíso se encontra, inicialmente, remetido a um tempo passado não mais alcançável e, na idade dos heróis, deslocado para as ilhas como morada privilegiada nos confins da terra.

A imagem dos Campos Elíseos consolidada na idade de ouro Virgiliana, expressa no paganismo, atrelava-se a uma materialidade perfeitamente possível. Apesar dessa natureza corporeificante, acabou se infiltrando na visão de paraíso das sagradas escrituras, miscigenação possível somente em função da sua origem essencialmente idealista, como nos coloca HOLANDA (1994): "por mais corpóreo que o pintem, não deixava ele de ser, nas primeiras descrições, uma realidade imaterial e etérea, quase incompatível com as contingências dessa vida terrena."

AOUN (*op cit*) extrai a imagem de Campos Elíseos das obras *Odisséia* de Homero e *Eneida* de Virgílio, como morada de almas virtuosas, onde reina a concórdia, a paz, as paisagens encantadas, eternamente refrescadas por brisas suaves, e onde não há neve e tempestade.

A tradição judaico-cristã adota, no relato bíblico, uma imagem de paraíso também como um jardim, fértil e belo, livre de doenças e tristezas, com grande variedade de plantas, onde a água é pura e os animais, antropomorfizados, convivem em perfeita harmonia com o homem. O jardim ganha denominação própria - *Éden* - que significa planície e evoca a idéia de delícias (nota de rodapé, Gn 2, Bíblia Sagrada): "...o Senhor tinha plantado um jardim no *Éden*, do lado do Oriente, e colocado nele o homem que havia criado" (Gn 2, 8).

Ao excluir o ser humano do *Éden*, a tradição judaico-cristã gerou a configuração dos dualismos paralelos aos opostos bem e mal: perfeito acordo entre as criaturas contra a dissipação da harmonia entre os viventes; as delícias e a árvore da vida contra a dor e a morte.

O paraíso bíblico, dessa forma, se contrapõe à possibilidade de acessibilidade do paraíso presente na tradição antiga. Aristóteles descreve a descoberta pelos cartagineses de uma ilha desabitada com espessas florestas, cortadas de muitos rios e abundantes frutos de várias espécies, a qual atribuíram a imagem do paraíso. As ilhas oceânicas são historicamente associadas ao paraíso, o que se pode exemplificar pelo arquipélago Afortunadas a oeste do Estreito de Gibraltar e a versão poética da lenda do horto das *Hespérides*, adotada pelos povos navegadores (gregos/fenícios) até os grandes descobridores (HOLANDA, 1994).

O principal contraste entre as diferentes imagens do paraíso está, portanto, na afirmação ou negação da materialidade, da existência terrena do paraíso. No caso da aceitação dessa existência, a acessibilidade é outro ponto de divergência. Na própria narrativa bíblica, o paraíso passa progressivamente de uma visão inatingível, instaurada quando da expulsão do ser humano do *Éden*,

para uma representação de terra prometida, espelhada da narrativa do êxodo do povo hebreu, à conquista de um lugar onde "emana leite e mel".

Essas variáveis são sintetizadas por AOUN (2001) da seguinte forma:

- 1 paraíso deslocado para um futuro mais ou menos distante (milénarismo), residência dos justos, reinado terrestre de Cristo e de seus eleitos, local de espera do Juízo Final;
- 2 paraíso próximo, mas perdido, interdito para os homens;
- 3 paraíso isolado, em local montanhoso ou ilhas, rodeados por desertos intransponíveis repleto de animais ferozes;
- 4 paraíso ao alcance do homem.

Essa última visão tornou-se predominante a partir do desenvolvimento tecnológico que permitiu aos homens as grandes navegações, os descobrimentos de terras a princípio insondáveis, em pontos de grandes altitudes na Ásia e terras com vegetação exuberante no além-mar. Não obstante, embora o positivismo tenha colocado o homem racional acima e à frente de toda a via de apreensão do espaço, muito do mito continuou a impulsionar o consciente coletivo. HOLANDA (1994) nos ilustra essa realidade com o detalhamento dos fatos inerentes à época dos grandes descobrimentos: tão forte era o imaginário do paraíso convivendo firmemente com o racionalismo humano que, "ao tempo de Colombo, a crença na proximidade do Paraíso Terreal não era apenas uma sugestão metafórica ou uma passageira fantasia, mas uma idéia fixa..." A imagem do paraíso estava presente não somente na tradição dos grandes navegadores portugueses, mas também em vários outros povos, como os judeus e muçulmanos, sendo evidenciável em livros de recreio, descrições de viagem, obras cartográficas e artes religiosas.

O confronto entre paraíso material e imaginário marcou durante muito

tempo o imaginário de diferentes tradições. Uma adequação, no entanto, se desenvolveu, dentro do império do pensamento cartesiano na cultura ocidental e, a despeito do caráter idealista do objeto, pressupôs a adoção de um dos principais aspectos do positivismo: o pensamento dualista. Assim como para outras dualidades, o paraíso terrestre se separou do paraíso etéreo e ambos mantiveram sua possibilidade de existência em dimensões apartadas, com características particulares redefinidas. Nessa reconstrução, o paraíso etéreo perde todos os aspectos indesejáveis do meio ambiente terrestre, como a escuridão, as tempestades e os desertos (Quadro 5). Essa sistematização sintoniza com a divisão cartesiana da natureza apresentada por MERLEAU-PONTY (2000): no divino (naturante) se refugia tudo o que é interior ao estado da natureza, isento do pecado, ao passo que o a exterioridade se aplica ao naturado, à parte da natureza apartada do bem.

Cria-se, portanto, o espaço do paraíso bíblico, localizado numa dimensão espiritual pós-morte, enquanto o paraíso terreno ganha um significado de semelhança, porém não identidade, com o primeiro. Dessa maneira, embora características como paz e tranqüilidade são buscados no paraíso material, faltam-lhe componentes divinizados e a total harmonia entre as criaturas, fatores presentes somente no plano etéreo.

FOUCAULT (1999) apresenta a consolidação da categoria do microcosmo, reanimada no Renascimento, que pode evidenciar ainda mais a adequação dessa imagem dual. Ela indica que existe um grande mundo e que seu perímetro traça o limite de todas as coisas criadas. Na outra extremidade, existe uma criatura privilegiada que reproduz, nas suas dimensões restritas, a ordem imensa do céu, dos astros, das montanhas, dos rios e das tempestades; e que é entre os limites efetivos dessa analogia constitutiva que se desenvolve

o jogo das semelhanças. Essa semelhança só aparece em virtude da imaginação e esta, em troca, só se exerce apoiando-se naquela.

No contexto do presente trabalho, a associação de semelhança do lugar com o paraíso etéreo, reveladas tanto nos depoimentos quanto nas descrições e representações gráficas, se restringe às características com possibilidade de existência no plano real, conforme Quadro IV. Jardim reflete a imagem do paraíso, com muitas belezas naturais, a generosidade dos corpos d'água e a natural mágica que essas características inspiram. Além das particularidades apreendidas pela via sensitiva (visual), o belo e o mágico despertam a relação nostálgica com o lugar, abrindo caminho para a imaginação.

Atualmente, a localização do paraíso terrestre se amplia, apesar das ilhas continuarem fortemente associadas ao conceito, para qualquer lugar onde se identifiquem as características a ele associadas, como a presença de águas límpidas, vegetação intacta, beleza cênica e que ofereça contato com animais. Um grande número de pessoas tem atendido às suas necessidades de deslocamento em busca do paraíso perdido, intensificando seu hábito de viajar. Muitos mascaram seu intento com a busca de aventura, principalmente nos esportes de ação, mas todos exigem paisagens naturais inusitadas, belíssimas quedas d'água, grutas e cavernas.

Em quase todas as religiões do mundo, a procura do paraíso está presente, tanto do ponto de vista do ambiente natural, quanto do sacralizado, ao qual se associa a concepção de santuário. A religião é uma busca de coerência e significados para o mundo. O *religare* (religar-se) ao absoluto é uma necessidade de estruturação do pensamento humano que sustente a sua existência. Segundo TUAN (1976), todos os seres humanos são religiosos se a religião é amplamente definida como um impulso por coerência e significação.

Na grande maioria dos relatos, a beleza do lugar induz a momentos de meditação, onde o ser humano se coloca próximo da natureza, mas o maravilhamento e a grandiosidade do paraíso em nada se pode comparar ao que se apreende pelos sentidos na dimensão terrena. Inclui-se nessa distinção, a diferença entre animais selvagens no plano terrestre e os antropomorfizados no "céu". Outra dessemelhança diz respeito às características associadas à presença do homem pecador. No paraíso, em tese, só haverá homens santos, o que exclui a existência de conseqüências de ações antrópicas errôneas, como a violência e a fome.

Nem todas as culturas humanas, porém, tem representações sobre o paraíso etéreo, a vida além da morte, o lugar onde ela acontecerá. Segundo TUAN (1980), o *Nirvana* do budismo é a clara rejeição de tal lugar. Seus templos são freqüentemente construídos em locais de rara beleza, indicando um predomínio da imagem terrena.

O relato de representantes da Igreja messiânica, cuja filosofia é fundada no pensamento oriental, destoa fundamentalmente da imagem de paraíso apresentada pelas demais crenças, na medida em que busca a sua materialização. O messianismo prega a construção da cidade ideal, onde se pratique a produção agrícola orgânica para subsistência. O líder da Igreja no município, descreve-a da seguinte forma: com muito verde, montanha, lago grande ("importante que tenha água") e muita vegetação. Entre as particularidades que chamam a atenção para a cidade ideal está a restrição do trabalho para 4 horas diárias, o restante sendo destinado a atividades culturais e de lazer. Essa disponibilidade de tempo para o gozo do ambiente paradisíaco parece resgatar a perda do usufruto na ocasião em que os bens necessários a sobrevivências eram ofertados generosamente pela terra, antes

da expulsão do ser humano do *Éden*.

Apropriação do espaço e topofilia associados à imagem do paraíso

Como já dito, acreditamos que quando se potencializa a expressão cultural de um povo no lugar por ele construído, está se intensificando o processo de identificação dele com o meio ambiente gerando, conseqüentemente, uma valoração positiva que, em última análise, é determinante de comportamentos de apropriação e conservacionismo, motivo pelo qual tem importância no contexto de nosso estudo.

A associação da imagem do paraíso a um determinado lugar, o que evidentemente acontece com espaços destinados ao turismo ecológico, influencia positivamente na relação de ligação com o ambiente. Viver num lugar paradisíaco significa, em última análise, ter o privilégio de desfrutar de delícias, acessíveis aos visitantes somente em situações eventuais. É estar no limiar do contato material com o poder do imaginário, limiar não estático, onde se misturam sensações e devaneios nostálgicos.

As citações dos atores do presente estudo sobre a identificação do lugar com o paraíso indicam sempre a relação do homem com o meio, relação topofílica e de pertença. A fala do Sr. Modesto é a expressão límpida da topofilia: "...se eu perder esse lugar, perco metade da minha vida". Em pouco difere a intensidade com que o Sr. Modesto descreve seu contato com o ambiente com a do relato de THOREAU (1984) sobre sua experiência nos bosques. Ambos, profundamente enraizados no lugar, experimentam a emoção da interatividade, da pertença. Thoreau explorou, com muita clareza, o que hoje discutimos aqui como construção topofílica. Configurou imagens a partir de dados captados intuitivamente da natureza e permitiu que essa

configuração influenciasse o momento do perceber, concordando com a visão idealística de percepção bergsoniana, baseada na via intuitiva de apreensão do real (BERGSON, 1999).

As representações do ser humano sobre um determinado ambiente são determinantes de suas ações sobre ele. A apropriação do espaço desconhecido também é mediada pelo imaginário. SANTOS (2002) faz uma análise clara da forma como se deu essa apropriação na expansão territorial, à época dos descobrimentos. Destaca a mudança radical da geografia do território conquistado, atribuindo-a ao imaginário dos colonizadores, que buscavam uma extensão da paisagem européia. "A apropriação do desconhecido é, antes de tudo, superá-lo enquanto tal para transformá-lo no conhecido".

O imaginário do paraíso inicialmente predominante parece perder a força significativa diante dos traços topofílicos, associados ao imaginário do espaço habitado. Ao atender às necessidades de intervenção na paisagem paradisíaca, o conquistador restringe o paraíso à dimensão etérea e contenta-se, por vezes, com espaços construídos num padrão de semelhança com este, os jardins. A nova terra continua disponível à descoberta de outras paisagens paradisíacas perdidas, dadas sua grande extensão e características peculiares.

A força da imagem parece estar atrelada, portanto, não prioritariamente à acessibilidade do paraíso, mas à busca incessante do paraíso perdido terrestre, que necessariamente culmina na conquista do paraíso etéreo, onde então se pode desfrutar definitivamente, e descansadamente, dos seus encantos.

Em Jardim, existem migrantes que se estabeleceram inicialmente com objetivo único de exploração comercial e que acabaram se adaptando ao contato com a natureza, como por exemplo, os fundadores da ONG

ambientalista. Há também, no entanto, os que para lá se locomoveram, inicialmente em busca de contato com a natureza, e que acabaram por ver a possibilidade de associar o bem estar que esse contato proporcionava com o desenvolvimento de suas atividades comerciais. Trouxeram, no entanto, a marca de suas relações topofílicas com grandes centros urbanos, o que sem dúvidas pode representar um determinado risco para a manutenção das características naturais do lugar, o que evidentemente conflita com os interesses dos nativos e dos moradores de longa data, cujos relatos revelam, com frequência, a aversão às características urbanizadas. Nesse contexto, é importante se criar formas de estimular o imaginário do paraíso, como forma de evitar a reprodução das características de paisagem trazidas pelo migrante e turistas, num nível que comprometa o ambiente local.

Biofilia ou a atração da imagem paradisíaca

A hipótese biocêntrica parece ganhar reforço quando se analisa o imaginário humano sobre o paraíso. Se ela não fosse verdadeira, o ambiente paradisíaco, ambiente considerado ideal pelo ser humano, não conservaria traços tão originais do ambiente natural. Poderíamos dizer, nesse momento, acrescentando aos argumentos que discutimos para justificar a longa sobrevivência do mito do paraíso, que ele persiste porque existe a biofilia. Ela não é simples reforço do mito, mas a base genética e estrutural do mesmo, sem transformá-lo, evidentemente, num efeito puramente instintivo.

Retomemos a citação de BACHELARD (1993) que destaca que em nenhuma situação, a interação do ser humano com o lugar é determinada restritamente à condição animal do humano: "Escapando à sua historicidade, o

homem não abdica da qualidade de ser humano para se perder na 'animalidade'; ele reencontra a linguagem e, às vezes, a experiência de um 'paraíso perdido'".

No paraíso terrestre, pela semelhança que evoca de sua imagem etérea, os seres humanos precisam do contato com os animais, embora aqui eles sejam selvagens, e não antropomorfizados. Além desse apelo do imaginário, o instinto derivado de sua pertença à natureza, familiariza o morador de lugares paradisíacos com seus outros habitantes vivos e satisfaz o visitante, proporcionando-lhe o prazer da total interação e da sensação, ainda que momentânea, de pertença ao natural, ao selvagem.

No seu relato sobre sua experiência de isolamento e contato com a natureza em Walden, THOREAU (1984) revela sua total e prazerosa integração com o selvagem, atribuindo-a as suas experiências passadas.

Em vários momentos seu relato, revela a influência do instinto biofílico: "agrada-me algumas vezes agarrar a vida cruamente e passar o dia ao jeito dos animais... De repente, me vi vizinho dos pássaros; não por ter aprisionado um, mas por ter me engaiolado perto deles". Mais que esse contato com o real da natureza, ele deixa implícita a eterna exploração que faremos aos seus mistérios e encantos, subsidiados pelo nosso imaginário: "Precisamos do tônico da natureza selvagem... Ao mesmo tempo em que buscamos com ardor explorar e aprender todas as coisas, exigimos que todas as coisas sejam misteriosas e inexploráveis, que a terra e o mar sejam infinitamente primitivos, refratários a nossos exames e sondagens porque insondáveis".

A presença de abrigos é marcante nas descrições do paraíso terrestre. A necessidade do ser humano de se sentir protegido também pode ter seu fundamento biológico (instinto de defesa) atrelado aos símbolos que são associados ao refúgio. Para BACHELARD (1999), reconfortamo-nos ao reviver

lembranças de proteção, lembranças de ambientes fechados: "é bastante surpreendente que mesmo na casa clara a consciência do bem-estar recorra às comparações com o animal em seus refúgios... O bem estar devolve-nos à primitividade do refúgio. Fisicamente, o ser que acolhe o sentimento do refúgio fecha-se sobre si mesmo, retira-se, encolhe-se, esconde-se, entoca-se". É interessante destacar que os abrigos não estão presentes da mesma forma nos paraísos etéreos. Talvez possamos associar essa particularidade ao fato desse ambiente ser compartilhado com animais antropomorfizados e com seres humanos justos, que não ofereciam riscos, o que dispensa a necessidade de defesa. Abrimos aqui um parêntese para evidenciar o fato do paraíso terrestre estar sempre associado a isolamento, a presença de poucas pessoas, enquanto que, no plano etéreo, o padrão comunitário entre homens desprovidos de imperfeições e maldades, é perfeitamente adequado.

A verticalidade envolvente do abrigo parece ter a mesma função protetora da verticalidade das montanhas, freqüentemente associadas ao paraíso terrestre. No paraíso espiritual, onde não há riscos, a imagem da planície é plenamente aceitável, estando presente inclusive no termo que o define (*Éden*). A interpretação dessa diferença não se finda nessa análise, uma vez que o significado de finitude e de infinitude, entre outros, podem também ser aplicados.

Outro fator que surge em alguns discursos e representações gráficas do paraíso espiritual é a ausência de formas definidas. BACHELARD (1997), inspirado no idealismo aristotélico, destaca a importância da ilusão de mobilidade como um caminho para a imaginação, ao explorar a fluidez da água. A mobilidade estimula a fluidez da imaginação, superando o materialismo inspirado pelas coisas sólidas. O objeto, quando desprovido de formas imóveis

e inertes, que limitam o devaneio, dissolve-se em imagens suavemente fluidas que estimulam a imaginação.

À ausência de formas, se associa, em alguns casos, o colorido e a claridade, características também atribuídas com frequência ao paraíso etéreo. A cor é representativa da riqueza da fantasia que avança além do limite da materialidade, da forma estática. "Uma vez tocados pela graça da superimaginação, experimentamo-la diante das imagens mais simples pelas quais o mundo exterior vem dar ao côncavo de nosso ser espaços virtuais bem coloridos" (BACHELARD, 1993). É compreensível que o colorido se aplique à imagem do paraíso inalcançável, uma vez que se fixa exatamente no limiar da possibilidade do real sensível, à uma distância corporeamente intransponível. Para SANTOS (2002), a fantasia amplia-se quase que na ordem direta da distância.

Depreende-se também dos relatos, a relação do ser humano com a terra na busca de matéria de subsistência. Dentre as perdas sofridas pelo ser humano na expulsão do paraíso, se destaca a da fartura ofertada pela natureza para a necessidade de cultivar a terra, o que significa, entre outras coisas, a falta de tempo para o usufruto das delícias do ambiente. Em nossos dias, a busca por ambientes ditos paradisíacos pressupõe a entrega ao lúdico, à diversão, à sensação de pertença. Porém, as pessoas que optam pela fixação nesses ambientes, apontam para o prazer de contato com a natureza e com o solo nas atividades de cultivo. Também nessa situação, a biofilia se expressa na relação direta com a coisa viva.

A água

O imaginário de paraíso, qualquer que seja sua origem e diferenças

entres culturas diversas, trazem alguns traços comuns muito fortes, dos quais se destaca o componente água. Esse elemento é uma das características citadas com maior frequência nos relatos. No lugar de nossa pesquisa, essa associação ganha uma força especial, por ser o bem natural de maior exuberância e riqueza.

A água está presente, em grande importância, desde o início das civilizações ocidentais, representadas pelo Nilo no Egito, e por Tigre e Eufrates na Mesopotâmia. No livro bíblico de *Gêneses*, um rio, cuja nascente se localiza no Éden, é descrito como artéria viva que se divide para regar as regiões do mundo. "Um rio saía do Éden para regar o Jardim" (Gn 2, 10).

As representações sobre a água são tão ricas como as do ambiente paradisíaco onde ela tem origem, e se compõem de diversos aspectos, discutidos por BACHELARD (1997): a forma como a água se destaca dos demais elementos; a água como motivador da imaginação; a capacidade de manutenção do equilíbrio após eventuais perturbações; a geração do belo e da sensação de paz; a receptividade e miscibilidade envolvente; a maleabilidade e a sonoridade.

A imersão na água se relaciona tanto com a purificação, quanto com a regressão ao pré-formal, a reintegração no modo indiferenciado da pré-existência, justificando a simbologia do renascimento associada à emersão. ELIADE (1991) concorda também com Bachelard, ao desapropriar a água da solidez das formas, colocando a imersão como momento de participação nessa dissolução formal, atrelando a emersão à representação da reconfiguração de novas formas.

Importância da imagem do paraíso

O imaginário do paraíso, enquanto catalisador de interações nostálgicas, caracterizadas pelo encantamento da sensação de pertença, representa um poderoso instrumento para atividades de sensibilização ambiental. A busca de contato com a natureza já é um hábito freqüente em Jardim. É importante que se estimule esse contato, criando situações, onde não apenas se forneça conhecimento sobre o bioma local, reducionismo freqüentemente detectável nas ações educativas, mas se criem condições para a liberação do instinto biofílico, da apreensão do lugar pela sinestesia dos sentidos e da imaginação enriquecedora da experiência.

A associação da imagem do paraíso terrestre com a paisagem do lugar tem sido explorada, a exemplo do que ocorre com outras cidades turística, para atrair pessoas movidas pelo imaginário da busca do paraíso perdido. O usufruto dos bens disponíveis nesse 'paraíso' pelos moradores e nativos, ancorado na sua relação topofílica com o lugar, deve ser considerado, no intuito de se evitar mudanças indesejáveis na paisagem, advindas da apropriação do espaço por visitantes e novos migrantes.

PARTE III

Educação

Cap. 1 - Educar no mundo percebido

Cap. 2 - Práxis

Considerações finais

Capítulo 1. EDUCAR NO MUNDO PERCEBIDO

Intelectualismo e cientificismo dominantes

"A pedagogia radical precisa ser inspirada por uma fé apaixonada na necessidade de se lutar para criar um mundo melhor. Precisa de uma visão que exalte não o que é, mas o que deveria ser, que enxergue além do imediato, em direção ao futuro, e associe a luta com um novo conjunto de possibilidades humanas" (GIROUX, 1987).

Chegamos ao ponto em que se abre um território propício para levantarmos a discussão que, a princípio, nos motivou: a educação ambiental no contexto da complexidade da interação do ser humano com o mundo.

É preciso que atentemos para o fato de estarmos vivendo ainda um momento de transição na visão de mundo do ser humano e para a importância do papel da educação nesse contexto. A educação é o único instrumento capaz de despertar novas reflexões e comportamentos. Não podemos negar, no entanto, as dificuldades que educadores vem enfrentando em lidar com posturas cada vez mais niilistas, individualistas e alienadas da pessoa humana nessa era de globalização.

É inevitável percebermos na evolução histórica do pensamento humano, a grande influência que teve o cartesianismo na formação de um padrão cientificista e intelectualista de interação com o mundo, o que logicamente refletiu numa educação fragmentadora do conhecimento, baseada na reprodução de informações científicas e num processo de domínio da natureza. Logicamente, num sistema educativo onde se privilegia o acúmulo de informações em detrimento do desenvolvimento reflexivo, acaba por se gerar

indivíduos incapazes de lidar com a própria complexidade, escravizando-se, por vezes, a um padrão dualista gerador de uma constante tensão na sua relação com o mundo, com seus próprios anseios, com as coisas e com as pessoas. Daí depreende-se a difícil tarefa a que uma educação reflexiva se propõe: a de resgatar a capacidade relacional e a percepção de interatividade da pessoa com seu contexto.

Preocupa também, além da tomada de consciência desse desafio, a observação de que muito já se tenha discutido sobre a mudança necessária, muito se teorizado, sem que novos e significativos contextos tenham sido gerados. As práticas de educação ambiental testemunham a dificuldade de transformar informações e questionamentos em mudanças comportamentais. No ensino formal, tantos exemplos já houveram de renovação e, no entanto, as resistências que se impõem são visíveis. Essa resistência só pode ganhar lucidez na medida em que assumimos assistir à formação de gerações de sujeitos cada vez menos autônomos e acrílicos. Então nos remetemos ao alerta feito pelos pensadores frankfurtianos sobre os riscos do domínio cultural imposto às sociedades que hoje denominamos globalizadas. A educação crítica, inspirada nesse alerta, é a que julgamos se adequar a uma educação que lida com o despertar de novos modelos de interação do ser humano com o mundo, à educação ambiental, que é também educação socializante e libertadora. Para LEMME (1988), na educação política, o poder mobilizador só é despertado diante do conhecimento e da reflexão sobre o contexto social do indivíduo.

Retomemos rapidamente o histórico que nos conduz a esse quadro transformador. O positivismo consolida a concepção burguesa do século XIX, reforçando o movimento elitista, ao qual se contrapôs o movimento popular marxista. A educação positivista deixou de lado toda e qualquer possibilidade

de questionamento dos sistemas sociais vigentes na medida em que representou, segundo DURKHEIM (1955), o meio pelo qual se prepara o indivíduo para atender aos estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, o que revela seu caráter conservador e reacionário.

“O positivismo representa a doutrina que consolida a ordem pública, desenvolvendo nas pessoas uma 'sábria resignação' ao seu 'status quo'. Nada de doutrinas críticas, destrutivas, subversivas, revolucionárias como as do iluminismo ou as do socialismo” (GADOTTI, 1999).

Opondo-se à concepção burguesa e rompendo com o positivismo, a pedagogia socialista, antiautoritária e crítica se compromete com a causa popular e com a transformação social. O pensamento crítico (pedagogia crítica radical, crítica-reprodutivista), que se desenvolveu no século XX, a partir da Escola de Frankfurt, opunha-se à função da escola capitalista de reprodução da sociedade e a toda ação pedagógica voltada para a imposição arbitrária da cultura das classes dominantes. Segundo TADEU-DA-SILVA (1994), além da oposição à Indústria Cultural, que atrofia a imaginação, a atividade intelectual, a capacidade reflexiva e o respeito ao ser humano, critica a sociedade capitalista contemporânea e o processo de reificação do homem.

“A ânsia de buscar a verdade além dos fatos, de denunciar os totalitarismos, de clarificar as trevas da ignorância, da barbárie, da manipulação ideológica, de questionar tudo que ofusca o poder da consciência, o espaço da liberdade e da autonomia do homem faz parte do coração e do cérebro da Teoria Crítica” (PUCCI, 1994).

A educação, pela auto-reflexão crítica representa um caminho na luta por emancipação, através do qual os dominados podem ser esclarecidos a respeito da sua situação de explorados e subordinados. Representa uma ferramenta no resgate de suas próprias culturas e do saber acumulado através dos tempos, orientando-os à ação transformadora. A teoria crítica fornece à educação, nesse sentido, uma ruptura com esse padrão e um vínculo com a realidade social, tornando o processo pedagógico um processo crítico e emancipatório.

O ideal libertador das pedagogias progressista e libertadora está claro nos princípios do educador Paulo Freire, principalmente na obra "Pedagogia do Oprimido". Segundo FREIRE (1987), é a partir de situações concretas, refletindo o conjunto de aspirações do povo, sempre numa prática dialógica, que se pode organizar o conteúdo da educação ou da ação política:

"Para o educador humanista ou o revolucionário autêntico, a incidência da ação é a realidade a ser transformada por eles com os outros homens. Quem atua sobre os homens para, doutrinando-os, adaptá-los cada vez mais à sociedade que deve permanecer intocada, são os dominadores."

Freire defende o poder do diálogo na transformação do mundo, colocando a pronuncia das palavras como direito de todos os homens e não privilégio de alguns. O pensamento crítico é um dos pressupostos da dialogicidade, juntamente com o amor, a humildade, a fé e a esperança nas realidades mais justas.

"Não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens... O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade" (FREIRE, 1987).

A educação dialógica exige uma abertura aos outros e aos desafios da vida, tendo como objetivo de investigação não o homem, mas o seu pensamento e a sua percepção sobre a realidade (FREIRE, 1996).

SATO (1997) caracteriza sinteticamente as seguintes correntes filosóficas na educação: o positivismo, marcado pelo tecnicismo, pelo método analítico, por argumentos hipotético-dedutivos; o construtivismo, tendo como referência o significado contextual iluminativo, pela construção intersubjetiva; o reconstrutivismo (teoria crítica), com características emancipatórias, reflexão crítica e estímulo à ação e transformação das realidades; pós-estruturalismo, que considera os objetos, elementos e significados constituintes da compreensão da realidade e resgata conhecimentos primitivos e questões atuais na perspectiva biocêntrica.

Para se atingir a meta principal estabelecida em qualquer proposta de educação ambiental, é preciso ir além do acúmulo de informações da concepção positivista e da construção do conhecimento a partir dos contextos reais do construtivismo. É necessária a intenção clara de transformação da visão de mundo, da reflexão e da ação contra a ideologia dominante da teoria crítica.

Somente nesse universo ampliado de leitura das situações reais é possível que as pessoas entendam a importância de seus questionamentos e de seus esforços em dialogar com o mundo, com o próximo, na tentativa de gerar

forças de mudança social. As percepções ambientais não são estáticas e o olhar reflexivo para o meio permite uma visão holística capaz de induzir mudanças comportamentais.

A dimensão social da educação ambiental e a educação para a autonomia e a cidadania

A participação é um dos princípios básicos da educação sócio-construtivista. A educação deve ser um processo participativo através do qual o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, adquirem conhecimentos, tomam atitudes, exercem competências e habilidades voltadas para a conquista e manutenção do meio ambiente ecologicamente equilibrado, num contexto de justiça social.

O individualismo característico do modo de vida atual é uma forma de adequação a um sistema cada vez mais competitivo e a um avanço tecnológico que permite cada vez mais a exclusão dos contatos humanos no cotidiano das pessoas. Ele enfraquece as lutas sociais gerando uma estrutura social injusta e hierarquizada, fechada às mudanças.

A autonomia do sujeito, idéia claramente confundida com o individualismo cartesiano, é onde se fundamenta a liberdade burguesa. Essa liberdade se coaduna perfeitamente bem com o individualismo dos tempos modernos, estruturados sobre a autonomia, a livre iniciativa, a valorização do trabalho e a propriedade privada, facetas do pensamento burguês (BORNHEIM, 1985). Resulta desse sentimento, uma tendência clara de se ignorar qualquer vínculo com a responsabilidade coletiva e qualquer forma de consenso.

Para se assumir qualquer compromisso com a coletividade é necessário um rompimento definitivo com esses paradigmas que estão ainda enraizados no pensamento do homem. A liberdade é sempre um fenômeno político e, se

definimos a política como a arte da responsabilidade coletiva, então se entende que ela encontre seu alicerçamento justamente nas dimensões da vida comunitária (BORNHEIM, 1985).

Na verdade, o exercício da cidadania se traduz pela organização dos diversos segmentos sociais com o propósito de defender seus interesses e projetos. Para ganhar força, os indivíduos precisam necessariamente se associar proclamando suas lutas.

Segundo VASCONCELLOS (1997), não há educação ambiental se a reflexão sobre as relações dos seres entre si, do ser humano com ele mesmo e do ser humano com seu entorno não estiver presente em todas as práticas educativas.

CARVALHO (1997) traça um histórico do desenvolvimento do ecologismo. Chama de "acontecimento ambiental" a emergência de um campo contraditório e diversificado de discursos que constituem um amplo ideário ambiental nascido nos movimentos de contracultura dos anos 60 e que ganha visibilidade social e política entre os anos 60 e 70. Essa força contestatória, no entanto, perde intensidade na medida em que se agencia a uma matriz conservadora, que concorre para diluir as ações de enfrentamento político, fortalecendo a individualidade e a interioridade psicológica.

PILON (1996) fala sobre quatro dimensões de ocupação existencial do mundo pelo ser humano: a dimensão íntima; interativa (grupos a que pertence); social (sociedade de que faz parte); biofísica (MA). A educação ambiental, segundo ele, deve envolver todas as dimensões para provocar "eventos suscetíveis de sustentação no espaço e no tempo". Nesse sentido, a grande dificuldade estaria em se trabalhar no interativo, já que os indivíduos quando reunidos em grupo não permitem a dissolução de posições fixas. A forma

adequada de se trabalhar nessa dimensão seria o verdadeiro diálogo que requer um processo de reconstrução mútua das identidades.

O engessamento do imaginário na cultura ocidental

Num modelo de construção do conhecimento que privilegia os conceitos científicos e sua reprodução, voltado para o adestramento de sujeitos sociais, os processos imaginativos devem ser, necessariamente, reprimidos. Não haveria espaço na mente das pessoas em formação, que vivenciaram a era cartesiana, para a liberação do poder das imagens, dos mitos e dos mistérios que, apesar disso, continuavam a turbilhar no consciente coletivo da humanidade. Também não seria admissível qualquer associação dos elementos da natureza com modelos sacralizados e rituais de devoção. Ao contrário, eles se ofereciam ao domínio do poder científico humano e à sua sagacidade para transformá-los visando o atendimento de suas necessidades.

Não é difícil entendermos, portanto, a massacrante sujeição do conhecimento popular e do conhecimento das comunidades tradicionais às verdades científicas. Esse caminho redutor que a civilização ocidental trilhou resultou num engessamento do imaginário e impôs ao homem a dura tarefa de calar os devaneios e nostalgias que lhe inspiravam sua origem selvagem e seu lugar na *ecos*, no mundo.

O saber latente e a intuição do perceber na prática educativa de comunidades tradicionais

Parece-nos, porém que, ao se reprimir o imaginário do processo educativo, muito se perdeu da capacidade criativa e do desenvolvimento do pensamento relacional. Além disso, podemos associar a perda da identidade cultural de muitas comunidades à constante negação dos saberes populares,

nascidos da experiência de contato com o mundo, contato que se coloria com a riqueza dos mitos e rituais.

Hoje assistimos a um progressivo resgate desses saberes mediados pela intuição e pela experiência. Vários estudos se desenvolvem no sentido de revelar a importância que o conhecimento tradicional tem para o desenvolvimento da sociedade, principalmente dentro do novo paradigma da sustentabilidade. As comunidades com um longo histórico de íntima interação com o ambiente natural têm muito a nos revelar do saber construído a partir da via intuitiva, e de como esse saber pode ser passado para as novas gerações através do estímulo da experiência sensorial de interação com a natureza.

De acordo com o espírito da Nova Aliança (PRIGOGINE & STENGERS, 1997), não é mais privilégio das ciências da sociedade o fato de reconhecer como necessário o diálogo com os saberes preexistentes a respeito de situações familiares de cada um. As ciências da natureza não poderão mais esquecer o enraizamento social e histórico que supõe a familiaridade necessária para a modelagem teórica de uma situação concreta.

O encontro entre o conhecimento popular e o conhecimento científico, embora muitas vezes conflitante, representa um momento singular na construção de novas ideologias e posturas. Segundo REIGOTA (1994), a educação não deve hierarquizar o saber científico e o conhecimento popular e étnico, separar razão e subjetividade, quantificar o conhecimento aprendido ou separar a arte da ciência.

Valorização de identidades culturais e busca de espaços cotidianos

É preciso que reaprendamos a lidar com a dimensão do imaginário nas salas de aula e nas práticas de sensibilização em educação ambiental. Que

estimulemos a capacidade criativa dos sujeitos em formação sem, evidentemente, deixarmos que esse retorno represente a perda da conquista do conhecimento científico, que permitamos a interpenetração dos saberes e consigamos extrair dela os objetos de nossa *práxis* educativa.

Nos perguntamos, então, de que forma, efetivamente, poderíamos inserir a riqueza do imaginário na prática pedagógica. É claro que essa inserção depende de uma criatividade associada a uma situação específica, mas podemos citar alguns exemplos, como a experiência de Pruzzo. Para PRUZZO (2002), a cidadania implica o desenvolvimento prévio da moral autônoma. O autor relata uma experiência positiva de uso de mitos, contos e lendas para despertar reflexões sobre as ações humanas em diferentes culturas ao longo do tempo. *"El mito actuó a la vez como detonante de la problematización y del surgimiento de preguntas cuyas respuestas nos permitieron bucear las preconcepciones de los estudiantes"*. As reflexões despertadas são o ponto de partida para a educação do sujeito político capaz de exercer na sociedade uma cidadania responsável.

ABRANTES (2002) trabalhou com educadoras atuantes em favelas, criando um espaço de discussão sobre o ensino entre alunos e evidenciou a necessidade de se trabalhar com imagens próprias do seu espaço cotidiano, captadas pelos gestos, expressões corporais e discurso simbólico dos mesmos.

Um grupo de ambientalistas composto por pesquisadores de institutos de pesquisa de três países europeus, lançou o projeto "Paradisos - Paradise Regained: New Life for Old Gardens", que trabalham com a reconstituição de parques e jardins através da participação popular. Essa participação é estimulada através de atividades de sensibilização baseadas no regate da imagem do paraíso e em comportamentos contemplativos (MAZZOLENI, 2002).

Reduccionismos nos processos de sensibilização

A educação ambiental nasceu primeiramente atrelada ao termo conscientização ambiental, que acabou por cair em desuso devido à evocação que fazia da idéia de geração de novos conceitos e conhecimentos, baseada na transmissão de informações. A tendência de se empregar o termo *sensibilização* reflete justamente a necessidade de se ir além da transmissão de novos conceitos atrelados ao meio ambiente, uma vez observada a ineficiência em gerar mudanças comportamentais a partir desse paradigma dominante.

A sensibilização traz, portanto, a proposta de transposição do enfoque racional na prática educativa e a busca de se atingir a dimensão emotiva, espiritual da pessoa humana na sua interação com a natureza. Ao fazermos uma análise das práticas desenvolvidas em vários contextos onde a educação ambiental se faz necessária, observamos que representam minoria das ações aquelas que conseguem atingir essa complexidade e despertar a contemplação, a interatividade nostálgica, a reflexão e a emoção.

Ainda é muito comum, principalmente em áreas preservadas que recebem visitantes, práticas de educação ambiental enfatizando um contanto interativo baseado na aventura e muitas vezes reduzido a momentos que oferecem pouca oportunidade de reflexão e contemplação. Nas próprias trilhas interpretativas, freqüentemente é oferecido um tempo exíguo de interação e se prioriza a informação sobre as espécies observáveis e particularidades de sua biologia. As visitas são conduzidas quase sempre em grupos, o que significa a inexistência dos momentos de solidão, geradores das situações contemplativas e interações nostálgicas. Reforçamos que não queremos renegar a importância

das informações sobre o ambiente. A síntese reflexiva é, sem dúvidas, parte do processo de construção de novas atitudes interacionistas. Porém, é necessário que ela seja revestida da dimensão emotiva do humano. Segundo MATAREZI (2002), a relação do homem com a natureza deve ser compreendida "sentindo-a" muito mais que interpretando-a racionalmente.

A percepção que se estimula com a prática da observação de detalhes é a de minimização do campo sensitivo, na medida em que se restringe o campo visual e se minimiza a atenção ao percebido pelos outros sentidos, por exemplo, a audição comprometida pelo barulho provocado pela movimentação de grupos. Ao se restringir o campo visual, parece-nos que a relação que se privilegia é a de domínio sobre o contexto. Dentro do racionalismo cartesiano, só é possível se dominar aquilo que se conhece. Portanto, a transmissão de informações detalhadas ganha sentido num modelo de interação com a natureza baseada na necessidade de autoproteção e de domínio sobre o ambiente circundante. O ser que se destaca numa situação de observação com o campo visual minimizado e os sentidos desatentos, é o que percebe, nesse caso, o ser humano. Para gerar a sensação de interação com o meio, é preciso, ao contrário, uma situação de amplitude do campo visual e uma concentração dos sentidos sinestésicos.

Outra característica que se destaca de determinadas práticas de educação ambiental que, embora de extrema importância dentro de necessidades emergenciais de sensibilização, ousamos denominar de reducionistas, é a exclusão do potencial cultural e histórico dos ambientes em que são realizadas. O ambiente é resultado da interação das populações habitantes ou marginais. Esse reflexo da cultura dos habitantes nas características ambientais é ainda mais evidente nos espaços construídos. O conhecimento sobre o histórico da transformação da paisagem e da construção

de espaços habitados e o contato com as pessoas representam, portanto, instrumentos valiosos para sensibilização.

A sensibilização ambiental positiva parece requerer sempre e inevitavelmente o contato direto do educando com um meio preservado. Acreditamos, porém, que é possível adotar a imaginação nas situações em que esse contato direto não é viável. A mente humana busca, em situações de criatividade imaginativa, que podem ser estimuladas pela meditação, paisagens as mais diversas possíveis. A meditação vem também de encontro à reflexão do papel da estaticidade na amplitude perceptiva. Quanto mais estático se encontra o observador, maior é a impressão das coisas móveis e a horizontalidade do campo de visão. Quanto maior o movimento do observador, mais estático e fragmentado o seu entorno. Merleau-Ponty chama de "visão indeterminada" àquela que detecta uma presença visual no entorno sem qualquer definição, sendo que, na medida em que o objeto se aproxima começa a ser visto, mesmo que não notado. Dessa forma, podemos considerar que muito do que existe momentaneamente no nosso campo visual simplesmente não é notado e acreditamos que nosso estado momentâneo de apreensão do entorno é influenciado positivamente pela estaticidade de nosso próprio corpo.

Imaginação, contemplação e reflexão na educação ambiental

Iniciamos essa discussão com o relato de uma experiência vivenciada por Capra:

"E agora, voltando a passar por ali naquela estrada cheia de curvas e pedras - à minha direita, o oceano de um azul profundo; à minha esquerda, colunas suaves e sensuais, cobertas de grama

verdejante que logo se tornaria dourada -, lembrei-me vividamente da magia daqueles dias. (...) subindo pelas ravinas estreitas e sombreadas com seus muitos córregos e riachos, nadando nu nas lagoas e tomando banho nas cachoeiras. (...) Vislumbrando as estonteantes paisagens dessa costa recortada, que se ofereciam aos meus olhos para logo desaparecerem em tons cinzentos no horizonte, meu corpo relaxou e minha mente expandiu-se”(CAPRA, 1995).

Destacamos desse relato: a potencialidade da imagem paisagística na indução ao que chamamos estado contemplativo; a magia associada aos momentos de intensa interatividade com o meio; a lembrança vívida que guarda a imagem mágica e se oferece ao seu resgate; a nostalgia do significado do vislumbre das 'estonteantes' paisagens. Percebe-se, portanto elementos que temos insistido em associar ao fenômeno perceptivo do ambiente.

O posicionamento contemplativo diante de uma paisagem qualquer é o momento em que são revividos ou criados os significados que se atribui aos seus elementos e ao conjunto. É, portanto, uma via interativa que faz o ser humano se desprender de sua referência dominante, seu próprio ser, para perceber o mundo ou perceber-se no mundo. É esse espaço permissivo que povoamos com nossos fluidos imaginários e incutimos as facetas que nossa memória guarda como semelhança ou identidade. Em outras palavras, renovamos nossos traços topofílicos, que nos faz estonteados, ou os construímos a partir das sensações lúdicas que esse vislumbre nos traz.

A imaginação nos permite colorir as paisagens visíveis ou até criar ou recriar as imperceptíveis. Através dela, nossos mitos e nossas histórias

tradicionais ganham liberdade e espaço. Sem ela, a sacralização da natureza e os manejos baseados em rituais mágicos jamais teriam sido possíveis. Sem ela, jamais poderia ter se ensinado a preservação em tempos idos com a imagem da "caipora", o ser assustador e protetor do mato, mencionado por Da.Virgilina, atora do nosso trabalho.

A reflexão, por sua vez, é o momento em que o ser humano procura o entendimento das suas percepções, questiona e dá forma aos significados do percebido e configura a sua relação com o mundo. É nesse contexto que ganham relevância as informações sobre a visão sistêmica onde se insere as imagens constituídas. No instante em que se questiona sobre o seu lugar na paisagem percebida é que torna-se possível a avaliação de suas ações nesse sistema. Mas, nesse instante, já não trata mais puramente de um ambiente construído conceitualmente a partir de informações científicas precisas, mas de um ambiente repleto de significados, de magias, de mitos e carregados das nostalgias que lhe atribuímos. Já não falamos do funcionamento de um sistema qualquer que garante nossas atividades de sobrevivência, mas falamos do lugar que nos despertou laços topofílicos, onde estamos inseridos, onde damos vazão aos nossos instintos biofílicos. Dessa forma, a via racional não se isola, não se contrapõe e não reprime a dimensão emotiva da percepção, mas abre-lhe espaço, soma-se a ela, utiliza-a como terreno fértil às construções de novas visões de mundo.

Não entendemos, portanto, que a sensibilização ambiental que se busca se dê, única e exclusivamente, pela via racional, pelas construções conceituais, mas através de um amplo caminho onde se cruzam imaginação, contemplação e reflexão. Os instrumentos de acesso a essa via complexa precisam ser criativamente descobertos, mas acreditamos que a topofilia, a biofilia, a

meditação, a interação nostálgica, o resgate das tradições, a liberdade imaginativa sejam alguns deles.

Capítulo 2. *PRÁXIS*

Percepção ambiental e relações tofílicas das comunidades como instrumentos de planejamento e de educação ambiental.

Foi nossa proposta inicial realizarmos o estudo da percepção ambiental dos moradores de Jardim, visando criar subsídios para a elaboração de propostas de educação ambiental. Queremos nesse momento, de posse do arcabouço teórico que organizamos e do terreno reflexivo aberto, apresentar algumas idéias que surgiram do nosso contato com a comunidade.

Queremos salientar que essas idéias nos impelem à tomada efetiva de ação, já que nossa interação com os moradores e os resultados desse trabalho investigativo, nos deu plena convicção de que o lugar é um espaço promissor, com um expresso potencial para o desenvolvimento de um modelo real de sustentabilidade. A forte relação que os moradores tem com o lugar, a adaptação dos migrantes e a valoração de várias características ali presentes enquanto indicativos de qualidade ambiental, juntamente com o interesse dos empreendedores da atividade turística, são fatores totalmente compatíveis com propostas de um desenvolvimento diferenciado do que vem ocorrendo nas cidades turísticas da região. É expressão dos próprios moradores a rejeição do que vem acontecendo, por exemplo, no município de Bonito, que atraiu grandes redes hoteleiras e cedeu a um *boom* de migração e alterações estruturais. Os jardinenses querem o crescimento, desde que esse não implique impactos bruscos sobre as características do lugar.

A simplicidade, a disponibilidade para a vida comunitária e para o envolvimento em projetos que tratem de questões sociais, e o campo conceitual já formado sobre problemas ambientais, são fatores adicionais condicionantes de sucesso. Durante todo o desenvolvimento da pesquisa, aconteceram reuniões

e momentos informais de discussão, onde afloraram algumas idéias manifestas pelos participantes: a implementação de uma horta comunitária; a criação de lavanderias comunitárias nos bairros periféricos para atender à demanda dos estabelecimentos hoteleiros e da população interessada; o desenvolvimento de produtos típicos e de trabalhos artesanais e o projeto de turismo social. O contato com os professores das escolas participantes fez nascer também a idéia de montagem de materiais didáticos diferenciados, adequados às características locais. Desenvolvemos algumas dessas idéias a seguir, juntamente com aquelas surgidas de nossas reflexões.

Trilhas contemplativas

No ambiente natural, busque seu espaço de solidão e silêncio.

Sugerimos, inicialmente, que se repensem as práticas que vêm sendo adotadas no estímulo da interação com o ambiente, na forma das trilhas. Essa prática é comum tanto nos atrativos turísticos, com os visitantes, quanto nas excursões didáticas, com alunos e na atividade livre feita por alguns grupos de moradores. Várias trilhas interpretativas já foram implantadas na maioria das propriedades que possuem atrativos, onde os guias conduzem os visitantes chamando-lhes a atenção para os detalhes impressos nas plaquetas e dando informações adicionais.

Nossa proposta apresenta uma situação onde, além dessas práticas, se possibilite aos grupos a oportunidade de se desmembrar em determinados pontos e deixar as pessoas livres para vivenciarem momentos de solidão, de silêncio e de contemplação. Essa contemplação pode ser também estimulada no grupo, com pausas de silêncio, onde se atente para as impressões perceptivas que chegam através de todos os sentidos. Essa prática é geralmente

diferenciada das trilhas interpretativas, recebendo o nome de trilhas perceptivas. MATAREZI (2002) descreve uma experiência de trilhas perceptivas, por ele denominada "Trilha da Vida", que propicia vivências significativas a partir dos sentidos básicos da percepção humana, excetuando-se a visão, quer sejam, olfato, tato, paladar, audição e reflexão.

No nosso contexto, podemos denominar a prática de trilhas contemplativas. O turismo contemplativo é modalidade recente, em crescimento em outros locais e, julgamos perfeitamente adequados à realidade de Jardim.

Brincando com os sentidos sinestésicos e com a imaginação

Não é preciso visualizar, ouça, imagine.

Os momentos de contato com ambientes preservados durante o processo de ensino formal muitas vezes se restringem por falta de condições físicas (financeiras e de transporte), apesar das ofertas de locais propícios serem bastante satisfatórias em relação a outros municípios.

Esse fato, porém, não deve prejudicar as iniciativas de sensibilização, que podem ser floreadas de diversas outras formas criativas. O exercício de atenção aos sentidos sinestésicos sugerido para ambientes preservados, pode ser simulado na escola. Pelo uso de uma música com sons da natureza, podemos pedir que os alunos visualizem paisagens, que componham suas paisagens preferidas na imaginação, que enfim se insiram nela e nos descrevam as sensações que estariam sentindo. Podemos solicitar a representação gráfica da situação imaginada. Depois desse exercício podemos expô-los ao ambiente externo da sala ou da escola e pedir descrição e representação comparativa do percebido.

Portanto, não é preciso sair da sala de aula, sendo possível a indução da contemplação imaginativa e a exploração de meditação.

Falando sobre topofilia, vivendo nossa topofilia

Não tenha medo dos mitos, traga-os para as salas de aula.

Muitas crenças e mitos são espelhos da percepção do ser humano sobre mundo e sobre sua inserção nele. Estudar esses fundamentos pode ser um poderoso instrumento de estímulo a importantes reflexões sobre as ações humanas. Já citamos um exemplo dessa possibilidade quando tratamos especificamente do imaginário.

Apresentar o conceito de topofilia e discutir a partir de dados levantados da observação do cotidiano dos alunos e de suas auto-análises podem ser práticas frutíferas. Entender o porquê das pessoas se relacionarem tão intensamente com o meio, o porquê da sensação de conforto e bem-estar que determinados locais proporcionam, identificar os próprios traços topofílicos e relacioná-los com suas histórias pessoais pode gerar um rico campo reflexivo sobre aspectos comportamentais.

Nesse contexto, se insere também a importância do resgate das tradições dos moradores, de suas memórias e sua inserção no ensino formal, nas conversas informais e na relação com os visitantes. Se esses elementos são revividos na escola, os próprios alunos podem se transformar em multiplicadores voluntários e em agentes de divulgação junto aos turistas, que cada vez mais buscam por atividades culturais durante suas visitas, mesmo que elas não sejam o objetivo primeiro delas.

As músicas regionais podem também se transformar em recursos didáticos valiosos. Muitas letras são verdadeiros relatos da mudança de

paisagens e da deterioração de tradições. A análise das letras e a criações de novos arranjos melódicos pode representar um desafio para alunos e professores, sendo as criações utilizadas como instrumentos de divulgação. A elas podem se associar outras criações artísticas, como as plásticas e poéticas. Nesse quadro propício a transdisciplinaridade, podemos vislumbrar a participação de professores das diversas áreas, como história, biologia, educação artística, língua portuguesa, geografia, etc.

As rodas de tereré são uma tradição de origem paraguaia que consiste em reuniões de amigos para tomarem a erva-mate gelada. A associação desse hábito cotidiano com a ação de contadores de histórias pode representar prática eficaz na disseminação da história e da cultura local. O contato com pessoas com forte interação com o ambiente local, como o caso do Sr. Modesto, Jorge e Da. Geralda, pode representar uma rica oportunidade de conhecimento da cultura local e de sensibilização baseada no discurso nostálgico dos moradores, assim como nos sensibiliza o relato de Thoreau.

Escola sem fronteira: a comunidade aprendendo e ensinando o novo mundo

A escola vai à comunidade, a comunidade à escola

Nesse processo de intercâmbio de conhecimentos, a comunidade escolar poderia manter uma relação interativa com os moradores, na qualidade de investigadores do conhecimento tradicional, das tradições e da memória e de cidadãos envolvidos com projetos sociais. A título de exemplo, podemos citar a possibilidade dos alunos ajudarem na implementação e funcionamento das hortas comunitárias, contato que oportunizaria tanto a geração de novos conhecimentos quanto à experiência da cidadania.

Os moradores, por sua vez, poderiam freqüentar a escola enquanto divulgadores dos seus conhecimentos e idéias. Por exemplo, os velhos podem desempenhar o papel de contadores de histórias em visitas eventuais à escola. Essa prática poderia ser desenvolvida também em ambientes extra-escolares, como no antigo coreto, o que resultaria na revitalização desse ponto tantas vezes citado e de tamanha importância para a manutenção da memória local. Nele também poderiam acontecer exposições de fotos históricas e de fotos da natureza regional, feitas ou reunidas pelos alunos. Com o mesmo intuito, poderia se estimular a prática de filmagens dos espaços cotidianos e das paisagens e eventos locais, e quem sabe até, recuperar os equipamentos do velho cinema citado pelos moradores.

A idéia citada de elaboração de material didático se insere nessas propostas. Ela foi gerada pensando na possibilidade de se criar livretos com dados da história e do modo de vida do lugar e da região, utilizando como ilustrações, as próprias figuras caricaturadas dos personagens reais, ou seja, dos fundadores e atuais moradores de Jardim.

Os alunos poderiam desempenhar também o papel de monitores do turismo social, na medida em que estariam interados das diversas ações sociais em implementação no município e aptos a dar informações sobre a forma como vivem as comunidades periféricas, colocando-as em contato direto e espontâneo com os visitantes.

Há possibilidade de se montar um centro de educação ambiental, que funcionaria numa escola desativada da zona rural, localizada estrategicamente na estrada que dá acesso aos atrativos turísticos. Alunos das escolas locais seriam monitores coordenados pelos seus professores e por acadêmicos da universidade (UEMS). O local abrigaria um viveiro de mudas de espécies

nativas e espaço para exposições de materiais, como produtos reciclados feitos numa instituição de caridade, materiais informativos sobre a fauna e flora do local, artesanato kadiwéu, jogos educativos, etc. Nas épocas de fluxo intenso de turistas, se faria distribuição de mudas para que esses plantassem nos atrativos de destino contribuindo, dessa forma, com o projeto de reconstituição da mata ciliar do Rio da Prata. O Rio Miranda também deve ser alvo de atenção nesse sentido. Algumas ações já são implementadas, mas não num nível que resulte em mudanças de comportamento da maioria da população e planejamento efetivo de contenção de impactos, não obstante, tenha havido muitas indicações nas falas dos participantes. Sugerimos a intensificação das atividades de sensibilização relacionadas com o plantio de espécies nativas como parte do projeto de reconstituição da mata ciliar.

Outro foco de trabalho em que a escola poderia estar presente é na questão do destino dos resíduos sólidos, promovendo o contato contínuo com os representantes de bairros, a fim de implementarem ações de sensibilização junto aos moradores. Como já existe um centro de reciclagem de material orgânico, o início deste trabalho poderia contemplar a orientação das famílias para a separação dos resíduos. No mesmo sentido, a instituição que já produz artesanato com recicláveis poderia receber a ajuda da comunidade escolar.

Existe um projeto em implementação, coordenado por um dos participantes de nossa pesquisa, na instituição "Casa do Garoto", que acolhe meninos desabrigados. O seu objetivo é a produção de mudas de espécies nativas e de flores para a reconstituição dos espaços públicos da cidade. É também um trabalho que poderia ser compartilhado com as escolas locais, o que maximizaria os resultados e representaria mais um estímulo à solidariedade e à cidadania.

A universidade teria também um importante papel numa realidade de integração entre os segmentos sociais de Jardim, uma vez que seus membros poderiam oferecer suporte técnico em projetos de recuperação e conservação ambiental, além de trabalharem diretamente com os professores das escolas locais, numa troca de experiências e numa busca conjunta de conhecimentos que permitissem um enriquecimento do processo educativo e, conseqüentemente, a formação de indivíduos mais críticos, capazes de refletirem e de valorizarem suas origens, suas identidades e a diversidade cultural de seu lugar.

Conhecimento sobre fauna e flora: mestres e discípulos do cotidiano

Pensando biofilia, praticando nossa biofilia.

Da mesma forma como foi sugerido para o tema topofilia, temos no desenvolvimento conceitual do fenômeno da biofilia, e em reflexões que gerem o seu reconhecimento na realidade cotidiana dos educandos, uma oportunidade de questionamento de comportamentos relacionados com a preservação ou agressão à fauna e flora local.

A prática de observação, e talvez de registro, das espécies regionais e a coleta de imagens e informações sobre sua biologia, pode ser um trabalho investigativo realmente estimulante e que supere as deficiências dos livros didáticos no desenvolvimento do tema. Além de gerar novos conhecimentos, pode oportunizar a detecção de ações impactantes, as mudanças de atitude e as formulações críticas sobre as formas de manejo inadequadas.

Crescimento urbano e qualidade ambiental: anseios das comunidades periféricas

Como enfatizamos no início do presente capítulo, a comunidade de Jardim espera por um crescimento urbano ordenado e compatível com a manutenção dos elementos que garantem, em suas concepções, a qualidade ambiental local. De nenhuma forma, porém, poderá ser garantido o atendimento a esse anseio sem que se tenha sua intensa participação no planejamento desse desenvolvimento e nas tomadas de decisões. Torna-se evidente nesse contexto, a necessidade da elaboração de um plano diretor, verdadeiramente voltado para a gestão participativa do desenvolvimento local.

Na busca de um modelo de gestão participativa, entendemos que os líderes religiosos e os representantes de bairros podem ter um papel de extrema importância, na medida em que estão em contato direto com os moradores, representando assim, multiplicadores potenciais. A participação dos proprietários e moradores rurais é também de grande importância para o planejamento do desenvolvimento regional, uma vez que de suas ações e de seus modelos de manejo depende a conquista da sustentabilidade almejada. A presença de professores e alunos em nossa pesquisa sinaliza igualmente para seu indispensável papel no desenvolvimento, já que acreditamos que, sem o desenvolvimento reflexivo e a postura cidadã dos sujeitos em formação, a implementação das idéias planejadas não se mantêm.

Jardim vive uma fase ainda incipiente do desenvolvimento turístico, o que significa a disponibilidade de um tempo para a efetiva mobilização dos seus habitantes, no sentido de exigirem de seus gestores, uma postura dialógica e aberta a negociações de interesses. Várias das idéias apresentadas acima surgiram do contato com os moradores, o que revela o potencial que esses têm

de analisarem criticamente seus problemas, fator que colocado a serviço dos representantes em condição de receptividade, pode gerar importantes mudanças e melhorias na condição de vida e no desenvolvimento da cidade. Até mesmo do ponto de vista cultural e paisagístico os moradores têm muito a auxiliar, capacidade revelada nos relatos fornecidos no nosso estudo. Isso nos revela a viabilidade para a democratização da gestão através da implementação de um plano de gestão integrado e participativo.

Todas as propostas a serem apresentadas aos gestores municipais ganhariam mais ênfase se atreladas à elaboração e implementação do plano diretor e com a criação de um aparato legal através do estabelecimento de uma legislação clara, a ele atrelada, que garanta o desenvolvimento sustentável da região.

Esperamos que essa potencialidade possa também ser percebida pelos gestores e que eles busquem esse contato tão importante com a comunidade que representam nos momentos de traçarem suas estratégias e de tomarem suas decisões. Mais ainda, esperamos que cada um dos participantes do presente trabalho e também aqueles que não tivemos o prazer de contatar, percebam a riqueza de seus espíritos, a singeleza de sua maneira de viver, que se percebam como exemplos que se destacam no meio de um mundo dominado pelos valores de consumo, como modelos da vitória sobre os individualismos que imperam nas sociedades globalizadas e que, com a simplicidade e garra que demonstraram a nós, resistam às tendências e façam a diferença no seu lugar, transformando-se em modelos também do tão especulado desenvolvimento com sustentabilidade ecológica e justiça social.

Cidade Moderna

*Eu voltei quase chorando lá da terra sertaneja
Não pude ver com meus olhos
O que o coração deseja
Lá está tudo moderno
Só quero que você veja
O padre não usa batina
Tiraram a torre da igreja
Tudo vai modificando conforme o tempo passa
Agora a Igreja é moderna
Naquela bonita praça não se ouve tocar o sino
Pra mim acabou a graça
Trocaram o trem de ferro
Adeus Maria-fumaça
Se eu soubesse eu não Ia
Pra ver aquilo que eu vi
O progresso me machucou
A saudade que eu senti
Restaram poucos amigos
Daquelles que eu conheci
Eu parecia um estranho na terra onde eu nasci
Saudade me bateu tanto
Que até hoje tenho sinais
Eu saí de lá chorando e nem quis olhar pra trás
O que se fez do jardim
É coisa que não se faz
Derrubaram o coreto
E a banda não toca mais.*

(Cacique e Pajé)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início de nossos trabalhos, buscávamos o desenvolvimento de um campo reflexivo que servisse de base para os objetivos de estudo da percepção ambiental. Aos poucos, notamos que o conceito de percepção abrange um campo um tanto mais complexo que a dimensão conceitual que geralmente embasavam nossas reflexões. Entramos naturalmente na discussão da complexidade do pensamento humano, profundamente marcada pelo idealismo, nos deparando com a questão da influência do imaginário no universo de nosso objeto de estudo.

Havíamos traçado como objetivo de nossa pesquisa o questionamento sobre a topofilia, associada à experiência de vida e à memória, a biofilia, os conceitos sobre qualidade ambiental e o conhecimento local. O que, há princípio, parecia um estudo de elementos desconexos, apesar de importantes para o contexto, se solidificou por suas próprias associações. Dessa maneira, notamos que a forma de perceber o mundo está intimamente ligada à topofilia, à cultura moldada pela história local e à história de vida dos indivíduos, e que, todos esses elementos são influenciados pelo imaginário e pelo espiritualismo do ser humano, reforçados pelo instinto biofílico.

O contexto do lugar pesquisado permitiu o enriquecimento de nossas reflexões iniciais, tendo nos revelado indícios de topofilia e de satisfação dos moradores com lugar, bem como fortes simbologias associadas aos elementos naturais, principalmente o componente água que desperta grande interatividade entre os moradores e o ambiente. O contato com a comunidade local, juntamente com os dados coletados, permitiu a construção de idéias que poderão embasar as propostas de educação ambiental e de desenvolvimento sustentável de Jardim.

Julgamos que o quadro reflexivo elaborado nos remete à necessidade de um estudo mais aprofundado sobre o papel da construção do imaginário no inconsciente coletivo, e as suas conseqüências para as posturas do ser humano diante do mundo, e sobre a busca de novos caminhos que revertam a disseminação das culturas dominantes, que geraram os valores responsáveis pelo quadro sócio-cultural-ecológico que enfrentamos.

Bibliografia

ABRANTES, W.M. A pedagogia do gesto, do corpo, da simbologia em imagens.

Igualdade e diversidade na educação - Programas e resumos do Anais do XI ENDIPE, Goiânia, 2002.

ALAMO, J.B. **Paisaje y Educación Ambiental. Evaluación de cambios de actitudes hacia el entorno.** Madrid: Ministério de Obras Públicas y Transportes, 1992.

ALVES, M.W. Percepção da arquitetura e do urbanismo Uma aproximação com o ensino nas classes populares. In: delRIO, V.; OLIVEIRA, L. (org) **Percepção ambiental: a experiência brasileira.** São Paulo: Studio Nobel, São Carlos: EDUFSCar, 1996.

ALVES, M.W. Percepção da arquitetura e do urbanismo Uma aproximação com o ensino nas classes populares. In: delRIO, V.; OLIVEIRA, L. (org) **Percepção ambiental: a experiência brasileira.** São Paulo: Studio Nobel, São Carlos: EDUFSCar, 1996.

AOUN, S. **A procura do paraíso no universo do turismo.** Campinas/SP: Ed. Papirus, 2001.

ARAÚJO, R.M.P. de El desarrollo de la actividad turística: un estudio de caso en el municipio de Corumbá. In: FOGEL, R. (org) **La investigación acción socioambiental: repaso de lecciones destiladas.** Assunción: Centro de Acción Ambiental, 1999.

BACHELARD, G. **A poética do espaço.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

- BECKER, H.S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- BERGSON, H. **Evolução criadora**. Rio de Janeiro: Delta, 1964.
- BERGSON, H. **Matéria e memória**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.
- BERKES, F. **Sacred Ecology: traditional ecological knowledge and resource management**. Filadélfia: Taylor & Francis, 1999.
- BIAGIONI, J. A ontologia hermenêutica de Hans G.Gadamer. In: **Revista Reflexão**, 53-54: 34-81. Campinas: PUC, 1992.
- BLEY, L. Morretes: um estudo de paisagem valorizada. . In: delRIO, V.; OLIVEIRA, L. (org) **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, São Carlos: EDUFSCar, 1996.
- BORNHEIM, G.A. Reflexões sobre o meio ambiente: um caso político. **Pau Brasil**, ano I (6), 27-35, 1985.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3^ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BRAGANÇA, C.; FRANCO, M.L. A moradia do homem e seu meio ambiente. **Pau Brasil**, ano III(14), 38-45, 1986.
- BRANDÃO, C. **Pesquisa Participante**. 3^ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BRANDÃO, C. (org) **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BULCAO, M. Bachelard: os caminhos do super-homem. In: **Revista Reflexão**, 62: 69-80, Campinas: PUC, 1995.
- CABRAL, A. Introdução à Walden. In: THOREAU, H.D. **Walden ou a vida nos bosques**. São Paulo: Global Editora, 1984.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CAPRA, F. **Sabedoria incomum**. São Paulo: Cultrix, 1995.

CARVALHO, I.C.M. As transformações na cultura e o debate ecológico: desafios políticos para a educação ambiental. In: PÁDUA, S.M.; TABANEZ, M.F. (orgs) **Educação Ambiental. Caminhos trilhados no Brasil**. Brasília: FNMA/MMA 1997.

CASSIRER, E. **A filosofia das formas simbólicas**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

CASTORIADIS, C. **Feito e a ser feito: as encruzilhadas do labirinto V**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

CONSTANT, A.D. **Mato Grosso Km 0**. Rio de Janeiro, 1993.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M.C. de S. **Pesquisa social. Teoria, método e criatividade**. 3^o ed. Petrópolis,RJ: Vozes, 1994.

DEMARTINI, Z.B.F. Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In: Von SIMSON, O.R.de M. **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1985.

DEVALL, B.;SESSIONS, G. **Deep ecology: living as if nature mattered**. Salt Lake City: PS Books, 1985.

DINES, A. Por uma nova visão do Paraíso. **Pau Brasil** 1(1): 10-14, 1994.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

ELIADE, M. **Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1991.

FERNANDES, F. A história de vida na investigação sociológica: a seleção dos sujeitos e suas implicações. **Sociologia** XV (1), 1955.

FISCHER, T. **Gestão contemporânea, cidades estratégicas e organizações locais**. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8ªed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à política educativa**. 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAG, B. **A teoria crítica: ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FROEHLICH, J.M.; BRAIDA, C.R. Aporias do discurso pós-moderno sobre a natureza e o rural. In: www.ufsm.br, 2002.

GADAMER, H. **Verdade e método**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GADOTTI, M. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1999.

GAIOTTO, M.A. Semântica do espaço para o ser humano. In: **Revista Reflexão**, 62: 175-177, Campinas: PUC, 1995.

GAJARDO, M. Pesquisa participante: propostas e projetos. In: BRANDÃO, C. (org) **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GIROUX, H. **Teoria crítica e resistência em educação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.C. de S. **Pesquisa social. Teoria, método e criatividade**. 3ª ed. Petrópolis,RJ: Vozes, 1994.

GRÜN, M. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. Campinas: Papyrus, 1996.

HALBWACHS, M. **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**, Petrópolis: Vozes, 1989.

HIRANO, S (org) **Pesquisa social: projeto e planejamento**. São Paulo: Quieiroz, 1979.

HOLANDA, S.B. **Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

HORKHEIMER, M. Teoria tradicional e teoria crítica. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1991.

JODELET, D. Les representations sociales: phénomènes, concept et théorie. In: MOSCOVICI, S. **Psychologie Social**. Paris: Press Universitaires de France, 1984.

JOVCHELOVITCH, S. **Representação social e a esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

KOSMINSKY, E. Pesquisas qualitativas - a utilização da técnica de histórias de vida e de depoimentos pessoais em sociologia. **Ciência e Cultura**, 38 (1): 30-36, 1986.

KUHNEN, A. **Representações sociais de meio ambiente - estudo das transformações, apropriações de modos de vida na Lagoa da Conceição**. Florianópolis/SC: UFSC, 2000. Tese de doutoramento.

LABEGALLINI, J.A. **Levantamento dos impactos das atividades antrópicas em regiões cársticas - Estudo de Caso: proposta de mínimo impacto para implantação de infra-estrutura turística na gruta do Lago Azul - serra da Bodoquena (Município de Bonito-MS)**. São Carlos: EESCarlos/USP, 1996. Dissertação de Mestrado.

LeBOTERF, G. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, C. (org) **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LECHTE, J. **Cinquenta pensadores contemporâneos essenciais: do estruturalismo à pós-modernidade**. 2^a ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

LEMME, P. **Memórias**. São Paulo: Cortez, 1988.

LUCAS, F. O registro do paraíso perdido na literatura. **Pau Brasil**, ano I(4), 25-26, 1985.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAAR, W.L. Educação crítica, formação cultural e emancipação política na Escola de Frankfurt. In: **Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt** / BRUNO PUCCI (org) - Petrópolis: vozes, 1994.

MACIEL, A. Normadização dos espaços urbanos. In: COSTA, I.T.M.; GONDAR, J. (orgs) **Memória e espaço**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000.

MARCONDES, D. O empirismo inglês. IN: REZENDE, A. (org) **Curso de Filosofia**. 10 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MAROTTI, P.S. **Percepção e Educação Ambiental voltadas à uma unidade natural de conservação (Estação Ecológica de Jataí, Luiz Antonio, SP)**. São Carlos: UFSCar, 1997. Dissertação de mestrado.

MARQUES, A.S. **Educação ambiental: memória e topofilia**. São Paulo: USP, 1996. Dissertação de mestrado.

MARTINS, C.J. O tema do corpo na fenomenologia da percepção. In: **Reflexão** 46: 128-131, Campinas: PUC, 1990.

MAZZOLENI, D. Paradise Regained: New Life for Old Gardens. In: www.landscape.mmu.ac.uk/paradisos, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2ªed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **A natureza: notas: cursos no Collège de France**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.

MEYER, P. **O olho e o cérebro: biofilosofia da percepção visual**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

MINAYO, M.C. de S. **Pesquisa social. Teoria, método e criatividade**. 3^o ed. Petrópolis,RJ: Vozes, 1994.

MORENO, S.R. **La valoración del paisaje por público y expertos. Aplicaciones a la participación ciudadana en la gestión ambiental**. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 1998. Tese de doutorado.

MOSCOVIVI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NAESS, A. **Ecology, community and lifestyle: outline of a ecosophy**. New York: Press Syndicate of the Universite of Cambridge, 1989.

NITSCHKE, S.A. Comportamento de percepção. In: GADAMER, H.G.; VOGLER, P. (org) **Nova Antropologia: o homem e sua existência biológica, social e cultural**. Vol.7. São Paulo: EPU, 1977.

NOAL, M.L.; MANFROI, J. **A pesquisa científica**. Universidade Católica Dom Bosco, 1999.

NOGUEIRA, O. **Pesquisa Social. Introdução às suas técnicas**. 4^o ed. São Paulo: Nacional, 1977.

ODUM, E.P. **Ecology and our Endangered Life-support Systems**. Massachusetts: Sinauer, 1993.

OLIVEIRA, L. **A percepção da qualidade ambiental. A ação do Homem e a Qualidade Ambiental**. Rio Claro: ARGEO, 1983.

PILON, A.F. **Educação, cidadania e qualidade de vida: dimensões do projeto de vida**. Educação Ambiental e a Nova Ordem Mundial, outubro, 1996.

PLESSNER, H. Antropologia dos sentidos. In: GADAMER, H.G.; VOGLER, P. (org) **Nova Antropologia: o homem e sua existência biológica, social e cultural**. Vol.7. São Paulo: EPU, 1977.

PRIGOGINE, I. & STENGERS, I. **A nova aliança. Metamorfose da ciência**. 3^a ed. Brasília: UnB, 1997.

PROSHANSKY, H.M. **Psicologia ambiental**. México: Trilhas, 1978.

PRUZZO, V. Aportes a la didactica de la educación etica y cidadana. **Igualdade e diversidade na educação - Programas e resumos do Anais do XI ENDIPE**, Goiânia, 2002.

PUCCI, B. Teoria crítica e educação. In: **Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt** / BRUNO PUCCI (org) - Petrópolis: vozes, 1994.

QUEIROZ, M.I.P. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: Von SIMSON, O.R.de M. **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. 3^aed. São Paulo: Cortez, 1994.

REZENDE, A. (org) **Curso de Filosofia**. 10 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

RICHARDSON, R.J. *et al.* **Pesquisa social. Métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

ROHDEN, V. O empirismo kantiano. In: REZENDE, A. (org) **Curso de Filosofia**. 10 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SANTOS, D. **A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

SANTOS, J.I.A. **Jardim 30 anos de história**. Bela Vista: Apa, 1980.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova - da crítica da geografia a uma geografia crítica.** São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1978.

SATO, M. **Educação para o ambiente amazônico.** São Carlos: UFSCar, 1997.
Tese de doutorado.

SILVA, M.O.S. **Refletindo a pesquisa participante no Brasil e na América Latina.** São Paulo: Cortez, 1986.

SKOLIMOWSKI, H. **Eco-Philosophy: designing new tactics for living.** London: Marion Boyars, 1981.

TADEU-DA-SILVA, T. Apresentação da Teoria Crítica. In: **Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt / BRUNO PUCCI (org) - Petrópolis: vozes, 1994.**

THIOLLENT, M. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In: BRANDÃO, C. **Repensando a pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

THOREAU, H.B.) **Walden e a vida nos bosques.** São Paulo: Ed. Global, 1984.

TREIN, F. Hegel e a dialética. In: REZENDE, A. (org) **Curso de Filosofia.** 10 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

TEVISAN, R.B. **Bergson e a educação.** Piracicaba: UNIMEP, 1995.

TUAN, Y. Humanistic Geography. In: **Annals of the Association of American Geographers**, 66(2): junho, 1976.

TUAN, Y.F.) **Topofilia.** São Paulo, Ed. Difel, 1980.

VASCONCELLOS, A pesquisa-ação em projetos de EA. In: PEDRINI, A.G. (org) **Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas.** Petrópolis: Vozes, 1997.

VonUSLAR, D. O mundo como lugar do homem (Spinoza, Leibniz, Schelling, Heidegger). In: In: GADAMER, H.G.; VOGLER, P. (org) **Nova Antropologia: o**

homem e sua existência biológica, social e cultural. Vol.7. São Paulo: EPU, 1977.

WALDMAN, M. Espaço e modo de produção asiático. **Boletim Paulista de Geografia** (72): 26-62, 1994.

WANDERLEY, L.E. Participação popular: poder local e conselhos. **São Paulo em Perspectiva**, 5(2): 23-30, 1991.

WHITE, A. **Guidelines for field studies in Environmental Perception**. Technical Notes 5. Paris: UNESCO, 1977.

WILSON, E.O. Biophilia and the conservation ethic. In: KELLERT, S.R;

WILSON, E.O. **The Biophilia Hypothesis**. Washington: Island, 1993.

_____ **Bíblia Sagrada**, 31ªed. São Paulo: Editora Ave Maria.